

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, INFANTIL, ADULTO E FAMILIAR**

Geovana Figueira Gomes

**Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-
Estórias com Tema**

**Ribeirão Preto
2022**

GEOVANA FIGUEIRA GOMES

Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias
com Tema

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Valeria Barbieri
Coorientadora: Prof^ª Dr^ª Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Ribeirão Preto – SP

2022

Autorizo a reprodução e divulgação parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Gomes, Geovana Gomes

Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema / Geovana Figueira Gomes; Orientadora: Prof^a Dr^a Valeria Barbieri; Coorientadora: Prof^a Dr^a Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo – Ribeirão Preto

224p.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Área de concentração: Psicologia,

1. Medo 2. Infância 3. Pandemia 4. Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema

Nome: Gomes, Geovana Figueira

Título: Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-
Estórias com Tema

Dissertação de Mestrado, apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do
Departamento de Psicologia da Faculdade de
Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto-
USP, para obtenção de título de Mestre em
Ciência. Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Apoio financeiro:

O desenvolvimento deste estudo contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mediante a concessão de bolsa de mestrado com vigência de 12/2018 a 05/2021.



DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que enfrentaram os fantasmas e monstros ao meu lado. Agradeço por todo amor, cuidado e compreensão, que me trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esse trabalho, quero dedicar um espaço aos agradecimentos.

Primeiramente, à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Valeria Barbieri. Obrigada por me acompanhar durante essa jornada, sempre de forma muito acolhedora. Essa parceria me trouxe muito conhecimento e aumentou o meu amor pela psicanálise e pela docência; espero que esse trabalho continue por muitos anos.

À minha coorientadora Prof.^a Dr.^a Leila de La Plata Cury Tardivo, que me apoiou durante todo o processo e teve contribuições essenciais nessa trajetória.

À minha querida amiga, Dr.^a Fernanda Mishima. Você é um presente na minha vida, uma pessoa que me inspira e me fez crescer muito ao longo de todos esses anos. Minha admiração por você é imensurável.

Aos meus pais, Marli e João, que sempre acreditaram em mim. Vocês sempre me apoiaram, nos trabalhos da escola, nos vestibulares, na jornada que foi a faculdade e na decisão de fazer o Mestrado. Eu não seria nada sem pais como vocês e todas minhas conquistas são suas também. Obrigada por todo amor e confiança.

Ao meu irmão, Bruno, que desde pequeno é o meu maior torcedor. Você sempre me inspirou a dar o meu melhor e acreditou no meu potencial. Obrigada pelo apoio incondicional em todos os momentos das nossas vidas.

Ao meu noivo, Hudson, que segurou minha mão desde o primeiro dia dessa trajetória, quando eu comecei a sonhar com o projeto, e não soltou em nenhum momento do caminho. Você sempre me incentivou e me fez acreditar que eu conseguiria. Esse trabalho só foi possível porque eu tenho você ao meu lado.

Aos meus amados sobrinhos, Miguel e Olívia. Mesmo que eles ainda não entendam a dimensão desse trabalho, me oferecem amor e coragem para dar o melhor de mim em toda essa jornada. E agradeço à mãe deles, Patrícia, alguém que sempre esteve ao meu lado em todos os desafios e que admiro como pessoa, profissional e mãe.

Ao meu querido amigo Raul, que me acompanha há tantos anos. Nós crescemos juntos e você esteve ao meu lado diante de muitos desafios. Obrigada por me ensinar tanto e me fortalecer.

Às minhas queridas amigas, Bruna, Janaína e Mariana, que foram a família que a faculdade me deu. Vocês sempre torcem e me apoiam de uma forma muito sincera e bonita. Prometo que sempre farei o mesmo por vocês.

Às minhas amigas de Ribeirão, Ana Beatriz, Ana Carolina, Camila, Denise e Marina, por toda força durante essa jornada, pelo carinho e apoio sempre.

Aos meus colegas do LAPIAF. Foi um presente poder compartilhar esse caminho com vocês, profissionais que eu admiro e me ensinaram muito, tornando esse percurso mais rico e menos solitário.

Aos membros do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, que me auxiliaram no desenvolvimento desse projeto, com uma contribuição fundamental na coleta de dados.

Aos alunos que conheci na minha trajetória no estágio de Triagem Infantil. Tenho um carinho imenso por vocês e agradeço por tudo que eu aprendi.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, que sempre forneceu apoio, especialmente em um momento tão delicado como a pandemia.

À CAPES, pelo suporte oferecido ao longo do Mestrado.

E finalmente, a todos os participantes e seus pais, por confiarem em mim e compartilharem algo tão valioso. Espero que os frutos desse trabalho possam contribuir para a maneira como olhamos para as nossas crianças e na forma como oferecemos cuidado a elas.

“Mesmo quando
está sozinha,
inventa
uma brincadeira.
E transforma
em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orráia
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá”.

(Chapeuzinho Amarela, Chico Buarque)

RESUMO

Gomes, G. F. (2022). *Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema* (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

O medo é uma emoção fundamental dos seres humanos, que se altera ao longo do seu desenvolvimento e é influenciado em sua natureza e intensidade não apenas por aspectos biológicos, mas também pelo momento histórico e pelas características sociais e culturais do contexto em que o indivíduo vive. O objetivo do presente trabalho foi realizar uma investigação sobre os medos infantis atuais, incluindo os objetos a que eles são atribuídos, a sua natureza, as angústias e as defesas empregadas contra elas, a percepção do meio exterior pela criança e as suas condições de elaboração dessa emoção, além de observar se há variações nos tipos de medos relatados de acordo com o sexo, o nível socioeconômico e nos períodos anterior e durante a pandemia do SARS-CoV-2. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (DE-T). A fundamentação epistemometodológica foi a Psicanálise, e a teoria de base consistiu principalmente na perspectiva winnicottiana do amadurecimento emocional. A amostra foi constituída por 40 crianças entre 8 e 11 anos de idade, 20 do sexo masculino e 20 do sexo feminino, 14 delas procedentes de escolas públicas e 26 de escolas particulares, com metade dos dados colhidos no período anterior à pandemia do Coronavírus e a outra metade durante, respeitando o distanciamento social através da aplicação online do DE-T. A plataforma digital utilizada foi o WhatsApp. Os resultados revelaram que as crianças apresentaram uma variedade de medos, com uma predileção para a localização deles em objetos da realidade exterior em detrimento das criações imaginárias da fantasia infantil. Essa tendência foi observada especialmente no grupo das meninas, no dos alunos de escola particular e durante o período da pandemia. Mesmo assim, não houve coibição da fantasia e da imaginação, que ainda se mantiveram como recursos poderosos da criança para manejar essa emoção. A maioria das angústias referidas pelas crianças foi de tipo persecutório, mas mesmo assim as defesas recrutadas foram principalmente do registro neurótico, sobretudo durante a pandemia, demonstrando que a ansiedade de alguma maneira permaneceu circunscrita, sem reclamar uma regressão do ego em mais alta escala. A percepção do meio foi marcadamente negativa, visto que contemplava também o objeto temido. No entanto, durante pandemia essa propensão esteve um pouco mais contrabalançada pela atribuição de

características positivas ao ambiente, revelando que, em situações de crise, as crianças também respondem com um aumento da confiança no seu entorno. Embora essa tendência a uma maior atenção e apego à realidade exterior faça parte dos processos psicológicos que se desenrolam no período de latência (que corresponde globalmente a faixa etária dos participantes desta pesquisa), ela pareceu vinculada também às características da sociedade contemporânea, cujo fluxo contínuo de transformações demanda uma atenção ao mundo exterior sem trégua também para a criança. Os resultados deste estudo são passíveis de auxiliar os psicólogos na construção de intervenções que busquem não eliminar o medo, já que ele é um fator de proteção do ser humano, mas integrá-lo ao Self da criança como um elemento propulsor de um desenvolvimento emocional saudável e pleno de sentido.

Palavras-chave: Medo. Infância. Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Pandemia.

ABSTRACT

Gomes, G. F. (2022). *Children's fears in contemporary times: contributions from the Drawing-Story with Theme Procedure* (Master's dissertation). Graduate Program in Psychology, Faculty of Philosophy, Sciences and Letters at Ribeirão Preto, University of São Paulo.

Fear is a fundamental emotion of human beings and changes during their development, affected in its nature and intensity not only by biological aspects, but also by the historical context, social and cultural backgrounds in which someone lives. The objective of the present academic work was to carry out an investigation about current childhood fears, including their attributed objects and nature, anxieties and defenses used against them, child's perception of the external environment and their means to elaborate fear, in addition to observing whether there are variations in the types of fears reported according to sex, socioeconomic level and periods before and during the SARS-CoV-2 pandemic. The instrument used for data collection was Drawing-Story with Theme Procedure (Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, DE-T). The epistemological-methodological foundation was Psychoanalysis, and the underlying theory was mostly the Winnicottian perspective of emotional development. The survey sample comprised 40 children between 8 and 11 years old, 20 males and 20 females, 14 of them from public schools and 26 from private schools, with half of data collected on the period before the Coronavirus pandemic and the other half during, respecting social distance via DE-T online test application. The digital platform used was WhatsApp. The results revealed that children presented a variety of fears, with a predilection for locating them in objects of external reality to the detriment of imaginary creations of children's fantasy. This trend was observed especially on girls, private school students and during the pandemic. Even so, there was not restraint of fantasy and imagination, and both still remained as child's powerful resources to handle fear. Most of distress reported by children was persecutory, but even so the defenses recruited were mainly neurotic, especially during the pandemic, demonstrating that anxiety somehow remained circumscribed, without claiming an Ego's regression on a large scale. The perception of environment was markedly negative, as it also contemplated the dreaded object. However, during the pandemic, this propensity was somewhat more balanced by attributing positive characteristics to environment, revealing that children also respond with an increased confidence on their surroundings in a crisis situation. Although this tendency towards greater attention and attachment to external reality is part of the psychological processes that take place in the latency period (which corresponds globally to the age group of survey participants), it

also seemed to be linked to the characteristics of contemporary society, whose flow of continuous changes also demands children unrelenting attention to outside world. The survey findings could help psychological interventions that do not seek to eliminate fear, since it is a protective factor for human beings, but integrate it into the child's self as a driving force for healthy and meaningful emotional development.

Keywords: Fear. Childhood. Drawing-Story Theme Procedure. Pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho da Bianca	53
Figura 2 – Desenho da Helena	54
Figura 3 – Desenho da Marina	55
Figura 4 – Desenho da Raquel	56
Figura 5 – Desenho da Vanessa	57
Figura 6 – Desenho da Alice	58
Figura 7 – Desenho da Camila	59
Figura 8 – Desenho da Eduarda	60
Figura 9 – Desenho da Fernanda	61
Figura 10 – Desenho da Isabela	62
Figura 11 – Desenho do André	63
Figura 12 – Desenho do Caio	64
Figura 13 – Desenho do Felipe	65
Figura 14 – Desenho do Leonardo	66
Figura 15 – Desenho do Otávio	67
Figura 16 – Desenho do Daniel	68
Figura 17 – Desenho do Eduardo	69
Figura 18 – Desenho do Fábio	70
Figura 19 – Desenho do Gabriel	71
Figura 20 – Desenho do Henrique	72
Figura 21 – Desenho da Amanda	73
Figura 22 – Desenho da Carolina	74
Figura 23 – Desenho da Júlia	75
Figura 24 – Desenho da Larissa	76
Figura 25 – Desenho da Natália	77
Figura 26 – Desenho da Olívia	78
Figura 27 – Desenho da Priscila	79
Figura 28 – Desenho da Sofia	80
Figura 29 – Desenho da Tatiana	81
Figura 30 – Desenho da Flávia	82
Figura 31 – Desenho do Leandro	83

Figura 32 – Desenho do Rafael	84
Figura 33 – Desenho do Isaac	85
Figura 34 – Desenho do Júlio	86
Figura 35 – Desenho do Matheus	87
Figura 36 – Desenho do Paulo	88
Figura 37 – Desenho do Samuel	89
Figura 38 – Desenho do Vinícius	90
Figura 39 – Desenho do Alexandre	91
Figura 40 – Desenho do Carlos	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados dos participantes	51
Tabela 2 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola pública no período anterior a pandemia	93
Tabela 3 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola particular no período anterior a pandemia	96
Tabela 4 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola pública no período anterior a pandemia	98
Tabela 5 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola particular no período anterior a pandemia	101
Tabela 6 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola pública no período da pandemia	103
Tabela 7 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola particular no período da pandemia	105
Tabela 8 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola pública no período da pandemia	108
Tabela 9 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola particular no período da pandemia	111
Tabela 10 – Frequências dos objetos de medo mencionados pelos grupos de meninas e meninos	115
Tabela 11 – Frequências da natureza dos medos mencionados pelos grupos de meninas e meninos	116
Tabela 12 – Frequência das angústias expressas pelos grupos de meninas e meninos ...	117
Tabela 13 – Frequências das qualidades defensivas utilizadas pelos grupos de meninas e meninos	118
Tabela 14 – Frequências da eficácia das defesas utilizadas pelos grupos de meninas e meninos	118
Tabela 15 – Frequências das percepções do meio pelos grupos de meninas e meninos.	119
Tabela 16 – Frequências dos desfechos mencionados pelos grupos de meninas e meninos	119
Tabela 17 – Frequências dos objetos de medo mencionados pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que os referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	120

Tabela 18 – Frequências da natureza dos medos mencionados pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que os referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	122
Tabela 19 – Frequências das angústias expressas pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	123
Tabela 20 – Frequências das qualidades defensivas utilizadas pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	124
Tabela 21 – Frequências da eficácia das defesas utilizadas pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	124
Tabela 22 – Frequências das percepções do meio pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	125
Tabela 23 – Frequências dos desfechos mencionados pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que os referiram em relação ao total de participantes de cada grupo	126
Tabela 24 – Frequências dos objetos de medo mencionados pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	128
Tabela 25 – Frequências da natureza dos medos mencionados pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	129
Tabela 26 – Frequências das angústias expressas pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	130
Tabela 27 – Frequências das qualidades defensivas utilizadas pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	131
Tabela 28 – Frequências da eficácia das defesas utilizadas pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	131
Tabela 29 – Frequências das percepções do meio pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	132
Tabela 30 – Frequências dos desfechos mencionados pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 Contextualizando o tema: Medo	21
1.2 O medo na sociedade contemporânea	23
1.3 A criança e seus medos na sociedade contemporânea	28
1.4. A compreensão do medo nas teorias freudiana e winnicottiana	34
2 OBJETIVO	41
3 MÉTODO	42
3.1 Contextualização metodológica	42
3.2 Participantes	43
3.3 Instrumentos	44
3.4 Procedimentos	46
3.5 Análise de dados	48
3.6 Aspectos éticos	49
4 RESULTADOS	51
4.1 Meninas (Escola Pública) – Pré-Pandemia	53
4.1.1 Bianca (8 anos)	53
4.1.2 Helena (8 anos)	54
4.1.3 Marina (8 anos)	55
4.1.4 Raquel (8 anos)	56
4.1.5 Vanessa (8 anos)	57
4.2 Meninas (Escola Particular) – Pré-Pandemia	58
4.2.1 Alice (9 anos)	58
4.2.2 Camila (8 anos)	59
4.2.3 Eduarda (10 anos)	60
4.2.4 Fernanda (9 anos)	61
4.2.5 Isabela (9 anos)	62
4.3 Meninos (Escola Pública) – Pré-Pandemia	63
4.3.1 André (8 anos)	63
4.3.2 Caio (8 anos)	64
4.3.3 Felipe (8 anos)	65
4.3.4 Leonardo (8 anos)	66

4.3.5 Otávio (8 anos)	67
4.4 Meninos (Escola Particular) – Pré-Pandemia	68
4.4.1 Daniel (9 anos)	68
4.4.2 Eduardo (8 anos)	69
4.4.3 Fábio (10 anos)	70
4.4.4 Gabriel (9 anos)	71
4.4.5 Henrique (9 anos)	72
4.5 Meninas (Escola Pública) – Período da Pandemia	73
4.5.1 Amanda (8 anos)	73
4.5.2 Carolina (8 anos)	74
4.6 Meninas (Escola Particular) – Período da Pandemia	75
4.6.1 Júlia (9 anos)	75
4.6.2 Larissa (8 anos)	76
4.6.3 Natália (10 anos)	77
4.6.4 Olívia (8 anos)	78
4.6.5 Priscila (10 anos)	79
4.6.6 Sofia (8 anos)	80
4.6.7 Tatiana (10 anos)	81
4.6.8 Flávia (9 anos)	82
4.7 Meninos (Escola Pública) – Período da Pandemia	83
4.7.1 Leandro (9 anos)	83
4.7.2 Rafael (11 anos)	84
4.8 Meninos (Escola particular) – Período da Pandemia	85
4.8.1 Isaac (11 anos)	85
4.8.2 Júlio (8 anos)	86
4.8.3 Mateus (8 anos)	87
4.8.4 Paulo (8 anos)	88
4.8.5 Samuel (8 anos)	89
4.8.6 Vinícius (10 anos)	90
4.8.7 Alexandre (10 anos)	91
4.8.8 Carlos (8 anos)	92
5. SÍNTESE	93
5.1 Síntese das meninas (Escola Pública) – Período anterior à pandemia (2019)	93

5.2 Síntese das meninas (Escola Particular) — Período anterior à pandemia (2019)	96
5.3 Síntese dos meninos (Escola Pública) – Período anterior à pandemia (2019)	98
5.4 Síntese dos meninos (Escola Particular) – Período anterior à pandemia (2019)	101
5.5 Síntese das meninas (Escola Pública) – Período da pandemia (2020)	103
5.6 Síntese das meninas (Escola Particular) – Período da Pandemia (2020)	104
5.7 Síntese dos meninos (Escola Pública) – Período da Pandemia (2020)	108
5.8 Síntese dos meninos (Escola Particular) – Período da Pandemia (2020)	110
6 SÍNTESES COMPARATIVAS	115
6.1 Síntese comparativa: os medos de meninos e de meninas	115
6.2 Síntese comparativa: os medos de crianças de escola pública e de escola particular	120
6.3 Síntese comparativa: os medos das crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus	127
7 DISCUSSÃO	135
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	151

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualizando o tema: Medo

O medo é uma emoção fundamental dos seres humanos, sendo um tema abordado por diferentes óticas: biológica, social, histórica e psicológica (Baptista, 2000; Bauman, 2008; Dumas, 2011; Pondé, 2011). Considerando essa multiplicidade de sentidos, inicia-se essa dissertação com uma contextualização, centrando-se inicialmente nos fatores biológicos e sócio-históricos, para depois realizar um aprofundamento na abordagem de interesse, a psicologia e, especialmente, a psicanálise.

A American Psychiatric Association (2014) faz uma importante descrição do medo, diferenciando-o da ansiedade:

Medo é a resposta emocional à ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura. Obviamente, esses dois estados se sobrepõem, mas também se diferenciam, com o medo sendo com mais frequência associado a períodos de excitabilidade autonômica aumentada, necessária para luta ou fuga, pensamentos de perigo imediato e comportamentos de fuga, e a ansiedade sendo mais frequentemente associada a tensão muscular e vigilância em preparação para perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquiva (p. 189).

Como se percebe nessa definição, os termos medo e ansiedade muitas vezes andam juntos e até mesmo se confundem. Da mesma maneira, o termo fobia também se mistura em muitos momentos com esses conceitos, mas refere-se a um medo em excesso, que assume uma dimensão patológica, com reações exageradas e uma evitação muito maior do que é esperado, desencadeando uma forte ansiedade quando próximo ao contato com o objeto de pavor (Dalgalarro, 2008). Segundo o DSM-5 (APA, 2014), quando a duração, frequência e a intensidade dos sintomas de medo e ansiedade são extremas, elas caracterizam um funcionamento patológico, que deve ser avaliado por um profissional qualificado. As patologias que compartilham características se enquadram na categoria dos Transtornos de Ansiedade, consistindo em: Ansiedade de Separação, Mutismo Seletivo, Fobia Específica, Transtorno de Ansiedade Social, Transtorno de Pânico, Agorafobia e Ansiedade Generalizada.

Quando a intensidade e/ou frequência dessas reações consideradas comuns (medo, angústia e ansiedade) são desproporcionais ao perigo real ou percebido, elas perdem o seu aspecto adaptativo e construtivo para o indivíduo, caracterizando patologias com o potencial de causar sofrimento e influenciar no amadurecimento do indivíduo. (Dumas, 2011). No entanto,

é essencial conhecer igualmente os aspectos saudáveis do medo, especialmente para proporcionar uma distinção entre o que é normal e patológico a seu respeito.

Dessa forma, é natural esperar reações do corpo diante de estímulos desencadeadores de medo, chamados de condicionados (como animais ou ir ao dentista, situações que podem ser evitadas) ou incondicionados (situações repentinas, sem a intenção de causar temor, como um som alto). Eles são percebidos pelo Sistema Nervoso Central, especialmente pela amígdala, e produzem reações como aumento da pressão sanguínea, da ventilação pulmonar, redução da motilidade e da secreção intestinal, com consequente disponibilização de energia para o corpo, que possibilitará a defesa de luta ou fuga (Holanda et al., 2013).

Para Baptista (2000), a base desses e de outros medos se encontra em estratégias que surgiram e se aperfeiçoaram ao longo da evolução humana para garantir a sobrevivência e a continuidade. É esse mecanismo que torna o indivíduo capaz de avaliar as ameaças e os manejos para lidar com uma situação perigosa ou evitá-la. Os temores que se apresentam em cada faixa do desenvolvimento são importantes para identificar os obstáculos e conhecer os desafios que a idade apresenta, sendo que o crescimento permite viver experiências que ajudam a ressignificá-los. Por exemplo, um bebê, quando consegue reconhecer seus cuidadores, pode apresentar medo de pessoas desconhecidas; ele ainda não é capaz de avaliar o quanto a pessoa diferente representa um perigo real ou imaginário; por isso, instintivamente apresenta reações para sua proteção. Esse funcionamento garante o cuidado e se repete em outras fases da vida, com desafios diferentes, em que o desenvolvimento cognitivo ainda não permite analisar soluções mais lógicas, proporcionando uma proteção mais instintiva.

Assim, a observação das etapas da infância aponta para medos comuns em diferentes momentos do crescimento: os recém-nascidos manifestam medo de sons, luzes e movimentos inesperados; aos 6 meses, ele direciona-se a situações e pessoas novas; aos 2 anos, manifesta-se em relação a animais, ao escuro e a ficar sozinho; aos 5, surgem os medos de animais selvagens e criaturas imaginárias; aos 7 anos, há medo de acidentes, mortes e catástrofes, mesmo em situações com poucos riscos de que isso ocorra realmente; finalmente, na adolescência os medos se desenvolvem em relação à avaliação dos pares e do fracasso (Dumas, 2011).

De qualquer maneira, o medo não se restringe apenas a aspectos biológicos e fisiológicos e, do mesmo modo que ele se altera ao longo do desenvolvimento do indivíduo, também é influenciado em sua natureza e intensidade pelo momento histórico e pelas características sociais e culturais em que o indivíduo vive. Desse modo, o avanço de conhecimentos, tecnologias e recursos, e das formas de organização social e cultural, permite o

domínio de situações anteriormente consideradas perigosas, que perdem ou pelo menos diminuem o seu potencial de suscitar medo, ao passo que cria outras novas, passíveis de gerar essa emoção, ligando-as a novos objetos e circunstâncias. O modo como essas modificações ao longo da história é passível de conformar essa emoção fundamental do ser humano, necessária à sua sobrevivência, é o assunto do próximo tópico.

1.2 O medo na sociedade contemporânea

Bauman (2008) definiu o medo como o nome dado às sensações de insegurança e incerteza que existem ao longo dos séculos, que acompanham os seres humanos, modificando-se com a história. Assim, no século XVI, o temor e a instabilidade eram conceitos centrais para definir a sociedade, que enfrentava perigos impossíveis de prever, como doenças que não tinham remédios, escuridão pela ausência de energia elétrica, falta de proteção e segurança contra invasores.

Delumeau (2009) também descreveu que é possível encontrar esses sinais de medos compartilhados por toda a história, relacionados à sociedade da época. Por exemplo, na era das explorações marítimas (séc. XV ao XVIII), o mar era um objeto de medo, por sua imensidão desconhecida; hoje, com a evolução da tecnologia do GPS e satélites, não é mais tão temido. Dessa forma, ao longo da história o medo se destaca relacionado aos grandes desafios do momento e à falta de recurso para enfrentá-los. Além disso, ele também é colorido pela organização social e cultural em que é vivido. Nesse sentido, os gregos viam o medo como uma punição dos deuses, por isso divinizavam Deimos e Fobos (Deuses do temor e do medo); já, com o advento da Igreja Católica, passou-se a temer o demônio e tudo aquilo que pode ocasionar a ira de Deus. Assim, por se tratar de uma emoção essencial para a sobrevivência, não desaparece ao longo da evolução humana, mas se desloca sobre objetos e situações diferentes, conforme os recursos disponíveis e a organização sociocultural. A sociedade ocidental contemporânea não é exceção a essa regra, favorecendo a ocorrência de medos inerentes ao modo de vida que promove.

De acordo com Bauman (2007), a sociedade atual é caracterizada por um intenso fluxo de mudanças e atualizações, que definem as formas de ser e se relacionar no mundo. Nela, existe um movimento acelerado de descarte dos bens de consumo e das próprias pessoas, havendo constantemente a ideia de que há algo melhor a ser consumido ou uma nova forma de “ser você mesmo”. O indivíduo sofre uma pressão constante para transformar-se e acompanhar esse fluxo. Esse estado de coisas cria um solo instável para as expectativas de vida, sendo que

o trabalho, as relações pessoais, a autoestima e a posição social tornam-se fatores flutuantes, que podem se alterar com as transformações velozes do mundo exterior. O ideal de progresso, que seria o sinônimo de felicidade e esperança, tornou-se símbolo dessa inconstância e do predomínio de situações de crise e tensão, em que a existência é marcada por um constante estado de alerta, pois qualquer lapso pode significar uma morte iminente, seja ela financeira, social ou de qualquer outro aspecto que traga satisfação consigo mesmo.

Portanto, no século XXI temos uma sociedade que teme o seu próprio destino, com ameaças de crises pessoais, profissionais, financeiras e ambientais. Além disso, como o ser humano é capaz de combinar suas vivências anteriores e temer algo que não está presente, ele não se aterroriza somente com o perigo imediatamente presente, mas também com o que pode ocorrer, combinando insegurança e vulnerabilidade, medo e ansiedade, resultando em um medo derivado. Bauman (2008) atribui grande relevância a esse conceito, principalmente pela ampla e rápida difusão de informações existente na sociedade atual, de forma que o indivíduo tem conhecimento não apenas daquilo que está acontecendo em uma área geograficamente próxima a ele, mas também o que está distante e que ainda pode/vai acontecer.

De acordo com Bauman (2008), nos tempos atuais existem três grandes ameaças com que o ser humano se depara: ao corpo e à propriedade; à ordem social; e à identidade e sua posição hierárquica. Nesse sentido, encontrar as origens dos medos é uma tarefa de extrema delicadeza, cuja natureza pode ser catástrofes (furacões, tsunamis) ou a humanidade cruel (guerras, violência), sendo que a combinação de ambas pode ocasionar situações apavorantes (por exemplo, crises financeiras mundiais, que têm o potencial geográfico e humano envolvido). Diferente de tempos anteriores, é mais fácil prever os riscos e perigos capazes de afetar o indivíduo, porém, a forma como isso acontece e é vivido depende de diferenças territoriais e sociais pois há uma redistribuição desigual do medo para a população. Bauman exemplifica essa diferença através da situação do Furacão Katrina, que atingiu parte dos Estados Unidos em agosto de 2005: a tempestade foi prevista por meteorologistas, o que possibilitou a preparação das pessoas para a sua chegada, mas as camadas mais pobres da população tiveram dificuldades de acesso a recursos para proteger seus bens ou deixarem suas casas e se deslocarem para locais mais seguros. Esse relato é representativo, pois mostra o potencial que a tecnologia e a modernização alcançaram, com recursos que possibilitam a previsão e defesa em casos de riscos, mas que não são acessíveis a todos de forma igualitária. A desigualdade social presente em uma sociedade em que o consumo é um imperativo redundante na situação de que os bens não são distribuídos equitativamente, afetando os indivíduos de diferentes formas; por esse motivo, o medo também é distribuído conforme o status social que se ocupa.

Safra (2005) aprofunda o olhar sobre a sociedade atual, a partir das mudanças significativas que se refletem na clínica psicanalítica, onde surge um adoecimento psíquico muito mais ligado a questões do “ser”, que não consegue encontrar na cultura um amparo necessário. Por isso, aparecem queixas das pessoas de se sentirem fragmentadas, que sentem um vazio existencial e uma falta de sentido na vida. Birman (2019) destaca que a subjetividade é extremamente afetada pelo funcionamento dessa sociedade, de maneira que força também o pesquisador a explorar mais o sujeito dentro desse contexto.

Essas condições se tornaram ainda mais evidentes nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia do SARS-CoV-2, que impactou o mundo todo. Os primeiros casos foram notificados à Organização Mundial de Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019, detectados na cidade de Wuhan (República Popular da China); no mês de janeiro, a OMS identificou que a doença era determinada por uma nova forma do Coronavírus. Em 11 de março de 2020 foi decretada a pandemia pela OMS (OPAS, 2021), sendo que 11 dias depois adotou-se as medidas de quarentena, impondo o distanciamento social como uma restrição para tentar conter o aumento da transmissão da doença. Com pouca informação a respeito do desenvolvimento e propagação do vírus, contou-se com as medidas protetivas de distanciamento, uso de máscara e álcool em gel como os principais mecanismos de segurança, que só viriam a ter um reforço da vacina, no Brasil, a partir de 17 de janeiro de 2021.

Esse período foi marcado por incertezas, informações equivocadas e muitas perdas humanas e materiais. Se no início as mortes eram relacionadas à idade mais avançada ou à presença de comorbidades, com o passar do tempo percebeu-se que independente dessas condições, as pessoas eram afetadas pela doença em sua forma grave, que podia levar ao óbito. É um cenário em que ainda impera o desconhecido sobre os seus impactos nos planos psíquico e social, incluindo os relativos às ameaças que causam um temor de desintegração do ego. Nesse sentido, a emoção mais imediata é o medo, mas que também deve ser considerada como saudável, pois permite que o indivíduo se proteger dessa ameaça desconhecida. Ele aproxima da situação da fragilidade e vulnerabilidade humana, condições que precisam ser metabolizadas para ser integradas ao ego (Barros, Barros Neto e Barros, 2020).

Se o impacto das condições de vida e da pandemia do Coronavírus é evidente para os adultos, no caso das crianças ele não é menos importante. Isso acontece, pois a infância é uma etapa essencial do desenvolvimento que sofre repercussões na sua estrutura e sua compreensão, tanto em momentos históricos diferentes quanto em distintos contextos sociais e culturais.

O conceito de infância sofreu modificações ao longo da história sendo que cada época tem suas características essenciais. Ao longo do século XX ocorreram mudanças significativas

na estruturação das famílias e, conseqüentemente, no papel que a criança ocupa. Essas transformações consistiram em repercussões de outras mudanças sociais que tiveram, entre várias conseqüências o ingresso da mulher no mercado de trabalho: a partir daí ela buscou ser vista em papéis além daqueles de mãe e esposa (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004).

Na sociedade contemporânea, com suas características valorativas do consumo imediato e do descarte, os objetivos da educação também mudaram, buscando-se então fornecer à criança ferramentas para lidar com um mundo competitivo e especializado. Nesse contexto, é comum observar desde os primeiros anos de vida uma intensa carga de atividades que buscam o “aperfeiçoamento” dos pequenos, como aulas de idiomas, esportes, artes, entre outras, muitas das quais exigem o acesso às tecnologias digitais, e que são também passíveis de promover o estresse infantil. Desse modo, a organização da sociedade atual exige desde muito cedo um preparo da criança para ela, no futuro, ser a melhor versão de si e estar em condições de competir com os demais. Os pequenos também são vítimas da sociedade de consumo, que vende alimentos, brinquedos e atividades tendo-os como alvos e não se preocupando com a qualidade deles para o seu desenvolvimento e, sim, com a quantidade a ser consumida (Vectore et al., 2018). Além disso, as crianças têm sido expostas cada vez mais precocemente a conteúdos adultos propagados pela televisão, pelas redes sociais e pelo acesso à internet, sendo que as ferramentas tecnológicas estão mais próximas delas. Com isso, as barreiras de acesso das crianças e esses conteúdos tornaram-se mais frágeis, de forma que ela sofre uma hiperestimulação relacionada a temas que pode não ter ainda a capacidade de absorver. Diante dessa situação, para que os benefícios que a tecnologia oferece à criança sejam preservados, é necessário o cuidado e proteção das figuras do seu entorno, para estabelecer os limites e as orientá-las sobre o conteúdo que elas vão consumir (Inácio et al., 2019). Nesse cenário, embora exista uma sequência desenvolvimental dos medos e ansiedades infantis que descrevemos no início desta Introdução, isso não significa que eles não seriam também impactados pelos eventos do contexto histórico, social e cultural em que elas vivem.

Uma vez que as crianças não dispõem do mesmo arsenal que os adultos para a compreensão do mundo e de si mesmas, suas condições de lidar com os medos e ansiedades são mais reduzidas, comparadas às dele. Nesse sentido, um dos principais artifícios empregados por elas para fazer face aos seus medos e situações de ansiedade é a fantasia, mesmo que ela tenha ainda outras funções além desta.

A fantasia é um recurso com que a criança pode contar em situações que ela ainda não consegue lidar, que geram ansiedade e desorganização interna (Bettelheim 2002a). É a fantasia que permite acessar locais, pessoas e situações sem sair do lugar; imaginar grandes realizações

e até mesmo idealizar formas de superar sentimentos negativos como ressentimentos, frustrações e derrotas, ocupando um espaço central na vida do indivíduo, que é formado não só por uma realidade objetiva, mas por esse mundo da fantasia que ele mesmo cria. A fantasia tem um papel tão importante que quando não se pode criá-las sozinho, busca-se formas de pegar emprestadas fantasias compartilhadas, como um filme, um livro ou um programa de televisão (Corso e Corso, 2011). Os contos de fadas e até mesmo histórias infantis da ficção mais recentes se enquadram nesse espaço; as crianças aproveitam muito desses conteúdos que apresentam assuntos difíceis a partir de uma linguagem lúdica e fantástica (Corso e Corso, 2006).

Assim, para as crianças, sendo a sua capacidade de compreensão racional do mundo precária, há muitas chances de ocorrer uma invasão de afetos como medo, ódio, amor e esperança. Então essa capacidade de simbolizar e significar a realidade e as situações abstratas encontra muito respaldo nos contos de fadas e histórias infantis, pois estes funcionam de forma semelhante às produções fantasiosas (Bettelheim, 2002b). Os contos têm mensagens mágicas que fornecem elucidações sobre o funcionamento do mundo, a vida e as formas de ser em um momento em que as explicações racionais e abstratas não fazem sentido para a criança. É como dizer que ela cria o seu próprio método científico, com riqueza de fantasias que têm um forte poder ao não oferecer respostas prontas, mas permitir à criança assimilá-las à sua maneira de ver a realidade. Esse funcionamento oferece mais conforto para ela do que explicações baseadas no raciocínio lógico e adulto, que ela ainda está construindo e desenvolvendo.

Como os contos infantis não têm uma localização no espaço e no tempo bem definidas, a criança consegue, a partir deles, compreender o mundo e simbolizar as suas vivências. Ela consegue associar seu mundo pessoal aos personagens e situações dos contos, o que permite que os sentimentos conflitantes que começam a surgir ocupem os seus espaços. Por outro lado, uma criança que só é contemplada com histórias reais pode acreditar que suas fantasias não são aceitas e viver um esvaziamento interno. É essencial ressaltar que a criança, enquanto não se sente segura em seu ambiente, consegue utilizar suas crenças em criaturas mágicas que podem oferecer-lhe proteção. No decorrer do seu desenvolvimento a criança, em ambiente favorável, começa a fortalecer o sentimento de confiança, necessário para lidar com suas questões por conta própria e passa a desenvolver suas habilidades racionais. Quando esse processo ocorre gradualmente e de maneira cuidadosa, ele permite ao adulto, no futuro, entender que pode dominar as problemas do mundo de forma realista (Bettelheim, 2002b).

A teoria winnicottiana do amadurecimento emocional (Winnicott, 1983/2007) enfatiza a necessidade de um ambiente externo real propício à atualização do *Self* da criança para que este se constitua de forma a sustentar uma existência pessoal criativa no mundo; nesse processo,

o meio seria passível de impactar a natureza das fantasias infantis. Assim, a compreensão da criança, principalmente nos períodos em que ela ainda não conquistou uma certa autonomia, implica necessariamente a abordagem do ambiente em que ela vive, ou seja, das características do seu lar. Em uma extensão desses pressupostos, e considerando que a família é atravessada por determinantes históricos, sociais e culturais, compreender o desenvolvimento infantil requer a análise do contexto geral em que ela e a família vivem. Dessa maneira, a teoria winnicottiana contempla o nosso ponto de vista expresso anteriormente, que mesmo o medo sendo uma emoção fundamental dos seres humanos e com bases biológicas muito bem definidas, ele forçosamente varia em natureza, em conteúdo e em intensidade de acordo com o cenário mais amplo em que a criança está inserida e atravessado por sua família. Nesse sentido, o impacto da pandemia do SARS-CoV-2 nos medos e ansiedades atuais das crianças, não é um problema que pode ser negligenciado.

A realização deste estudo sobre os medos infantis foi atingida em cheio pela pandemia do SARS-CoV-2, que aconteceu na metade da coleta de dados; com isso, esse evento forçosamente interferiu na índole dos resultados encontrados. Infelizmente até o momento os estudos publicados sobre as repercussões emocionais dessa catástrofe mundial que ceifou tantas vidas são quase inexistentes; por isso, nosso diálogo com a literatura a esse respeito será necessariamente restrito. Por outro lado, esta dissertação será capaz de colaborar para a compreensão dos ecos dessa pandemia nas experiências emocionais infantis, particularmente a do medo, o que lhe confere certa originalidade.

1.3 A criança e seus medos na sociedade contemporânea

Conforme mencionado anteriormente, a literatura científica descreve o medo como uma emoção comum da humanidade, que surge a partir de uma inquietação ante um perigo (Santos, 2003; Anzieu-Premmereur, 2008; França, 2013; Ermann, 2020). Essa ameaça percebida pelo indivíduo tem diferentes origens, de ordem inata ou adquirida; a primeira refere-se a reações instintivas (como o temor do bebê diante de estranhos ou a aversão a animais peçonhentos, que podem ser venenosos). Já a segunda relaciona-se tanto a experiências reais cotidianas como a vivências com cargas traumáticas (por exemplo, uma pessoa que vive um acidente de carro pode ter medo de dirigir novamente) (França, 2013). Essa emoção ganha importância desde a infância, assumindo um papel de proteção, percepção de limites externos e internos, de comunicação e criação de defesas (Anzieu-Premmereur, 2008).

Na clínica psicanalítica, os medos infantis são associados a conflitos internos (Anzieu-Premmereur, 2008). Eles são uma maneira de nomear aos terrores e angústias sem nome; ao simbolizar esses conteúdos é possível criar mecanismos para se proteger e manejar aquilo que antes nem tinha forma. É relevante destacar que a simbolização só é possível de ser alcançada a partir do cuidado que o indivíduo recebe do ambiente (França, 2013). Mathelin-Vanier (2008), descreveu o caso de uma menina que chegou ao atendimento manifestando pouca riqueza emocional e com um histórico traumático (um acidente fatal na família de que não se falava a respeito). Com o passar da análise, a criança começou a contar sobre um lobo, uma figura assustadora que ameaçava a sua família; repetindo essa história, ela conseguiu entrar em contato com conteúdos que estavam reprimidos, e tornou-se possível falar sobre emoções e sobre o medo. Esse caso confirmou a importância que os símbolos têm para colocar a criança em contato com suas angústias. Esse mundo imaginativo ocupou uma importante função, porque lhe permitiu usar de elementos simbólicos para abordar situações de que não tem condições de falar. A função do terapeuta não era a de reconhecer esses símbolos para erradicá-los, mas poder falar sobre eles e dar espaço para as emoções.

A clínica atual tem refletido cada vez mais as dificuldades de simbolização das crianças, o que, para Anzieu-Premmereur (2008), está associado ao peso que os conflitos exercem sobre elas. Nessa direção, Santos (2003) afirmou que apesar da base fisiológica do medo, que aproxima os homens e os animais, os primeiros se diferenciam dos últimos por sua capacidade de experienciá-lo, pois existe uma complexidade de vivências e aprendizagens que alteram a forma como essa emoção será compreendida, inclusive as de ordem histórica, social e cultural que descrevemos. Assim, Santos também concorda com a premissa dessa dissertação que se o medo não é imutável, então ele pode ser transformado de acordo com as crenças pessoais e conflitos que se formam no contexto do indivíduo e, acrescentamos, do contexto em que ele vive.

Ameaças e perigos, como guerras, doenças e desastres naturais sempre marcaram a história mundial, mas cada período tem suas características particulares. Conforme descrevemos, a sociedade atual tem uma forma particular de funcionamento em que acontecimentos têm um alcance global, havendo uma rapidez frenética de difusão das informações. Como consequência, a percepção de segurança e perspectiva de futuro são intensamente abaladas, surgindo novos medos relacionados a esses virtuais contextos. De acordo com Ermann (2020), os medos passam então a estarem mais vinculados a um potencial destrutivo externo ao indivíduo. Isso não significa que as angústias internas e existenciais estejam excluídas, mas o poder traumático das experiências e ameaças reais se relaciona

diretamente a um aumento na intensidade dos temores de destruição, aniquilação e da perda da existência. Esses são sinais que estão cada vez mais presentes na clínica psicanalítica, exigindo do profissional capacidade para avaliar e acolher essas questões.

Summers (2017) também discutiu o impacto que acontecimentos externos, especialmente de escala global, teve nos temores dos indivíduos e, conseqüentemente, nas defesas que eles criaram para enfrentá-los. Ele citou o exemplo do atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que impactou não somente a sociedade americana, mas também o mundo todo. Para Summers, esse acontecimento recordou as pessoas de sua vulnerabilidade e afetou as relações pessoais, sociais e políticas, no presente e suas perspectivas no futuro. Após esse evento, as estratégias de defesa adotadas fortificaram a segurança, dificultaram a entrada de estrangeiros e aumentaram exponencialmente a vigilância que, muitas vezes, invadiu a privacidade dos indivíduos. A população aceitou essa invasão em troca da segurança, mas isso intensificou o sentimento de insegurança, medo e ansiedade, ocasionando também um isolamento e favorecendo uma atmosfera de desconfiança do outro, que era afastado de forma violenta, retroalimentando o ciclo do medo.

Explorando esse acontecimento, Burnham (2007) realizou uma comparação entre os medos das crianças no pré e pós 11/09. Ele partiu do pressuposto de que tais desastres e tragédias podiam afetar a intensidade do medo de pessoas que vivem próximas a esses eventos. Com esse objetivo em vista, ele analisou amostras de crianças cujos dados foram colhidos em 1995 e 2002, ou seja, antes e depois das catástrofes. Ele conclui que houve um aumento dos medos relacionados à invasão do país ou a sofrer um ataque terrorista. Além disso, Burnham e Hooper (2008) ressaltaram que a rapidez da difusão da informação por meio de notícias televisionadas acarretou respostas semelhantes, de medo e insegurança, mesmo em crianças que moravam em áreas mais distantes do local onde ocorreu a tragédia. Isso refletiu como o impacto dos eventos não era local, reafirmando que a velocidade das informações era um fator essencial que modificou como as pessoas reagem e desenvolvem o medo. Burnham e Hooper também observam uma diferença significativa entre meninas e meninos a partir do American Fear Survey Schedule for Children and Adolescents (FSSC-AM), com destaque para os itens de “país sendo invadido por inimigos”, “pessoas carregando armas de fogo, facas e armas” e “ataque terrorista”; os resultados apontam medos mais intensos nas meninas, da mesma forma que também houve diferenças conforme a idade, sendo que crianças menores apresentaram maior insegurança, seguidas das maiores e, por último, dos adolescentes.

Smith e Wilson (2002) discutem a forma como a difusão da informação é realizada e o impacto que as notícias televisionadas podem ter nas crianças; eles presumem que o acesso à

televisão gera uma percepção maior da violência no mundo. Trabalhando com dois grupos de crianças (jardim de infância à terceira série e da quarta série à sexta série), eles notam uma diferença significativa na maneira de apreender as informações entre as crianças mais novas e mais velhas, quando solicitadas a relatar alguma história do noticiário. De maneira geral, o grupo mais velho parece acompanhar mais a televisão e compreender melhor a sua função. Dessa maneira, Smith e Wilson) descrevem que o meio de comunicação é um potencializador da angústia, pois os participantes dão ênfase às histórias de violência e agressão. Enquanto isso, o outro grupo mais jovem parece mais impactado por histórias de desastres ocasionados por fenômenos da natureza e acidentes, que apresentam imagens mais fortes para eles. As crianças mais velhas têm uma percepção de perigos reais transmitidos pela televisão, o que não acontece com as mais novas, que ainda não têm uma distinção clara entre realidade e fantasia; adicionalmente a construção da expressão verbal também é incompleta.

No Brasil, Viera e Zornig (2015) descrevem como as favelas da cidade do Rio de Janeiro são marcadas pelo desamparo social, pela violência, pelos graves problemas financeiros e pela necessidade de apoio social; diante disso, eles consideram que nesse contexto os indivíduos e suas relações são transformados, gerando um constante sentimento de medo e insegurança. Essa situação atinge particularmente as crianças, que não dispõem de recursos para enfrentá-la e muitas vezes têm dificuldades para contar com figuras cuidadoras, também mergulhadas nesse oceano de angústia. Assim, na busca de garantir o suprimento de suas necessidades básicas conta-se com um movimento de ajuda mútua da comunidade, incluindo o auxílio no cuidado das crianças, em que outras pessoas fora da família também se responsabilizam por elas em termos de supervisão e atenção material e emocional, destacando que o meio tem tanto o potencial de aumentar quanto de reduzir as angústias.

Em outro contexto, na experiência com crianças de classe média na clínica privada, Bittencourt (2007) notou uma grande exposição delas a situações de risco como tiroteios, violência física e assassinatos; elas pareceram marcadas pelo sentimento de vulnerabilidade, que se estendia inclusive às suas figuras de proteção. Assim, ele também observou como os temores que surgiram nos discursos das crianças estavam mais relacionados com situações da realidade concreta do que com conteúdos imaginários. O espaço de criação foi, portanto, inundado por situações reais que se mostraram mais assustadoras e de difícil manejo, criando um contexto de evitação ou ansiedade ligada à perda das figuras de proteção. Os tradicionais medos infantis, que eram vivências simbólicas, ganharam um adversário ao se deparar com monstros e monstruosidades que integraram a vida cotidiana de forma que a impotência predominou. Assim, os medos de situações reais estavam tomando o lugar dos imaginários e

testemunhou a existência de uma invasão das crianças pelas experiências concretas, que se sobrepunham a possibilidade de fantasiar. Os espaços externos afetavam a construção da confiança e não permitiam criar um lugar de elaboração para os conteúdos a que estavam expostas as crianças, proporcionando, ao contrário mais movimentos de reencenação e repetição do que presenciavam, em detrimento da sua elaboração.

Nessas condições, o medo assume um papel central e, como consequência, também a procura de meios de se proteger dele. Bittencourt (2009) discutiu que a busca atual do ser humano é a de um ideal de vida sem medo, incentivado pela sociedade de consumo, de forma que se criou um mercado de produtos que prometem segurança. Para Bittencourt, o indivíduo contemporâneo não é capaz de conviver com suas próprias angústias, o que se traduz através do medo, que é direcionado a objetos externos. Nesse sentido, o que é “diferente” da realidade conhecida se torna o alvo dessa projeção, e o indivíduo constrói barreiras de distanciamento, produzindo uma cisão social, de maneira que aqueles que podem comprar segurança, ampliando essa distância com o outro.

Vilhena et al. (2011) exploraram a manifestação do medo de acordo com as classes sociais. Para eles, o medo não era simplesmente um afeto recriado ao longo da vida do indivíduo, se não considerar o espaço físico ocupado por ele nessa construção como fundamental. Utilizando o desenho como um mediador de comunicação, eles investigaram o que ocasionava medo em crianças entre 9 e 12 anos das classes sociais baixa, média e alta. Em crianças de camadas altas e médias altas, foram manifestados o medo de ladrão, sequestro e a favela como um local perigoso. Enquanto isso, para as crianças de classes populares, apareceram medos relacionados a animais peçonhentos, atropelamentos, do “caveirão” - veículo utilizado pelo BOPE¹ - e balas perdidas. Essas diferenças reafirmaram as influências da posição que o indivíduo ocupou no espaço sobre os medos, com os animais sendo vistos como motivo de perigo em comunidades mais carentes, com condições de moradias mais precárias, enquanto as crianças de classes mais favorecidas entendem a favela como objeto de temor. O meio de enfrentar esses temores também foi distinto, sendo que os estudantes de escolas particulares (classe média e alta) pareceram acreditar mais em um Estado que possa auxiliar e ser responsável por proteger as pessoas dessas ameaças. Dessa maneira, do mesmo modo como as transformações sociais, com o crescimento da violência e insegurança que lhes eram inerentes, impactaram a construção subjetiva do indivíduo e reverberaram na natureza dos seus medos, ela também repercutiu na maneira como ele lida com tais ameaças, reais ou virtuais.

¹ Batalhão de Operações Policiais Especiais

Chaiyawat e Jezewski (2006), por sua vez, realizaram um estudo sobre a percepção de medo de crianças tailandesas, obtendo como principais resultados o temor de “coisas feias”, como répteis e insetos, e da violência. Além desses, havia o medo da morte, de fantasmas, de ficar sozinho, do escuro, de sangue e dor, sendo que em muitas situações medos diferentes podiam se associar (a criança que tinha medo de fantasmas também tinha medo de escuro). Assim, da mesma maneira que Vilhena et al. (2011), Chaiyawat e Jezewski ressaltaram a importância de mapear medos, reações e maneiras de seu manejo em locais distintos porque as diferenças culturais afetaram essa percepção. Eles explanaram que o medo da morte pode ser encontrado em crianças tailandesas e americanas, mas provavelmente para as primeiras estará mais relacionado a um ataque de um animal selvagem e para as segundas, a um ataque terrorista. Assim, eles também concluíram que as defesas empregadas para enfrentar o medo da morte por cada sociedade seriam diferentes, pois os desafios exigem estratégias distintas – como uma evitação de lugares abertos, que possam ser o habitat desses animais no caso das crianças tailandesas e o desenvolvimento de táticas de segurança para evitar os ataques no caso das americanas.

Pérez e Martínez (2010) estudaram os medos de meninos e meninas mexicanas de 9 a 12 anos, de escolas públicas e particulares. Eles listaram várias situações provocadoras de medos que foram classificadas em quatro grupos: medo da morte e do perigo, de animais, medos escolares e medo do desconhecido. Eles concluíram que existem diferenças entre os sexos na maneira de manifestação e na intensidade, sendo que o medo mais recorrente era o da morte e do perigo e o menos recorrente o do desconhecido. As meninas tiveram resultados mais altos para o medo de animais do que de situações escolares, em comparação aos meninos. Além disso, elas apresentaram resultados mais altos em termos gerais que os meninos. Assim, além das diferenças culturais na natureza e manifestação do medo descritas por Chaiyawat e Jezewski (2006) e Vilhena et al. (2011), Pérez e Martínez mostraram que elas existem também vinculadas ao sexo das crianças.

Considerando o papel do contexto histórico e sociocultural em que a criança vive na determinação de seus medos e nas maneiras de enfrentá-los, é bastante pertinente supor que a pandemia do Coronavírus venha desempenhando um papel relevante na conformação dessa emoção no psiquismo infantil. Blass (2021) discutiu esse impacto, ressaltando que o medo era uma reação comum nesse momento, bem como o pânico. Essas reações aconteceram pelo fato de as pessoas, de forma individual e coletiva, não saberem como lidar com os sentimentos despertados como a defrontação com a finitude da vida em larga escala. As defesas diante dessa situação envolvem desde comportamentos mais cuidadosos, como o distanciamento social, até

a negação e a construção de teorias conspiratórias a respeito do risco real de contaminação. Outras consequências abrangeram o abalo da confiança no outro (que pode ser um agente de transmissão), aumento de conflitos sociais por divergências de opiniões a respeito do que era seguro ou não, incorrendo em um conflito entre solidariedade e hostilidade. Assim, a insegurança era um sentimento intenso que atinge as formas de simbolizar esse evento.

Diante dessas comprovações irrefutáveis da literatura científica sobre o vínculo entre essa emoção mais basilar do ser humano e o contexto exterior em que ele, criança ou adulto vive, incluindo sua cultura, sua posição econômica e sua organização social, há que se interrogar sobre até que ponto as concepções psicanalíticas mais clássicas, concebidas em épocas específicas, podem auxiliar na compreensão do medo e em sua abordagem terapêutica na sociedade atual. Nesses termos, consideramos que a teoria winnicottiana, por atribuir um papel essencial ao meio para o amadurecimento emocional, constitui um referencial profícuo para esse entendimento, visto que apresenta flexibilidade para acomodar-se a diferentes conjunturas e circunstâncias sociais, históricas e culturais (Barbieri, 2015), compreendendo como elas poderiam se refletir no modo como as angústias e os medos são vividos pela criança e nas maneiras como se desenvolvem os recursos para a sua elaboração que permitem a sua assimilação no *Self*. Embora essas influências sejam mediadas pela família, para os propósitos deste estudo consideraremos especificamente as vivências das crianças, a forma como elas experimentam essa emoção, a que objetos a atribuem, incluindo, no entanto, a percepção que elas têm do ambiente em que vivem.

Mesmo sendo Winnicott [1896-1971] o autor de referência nessa pesquisa, visto ser impossível negligenciar o trabalho psicanalítico pioneiro sobre essa emoção, o próximo tópico se iniciará com as contribuições de Freud (1909/2015) a esse respeito, começando pelo caso do Pequeno Hans, visto que esta também constituiu uma influência considerável no pensamento winnicottiano.

1.4. A compreensão do medo nas teoria psicanalítica: considerações a partir de Freud e Winnicott

A contribuição da psicanálise para a compreensão da temática do medo recebeu atenção desde o trabalho de Freud (1909/2015) sobre o caso Hans. A partir dele, a teoria freudiana lançou luz sobre fenômenos psíquicos que ocorrem na criança, ampliando nos anos seguintes o entendimento do papel que a família e a sociedade exercem na saúde mental dos pequeninos.

Freud (1909/2015) analisou a fobia do pequeno Hans, de 5 anos, por meio dos relatos do pai do menino, que também auxiliava no caso. Hans começou a apresentar medo intenso de cavalos, o que limitava a saída do menino de casa, pois ele tinha pavor diante da possibilidade de encontro com esse animal. O quadro foi nomeado por Freud como histeria de angústia, que, de acordo com Roudinesco e Plon (1998), é um termo que designa um conflito de ordem psíquica que surge através de um sintoma, no caso, o medo imotivado, do ponto de vista externo, frente a um objeto. Para sua análise, Freud considerava os conteúdos que surgiam dos diálogos entre Hans e o pai do menino que eram enviados a ele. Os conflitos inconscientes que perturbavam o garotinho foram associados à ambivalência em relação ao pai, que era uma pessoa admirada e amada, mas ao mesmo tempo gerava ódio por ser uma figura de competição pelo amor da mãe. A criança, então, temia a punição que poderia receber do pai caso realizasse suas fantasias amorosas em relação à mãe. Assim, a fobia apareceu como forma de proteção contra a angústia despertada por esses desejos que não podiam ser realizados. Houve um deslocamento do temor relacionado ao pai para a figura do cavalo, que nas fantasias do menino poderia mordê-lo (castigá-lo/castrá-lo). A escolha pelo cavalo como objeto de temor baseou-se em uma experiência na vida de Hans, de uma ameaça em que um cavalo morderia um amigo, junto com a admiração que a criança nutria por animais de grande porte.

Freud (1926/2014), no decorrer de sua obra, ampliou a compreensão da fobia e da angústia, revisitando conceitos anteriores e ressignificando a proposição de que a repressão provocava a angústia (da primeira tópica). A fobia apresenta-se como um sintoma cuja origem reside em impulsos instintuais que não podem ser realizados e causam desprazer; por isso eles geram angústia. O temor que se desenvolve é o da punição que pode surgir ao realizar os impulsos inaceitáveis dirigidos às figuras do entorno da criança. Dessa maneira, o temor se deslocará para um objeto fora desse contexto, como no caso de Hans. Ele se voltou ao cavalo, que era real e que o menino conseguia evitar por meio de estratégias de distanciamento, permitindo, assim, cessar a angústia.

Na compreensão psicanalítica, a angústia, é um estado afetivo caracterizado por descargas energéticas no organismo e que surge diante de um perigo; ela tem uma função importante ao permitir evitar determinada situação. A primeira angústia do ser humano é a do nascimento: o bebê associa que a presença da mãe diminui essa aflição, o que gera o temor da separação, pois sabe que quando ela estiver distante ele não estará tão protegido. Freud (1926/2014) descreve duas formas de angústia relacionadas ao perigo: a realista e a neurótica. A primeira se vincula a perigos conhecidos, enquanto a segunda se refere a algo que não se conhece. Para lidar com elas o ser humano emprega as mesmas reações, como forma de

interrupção do desprazer e de proteção. Contudo, quando a proteção é insuficiente, a angústia pode se tornar paralisante. Esses dois tipos de angústias, realista e neurótica, podem ocorrer juntas, quando existe um perigo real que é exagerado pela angústia relacionada a algo que não se conhece, provavelmente de origem instintual. De qualquer forma, ambos os tipos levam à percepção de desamparo, podendo resultar em experiências traumáticas. A partir de tais experiências, ocorre a expectativa do trauma, que é uma forma atenuada de reviver a mesma experiência, com a intenção de controlar melhor a situação de ameaça. Para que o perigo não apareça, uma maneira de fuga é o surgimento do sintoma, como a fobia (Freud, 1926/2014).

Winnicott (1983/2007) também ofereceu importantes contribuições a respeito do medo para psicanálise, destacando-se por considerar, além dos aspectos internos, o valor do ambiente para o seu surgimento. Para Pondé (2011), na teoria winnicottiana, o conceito do medo não se baseia em sua origem inata, mas leva em consideração as experiências do indivíduo no mundo e com o mundo, acrescidos das fantasias. Ele pode ser observado em duas grandes vertentes: como uma condição existencial humana, discutida dentro dos fenômenos de saúde-doença e normal-patológico; e em relação ao amadurecimento emocional do indivíduo, considerando os desafios de cada etapa e suas relações interpessoais. Assim:

Os medos são material de diagnóstico, são a ponta do iceberg, cabendo ao analista considerá-los na formulação diagnóstica que norteia o acompanhamento terapêutico ao paciente. O paciente é uma totalidade da qual os medos fazem parte, e é cuidando dessa totalidade que eles se vão, pelo menos em sua forma mais recrudescida, simplesmente por não serem mais necessários (Pondé, 2011).

Para compreender um pouco mais desse conceito em tal contexto teórico, é importante reservar um olhar mais aprofundado aos pressupostos winnicottianos. De acordo com Winnicott (1962/2007), o bebê nasce com um impulso ao desenvolvimento que corre bem se há condições suficientemente boas do ambiente, sendo que saúde, nessa perspectiva, é um conceito relacionado a maturidade emocional. Com o crescimento da criança, as necessidades mudam e o ambiente precisa acompanhar essas transformações. Todavia, como descrito anteriormente, o cuidado da criança é afetado não apenas pelos pais, mas pelo território complexo dos distúrbios emocionais do indivíduo, de grupos de indivíduos e da sociedade. Por esse motivo, destaca-se a:

importância da continuidade do ambiente humano, e do mesmo modo, do ambiente não-humano, que auxilia a integração da personalidade do indivíduo; da confiança, que torna o comportamento da mãe previsível; da adaptação gradativa às necessidades cambiantes em expansão da criança, cujo processo de crescimento a impele no sentido

da independência e da aventura; da provisão para concretizar o impulso criativo da criança (p. 67-68) (1962/2007)

O ego, para Winnicott (1956/2000a), é a parte da personalidade que tende a se organizar como uma unidade de acordo com as condições proporcionadas pelo ambiente. O processo de maturação, segundo ele, é marcado por estágios desenvolvimentais: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. O primeiro ambiente da criança é a mãe, que se adapta às necessidades do bebê para satisfazê-las. Para tanto ela é auxiliada pelo estado de preocupação materna primária no início da vida da criança, quando ela e a mãe se identificam e formam uma unidade. A mãe suficientemente boa é aquela figura que é capaz de se adaptar às necessidades do bebê e permitir que ele vivencie uma experiência de onipotência. Essa experiência ocorre dentro de um processo de ilusão: há uma necessidade e ela é satisfeita e como não existe diferenciação eu-não eu, isso conduz o bebê à crença de que ele criou essa satisfação por si mesmo (criatividade primária e experiência da ilusão).

Com relação às angústias vividas pelo bebê desde o início da vida, Winnicott (1963/1994) descreve, no estágio de dependência absoluta, as angústias impensáveis e o medo do colapso. O colapso está relacionado com o fracasso da organização das defesas contra as angústias impensáveis. Como ser dependente, o bebê não consegue se defender das falhas que podem existir no ambiente, o que compromete o desenvolvimento do seu sentido de ser; desse modo, ele apenas pode reagir e desenvolver a ansiedade de aniquilamento. O ambiente, assim, precisa reduzir as irritações ao redor da criança, pois dessa forma, elas poderão ser absorvidas pela área de onipotência dela (1945/1982). Após fornecer suficientes oportunidades de ilusão para o bebê, mais para o final do estágio da dependência absoluta, gradativamente a mãe vai se afastando e cometendo pequenas falhas (desilusão), que permitem que ele tolere sua ausência e consiga lidar com a frustração; assim, a criança começa a internalizar os cuidados maternos e adaptar-se a essas imperfeições da genitora. Nesse momento o bebê alcança o que Winnicott (1963/1983a) denominou de estágio da dependência relativa. Nele, como a criança começa a se separar da mãe, ela passa a ter mais consciência de sua necessidade dela. Para lidar com a ausência da genitora, o bebê pode fazer uso de objetos que são representativos dela, os objetos transicionais (Winnicott, 1951/2000b), pois já consegue fazer uso de objetos externos de forma criativa (criatividade secundária).

O conceito de fenômenos transicionais e objetos transicionais foi introduzido por Winnicott (1953/2019) para descrever a área intermediária da experiência, em que há o uso de um objeto que não faz parte do corpo do bebê, mas ainda não é totalmente reconhecido como pertencente à realidade externa. O objeto transicional constitui a primeira posse não-eu da

criança, sendo um símbolo da relação entre ela e a mãe, de forma que, nessas condições, ele auxilia a suportar os períodos de separação da genitora.

O domínio dos fenômenos transicionais é uma terceira área de experimentação do ser humano, que se constitui da vida interior e exterior, um território que substitui a experiência anterior de ilusão, e que na vida adulta vai incluir a arte e a religião, bem como outras manifestações culturais. O brincar também acontece nessa área; com isso, é nele que a criança consegue ser criativa e, dessa forma, descobrir o *Self*. A área das experiências transicionais é essencial para estabelecer uma relação criativa e pessoal da criança com o mundo. Enfim, as experiências, fenômenos e objetos transicionais assinalam a capacidade do indivíduo de “ser” no mundo, de nele viver uma vida que faça um sentido pessoal. Na vida adulta (Winnicott, 1953/2019),

Os fenômenos transicionais se tornam difusos, ficam espalhados por todo o território intermediário entre a ‘realidade psíquica interna’ e o ‘mundo externo conforme percebido por duas pessoas em comum’, ou seja, ficam espalhados por todo o campo cultural. (...) e passa incluir o jogo, a capacidade de criação e apreciação artística, o sentimento religioso, o sonho. (p. 20)

Winnicott (1945/2000c) esclarece que – unir com o próximo o bebê só é capaz de “ser” a partir de determinadas condições, que incluem os cuidados recebidos pela mãe nos primeiros meses de vida. O *holding*, considerado suporte afetivo, é uma das funções maternas fundamentais nesse início, juntamente com o *handling*, que diz respeito ao manejo físico da criança: “segurar” no colo, trocar fraldas, alimentar, lavar, oferecer afeto. Além disso, é essa figura devotada que proporciona uma apresentação da realidade em pequenas doses, possibilitada pelas pequenas falhas que ocorrem de forma gradativa e não invadem a área de onipotência do bebê.

Esses cuidados permitem que o bebê seja bem-sucedido nas tarefas desenvolvimentais de integração, personalização e realização. Por meio da consistência desses cuidados e da confiança em si e no outro a criança pode sentir-se como uma unidade, uma pessoa (integração). A existência do bebê unido em psique e soma começa a fazer mais sentido, as atividades motoras são percebidas como partes dele (personalização), o que colabora para definir a presença de uma membrana limitadora, que diferencia o eu e o não-eu (realização). Em outras palavras, a criança se torna gradualmente capaz de sentir que tem um corpo próprio, necessidades próprias e que há um mundo externo a ela e diferente dela. O alcance das capacidades de integração, personalização e realização possibilita que o bebê adquira o sentimento de continuidade de si mesmo no tempo e com relação ao mundo; por isso pode

estabelecer vínculos criativos com ele. A criatividade e o gesto espontâneo ganham espaço, permitindo que o indivíduo se sinta real (verdadeiro *Self*) (Winnicott, 1962/1983b).

No terceiro estágio de desenvolvimento, o de rumo à independência, quando tudo corre bem, a criança já adquiriu confiança no meio, introjetando os cuidados maternos e projetando as necessidades pessoais; desse modo ela consegue se proteger além dos cuidados reais que lhes são ainda oferecidas. A confiança em si e no ambiente permite que a criança sinta empatia e preocupação para com os objetos (concernimento), conseguindo se diferenciar dos outros e se responsabilizar pelos próprios atos (Winnicott, 1963/1983a).

Na teoria winnicottiana, a criatividade é a base de um viver no mundo que faz sentido; ela diz respeito a uma coloração das atitudes em relação à realidade externa. O viver criativo seria, então, sinônimo de saúde para Winnicott (1962/2007). Nesse sentido, é na terceira área da experiência, já no estágio rumo à independência, que se instala o uso de símbolos que representam o mundo externo, o mundo compartilhado, visto como distinto do mundo interno.

Com relação à sua concepção sobre os medos, Winnicott (1945/1982) os compreende como tendo um papel defensivo para o indivíduo. Segundo ele, todas as fases do amadurecimento emocional são acompanhadas de agonias impensáveis, que direcionam a pessoa a criar defesas para se proteger. Quando existe o medo do colapso, este seria referente a um fracasso da organização defensiva, que retornaria a um estado (de agonia). Esse estado refere-se a uma catástrofe que já havia ocorrido no passado, embora seja sentida pela pessoa como uma tragédia passível de acontecer no futuro. As agonias primitivas consistem no temor de sentir-se não integrado, cair para sempre, perder a junção psíquessoma, perder o senso do real e a capacidade para se relacionar com os objetos, contra as quais o indivíduo recorre a defesas como desintegração, *self-holding*, despersonalização, exploração do narcisismo primário e a estados autísticos.

Segundo Winnicott (1963/1994), embora o evento que suscitou o medo do colapso e a agonia que o acompanha pertençam ao passado, por razões defensivas, ele não foi integrado no *Self* na época devida, ou seja, não foi de fato experienciado. Por isso ele permanece inconsciente, mas rondando o indivíduo, até que ele possa fazer de fato a experiência dele com ajuda de um ego auxiliar, o terapeuta, substituto transferencial da mãe. Nessa nova experiência, ele poderá receber o apoio que lhe faltou no passado e integrá-lo ao *Self*. Nesse contexto, há uma diferença significativa entre viver algo e realmente experienciá-lo. Esses acontecimentos vividos, mas não experienciados não ficam no passado, porque o ego precisa reuni-los (ou seja, experienciá-los) em seu momento e incluí-los na sua área de onipotência atual. O medo da morte física, por exemplo, pode referir-se ao medo da morte psíquica, do aniquilamento, que já

ocorreu em algum momento da vida da pessoa, tendo sido provocado por uma intrusão do ambiente.

Portanto, o medo, na teoria winnicottiana, está presente em todo o amadurecimento emocional e desempenha um papel de proteção. É a concepção winnicottiana de que o medo também estaria relacionado a um fracasso da organização defensiva, originado por uma invasão do ambiente que não respeitou as condições reais da criança para incluí-lo na sua área da onipotência, ele também seria conformado pelas vicissitudes do contexto histórico, social e cultural em que ela vive, atravessadas e matizadas em maior ou menor grau pela família, de acordo com a idade dos filhos. É por isso que consideramos essa vertente da teoria psicanalítica como apropriada para compreender os medos infantis na sociedade contemporânea.

A fundamentação teórica aqui exposta mostra, que o medo infantil já foi muito estudado em contextos diferentes que comprovam o seu papel fundamental para a sobrevivência humana. Nesse contexto, e tendo a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional como guia, o presente trabalho tenciona ampliar esse conhecimento, ofertando uma contribuição para a compreensão dos medos infantis na sociedade atual, especialmente considerando o impacto da pandemia do SARS-CoV-2, de modo a fornecer subsídios para nortear intervenções clínicas junto às crianças, tornando-as mais compatíveis com suas necessidades.

2 OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho foi realizar uma investigação sobre os medos infantis atuais, incluindo os objetos que o provocam, a sua natureza, as defesas empregadas contra ele, a percepção do meio exterior pela criança e as suas condições de elaboração dessa emoção, ou seja, de sua assimilação no *Self*. Uma vez que a literatura mostrou existirem variações na experiência do medo infantil de acordo com o sexo e o nível socioeconômico, os objetivos secundários foram realizar uma comparação entre as crianças do sexo masculino e feminino e também entre aquelas procedentes de escolas públicas e privadas.

Finalmente, mas não menos importante, foi realizado um cotejo entre os medos das crianças anteriormente ao advento da pandemia do SARS-CoV-2 e no decorrer desse acontecimento. O conhecimento dos medos infantis em todas essas condições permitirá o desenvolvimento de estratégias de intervenção terapêutica mais compatíveis com as necessidades das crianças, aumentando a eficácia da abordagem desse sofrimento.

3 MÉTODO

3.1 Contextualização metodológica

A fundamentação epistemo-metodológica do presente estudo consistiu na pesquisa em psicanálise. Freud (1923), ao conferir um caráter científico à psicanálise definiu-a da seguinte maneira:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (p. 152).

Trinca (1999), nessa linha de raciocínio, propôs um modelo de pesquisa em psicanálise que, ao mesmo tempo que compreende o indivíduo como inteiro, indivisível e singular, possibilita evidenciar pontos em comum de determinados grupos por meio da análise das suas organizações mentais. Essa proposição metodológica traspassou, entre alguns modelos desenvolvidos por Trinca, o do Psicodiagnóstico Compreensivo (Trinca, 1999), estratégia metodológica eleita para esta pesquisa. Ele é caracterizado pelo predomínio do raciocínio clínico e busca acessar o sentido inconsciente do comportamento ou fenômeno em investigação.

Os fatores estruturantes do Psicodiagnóstico Compreensivo, ou seja, aqueles que lhe conferem sua identidade são: 1) elucidar os significados latentes das perturbações do indivíduo, levando em consideração os componentes do seu mundo interno; 2) ênfase na vida emocional inconsciente, utilizando a abordagem psicanalítica dos fenômenos mentais, que permite reconhecer a dinâmica dos conflitos e a estrutura e organização da personalidade; 3) levar em conta o maior número de informações possíveis a respeito do paciente/participante – ou seja, todo conteúdo resultante do contato – para o entendimento do material clínico; 4) buscar a compreensão globalizada do indivíduo; 5) mesmo levando o todo em consideração, selecionar os pontos centrais e nodais, ou seja, os focos de angústia e fantasias inconscientes que geram perturbações; 6) o predomínio de julgamento clínico; 7) a flexibilidade do processo diagnóstico e sua vinculação ao pensamento clínico; 8) prevalência do uso da associação livre, priorizando o emprego de procedimentos que facilitam a comunicação e o acesso ao material mental (Trinca, 1984).

O privilégio que o Psicodiagnóstico Compreensivo confere aos instrumentos que favorecem a associação livre estende-se mesmo àqueles que as solicita a partir de um tema específico relacionado ao objetivo da pesquisa. Neste último caso, busca-se conhecer os conteúdos inconscientes correspondentes à(s) questão(ões) de interesse do pesquisador. Para tanto, é necessário a existência de um *setting* apropriado para tal apreensão. No caso do estudo com grupos, esse método permite averiguar se indivíduos com características manifestas afins apresentariam também similaridades nos conteúdos latentes subjacentes a elas.

O Psicodiagnóstico Compreensivo renovou a abordagem clínica da psicologia, aproximando-a de uma visão mais humanística e permitiu que o processo de avaliação psicológica englobasse uma multiplicidade de elementos. De acordo com Trinca (1999), a vantagem desse modelo de investigação é a de poder ultrapassar uma postura individualizada, sem por isso perder a profundidade do alcance da análise dos dados. Por isso ele torna possível o estudo de grupos, mas sem qualquer pretensão de generalização dos resultados ou das conclusões. Nesse contexto, preconiza-se o controle de algumas variáveis como sexo, idade, escolaridade, nível socioeconômico, entre outras, de modo a facilitar a identificação de convergências entre os componentes do grupo. Assim, além de discernir os nexos entre os conteúdos conscientes e inconscientes de cada indivíduo, ele permite descrever as dinâmicas observadas e encontrar possíveis relações entre elas, de modo a assinalar suas semelhanças e diferenças no grupo.

Assim, esta pesquisa consistiu em uma investigação psicanalítica que incluiu a realização de avaliações psicológicas de um grupo de crianças na vertente do Psicodiagnóstico Compreensivo, sendo o instrumento principal utilizado o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, cujos resultados foram compreendidos e interpretados no contexto da teoria winnicottiana do amadurecimento emocional.

3.2 Participantes

Participaram da pesquisa 40 crianças entre 8 e 11 anos, divididas em dois grandes grupos: o do período anterior à pandemia do SARS-CoV-2 (20) e durante a pandemia (20). Posteriormente, esses grupos foram subdivididos em quatro: meninas e meninos, e crianças procedentes de escola pública e particular. É importante ressaltar que a escolha desse número de participantes teve como objetivo possibilitar a criação e subdivisão desses grupos.

Os critérios de inclusão foram: o participante ter entre 8 e 11 anos, estar cursando série compatível com a idade cronológica e ter fluidez na expressão escrita (pois na primeira fase da

coleta de dados, a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, ocorreu em grupo, sendo que as crianças eram responsáveis pela escrita da história e título das suas unidades de produção). Com o advento da pandemia do Coronavírus, foi adicionado o critério de ter acesso às mídias digitais e internet, de maneira que a coleta pudesse ser realizada a distância, por videochamada, respeitando os protocolos de segurança e o isolamento social.

Os critérios de exclusão foram a presença, na criança, de alguma psicopatologia psiquiátrica, deficiência física, motora ou sensorial, além de dificuldades de expressão oral e/ou escrita, que impedissem a aplicação do procedimento.

3.3 Instrumentos

No desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas duas ferramentas:

a) O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Trata-se de um instrumento para a avaliação compreensiva da personalidade, adaptado do Procedimento de Desenhos-Estórias proposto por Walter Trinca em 1972 (2013).

O Procedimento de Desenhos-Estórias e suas várias derivações se articulam de maneira harmônica com as proposições do Psicodiagnóstico Compreensivo pois, ao longo dos anos, ele deixou de ser apenas uma ferramenta de investigação clínica e se transformou em um recurso compreensivo mais amplo, que pode ser aplicado em diferentes contextos (área de saúde pública, clínica e pesquisa em psicanálise, área escolar, entre outros) (Trinca, 2013). Além disso, esse método se destaca por se tratar de uma prática menos rígida que possibilita uma leitura mais profunda e complexa da personalidade (Tardivo & Trinca, 2000).

Em sua forma original, ele é formado por cinco desenhos livres e, a cada um deles, segue o pedido para a criação de uma história a seu respeito, um inquérito e um título, sendo que cada conjunto desenho-história-inquérito-título constitui uma unidade de produção. O material necessário para a aplicação consiste em folhas de papel A4, caixa de lápis de cor² e lápis grafite. A vantagem desse instrumento está na sua abrangência, pois pode ser aplicado a crianças, adolescentes e adultos de diferentes níveis socioeconômicos e graus de instrução, além de ser um recurso rápido, econômico e bem acessível aos examinadores. As modificações desse formato original não alteraram a sua essência; elas apenas se ajustaram a determinadas situações ou a propósitos específicos – como o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias ou com Tema (Trinca, 2013).

² As cores utilizadas são: cinza, marrom, preto, vermelho, amarelo-escuro, amarelo-claro, verde-claro, verde-escuro, azul-claro, azul-escuro, violeta e cor-de-rosa.

Aiello-Vaisberg (2013) propôs a forma derivada do D-E denominada Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (DE-T), e Tardivo (2013) também trabalho com essa proposta e aplicação desse procedimento em grupos. A escolha deste instrumento para a presente investigação se baseou no pressuposto dos métodos projetivos de que, diante de estímulos incompletos ou pouco estruturados, o indivíduo tende a organizá-los e preenchê-los, utilizando elementos inconscientes de sua personalidade; com isso há lugar para a expressão de conteúdos psíquicos emocionalmente significativos. Assim, esse utensílio favorece a ocorrência das associações livres e facilita a comunicação emocional entre pesquisador e participante.

O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema foi utilizado em diversos trabalhos - em contextos clínicos e de pesquisa -, ofertando um rico material de consulta e conhecimento. Alguns estudos revelaram a sua fecundidade por conta dos seus resultados altamente significativos em termos clínicos e para a exploração de conteúdos relacionados a vários objetivos, como a compreensão das representações de crianças em contextos diversos, como o hospitalar e escolar (Martão, 2013; Gomes, Amador & Collet, 2012; Ribeiro, Oliveira, Coutinho & Araújo, 2007; Ribeiro & Pinto Junior, 2009).

Tardivo (2005) utilizou o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em seu trabalho com adolescentes como um mediador da comunicação e aproximação; ela concluiu que o instrumento facilitou entrar em contato com a dor e o sofrimento desses jovens em diferentes situações. A introdução de um tema na(s) unidade(s) de produção possibilita a criação de um *setting* que encoraja o aparecimento de conteúdos relacionados ao objetivo da pesquisa, ou seja, à questão selecionada. No caso da presente investigação, a escolha da temática “o que uma criança tem medo hoje” funcionou como uma pergunta disparadora criadora de um enquadre propício para o campo de estudo. Desse modo, como afirmaram Aiello-Vaisberg e Ambrosio (2013), a produção manifesta permitiu a expressão subjetiva, individual ou coletiva, estabelecendo um contato com a dinâmica psíquica do indivíduo ou do grupo, que é posteriormente analisada de modo a identificar a comunicação de seu sentido latente pela pessoa.

b) A plataforma de videochamada do *WhatsApp*. A inclusão desta ferramenta ocorreu devido à necessidade de dar seguimento a coleta de dados no momento da pandemia do SARS-CoV-2 e garantir a segurança do distanciamento social; assim, permitiu o contato seguro com os participantes e seus responsáveis. Além disso, o *Whatsapp*, por funcionar com videochamadas criptografadas, garante o sigilo necessário ao procedimento.

3.4 Procedimentos

Inicialmente, o projeto foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. O primeiro passo consistiu no início dos contatos com as escolas, tanto públicas quanto particulares, para apresentar o projeto, com o objetivo de obter autorização para a coleta de dados em suas dependências. Esse aceite foi formalizado por uma carta (ANEXO A e B), também submetida ao CEP.

Ao final dessa etapa e com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (ofício nº 04650818.3.0000.5407), foi requisitado aos diretores dos estabelecimentos de ensino que entrassem em contato com os pais ou responsáveis pelos potenciais participantes, segundo os critérios de inclusão e exclusão. Os diretores apresentaram o projeto para eles, convidando-os a compartilhar um meio de contato para interações futuras com a pesquisadora, caso aceitassem a participação, e entregando-lhes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – ANEXO C). Aqueles que autorizaram a participação do filho no estudo assinaram o termo e o enviaram à pesquisadora por intermédio da escola, ficando com uma cópia para si, segundo orientação prévia.

Com a autorização assinada, foi acordado com a diretoria da escola e com os pais o dia para a coleta de dados. A data foi determinada de maneira que não prejudicasse o andamento das atividades escolares, bem como a participação das crianças em aula. No dia agendado, a atividade ocorreu em sala de aula vazia da instituição; as crianças foram divididas em 2 grupos, com 5 participantes cada (tanto na escola pública quanto na escola particular), considerando a série que estavam cursando³. Antes de iniciar a aplicação do Procedimento de Desenhos Estórias com Tema, foi realizada a apresentação da pesquisadora, seguida pela leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – ANEXO D); após o aceite das crianças, foi dado início a coleta. Houve uma rodada de apresentação das crianças, para estabelecer o *rapport* e identificar possíveis desconfortos que pudessem surgir com a dinâmica prevista na coleta de dados. O material necessário para a aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema era disposto na mesa que a criança ocupava (que eram carteiras individuais da sala de aula), fornecido pela própria pesquisadora. Assim, deu-se início ao pedido da unidade de produção, instruindo os participantes a desenhar algo sobre “o que uma criança tem medo hoje”.

³ A coleta de dados em escola pública foi realizada por uma pesquisadora do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, com experiência na aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema.

Ao finalizar o desenho, solicitava-se a escrita da história no verso da folha, com um título⁴. Os participantes foram convidados a apresentar as suas unidades de produção para o grupo, de forma a serem discutidas com a pesquisadora e os demais colegas. O ponto inicial da discussão era a forma como a criança tinha se sentido ao realizar a tarefa. Para aqueles que não quiseram apresentar, foi oferecido um momento individual de conversa com a pesquisadora, quando a criança conseguiu contar a respeito de sua produção.

A coleta de dados tinha o seu término previsto para março de 2020; porém, com a pandemia do Coronavírus, foi necessário realizar uma mudança significativa, e a pesquisadora precisou adaptá-la para uma forma totalmente online, utilizando a plataforma de vídeo do *WhatsApp*, de modo a que ela pudesse ter seguimento. Isso ocorreu devido ao decreto das medidas de segurança que fecharam as escolas e impuseram o distanciamento social como medida de proteção para reduzir a propagação do vírus. Essa situação levou a uma modificação também na forma de estabelecer contato com os participantes, que passou a ocorrer pelo método chamado de bola de neve. Ele consiste em uma amostragem não probabilística, em que se entra em contato com informantes-chaves, buscando um perfil de pessoas compatível com a pesquisa, que indicarão outras pessoas de seu conhecimento, até chegar ao número necessário de participantes (Vinuto, 2014).

Além disso, esse novo contexto comprometeu o prosseguimento da coleta em grupo, que passou a acontecer de forma individual, considerando que os grupos online poderiam ser dificultados pela qualidade da internet. Diante desse cenário, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa um pedido de emenda (ANEXO E), explicando a necessidade dessas adaptações para dar continuidade à coleta. Nessa solicitação foram incluídos os cuidados éticos que seriam tomados nessa nova situação, além de um novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO F) e também de assentimento (ANEXO G), adaptado ao procedimento de forma remota. Após a aprovação pelo Comitê, optou-se por divulgar a pesquisa em redes sociais e estabelecer o contato com os possíveis interessados. Foram encerrados assim os contatos com as escolas para não sobrecarregar ainda mais os profissionais, considerando que a adaptação do ensino a distância era algo de novo e de fundamental importância, que demandava muito tempo e cuidado por parte das instituições.

A partir daí, os pais e responsáveis interessados entraram em contato com a pesquisadora e foi agendada uma conversa inicial de forma remota. Nessa conversa, o estudo era apresentado com mais detalhes e os pais recebiam o novo TCLE. Após assinado, este era

⁴ Importante ressaltar que a coleta em grupo não possibilitou o inquérito.

reenviado para a pesquisadora e, então, agendava-se a data da coleta com a criança. Também se instruía aos cuidadores os materiais que deveriam ser utilizados para a realização das unidades de produção.

No dia combinado, o contato com a criança era realizado por videochamada. Primeiramente, a pesquisadora se apresentava e pedia que a criança se apresentasse também; depois, era lido o novo Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, que explicava a proposta da atividade online. Com a concordância da criança, era iniciada a coleta, com a instrução para o desenho de “o que uma criança tem medo hoje”. A pesquisadora aguardava, deixando livre se o participante quisesse conversar durante a atividade ou não. Ao finalizar o desenho, ele apresentava a sua criação e era solicitada a história, seguida pelo título. Nesse formato, a própria pesquisadora escrevia a história e o título enquanto a criança a contava. Outra mudança foi a possibilidade de realizar o inquérito nessa nova forma de aplicação do procedimento, o que possibilitou uma conversa mais extensa após a produção. Ao final da coleta, os responsáveis enviaram uma foto do desenho pelo *WhatsApp* ou pelo e-mail. Com isso, houve a chance de transcrever as sessões de coleta de dados individuais (ANEXO H). Após o encerramento da coleta os dados foram organizados de modo que as crianças foram divididas entre os grupos do período anterior e durante a pandemia, meninas e meninos, de escola pública e particular.

3.5 Análise de dados

Cada unidade de produção foi analisada individualmente. As unidades de produção foram analisadas de acordo com o método da livre inspeção do material (Trinca, 1984). Esse método permite que o conteúdo relacionado a qualquer fenômeno humano ganhe sentido quando considerado como um todo, sem prevalecer interpretações parciais (Barbieri, 2010). Para isso, o pesquisador/psicólogo assume uma função de catalisador, ou seja, ele é responsável por metabolizar as informações obtidas, atividade que envolve um preparo tanto teórico quanto prático, e que permite entrar em contato com os fenômenos mentais do participante/paciente. Dessa forma, é possível uma visão mais ampla e dinâmica do indivíduo, levando em conta a sua singularidade, bem como seus conflitos e suas experiências culturais e sociais, integrando partes da personalidade, com seus conteúdos manifestos e latentes. (Trinca, 1984).

As análises das unidades de produção pelo método da livre inspeção ocorreram no contexto compreensivo da teoria winnicottiana do amadurecimento emocional, buscando entender os sentidos atribuídos pelos indivíduos ao fenômeno estudado, considerando o seu contexto e a sua individualidade. A partir dessa análise, cada unidade de produção foi

classificada nas categorias de um roteiro definido pela pesquisadora, a saber: conteúdo relacionado ao tema (o que provoca o medo) e a natureza deste (real ou fantasiada); quem eram os personagens e suas características (positivas, negativas, neutras e quais); angústias dominantes (perda do objeto, aniquilação, outras); necessidades expressas; mecanismos de defesas empregados para o controle da angústia, neurótica ou psicótica (Levin, 2006); a qualidade do funcionamento defensivo (totalmente eficaz, parcialmente eficaz ou ineficaz); quem compunha o meio externo da criança; papel do meio no auxílio à elaboração da angústia (favorável, desfavorável, indiferente ou ausente); e capacidade de elaboração da angústia definida pelo desfecho da história (total, parcial ou ausente).

Após as análises das unidades de produção individuais, seguindo o processo metodológico da pesquisa em psicanálise proposto por Trinca (1999), foram redigidas sínteses relativas às produções das crianças em cada grupo definido, havendo posteriormente uma contraposição delas, duas a duas: período anterior e durante a pandemia, meninos e meninas, crianças procedentes de escola pública e particular. Desse modo foi possível identificar as similaridades e particularidades dos medos infantis de acordo com diferentes características e contextos de pertinência da criança.

3.6 Aspectos éticos

O trabalho respeitou as exigências das normas éticas de pesquisa com seres humanos, da resolução CNS n° 499/12 e a n° 510/16, seguindo-as durante todas as suas etapas. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e, apenas após a aprovação, as atividades foram iniciadas.

A colaboração dos pais/responsáveis foi formalizada pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO C e F), momento em que lhes foi explicado que a identificação dos participantes seria preservada e que eles poderiam desistir a qualquer momento do processo, sem que houvesse nenhum tipo de penalidade. Essa explicação também foi oferecida à criança através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (ANEXO D e G), adaptado em linguagem adequada às suas capacidades de compreensão. Além disso, a pesquisadora se mostrou disponível para acolher a criança e sua família em qualquer etapa da pesquisa, oferecendo apoio psicológico caso houvesse algum incômodo ou desconforto decorrente da entrevista e/ou coleta. É importante ressaltar que todos os pais e/ou responsáveis

concluíram o processo e não solicitaram ajuda posterior, nem apresentaram sinais de sofrimento psíquico que pudessem demandar atendimento psicológico.

4 RESULTADOS

Conforme descrito na seção do método, as produções das 40 crianças foram divididas em dois grupos: anterior e durante o período da pandemia do SARS-COV-2, variando com isso também a forma da coleta de dados, presencial ou online, respectivamente. Posteriormente, cada um deles foi subdividido em quatro subgrupos, de acordo com o sexo e procedência escolar: meninas, meninos, crianças de escolas públicas e privadas. Os relatos da coleta de dados durante a pandemia constam no final desta dissertação (ANEXO H), bem como todos os desenhos das crianças em tamanho ampliado (ANEXO I). A tabela a seguir apresenta um resumo da composição dos grupos, acrescido da idade de cada participante.

Tabela 1 – Dados dos participantes.

Participante⁵	Idade	Sexo	Escola	Período da coleta	Forma de coleta
Bianca	8	Feminino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Helena	8	Feminino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Marina	8	Feminino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Raquel	8	Feminino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Vanessa	8	Feminino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
André	8	Masculino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Caio	8	Masculino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Felipe	8	Masculino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Leonardo	8	Masculino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Otávio	8	Masculino	Pública	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Alice	9	Feminino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Camila	8	Feminino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Eduarda	10	Feminino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Fernanda	9	Feminino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Isabela	9	Feminino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Daniel	9	Masculino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial

Continua

⁵ Todos os nomes utilizados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

Continuação

Participante	Idade	Sexo	Escola	Período da coleta	Forma de coleta
Eduardo	8	Masculino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Fábio	10	Masculino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Gabriel	9	Masculino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Henrique	9	Masculino	Particular	Anterior à pandemia	Grupo - Presencial
Júlia	9	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual - online
Larissa	8	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Natália	10	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Olívia	8	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Priscila	10	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Sofia	8	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Tatiana	10	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Flávia	9	Feminino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Amanda	8	Feminino	Pública	Período da pandemia	Individual – online
Carolina	8	Feminino	Pública	Período da pandemia	Individual – online
Isaac	11	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Júlio	8	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Matheus	8	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Paulo	8	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Samuel	8	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Vinícius	10	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual - online
Alexandre	10	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Carlos	8	Masculino	Particular	Período da pandemia	Individual – online
Leandro	9	Masculino	Pública	Período da pandemia	Individual – online
Rafael	11	Masculino	Pública	Período da pandemia	Individual - online

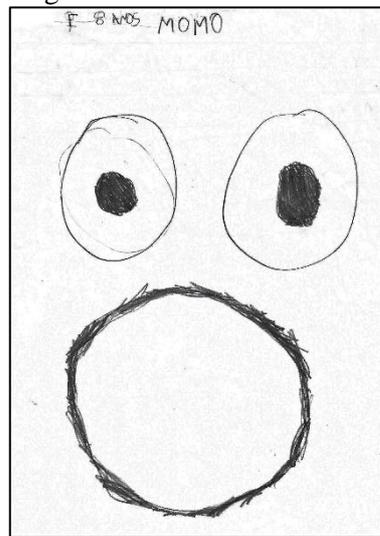
Os grupos foram compostos da seguinte forma: no período anterior à pandemia participaram 20 crianças, sendo 5 meninas de escola pública (1), 5 meninas de escola particular (2), 5 meninos de escola pública (3) e 5 meninos de escola particular (4); durante a pandemia, novamente participaram 20 crianças, divididas em: 8 meninas de escola particular (5), 2 meninas de escola pública (6), 8 meninos de escola particular (7) e 2 meninos de escola pública

(8). É importante ressaltar que a diferença entre os números de alunos de escola pública e particular mudou significativamente nos períodos antes e durante a pandemia, situação que estava relacionada à dificuldade de acesso à internet por parte de grande parte da população.

4.1 Meninas (Escola Pública) – Pré-Pandemia

4.1.1 Bianca (8 anos)

Figura 1 – Desenho da Bianca



História: “Era uma vez uma criança que odiava tudo, até que um dia ela caiu no *boeiro* e *adoeceu*. E virou um monstro, a Momo...! Que assunto de terror!”⁶

Título: “Momo⁷ – a história de arrepiar”

A produção de Bianca referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema pedido, na qual contou-se uma história a respeito da personagem escolhida. Esse medo expresso foi o da Momo e a natureza da produção foi baseada em elementos da fantasia que invadem uma realidade; mas Bianca consegue discriminar essa diferença pois criou um contexto como se estivesse se referindo a um filme (faz uma plaquinha escrita “já nos cinemas” no papel em que escreve a história). Assim, reduziu o teor persecutório ao apresentar sua produção como uma ficção e conseguiu estabelecer uma distância entre si mesma e o conteúdo.

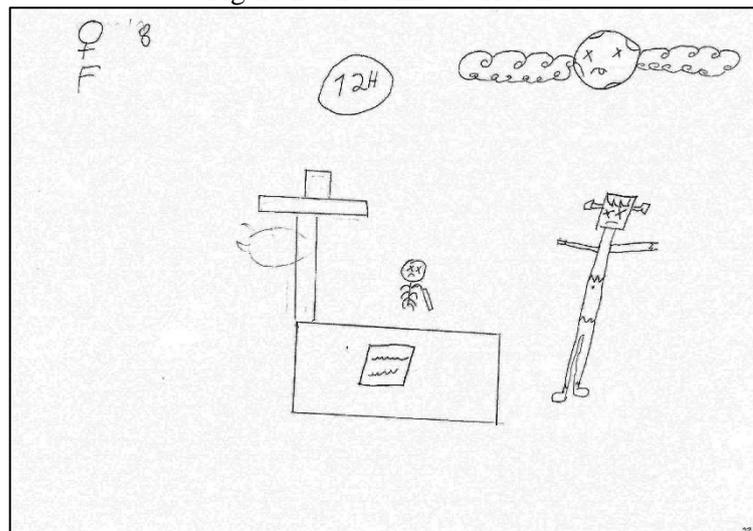
⁶ A história foi reproduzida da mesma maneira como a criança escreveu, mantendo as palavras com as grafias incorretas.

⁷ Personagem que circulou na internet utilizando a imagem de uma obra de arte japonesa, sendo inserida em vídeos para crianças, com falas ameaçadoras.

O ódio é visto como capaz de conduzir a criança a experimentar uma angústia impensável (cair no bueiro e virar um monstro), havendo, assim, uma necessidade de proteção e de continência. A angústia predominante foi persecutória, de cair e de ser invadida, mas pode ser vivida em um contexto mais neurótico que psicótico pela distinção possível entre fantasia e realidade. A história adiciona elementos à UP, que remetem a um terror e reafirmaram o teor persecutório das angústias de Bianca (cair e tornar-se um monstro). As defesas empregadas contra essas angústias foram mais neuróticas, que pareceram funcionar razoavelmente bem, dada a presença de um maior sentido de realidade, que permitiu à criança se afastar do objeto temido (ao transformar a Momo em uma personagem de um filme de terror).

4.1.2 Helena (8 anos)

Figura 2 – Desenho da Helena



História: “Era meia noite no *simitério*, tinha uma *caveira* com uma faca na mão, passando manteiga no pão...!”

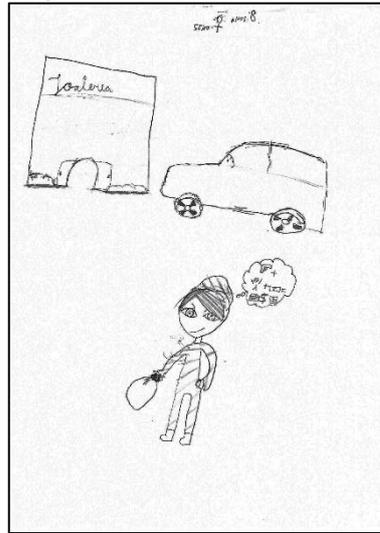
Título: “A caveira assustadora”

A produção de Helena referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema pedido, contando uma história que era uma brincadeira com uma conotação fantasiosa. O medo expresso foi da caveira, que no contexto assumiu um teor fantasioso, fazendo parte da brincadeira. As características negativas, dessa maneira, foram banalizadas pelo teor humorístico do conjunto da produção, o que pareceu ser uma tentativa de reduzir a angústia ocasionada pela tarefa. O ambiente pareceu neutro, com necessidade de proteção menos acentuada. Assim, a angústia predominante foi a de aniquilação, com o medo

manifesto da caveira e do cemitério; mas as defesas neuróticas empregadas funcionam de forma bem-sucedida.

4.1.3 Marina (8 anos)

Figura 3 – Desenho da Marina



História: “O ladrão dá muito medo porque ele *asauta*, mata e rouba. Quando eu estou num lugar que eu não conheço, eu fico com muito medo”.

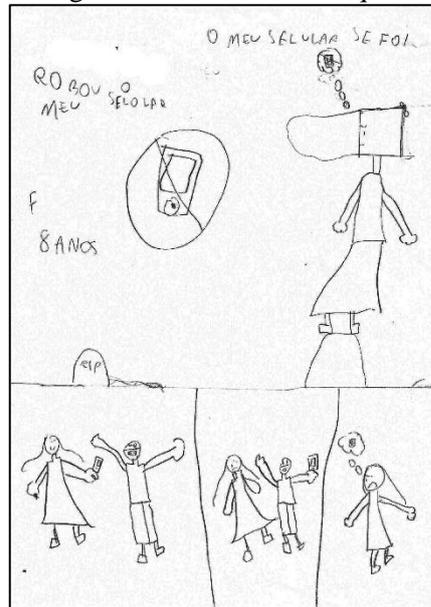
Título: “Ladrão em fuga”

A produção de Marina referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar uma história com um conteúdo mais particular. Esse medo expresso foi o do ladrão, havendo uma ênfase nessa figura, que foi referida no masculino na história, mas parece ter características femininas no desenho. Essa ambiguidade pode sugerir que temor de figuras externas assustadoras se trata, na verdade, de uma projeção de um desejo de se apropriar de conteúdos valiosos guardados em um continente (possivelmente corpo da mãe - joalheria).

Mesmo assim, a projeção foi realizada sobre uma figura do mundo real compatível com o conteúdo ejetado, conferindo ao medo uma característica realista, com o uso de elementos cotidianos assustadores (roubo e assassinato). A história teve um contexto muito agressivo (o ladrão além de roubar, mata) e a vítima não tem defesa. Dessa forma, o ambiente externo pareceu desfavorável com elementos persecutórios ao seu redor e a criança expressa necessidade de proteção. A angústia predominante é persecutória, contra a qual são empregadas as defesas mais psicóticas, que funcionam de maneira parcialmente eficazes.

4.1.4 Raquel (8 anos)

Figura 4 – Desenho da Raquel



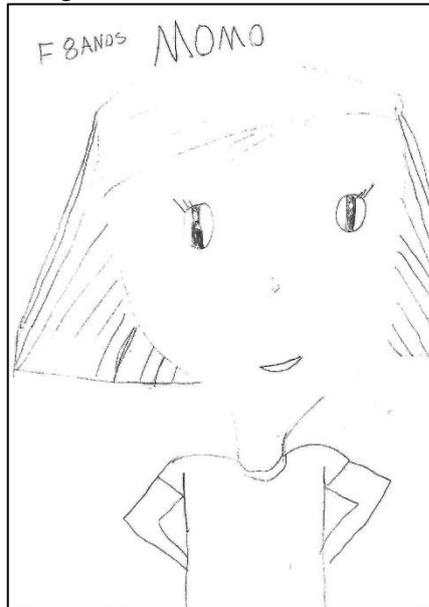
História: “Um dia eu estar com o meu *selular* na mãe e *vin* um ladrão e roubou meu celular”.

Título: “O celular roubado”

A produção de Raquel referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, no formato de uma história em quadrinhos. O medo expresso foi do ladrão, que carregou toda a carga negativa e foi o ator que retirou o objeto da menina, enquanto ela não expressou defesa e demonstrou frustração e imobilidade. Dessa forma, demonstrou um sentimento de impotência diante das ameaças externas, além de uma imagem de si mesma como frágil. Em termos simbólicos, o ladrão retira da menina o seu objeto de comunicação com o mundo, o celular, símbolo da mãe que fazia a mediação entre ela e a realidade em um momento anterior da sua vida (ver o ato falho na escrita da garota). Nesse contexto, o meio externo é visto como desfavorável e assustador, podendo privá-la de coisas importantes. Por isso, existe uma necessidade de proteção, pois ela se encontra sozinha em momento de perigo. A angústia predominante foi a de perda do objeto, com defesas neuróticas, parcialmente eficazes.

4.1.5 Vanessa (8 anos)

Figura 5 – Desenho da Vanessa



Idade: 8 anos

História: “A Momo é uma mostra que assusta crianças na *internet*”.

Título: “Momo”

A produção de Vanessa referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. A história contada foi em formato de descrição da figura que a assusta, com medo expresso foi o da Momo, com grande destaque à ambiguidade entre a história e o desenho: a primeira conferiu uma característica assustadora a uma imagem de aparência indefesa. Dessa maneira, pareceu haver um mal encoberto por uma aparência de brandura, o que aumentou a necessidade de vigilância. O meio se apresentou como desfavorável e a criança manifestou necessidade de proteção. A angústia predominante é de natureza persecutória, combatida por meio de defesas mais psicóticas (ao atribuir expressão dócil à personagem), que são parcialmente eficazes.

4.2 Meninas (Escola Particular) – Pré-Pandemia

4.2.1 Alice (9 anos)

Figura 6 – Desenho da Alice



História: “Era uma vez uma menina que tinha medo de escorpião e um dia ela *tava* passeando na floresta e aí ela começou a gritar e aí ela nunca mais foi a floresta”.

Título: Ausente

A unidade de produção de Alice referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, em que ela expressou o medo de escorpião, que se relacionou a um objeto real. Foi projetada uma angústia de ser envenenada, atacada de surpresa por algo do ambiente: ao realizar uma atividade prazerosa (passear), essa foi interrompida por um ataque externo (o escorpião), que colocou em risco a própria vida. É importante ressaltar como a figura do escorpião teve quase o mesmo tamanho da menina, sinal de como ela se sente pequena e impotente diante dessas ameaças externas.

Essa produção pareceu retratar uma angústia de aniquilação. Assim, seu movimento prazeroso foi interrompido de surpresa, o que a paralisou e bloqueou, gerando uma ausência de perspectiva de como agir no mundo e de expressar-se. Nesse sentido, foi possível observar o emprego de defesas mais neuróticas, que funcionaram de forma pouco eficaz, pois ocasionou perdas (nunca mais foi à floresta), além de um sentimento de solidão, em um meio ausente. A sensação experimentada foi a de desamparo, sem um ambiente de apoio e uma medida de proteção de modo a segurar a expressão pulsional.

4.2.2 Camila (8 anos)

Figura 7 – Desenho da Camila



História: “Era uma vez uma menina que estava dormindo e de repente viu um fantasma e ela começou a chorar, a pobre coitadinha. Ela voltou a dormir e o medo sumiu!”

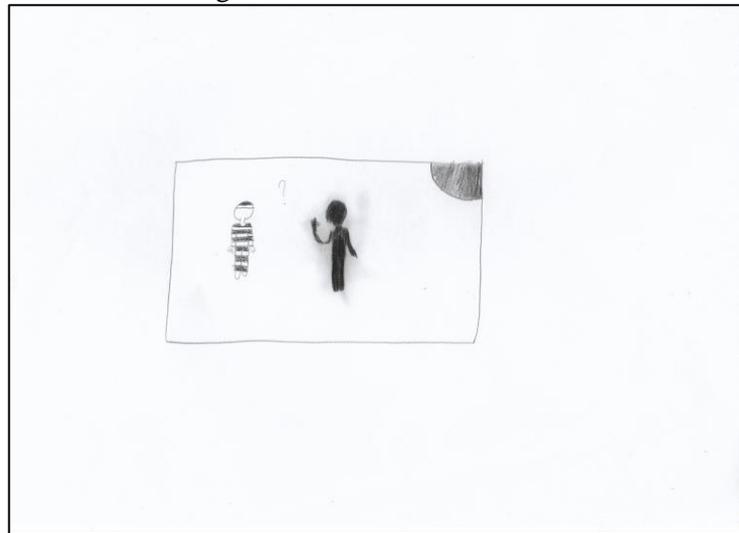
Título: “A menina e o fantasma”

A unidade de produção de Camila referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. Esse medo expresso foi do fantasma, um personagem imaginário, que fez oposição à figura amorosa da menina (cercada dos corações); nesse sentido, o primeiro assumiu a projeção dos aspectos agressivos, ficando com as características negativas. Em função desses mecanismos projetivos, a menina pareceu tornar-se desamparada e indefesa.

A produção sugere que Camila experimenta um sentimento de solidão, sem ter perspectiva de ajuda externa, de forma que teve que arranjar-se sozinha com o seu medo. Não há confiança de que alguém possa vir em seu socorro, se necessário. Assim, foi possível observar uma angústia persecutória acompanhada de falta de continência ambiental, em que o meio não satisfaz suas necessidades, havendo um distanciamento afetivo em relação as figuras de cuidado. Nesse cenário, a única possibilidade é a fuga (dormir); por isso houve o emprego de defesas mais psicóticas, em que a menina sente que precisa lidar com o terror dos fantasmas (angústias internas) sozinha, que a atacam e, como ela não sabe se terá defesa, teme que possam interromper a sua continuidade da existência.

4.2.3 Eduarda (10 anos)

Figura 8 – Desenho da Eduarda



História: “Quando eu era pequena, meu pai era um pai perfeito, mas ai ele começou a beber, sempre chegava em caça gritando e brigando com a minha mãe. Daí a minha vida virou o inferno na terra, não só a minha como a da minha família. Meus pais se separavam, eu amava ele mas sabia enquanto ele fazia mal a minha família”.

Título: “Medo do pai”

A unidade de produção referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com uma história real de sua vida: o medo dos ataques e da agressividade do pai. Ela começou a tarefa com uma tentativa de desenhar um homem desconhecido, que era uma figura de que tinha receio. Mas, ao pensar melhor, se lembrou da história do pai e de como isso a afetou, mudando sua produção. Em seu relato, o pai se tornou um estranho e ela perdeu a confiança que tinha nele; no seu lugar, apareceu um outro transmutado, que é uma figura assustadora.

Assim, foi possível observar uma angústia de perda do objeto, especialmente da perda do bom objeto inicial: o pai carinhoso. Os sentimentos em relação a ele foram ambivalentes, sendo que o amor apenas pode ser preservado por conta da distância imposta no contato. No entanto, o meio correspondeu às suas necessidades de proteção através da separação do casal parental, que impôs limites ao contato e controlou os malefícios futuros. As defesas empregadas foram neuróticas, que se mostraram relativamente eficazes, com a imposição de limites.

4.2.4 Fernanda (9 anos)

Figura 9 – Desenho da Fernanda



História: “Eu tenho muito medo de meus pais se separarem”.

Título: Ausente

A unidade de produção de Fernanda referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com um formato descritivo, de maneira mais bruta, referindo-se a ao temor de um evento real, que é uma virtual separação dos pais. A angústia expressa estava relacionada aos conteúdos edípicos, em que a separação do casal refletia em uma perda para Fernanda. O caráter mais realista do medo caracterizou uma separação clara das fronteiras do ego, a distinção afirmada entre o eu e o outro. Isso demonstrou um ambiente que, mesmo eventualmente sentido como turbulento, possibilitou a Fernanda se reconhecer como indivíduo e internalizar as presenças de suas figuras de cuidado, com o emprego de defesas mais neuróticas.

4.2.5 Isabela (9 anos)

Figura 10 – Desenho da Isabela⁸

História: “Eu ouço espíritos andando nesse cemitério”.

Título: “Cemitério assombrado”

A unidade de produção de Isabela referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com o temor expresso foi o dos espíritos no cemitério; mas Isabela não chegou a essa produção de imediato. Ela apresentou certa resistência ao iniciar, fazendo um primeiro desenho que descartou, em que representou uma área escura, com um homem segurando uma faca e ameaçando cortar cabeças. Assim, existiu um medo da violência sexual e uma angústia de aniquilação, representada pela

⁸ O segundo desenho foi descartado pela participante. Sua inserção no trabalho é apenas para contextualizar seu comportamento durante a coleta.

decapitação e o temor de sofrer uma lesão genital que comprometesse a sua integridade física e emocional.

Desse modo, no primeiro, houve o medo de sofrer um abuso sexual e do que isso poderia provocar nela. A angústia intolerável a conduz a uma regressão e o caráter fóbico se transformou em persecutória, com a possibilidade de ataque menos diretos, mas mais insidiosos, com defesas mais psicóticas.

4.3 Meninos (Escola Pública) – Pré-Pandemia

4.3.1 André (8 anos)

Figura 11 – Desenho do André



História: "Essa criança é uma criança que nasceu pensando como seria a vida, pensando se tem algum jeito de sair dela, pensando o que teria nela ao crescer. Ficou com medos, broncas, penhasco, it a coisa e assalto".

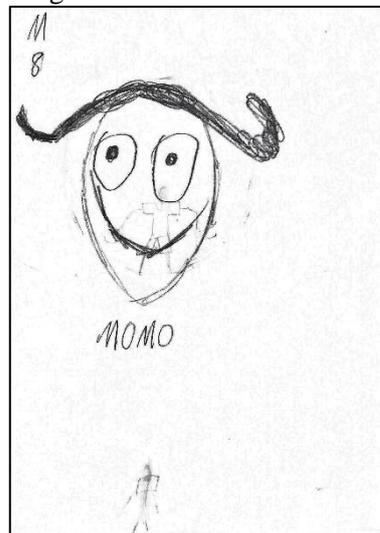
Título: "A criança que nasceu pensativa"

A produção de André referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, correspondeu à proposta, apresentando diversos elementos para ilustrar seus medos. Assim, André apresentou muitos conteúdos, refletindo como o tema foi gerador de angústia, com a presença de situações reais cotidianas, de exigências e ameaças (como a bronca e o assalto), bem como fantasias (It). Assim, foi possível perceber a existência de ameaças à autoestima, à integridade física e à integração egoica. Na produção não houve possibilidade de contar com o meio, que foi sempre

desfavorável ou ausente, e a necessidade expressa foi a de proteção. As angústias foram variadas, predominando a de aniquilação, com emprego pouco eficaz dos mecanismos de defesa mais neuróticos para enfrentá-las. Assim, ele pareceu empregar o pensamento como arma para prever, controlar e se preparar diante dos obstáculos expostos. É necessário considerar a intensidade marcante da angústia desse garotinho, que parece estar inseguro nas mais variadas situações de sua vida, levando-o mesmo a questionar se ela ainda valia a pena (o personagem pensa se tem algum jeito de sair da vida), já que o futuro (com o seu crescimento) não parece muito promissor.

4.3.2 Caio (8 anos)

Figura 12 – Desenho do Caio



História: “A história da boneca Momo foi por causa dos *hacks* e eles inventaram para matar crianças pelo celular”.

Título: “Momo”

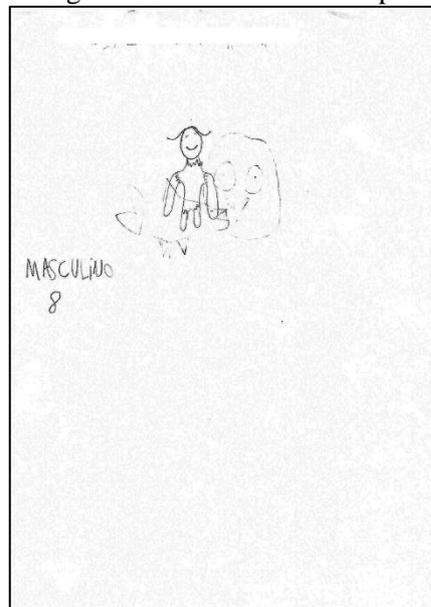
A produção de Caio referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto, apresentando a Momo como personagem principal. O tema eleito para a representação não permaneceu somente no nível da fantasia, mas indicou uma invasão da realidade representada por um temor concreto da personagem e da sua ação impiedosa por meio dos hackers (nos meios digitais). Assim, a realidade hostil se introduz no mundo interno da criança, atuando como um mau objeto que o obriga a agredir a si mesmo⁹. Assim, os hackers

⁹ Os vídeos da Momo eram compostos por conteúdos que induziam a criança a cometer atos de autoagressão e, até mesmo, o suicídio.

agiriam como um elemento que desfaz as fronteiras entre o eu e o mundo, promovendo a regressão e intensificando a angústia, porque destroem a capacidade de simbolização. Assim, o meio exterior, por essa possibilidade, é visto como desfavorável, invasivo e hostil, com a criança necessitando ser dele protegida. A angústia predominante foi, portanto, de natureza persecutória (temor de ser invadido e destruído pelos objetos externos), com temores relacionados à perda das capacidades de integração e personalização. A defesa empregada para combater a angústia foi mais psicótica que funciona de forma pouco eficaz, visto que o conteúdo projetado retorna depois sobre a criança.

4.3.3 Felipe (8 anos)

Figura 13 – Desenho do Felipe



História: "Uma menina, os pais dela *obrigarada* a casar com um menino, e ela não queria. Então ela se mudou para França e ela *moreu de pernaubolia* e, com raiva, ela reviveu em um corpo *i* uma boneca *amaudisuou* a casa para sempre".

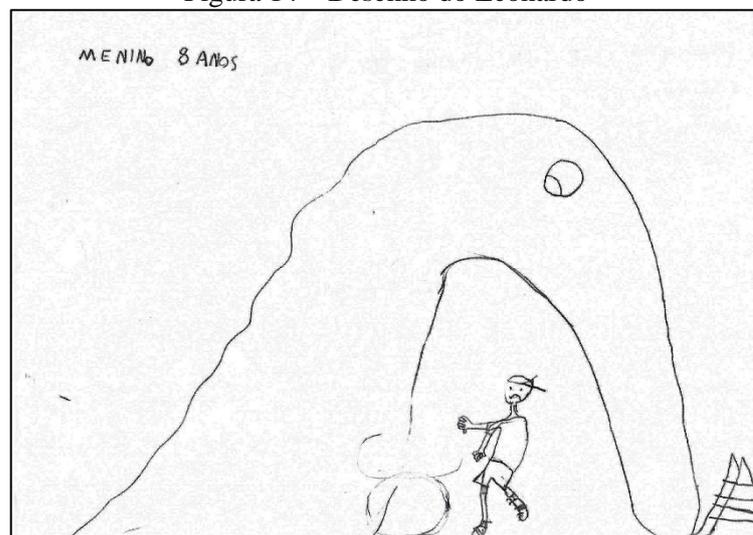
Título: "Anabelle"

A unidade de produção de Felipe referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. O conteúdo apresentou características de angústia do tipo persecutório, em que a personagem fugiu de um destino infeliz, mas morreu e reviveu de uma forma desvitalizada ao assumir a forma de uma boneca que assombrava uma casa. Os personagens assumiram características negativas, a começar pelos pais com sua atitude castradora ao obrigarem a filha a casar com alguém que ela não queria. O distanciamento dos

pais (ir morar na França) não diminuiu o ódio a eles dirigido, que foi então voltado contra si mesma (ela morreu de pneumonia). Esse desfecho alimentou ainda mais o ódio endereçado aos pais e a personagem voltou para se vingar, inserindo-se no corpo de uma boneca que assombra a casa eternamente. É importante ressaltar que a história do filme que inspirou a produção foi diferente da história contada pela criança¹⁰, que utilizou de forma mais pessoal e valeu-se do símbolo da boneca como um artefato de terror. Na sua produção, os pilares do ego se desfazem, havendo confusão entre objetos animados e inanimados, morte e vida, e diluição das capacidades de personalização e de simbolização. O meio foi descrito como totalmente desfavorável e castrador, com a presença da necessidade de proteção. A angústia persecutória, manifesta no medo do ataque do objeto como vingança, foi combatida por mecanismos de defesas mais psicóticos. No entanto, a criança parece oferecer contorno de qualquer maneira a essas vivências mais regressivas, visto que a característica fantasiosa do relato permanece circunscrita ao filme, uma obra de ficção e não uma história real. Portanto, a regressão expressa parece ser simplesmente pontual.

4.3.4 Leonardo (8 anos)

Figura 14 – Desenho do Leonardo



História: “Era uma vez um menino super-rápido. Estava treinado para uma corrida. No meio do treino um monstro *ingoliu* o garoto e o garoto morreram”.

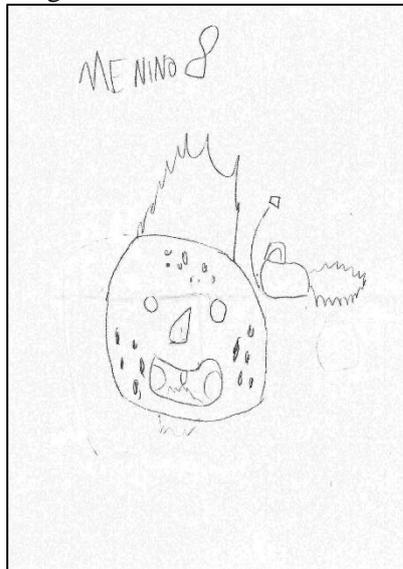
Título: “O garoto morto”

¹⁰ Na história do filme “Anabelle”, a boneca é um objeto apreciado no início, que ao ser incluída em um ritual satânico, recebe uma entidade maligna que passa a habitá-la.

A produção de Leonardo referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com elementos proibitivos, castradores e uma natureza fantasiosa. O menino pareceu ter o exercício de suas pulsões criativas interrompido por um monstro com papel castrador. O meio, portanto, é visto como desfavorável, porque interrompe seu desenvolvimento, em um contexto que ele demonstrou uma necessidade de proteção. A angústia predominante foi de aniquilação, sendo a defesa empregada neurótica que funcionou de maneira parcialmente eficaz, pois na conclusão de sua história ele fica preso pelo monstro, sem chances de flexibilizar a situação.

4.3.5 Otávio (8 anos)

Figura 15 – Desenho do Otávio



História: “Eu tenho medo do *Dheizon* porque ele usa uma serra *elédrica*”.

Título: “*Dheizon*”¹¹

A produção de Otávio referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, contada como uma descrição, bem pontual, composta de apenas uma frase. Mesmo sendo mais direto na sua criação, Otávio conseguiu recorrer a uma figura culturalmente bem conhecida que não exige tanta explicação. A criação foi fantasiosa, pois referiu-se a um personagem fictício, que é uma figura humana, mas extremamente desvitalizada pelo poder destrutivo e uso de máscara (não tem um rosto). O meio se mostrou desfavorável e carente de proteção, com elementos muito desvitalizado e

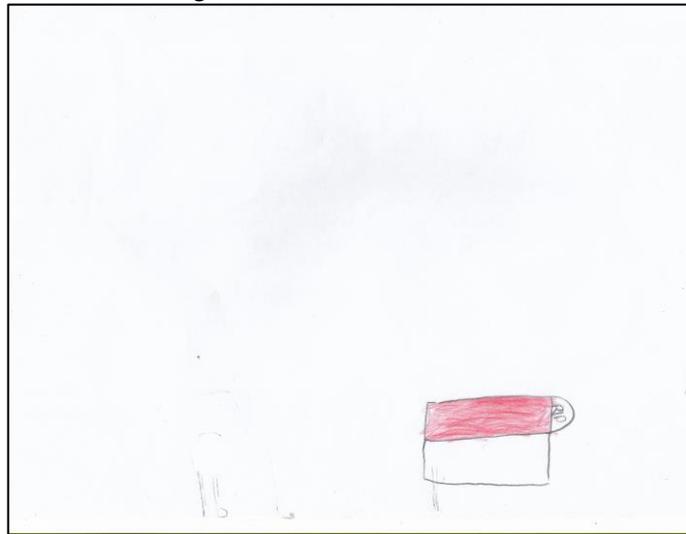
¹¹ Jason – personagem de filme de terror.

desumanos, além de perigosos. Manifesta uma angústia de aniquilação (desmembramento – temor de perder algo de si, que não é definido na UP) colorida por elementos pré-genitais persecutórios de natureza sádico-oral, contra a qual as defesas empregadas parecem ser mais psicóticas.

4.4 Meninos (Escola Particular) – Pré-Pandemia

4.4.1 Daniel (9 anos)

Figura 16 – Desenho do Daniel



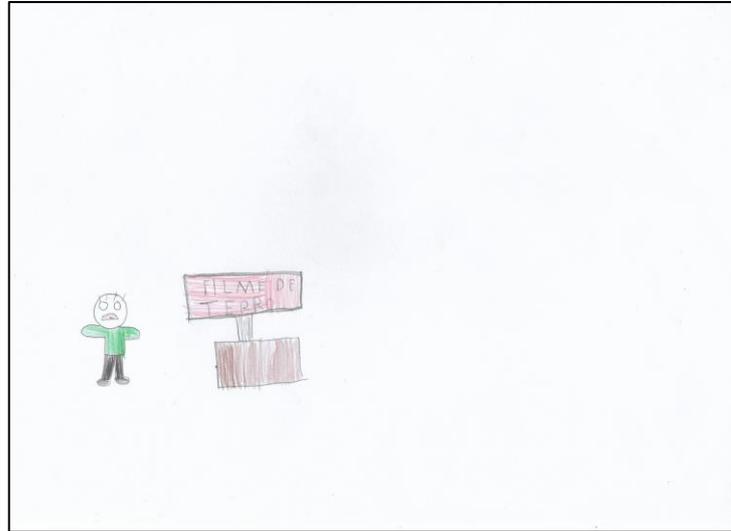
História: “Morri”.

Título: Ausente

A produção de Daniel referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, afastando-se do pedido com um pouco de resistência de realizar a tarefa (inclusive sua recusa a dar um título a criação), apresentando apenas um verbo, uma palavra intensa que se referiu ao temor da morte. A natureza foi real, com um meio externo ausente na unidade de produção. Assim, Daniel pareceu desamparado diante de uma angústia muito grande para assumir sozinho, expressando uma necessidade de proteção. Essa angústia referiu-se ao temor da aniquilação, da quebra da existência, intensa ao ponto de bloquear a capacidade associativa. Nesse sentido, houve um medo do abrupto, do corte e da interrupção, que ele buscou combater por meio de uma defesa mais psicótica, parecendo desconectados o afeto e o pensamento.

4.4.2 Eduardo (8 anos)

Figura 17 – Desenho do Eduardo



História: “Tem filme de terror que criança tem medo de monstro e palhaço”.

Título: “O filme de terror”

A produção de Eduardo referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. O temor do filme de terror referiu-se a algo real, mas que usa de elementos fantasiosos para criar a atmosfera do medo (o palhaço e o monstro). Eduardo conseguiu lidar com suas angústias (cuja natureza não se tornou muito clara, mas se aproximam da persecutória), mas por meio de um distanciamento delas: trata-se de um filme e de “crianças”, não ele necessariamente. O uso dessas defesas mais neuróticas, bem como a condição de diferenciar fantasia e realidade, sugere que a natureza da angústia envolvida é a de aniquilação. O meio se mostrou praticamente ausente, apenas insinuado como um pouco negligente, visto que permitiu que o menino entrasse em contato com conteúdos que não são relacionados à sua idade.

4.4.3 Fábio (10 anos)

Figura 18 – Desenho do Fábio



História: “Ele mata crianças e come batata”.

Título: “Frio na barriga”

A produção de Fábio referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto, apresentando no desenho um personagem de filme de terror, o It, uma figura caracterizada como um palhaço. Nesse sentido, a unidade de produção conteve certa ambiguidade e duplicidade, visto que a imagem do personagem a priori divertido, na verdade é uma ameaça – ou seja, é alguém que não deveria ser, é traiçoeiro. Assim, a angústia expressa apresenta nuances persecutórias, ligadas ao confiar em alguém e sofrer um ataque sorrateiro, mas potencialmente letal. A desconfiança permeia o relato e a angústia é combatida com defesas mais psicóticas, com a recuperação do caráter anterior “divertido” do personagem (que “come batata”). Os elementos da história por ele contada, mostram que as defesas empregadas funcionam de forma precária, já que o afastam do temor, mas apenas temporariamente, por meio do retorno a uma relação parcial de objeto.

4.4.4 Gabriel (9 anos)

Figura 19 – Desenho do Gabriel



História: “Um dia quando eu tinha três anos minha prima foi dormir na casa da minha vó, nós dois fomos dormir, cada um foi dormir uma cama de solteiro, a gente não conseguiu dormir então minha vó contou uma história que a gente estava andando e *ve* um bode. E até hoje eu tenho medo dele e ele usa um terno, gravata e short jeans e ele só aparece no escuro. E até hoje eu tenho medo dele”.

Título: Ausente

A unidade de produção de Gabriel referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com um personagem que teve origem exclusivamente fantasiosa, referindo-se a uma criatura inventada pela avó. Gabriel conseguiu criar uma forma para essa assustadora e inominável criatura; uma representação figurativa que deu um certo contorno à angústia. O homem-bode que é uma criatura fantástica, humana e animal ao mesmo tempo, toca a indistinção entre os corpos, entre o eu e o não eu, remetendo a um funcionamento primitivo. Assim, o personagem colocou a criança em contato com angústias persecutórias, oriundas de um superego primitivo, cuja natureza também fantástica o torna mais temeroso, visto que seus ataques são mais difíceis de controlar.

Embora o meio tenha tocado e criado a situação fóbica para a criança, ele não forneceu ferramentas para o seu enfrentamento (a história não teve um desfecho); então, as necessidades

de proteção e de amparo permanecem existindo no menino que, para defender-se recorre a mecanismos mais psicóticos.

4.4.5 Henrique (9 anos)

Figura 20 – Desenho do Henrique



História: “Tinha uma criatura muito estranha e ela comeu a cabeça das crianças”.

Título: “Criatura comedora de crianças”

A unidade de produção referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com o temor expresso de um monstro, de natureza fantasiosa e sem referências a algo real. A angústia presente foi a de aniquilação, indicada pelo poder da criatura de arrancar um pedaço das crianças (a cabeça). Henrique pareceu descrever em sua produção um meio ausente no sentido de acolhimento da sua angústia. Assim manifestou uma necessidade de proteção, que não foi atendida (ou até mesmo compreendida, pois as figuras estão sozinhas na imagem), de maneira que a defesa psicótica não foi uma defesa suficiente para distanciá-lo do temor.

4.5 Meninas (Escola Pública) – Período da Pandemia

4.5.1 Amanda (8 anos)

Figura 21 – Desenho da Amanda



História: “A cobra foi *morde* o fantasma, mas ele não morria. (E os outros?) Todo mundo queria matar o fantasma, o raio, a aranha e o morcego. (Alguém conseguiu?) A aranha pequenininha conseguiu. Falaram que a aranha sempre perde. (E o que aconteceu?) Prenderam a aranha. E o fantasma salvou ela. A cobra foi presa e o fantasma ajudou. (Então no final eles se ajudaram?) Sim. Ela ficou amiga”.

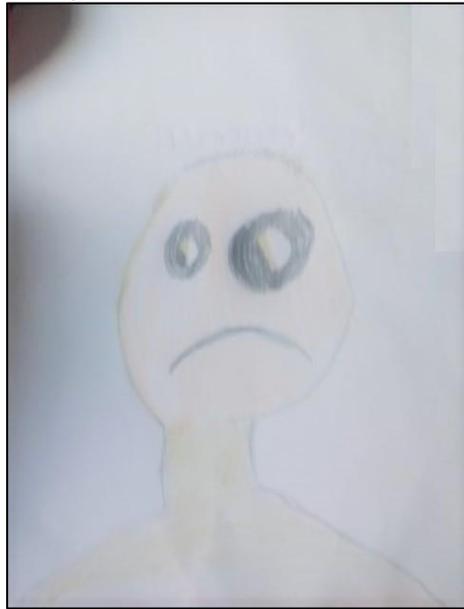
Título: “O fantasma e a cobrinha”

A unidade de produção de Amanda referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. Ela uniu vários elementos, misturando medos reais com fantasias, como os insetos e fantasmas. O tema abordado é o do ataque do objeto, realizado por uma multiplicidade de perseguidores internos, que ameaçam fulminá-lo. No entanto, a diferenciação entre o bom e o mau é fluida e muda constantemente. No início, o fantasma é o grande inimigo comum, atacado por animais peçonhentos e pelo raio, mas as confusões começam quando é o elemento mais frágil que o mata, mas ele volta a vida e as relações de hostilidade e solidariedade se misturam e tomam o lugar uma da outra. Com isso, os objetos bons e maus se misturam, perdem os limites que os distinguem uns dos outros. Daí a história

se torna caótica, sendo o final dela proporcionado pelo uso de um mecanismo de defesa psicótico, que permite, ofertar uma solução mágica (todos ficam amigos).

4.5.2 Carolina (8 anos)

Figura 22 – Desenho da Carolina



História: “Eu comecei a ver um vídeo, mas eu não sabia ainda. Não deu medo, um pouquinho de medo só. Ai eu falei pra mamãe e ela falou pra eu não assistir mais. Ela não sabia o que era, mas ela foi procurar na internet e descobriu o que era. Ai a mamãe falou pra eu não assistir mais”.

Título: "Como eu tinha medo da momo (e como eu perdi também)"

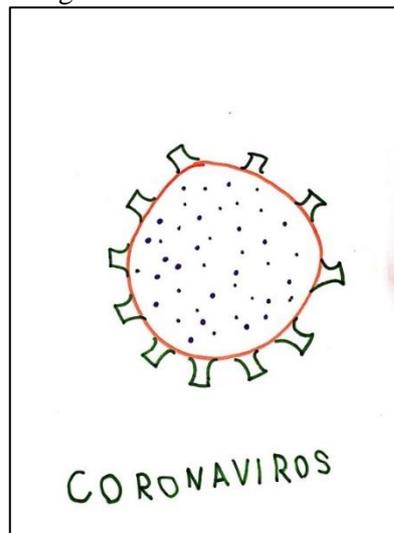
A unidade de produção referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveitou do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. Referiu-se a uma situação real, que aconteceu com a garotinha: Carolina se deparou com angústias que ainda não conseguia manejar sozinha, recorrendo ao auxílio da mãe nesse momento. Mesmo demonstrando certa autonomia, reconheceu a necessidade de proteção do outro. A defesa que a criança empregou diante de uma angústia persecutória foi mais neurótica, que foram fomentadas pela atitude da mãe de indicar que ela não assistisse mais ao conteúdo. Assim, auxílio do meio parece ter sido sobretudo racional, não ajudando nessa integração e pareceu

exposta a desafios emocionais que ainda não está preparada para enfrentar, demonstrando a necessidade que ela tem do outro como forma de proteção¹².

4.6 Meninas (Escola Particular) – Período da Pandemia

4.6.1 Júlia (9 anos)

Figura 23 – Desenho da Júlia



História: “As crianças têm medo porque tem muitos avós juntos e familiares. Elas têm medo de pegar e pode prejudicar eles”.

Título: “Pensar no outro”

A produção de Júlia referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto, de natureza predominantemente real. A angústia de perda ao objeto foi vivida de uma forma mais depressiva, ou seja, a criança pareceu ter um funcionamento mais evoluído, com confiança no bom objeto (que foi internalizado), demonstrando maturidade e um contato preservado com a realidade. O temor de um ataque involuntário ao objeto, podendo causar-lhe dano, gera angústia e culpa, sendo que a defesa neurótica pareceu eficaz para o controle delas.

No contexto da unidade de produção, o meio pareceu ser favorável, pois ofereceu recursos a Júlia, de forma a relacionar-se com os objetos totais (não parciais) e ter uma noção mais clara da realidade. É importante destacar que essa realidade estava marcada por mudanças

¹² É importante ressaltar que a criança aproveitou bastante do tempo da coleta de dados para conversar sobre suas angústias e outros assuntos, tendo dificuldade em encerrar a ligação.

intensas devido a pandemia do coronavírus, que alterou radicalmente a rotina de todos com o isolamento social, além de marcada pelo medo da contaminação e da perda de pessoas queridas.

4.6.2 Larissa (8 anos)

Figura 24 – Desenho da Larissa



História: “Um dia a gente *tava* passeando de carro e toda minha família estava dentro e a gente sofreu um acidente. Eu consegui escapar. Minha família não conseguiu. Depois eu fui no cemitério e dei um monte de florezinhas para eles. Depois eu vivi mais 20 anos muito sozinha”.

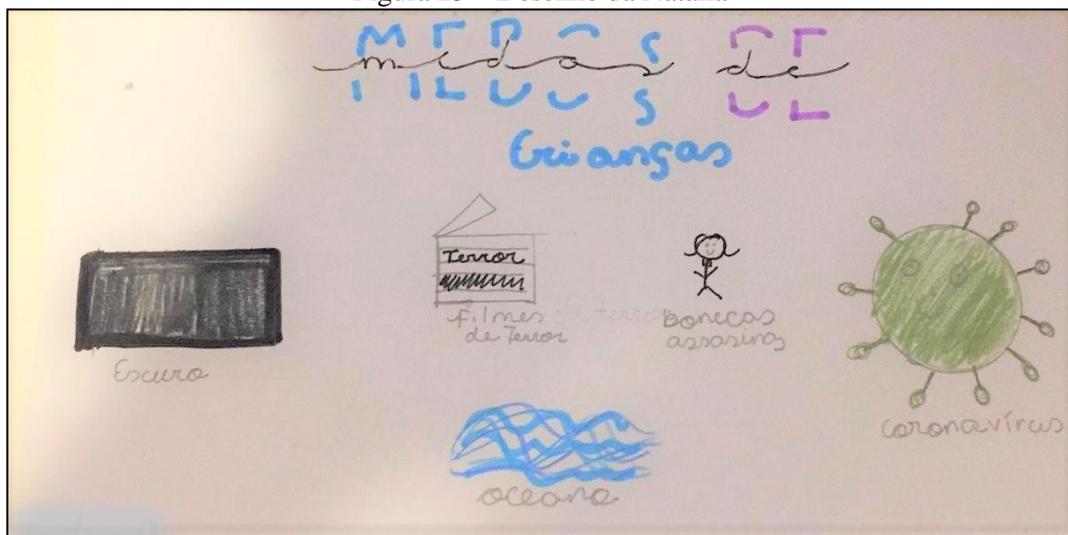
Título: “Acidente de carro”

A unidade de produção de Larissa referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com o temor expresso foi da perda de toda a família, que é uma possibilidade real. Na sua produção, a reunião de família foi interrompida por uma ruptura da continuidade de existência, com a perda completa dos objetos de amor. É importante destacar que a produção tem grande semelhança com a do irmão (Isaac), que estava junto com ela no momento da coleta de dados, que foi realizada de forma on-line. O meio que os dois irmãos vivem foi percebido por eles como inseguro, havendo desconfiança da constância dos pais, com uma perspectiva que eles serão perdidos em qualquer oportunidade, deixando as crianças desamparadas.

Apesar da intensidade dos conteúdos, Larissa pareceu ter recursos que ficaram visíveis na sua produção (leva as florezinhas para os túmulos da família) e na tentativa de manter as figuras internalizadas para não as perder por completo; no entanto, não houve reparação do objeto, com um luto interminável, com uma defesa mais psicótica.

4.6.3 Natália (10 anos)

Figura 25 – Desenho da Natália



História: “Medo de escuro, que muitas crianças têm. Na escola teve uma atividade para falarem sobre medos e eu escolhi os animais como porcos, galinhas e vacas. (Esse você não colocou no desenho?) Não, eu teria que desenhar muitos animais. O segundo é oceano, que tem uma amiga que tem medo e a minha mãe também. O terceiro são filmes de terror, pois tem coisas que ocorrem que as crianças têm medo que ocorra de verdade, principalmente a noite. E por último, o corona vírus”.

Título: “Medos de criança”

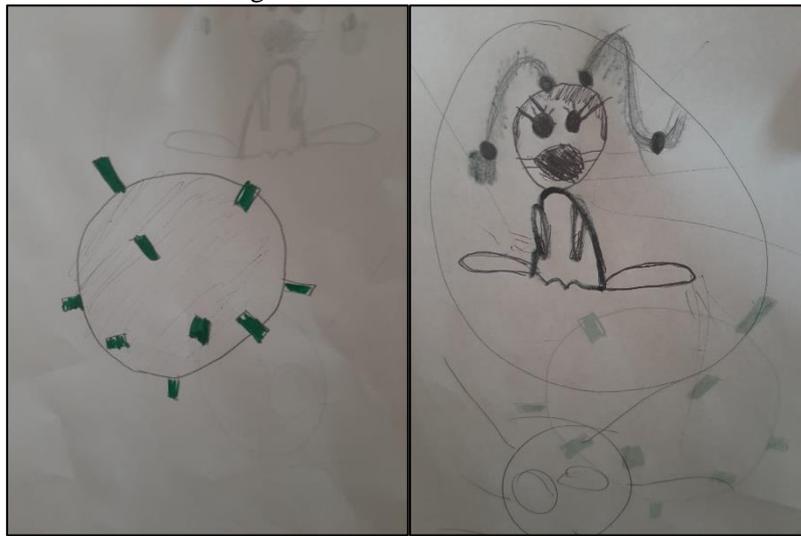
A unidade de produção de Natália referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. Vários medos foram expressos, de natureza tanto real quanto fantasiosa: do escuro, oceano, filmes de terror e corona vírus, destacando-se a fala referente aos animais de fazenda, que não foram incluídos.

As medidas defensivas de combate da angústia foram principalmente neuróticas. Ao falar sobre o medo, intencionalmente deixa o seu principal temor de fora no desenho – que são os animais da fazenda –, com a justificativa de que pode ofender outras pessoas que gostam

desses animais. Apesar de corresponder ao pedido do DE-T, essa explicação pareceu mostrar que não sente que pode dividir a sua angústia e ser acolhida pelo outro, que visto como incapaz de compreendê-la. Assim, decide não se expressar a angústia mais particular, já que a sua manifestação acarreta mais dificuldades (rejeição) do que alívio.

4.6.4 Olívia (8 anos)

Figura 26 – Desenho da Olívia



História: “Tenho medo do Coronavírus porque tem pessoas morrendo (Completa após o segundo desenho) Eu tenho medo das bonecas, principalmente à noite, porque elas parecem ficar me encarando”.

Título: Ausente

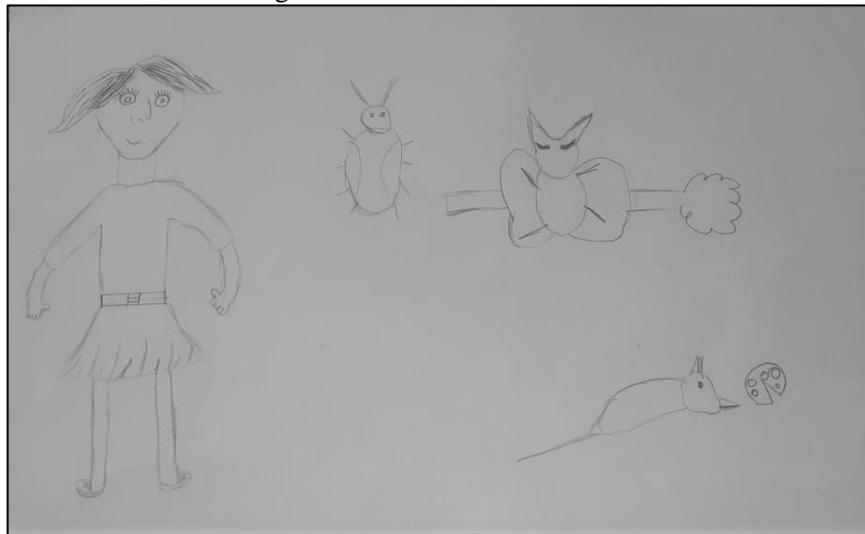
Olívia realizou dois desenhos: a primeira unidade de produção foi o coronavírus, que ela apresentou de forma mais superficial e com certo receio ao se comunicar com pesquisadora; com o diálogo entre as duas, ela se sentiu mais confortável e expressou o medo das bonecas, o qual pareceu ser mais importante para ela. As unidades de produção referiram-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual.

Os temores expressos foram do coronavírus e das bonecas, um deles bastante ligado à situação mundial corrente e real e o outro mais íntimo, relacionado à sua experiência da fantasia. Nesse sentido, um medo real não se sobrepôs aos medos da psique infantil. Ela revelou sua angústia de que o boneco tenha movimento próprio, revelando a projeção de elementos internos

de natureza potencialmente agressiva (persecutória) aparentemente sádico-orais (boca coberta)¹³, havendo uma indiferenciação pontual e bastante circunscrita entre o eu e o não eu (fantasia e realidade se misturam). No caso da boneca, a defesa utilizada foi mais psicótica, que funciona de forma pouco eficaz, pois não parecer conter a angústia da menina. O meio foi ausente, não acolhendo nem exacerbando a angústia.

4.6.5 Priscila (10 anos)

Figura 27 – Desenho da Priscila



História: “Eu desenhei a boneca, porque tenho medo que ela apareça a noite pra mim. E a barata e o rato, eu tenho medo que toquem em mim sem eu perceber”.

Título: Ausente

A unidade de produção de Priscila referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, apresentando medos diversos, misturando elementos da fantasia (boneca que pode criar vida) e da realidade (os animais não domésticos). Sua angústia pareceu estar relacionada a elementos desconhecidos e fora do seu controle. O receio de ser tocada por insetos e animais enquanto dorme pode ser indício de preocupações sexuais deslocadas. Os mecanismos de defesa mais neuróticos parecem funcionar de forma apenas parcialmente eficaz, visto que a menina se sente desprotegida quando só.

¹³ Embora a produção gráfica se assemelha a uma máscara no rosto da boneca, Olívia afirmou durante a execução do desenho que iria cobrir a boca da boneca para ela ficar menos assustadora.

4.6.6 Sofia (8 anos)

Figura 28 – Desenho da Sofia



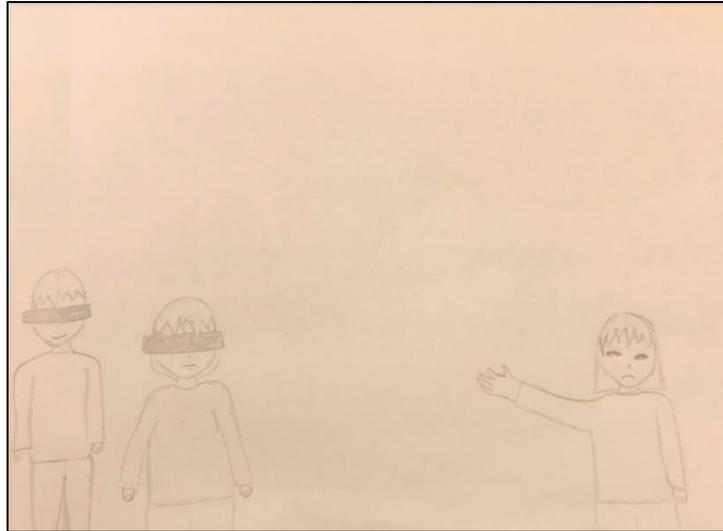
História: “Eu tenho medo do escuro porque não consigo ver nada. (por isso que tem as estrelinhas?) Sim. (Tem mais alguma coisa que te ajuda dormir?) Sim, tem o abajur que eu deixo ligado”.

Título: “A menina que tinha medo do escuro”

A unidade de produção de Sofia referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, com o temor expresso do escuro, que sugere angústia relacionada a estar só e sem referenciais conhecidos, para se apegar. Esse terreno ambíguo se torna propício para a projeção de fantasias, promovendo uma indistinção entre o eu e o não eu, ainda que temporária. Com isso, as angústias relacionadas às fantasias não podem ser combatidas pela clareza dos limites da realidade exterior, nem por figuras humanas acolhedoras, que também se encontram ausentes nessa situação. Em outras palavras, há um sentimento de vulnerabilidade por não poder contar com as figuras de afeto nesse lugar. Assim, o mecanismo de defesas mais neuróticos pareceram funcionar, mas de forma pouco eficaz (a menina não conseguia dormir sozinha).

4.6.7 Tatiana (10 anos)

Figura 29 – Desenho da Tatiana



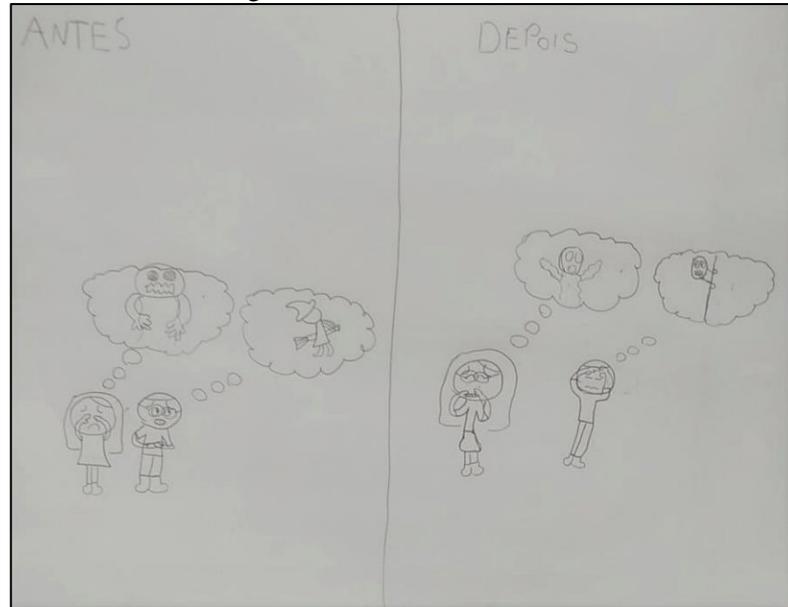
História: “Minha mãe pode ficar doente, com câncer por exemplo e morrer. E meu pai sair de casa e ser atropelado e eu perderia os dois”.

Título: “Meu maior medo”

A unidade de produção de Tatiana referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. O medo foi de natureza real, tratando-se de um assunto bem delicado para a criança. Ela apresentou riqueza de expressão, tanto gráfica quanto verbal, para expressar suas angústias de perda do objeto e de desamparo: o vazio entre ela e os pais e a faixa em seus olhos, que foi a representação de sua ausência no espaço físico. As defesas são pouco eficazes e não aparecem ser claras, mas a capacidade da menina de situar o seu medo e de expressá-lo sugere um mecanismo mais neurótico.

4.6.8 Flávia (9 anos)

Figura 30 – Desenho da Flávia



História: “O desenho representa de um lado o antes e de outro o depois. (O que é isso de cada lado?) Antigamente não tinham esses vídeos que assustavam na internet”.

Título: “A diferença do medo de antes e depois”

A unidade de produção da Flávia referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. Ela fez uma divisão clara na folha para representar o passado e o presente dos medos infantis, de forma que é uma criança que se destacou por levar a instrução à risca (pois enfatiza que há uma diferença dos medos de hoje das crianças com os passados).

É importante destacar que a mãe de Flávia permaneceu com ela durante toda a coleta, o que pareceu ter interferido em sua postura, com um discurso bem “adulto”. A angústia persecutória ficou evidente nessa aproximação que a menina faz da introdução das plataformas digitais na vida das crianças.

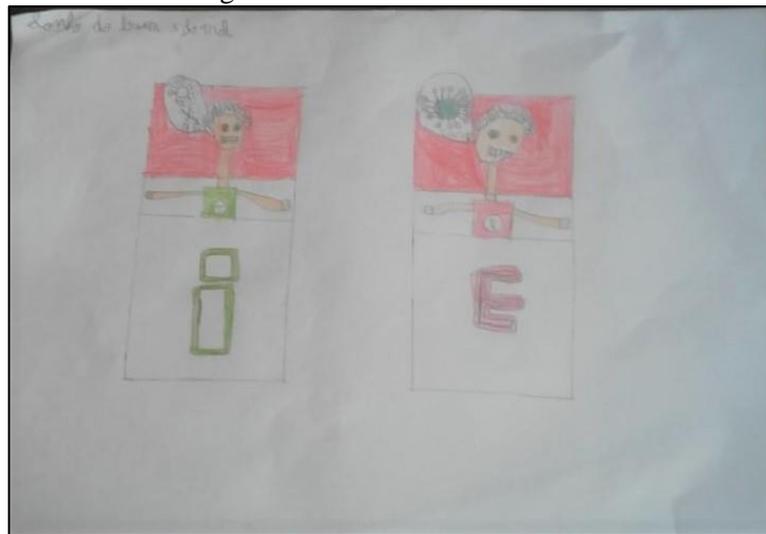
A produção gráfica de Flávia mostrou que os objetos de temor parecem não ter mudado com o tempo – as figuras da internet como a Momo apenas ocuparam o lugar da bruxa. No entanto, Flávia pareceu descrever um meio mais perigoso atualmente, que não tem tantos recursos para esse enfrentamento. Em suma, para ela, o mundo atual seria mais assustador para as crianças, inserindo-se em meios de comunicação importantes para elas. A defesa mais neurótica pareceu funcionar de forma razoavelmente eficaz, pois embora ainda tenha

transparecido uma fragilidade e um temor, ela conseguiu se distanciar um pouco a angústia expressa, assumindo uma postura quase “pedagógica”.

4.7 Meninos (Escola Pública) – Período da Pandemia

4.7.1 Leandro (9 anos)

Figura 31 – Desenho do Leandro



História: “É o álcool gel e o corona vírus. Esse é o Eduardo e esse é o Isaac, que tem o sonho do bem e do mal. Quando dormia, uma pessoa sonhava bem e outra não. A que sonhava ruim acordava e dormia de volta. O álcool e o corona são os temas do sonho. E aí depois o que sonhou algo bom, sonha algo ruim e quem sonhou algo ruim sonha algo bom. (E o que eles fazem quando tem o sonho ruim) Isaac pensa em um jogo e o Eduardo no celular. (E isso ajuda eles?) Sim, igual eu”.

Título: “Sonho do mau e sonho do bem”

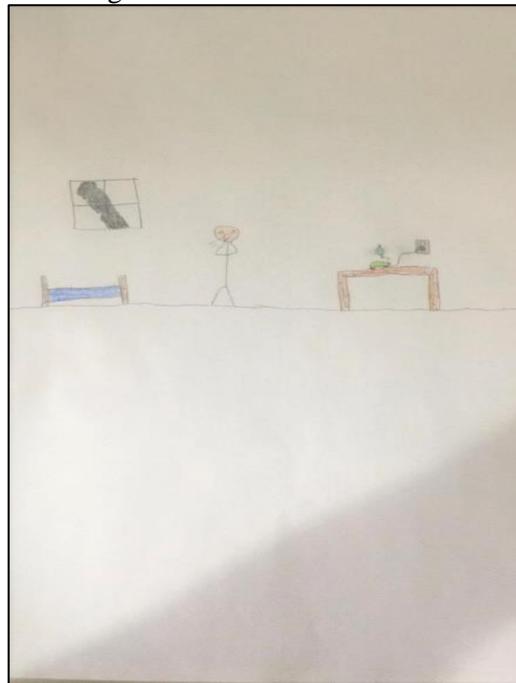
A unidade de produção correspondeu ao pedido referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto, trazendo uma identificação do menino com os personagens citados. O medo retratado incluiu elementos da realidade que impactaram nas fantasias inconscientes dos dois personagens, invadindo os seus sonhos. A angústia expressa pareceu ser de natureza persecutória, com uma tentativa de dissociação, que, se não funciona entre os dois personagens, funciona no tempo (sonhos bons e ruins se alternam na mesma pessoa). Embora essa dinâmica sugira tentativa de integração, rumo a um funcionamento de ordem mais depressiva, no desenho ela ainda permanece no nível da ambivalência, com a

quantidade de sonhos bons e ruins se equilibrando. As defesas mais psicóticas utilizadas pareceram ter uma eficácia é razoável, visto que permanece a condição de diferenciar entre realidade externa e interna.

Leandro pareceu descrever um meio que tem elementos perigosos e que podem assustá-lo, mas também mostrou condições de enfrentamento. Por isso, se a resolução da produção não é totalmente eficaz, pelo menos ela mostra uma esperança de aperfeiçoamento pela criança.

4.7.2 Rafael (11 anos)

Figura 32 – Desenho do Rafael



História: “Esse é o Jorginho. Ele mora na cidade X¹⁴. Lá tinha muita queimada. Ele foi dormir. Ele só tinha dinheiro para o inalador, não para o umidificador. Teve uma crise. (E ai?) Ele foi lá e fez a inalação e ficou tudo bem. E depois ele mudou para a cidade Y”.

Título: Ausente

A unidade de produção de Rafael referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, contando de uma situação específica. O temor expresso foi das crises respiratórias, relacionado a uma angústia persecutória (a fumaça que pode fazer mal) com temor de aniquilação, combatida com mecanismos de defesa mais psicóticos. É importante ressaltar que o menino pediu a presença

¹⁴ Ele que dá o nome as cidades de X e Y.

da mãe durante a aplicação do DE-T e pareceu existir uma comunicação simbiótica entre os dois, sendo que muitas vezes a mãe o auxiliou na construção do seu desenho e da história. Após ele contar a história, a mãe a explicou, quase como se lesse a mente do menino.

A UP sugere uma característica invasiva do ambiente externo, contra a insalubridade que ele também representa e que gera uma sensação de desamparo. Os recursos para o enfrentamento da angústia foram parciais, sendo que a única solução duradoura para o problema é mudar o ambiente. Desse modo, a fantasia de cura de encontrar um ambiente saudável para viver e prosseguir seu desenvolvimento.

4.8 Meninos (Escola particular) – Período da Pandemia

4.8.1 Isaac (11 anos)

Figura 33 – Desenho do Isaac



História: “Depois de 60 anos que eu nasci, eu perdi toda a minha família e fiquei sozinho no mundo. Estou muito triste. E a partir disso eu só vivi mais 10 anos por causa de tristeza e solidão. Fim”.

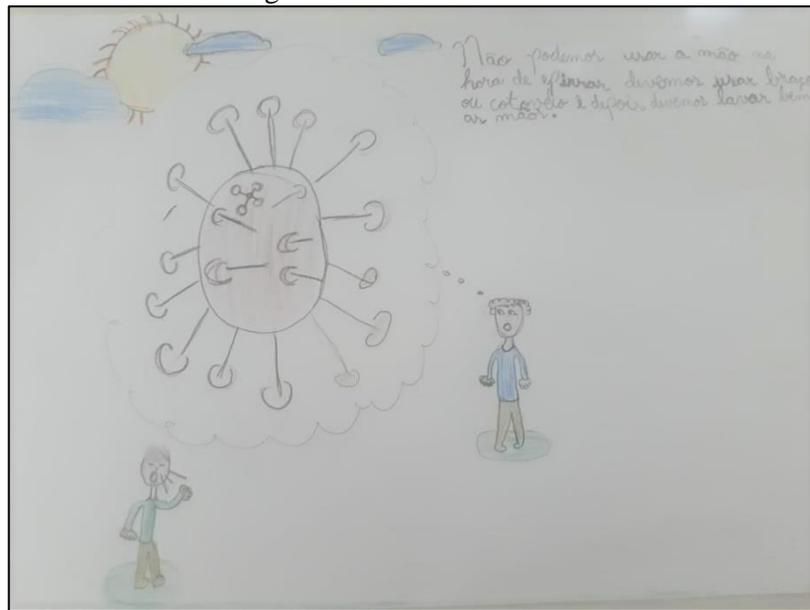
Título: “Tristeza”

A unidade de produção de Isaac referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. O temor expresso foi o da morte da família, de natureza real, correspondendo à angústia de perda do objeto. Essa angústia depressiva foi acompanhada do temor da solidão e de não conseguir desenvolver mecanismos para lidar com a situação. Com isso, a depressão impede a elaboração do luto, que

dura para sempre. Assim, uma defesa mais psicótica é acionada, com a identificação com o ente perdido (ele também morre na história). Vale assinalar que o menino se vê na história na idade adulta, com 60 anos, que é marcada por perdas. Diante disso, é possível haver um certo temor em relação ao próprio crescimento.

4.8.2 Júlio (8 anos)

Figura 34 – Desenho do Júlio



História: “O menino saiu de casa e viu o outro espirrando. Aí ele pensou: ‘Ixi, já está com Corona Vírus. (O que ele fez?) Ele falou isso que tá escrito (‘Não podemos usar a mão na hora de espirrar devemos usar braço ou cotovelo e depois devemos lavar bem as mãos’). E ele era do grupo de risco ainda. (O outro escutou?) Sim. Ele foi pra casa e ficou trancado no quarto dele e nunca mais saiu. (Conseguiram se proteger?) Sim. O outro foi fazer o exame antes de ir para o quarto e ficar trancado e descobriu que não tinha corona.

Título: “Coronavírus”

A unidade de produção de Júlio referiu-se a um medo das crianças de forma geral, correspondendo ao tema proposto. Expressou um temor real, que foi o do coronavírus, relacionado a uma angústia de contaminar-se e adoecer. Essa vivência esteve mais relacionada à posição depressiva e a um modo de funcionamento mais próximo do neurótico, refletido nas defesas que foram empregadas eficazmente e de uma forma realista para evitar a ansiedade de adoecimento e o contágio. Assim, Júlio demonstrou diversos recursos para proteger-se dos perigos, além de uma noção clara da realidade, mas sem desprezar a importância do medo para

si. Ele pareceu ter preservado dentro de si os bons objetos amorosos e cuidadores, criando os próprios recursos para lidar com suas angústias.

4.8.3 Mateus (8 anos)

Figura 35 – Desenho do Mateus



História: “Eu desenhei eu fugindo dele. (E como foge dele [coronavírus]?) Eu vou correr. (Mas ele vem atrás de você? Como vai fugir?) Eu vou procurar uma máscara. (Ah, é verdade, pra se proteger. E você vai achar?) Não sei. (E como acaba essa história?) Eu encontro. Vou desenhar aqui”.

Título: Ausente

A unidade de produção de Mateus referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual, apesar de se tratar de um medo compartilhado com outros. O temor expresso foi o do coronavírus, de natureza real, a despeito de seu colorido persecutório. Mateus expressou temor diante de sua vulnerabilidade, com a necessidade de proteção, que foi atendida de forma autônoma, havendo recursos disponíveis no meio.

Assim, Mateus pareceu ser capaz de considerar os riscos as possibilidades de proteção presentes na realidade exterior e, assim, situar de maneira mais clara a sua vulnerabilidade diante dos perigos que o cercam. Ele pode de encontrar meios de proteção de uma forma autônoma, sinal da introjeção consistente de bons objetos capazes de oferecer-lhe holding. Dessa forma, ele utilizou a defesa mais neurótica de forma eficaz (máscara), logo após ter detectado que o correr da situação não era suficiente para barrar a angústia de forma realista.

4.8.4 Paulo (8 anos)

Figura 36 – Desenho do Paulo



História: [Antes de pedir a história, Paulo começa contar que irá desenhar o personagem de um filme que assistiu, “O lar das crianças peculiares”¹⁵. Explica que escolheu os monstros porque é algo recente que teve acesso.] “Eles também tinham poderes (igual as crianças peculiares), mas aí colocou o negócio na cabeça dele e ficou assim. (Então essa é a história dele?) Mas ele é do bem”.

Título: “O monstro que virou do bem”

A unidade de produção de Paulo referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. O temor expresso foi de um personagem de um filme (“O Lar das Crianças Peculiares”), caracterizando uma angústia persecutória. A criança pareceu mostrar o processo de crescimento, a entrada na latência e um medo daquilo que se aproxima mais da realidade. Utilizou-se de defesas mais evoluídas e neuróticas – ao transformar o monstro em algo do bem e dar vários elementos lúdicos a ele. O monstro que teve muita ganância se transformou, mas foi possível ser bom no

¹⁵ O filme conta a história de uma criança que busca conhecer o orfão em que o avô foi criado, onde se depara com crianças com talentos peculiares. Os vilões do filme são monstros de aparência assustadora, que na realidade são pessoas que passaram por um procedimento (o colocar o negócio na cabeça que ele se refere) para ficarem mais poderosas; mas o processo dá errado e elas ficam monstruosas (filme de Tim Burton, 2016, distribuído pela 20th Century Fox)

final. As questões edípicas parecem receber um apoio nesse contexto, de maneira que ele conseguiu lidar com os impulsos de competição com a figura paterna.

4.8.5 Samuel (8 anos)

Figura 37 – Desenho do Samuel



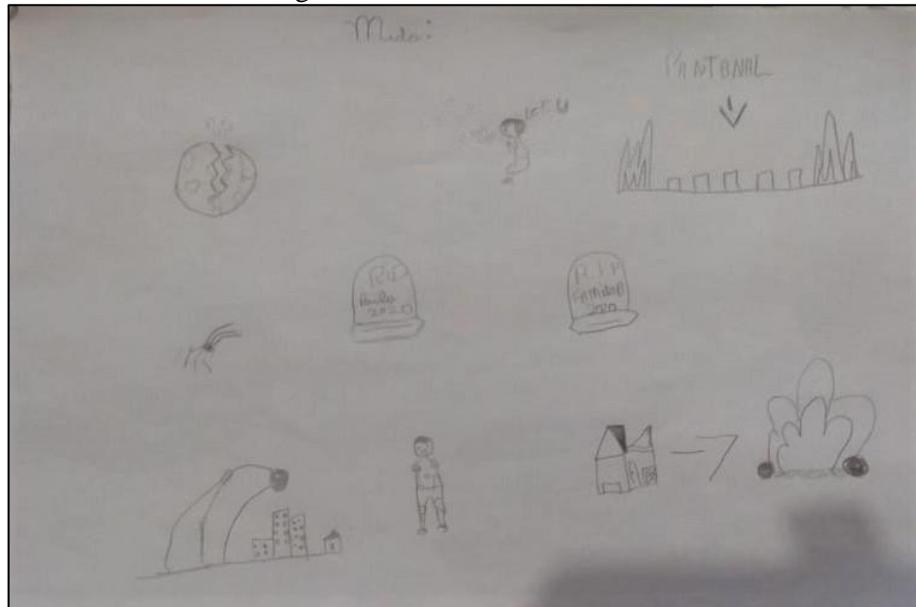
História: “A vovó morreu e virou um fantasma que assombrava. (É? E como ela é?) Ela é ruim. (E onde ela fica?) Ela fica em uma casa mal-assombrada. Os turistas vão na casa e não conseguem sair. (Ninguém?) Alguns conseguem”.

Título: “Grandma”

A unidade de produção de Samuel referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. O temor expresso foi de uma figura fantasiosa, que estava ligada com uma história que ele já conhecia anteriormente. A angústia expressa foi de natureza persecutória, incluindo perigos de ser aprisionado, sem ninguém que possa protegê-lo. Houve expressão de um desamparo, com medo da exposição ao perigo quando está sozinho. A figura com o nome de grandma (avó em inglês) pareceu remeter a uma figura materna má e vingativa, que é uma morta-viva (indistinção entre matéria animada e inanimada), que o assusta e aprisiona – ou seja, impede a continuidade do seu desenvolvimento. A defesa empregada foi mais psicótica, mas que pareceu funcionar de forma apenas parcial (apenas algumas pessoas conseguem fugir da casa-prisão). O ambiente pareceu ter uma conotação negativa, que barra seu desenvolvimento, não o protege e não permite o acesso aos seus recursos.

4.8.6 Vinícius (10 anos)

Figura 38 – Desenho do Vinícius



História: “Um dia aconteceu um tsunami e eu fui para outro lugar. Ai teve um ataque zumbi. (Então você fugiu e mesmo assim encontrou os zumbis. E o que você fez?) Eu fugi dos zumbis”.

Título: “Meus medos”

A unidade de produção de Vinícius referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual – desenha vários temores que são seus e conta uma história em que se coloca como personagem. A criança expressou uma angústia de natureza persecutória, com a perspectiva de aniquilação que se desloca de um perseguidor para outro (tsunamis e zumbis). Por isso, o alívio praticamente não dura já que as defesas empregadas, mais psicóticas, são pouco eficazes.

4.8.7 Alexandre (10 anos)

Figura 39 – Desenho do Alexandre



História: “Quando tá escuro não dá pra ver nada. (E o que você faz?) Deixo a luz do banheiro acesa. (E ai não tem medo mais?) Não”.

Título: “O escuro”

A unidade de produção de Alexandre referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveita do tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. O temor expresso foi de natureza persecutória – descreve uma ausência de domínio sobre o que pode atingi-lo - diante de uma situação em que os limites entre os objetos, e entre o eu e o não eu, ficam obscurecidos. No entanto, consegue buscar recursos no meio externo (luz do banheiro) para enfrentar os temores. As defesas utilizadas foram principalmente neuróticas, que agem de maneira pelo menos parcialmente eficaz.

4.8.8 Carlos (8 anos)

Figura 40 – Desenho do Carlos



História: “Uma vez a casa de uma amiga foi assaltada e eu fiquei com medo. (Como foi?) Só estava a irmã e ela. Ligou para a mãe e chamou a polícia. Ficou tudo bem”.

Título: “A casa assaltada”

A unidade de produção referiu-se a um medo mais particular, de forma que aproveitou o tema para falar de si e apresentar um conteúdo mais individual. Carlos expressou um temor real, que é o do assalto, sugerindo como tema subjacente a dinâmica pulsão (delinquente) - proibição e, portanto, vinculado à angústia de aniquilação. Nesses termos, os temores expressos parecem estar intimamente relacionados a questões edípicas, embora a identificação da criança tenha sido com o objeto vítima dos arroubos pulsionais do outro. Face a essa situação, as defesas empregadas foram sobretudo a neuróticas, com o ego recrutando o auxílio do superego para o controle da irrupção pulsional.

5. SÍNTESE

A seguir serão apresentadas as sínteses das unidades de produção das crianças, divididas em oito grupos: 1. Síntese das meninas (Escola Pública) – Período anterior à pandemia (5 participantes); 2. Síntese das meninas (Escola Particular) – Período anterior à pandemia (5 participantes); 3. Síntese dos meninos (Escola Pública) – Período anterior à pandemia (5 participantes); 4. Síntese dos meninos (Escola Particular) – Período anterior à pandemia (5 participantes); 5. Síntese das meninas (Escola Pública) – Período da pandemia (2 participantes); 6. Síntese das meninas (Escola Particular) – Período da pandemia (8 participantes); 7. Síntese dos meninos (Escola Pública) – Período da pandemia (2 participantes); e 8. Síntese dos meninos (Escola Particular) – Período da pandemia (8 participantes).

A mudança da forma da coleta de dados no período da pandemia influenciou diretamente no número de participantes componentes de cada subgrupo. Nesses termos, esse evento escancarou as diferenças sociais de acesso aos recursos da informática e à internet existentes no Brasil, muito mais restritos para os níveis socioeconômicos menos favorecidos. Diante dessa realidade, a quantidade de crianças procedentes de escolas públicas nessa etapa da coleta de dados foi consideravelmente menor do que a de escolas particulares.

5.1 Síntese das meninas (Escola Pública) – Período anterior à pandemia (2019)

Tabela 2 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola pública no período anterior a pandemia.

Participantes	Bianca	Helena	Marina	Raquel	Vanessa
Idade	8	8	8	8	8
Objeto do Medo	Momo	Caveira	Ladrão	Ladrão	Momo
Personagens e suas características	Momo, invasiva	Caveira pouco assustadora	Ladrão assustador e ambivalente	Ladrão assustador e menina vulnerável	Momo ambígua, assustadora, mas de aparência indefesa
Natureza do medo	Fantasiosa com invasão do real	Fantasiosa	Real	Real	Fantasiosa com invasão do real

Continua

Continuação

Participantes	Bianca	Helena	Marina	Raquel	Vanessa
História contada em 1ª ou 3ª pessoa¹⁶	3ª	3ª	1ª	1ª	3ª
Necessidade	Proteção e continência	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção
Angústia	Persecutória	Aniquilação	Persecutória	Castração	Persecutória
Defesa	Neurótica	Neurótica	Psicótica	Neurótica	Psicótica
Eficácia da defesa	Parcialmente eficazes	Eficazes	Parcialmente eficazes	Parcialmente eficazes	Parcialmente eficazes
Meio¹⁷	Invasivo e pouco continente	Neutro	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável
Desfecho	Elaboração parcial da angústia	Elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia

As participantes aceitaram facilmente a tarefa proposta e as unidades de produção corresponderam ao pedido, sendo que grande parte das meninas criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções, enquanto duas delas contaram medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si.

A maioria das histórias foram constituídas de apenas um personagem, que era o objeto do medo e que foi descrito de forma negativa e eventualmente ambivalente. Esse mesmo objeto também foi considerado como fazendo parte do meio externo das meninas, que não foi retratado por nenhuma delas como passível de acolher as suas angústias e medos, ou seja, além do objeto temido, não havia outro confortador ou protetor. Em consequência, o meio foi visto por elas principalmente como desfavorável, assustador e invasivo (somente Helena mostrou percebê-lo como neutro).

A maioria dos medos relatados foram referentes a um objeto existente (atual ou virtualmente) na realidade objetiva da criança, como o ladrão, ou apresentou uma natureza fantasiosa, mas com invasão do real, como no caso da Momo, que era a personagem de uma história fictícia que ficou muito conhecida pelo fato de várias crianças terem tido a experiência de assistir aos vídeos em que ela aparecia na internet. Esses dois temas apareceram duas vezes

¹⁶ Essa categoria se refere a maneira como a criança construiu a história – em primeira pessoa, referindo-se a um conteúdo mais individual e particular; ou em terceira pessoa, referindo-se às crianças de forma geral, correspondendo a proposta do tema.

¹⁷ A categoria “meio” se refere à percepção que a criança tem do ambiente externo e não às características reais deste último.

cada; apenas uma das meninas manifestou um conteúdo diferente (a caveira). Essas escolhas refletiram, portanto, figuras que tinham representações reais, ligadas às experiências atuais ou potenciais das meninas. Desse modo, mesmo que nem todas as crianças relatassem terem sido vítimas de roubo, esta era uma situação comum, passível de acontecer na cidade em que elas viviam. Por sua vez, a Momo, embora se tratasse de uma personagem no âmbito da fantasia, era uma representação concernente à realidade compartilhada delas, que poderia se impor a qualquer momento em que a criança estivesse diante de um computador ou de um telefone celular, sem que esta fizesse qualquer tipo de esforço deliberado para acessá-la. Por isso ela foi aqui considerada como uma figura pertencente ao mundo da fantasia, mas com a característica de uma invasão da realidade. Nesse sentido, ela, refletia os riscos a que as crianças podiam ficar expostas ao consumir conteúdos do meio digital sem a vigilância adequada. Em suma, independente da natureza fantasiosa ou realista dos objetos temidos, todos eles faziam parte da realidade compartilhada das meninas.

Conforme descrito, nas produções do DE-T esse objeto temido foi considerado como fazendo parte da avaliação do ambiente pelas crianças e, na maioria das vezes, foi a única representação na UP. Por isso, a percepção do meio por parte das meninas foi marcada por falhas, exposições a ameaças, perigos e inibição, diante de uma situação em que estivessem sozinhas e sem os pais presentes, refletindo angústias relativas à aquisição da autonomia e também à solidão. Nesse contexto, a realidade pareceu se impor com elementos que geravam grande preocupação, sem serem contrabalançados por estratégias de proteção, sendo que as figuras de cuidado se encontravam distantes ou ausentes. Nesse sentido, foi unânime a sensação de vulnerabilidade e de desamparo, e a necessidade de proteção foi evidente em todas as unidades de produção.

Face a essa situação, as defesas que as meninas empregavam contra os medos foram sobretudo de ordem neurótica, embora variando em sua natureza. Porém, em sua maioria, essas defesas foram apenas parcialmente eficazes para o controle da angústia, o que redundou em desfechos das histórias com elaborações apenas parciais das dificuldades. Isso aconteceu porque na maior parte dos casos a unidade de produção tocou em angústias mais primitivas das crianças, como as persecutórias e de aniquilação, contra as quais as defesas neuróticas, embora mais evoluídas, são menos decisivas. Portanto, a regressão que o procedimento projetivo do DE-T solicitou à criança foi mais categórica no plano da angústia e menos cabal no plano das defesas. Daí a aparente insuficiência defensiva, sendo que o medo podia ser apenas afastado temporariamente da consciência da criança, mas sem um desenlace efetivo.

Em resumo, no período pré-pandemia do Coronavírus as meninas procedentes de escolas públicas revelaram medos semelhantes, destacando-se personagens como a figura da Momo e do ladrão, que se tornaram objetos de temor. Essas escolhas recaíram, assim, sobre objetos que faziam parte da realidade compartilhada das meninas, alguns deles mais próximos da realidade objetiva ou mostrando a influência, de certa forma impositiva, desta na fantasia infantil. Como as figuras de cuidado se encontravam ausentes na UP, as meninas mostraram sentirem-se sós e desamparadas diante dos perigos, precisando lidar sozinhas com os seus medos e aflições.

Face a essa situação, elas recorreram a defesas que, embora mais evoluídas do ponto de vista pulsional, foram pouco eficazes diante do tipo de angústia suscitado pela UP. Em consequência, as meninas não encontraram soluções definitivas para as ameaças, mas apenas conseguiam afastar provisoriamente o objeto temido de si. Assim, os desfechos não permitiram um desenlace definitivo da situação, tornando impossível uma maior elaboração e a manutenção da angústia no nível do inconsciente.

5.2 Síntese das meninas (Escola Particular) — Período anterior à pandemia (2019)

Tabela 3 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola particular no período anterior a pandemia.

Participantes	Alice	Camila	Eduarda	Fernanda	Isabela
Idade	9	8	10	9	9
Objeto do Medo	Escorpião	Fantasma	Pai	Separação dos pais	Espíritos no cemitério
Personagens e suas características	Escorpião assustador	Fantasma agressivo; a menina vulnerável	Pai pouco confiável; outros familiares que sofrem, mas oferecem certa proteção	A menina e os pais, todos amorosos	Espíritos, ameaçadores
Natureza do medo	Real	Fantasiada	Real	Real	Fantasiada
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	1ª	1ª	1ª	1ª	1ª
Necessidade	Proteção	Proteção e continência	Proteção (atendida parcialmente)	Presença do outro	Proteção

Continua

Continuação

Participantes	Alice	Camila	Eduarda	Fernanda	Isabela
Angústia	Aniquilação	Persecutória	Perda do objeto	Perda do objeto	Persecutória
Defesa	Neurótica	Psicótica	Neurótica	Neurótica	Psicótica
Eficácia da defesa	Pouco eficaz	Pouco eficazes	Relativamente eficazes	Eficaz	Pouco eficazes
Meio	Perigoso, pode atacar	Assustador	Assustador, mas se esforça para estabelecer limites para a angústia	Bom, por isso teme perdê-lo	Perigoso e indiferente às suas necessidades
Desfecho	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia	Sem elaboração da angústia

As participantes aceitaram a tarefa facilmente e as unidades de produção corresponderam ao pedido, em que elas contaram medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si. Em relação às histórias, foram formadas por personagens com características negativas, com exceção de Fernanda, que temia a perda de bons objetos, e de Eduarda, cujo temor do pai era contrabalançado pela existência de outros familiares, particularmente da mãe, que havia conseguido afastá-la do convívio com o genitor¹⁸. Os medos da maioria das meninas foram de objetos ou situações reais, apesar de duas delas (Camila e Isabela) exibirem temores de natureza fantasiosa.

Os objetos de medo foram mais diversificados, comparados aos do grupo de meninas de escolas públicas: escorpião, fantasma, pai, separação dos pais e espíritos no cemitério. Em dois casos, os temores estiveram ligados a experiências de relacionamento interpessoal, havendo o receio de que o grupo familiar se esfacelasse e colocasse em risco a integridade emocional da criança ou dos pais. Esses dois temores, acrescidos àquele do escorpião diziam respeito, portanto, à realidade mais imediata da criança¹⁹, embora independente da viabilidade de sua ocorrência concreta. Por outro lado, os medos de natureza fantástica de Camila e Isabela, denunciavam um maior apego à realidade subjetiva, que parecia ser menos influenciável pela objetiva; com isso havia menor possibilidade de seu controle pela criança ou pelo meio, e a angústia permanecia com poucas perspectivas de solução.

¹⁸ A narrativa da menina no DE-T mostrou que ela ainda não estava totalmente confiante na capacidade da mãe de protegê-la do pai; por isso a elaboração da angústia era apenas parcial.

¹⁹ Na época da coleta de dados a cidade em que criança vivia sofria de uma grande incidência de casos de picadas de escorpião.

Nesse sentido, essas duas crianças, comparadas ao restante do grupo, demonstraram um funcionamento mais primitivo, pelo menos no que concerne à representação do medo. As angústias de ambas foram de natureza persecutória, ao passo que as demais se dividiram entre a de perda do objeto e a de aniquilação.

Face a essas ansiedades, as necessidades de proteção e da presença do outro foram unânimes entre as meninas, sendo que o meio (além do objeto de medo) foi mencionado por três delas como presente. Porém, em um desses casos ele foi percebido como distante ou indiferente à sua angústia, em um como propiciando um certo apoio, mas sem muita convicção; apenas uma criança, o percebeu como bom, sendo que o medo era o de perdê-lo. Frente a essas insuficiências do ambiente, as meninas precisavam lançar mão de defesas variadas, predominando os mecanismos mais psicóticas, que permitiam algum nível de assimilação da angústia no *Self*. No entanto, para Camila e Isabela, as defesas empregadas foram mais violentas e primitivas e, se para a primeira elas proporcionavam algum alívio da ansiedade, isso não acontecia com a segunda, que parecia permanecer em agudo sofrimento.

Em conclusão, a maioria das meninas do grupo de escola particular expressou medos compatíveis com as suas vivências cotidianas, embora nem sempre pudessem contar com um auxílio efetivo do entorno para fazer face a eles. Diante disso elas empregavam defesas principalmente de ordem neurótica para combater suas angústias de perda do objeto e de aniquilação, de forma parcialmente eficaz. Duas das garotinhas, contudo, exibiram um funcionamento mais próximo do tipo esquizoparanoide, sendo que a fantasia parecia por vezes invadir a realidade objetiva; nessas condições, as defesas mais arcaicas e mais drásticas que elas empregavam nem sempre foram capazes de promover a elaboração da angústia.

5.3 Síntese dos meninos (Escola Pública) – Período anterior à pandemia (2019)

Tabela 4 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola pública no período anterior a pandemia.

Participantes	André	Caio	Felipe	Leonardo	Otávio
Idade	8	8	8	8	8
Objeto do Medo	Bronca, penhasco, It e ladrão	Momo	Anabelle	Monstro	Jason

Continua

Continuação

Participantes	André	Caio	Felipe	Leonardo	Otávio
Personagens e suas características	Pessoa que dá bronca, assaltante e It assustadores; uma criança preocupada	Momo invasiva e assustadora	Anabelle amaldiçoada; pais de Anabelle castradores	Monstro castrador; menino vulnerável	Jason, agressivo e perigoso
Natureza do medo	Reais e fantasiosos	Fantasiosa com invasão do real	Fantasiosa	Fantasiosa	Fantasiosa
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	1ª	3ª	3ª	1ª	1ª
Necessidade	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção
Angústia	Aniquilação	Persecutória	Persecutória	Aniquilação	Aniquilação
Defesa	Neurótica	Psicótica	Psicótica	Neurótica	Psicótica
Eficácia da defesa	Pouco eficazes	Pouco eficaz	Pouco eficazes	Parcialmente eficaz	Pouco eficazes
Meio	Desfavorável e eventualmente agressivo	Perigoso e invasivo	Desfavorável e castrador	Desfavorável	Desfavorável
Desfecho	Sem elaboração da angústia	Sem elaboração da angústia	Pouca elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia

Todos os meninos aceitaram a proposta da produção, mas houve muitos sinais de uso de borracha²⁰ e tentativas de fazer novas figuras, conduta indicadora de resistência e ansiedade inicial diante da tarefa. Grande parte dos meninos contaram medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si, enquanto dois deles criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções.

Todas as histórias foram formadas por personagens com características negativas, castradoras e invasivas; destacaram-se as produções de André e Leonardo, que também adicionaram o personagem de um menino em suas histórias, caracterizado como preocupado e vulnerável, revelando a sua identificação com ele. Assim, não houve outras figuras relativas ao meio nessas unidades de produção que remetesse a características positivas e de segurança, revelando a percepção do ambiente como ameaçador e que não oferece proteção.

Os objetos de medo dos meninos variaram: It, Anabelle, Jason, Momo, Monstro, bronca, penhasco e ladrão. Os quatro primeiros apresentam uma natureza mais fantasiosa, invadida por elementos da realidade no caso da Momo. Quanto aos outros três, embora também fossem

²⁰ As crianças usaram borrachas pessoais, que não foram ofertadas entre os materiais do DE-T.

figuras conhecidas ligadas a histórias de terror, diferente da Momo, não eram vistos como capazes de se impor de uma maneira inesperada e abrupta sobre a criança, implicando um movimento de aproximação deliberada dela para o contato com eles, uma iniciativa para ter acesso à produção cinematográfica. Por isso eles foram considerados menos invasivos do que a Momo. De qualquer maneira, eles também faziam parte da realidade compartilhada da criança, disponíveis e favoráveis para as projeções de elementos procedentes de sua realidade subjetiva. No caso de Leonardo, o monstro consistiu em uma produção mais pessoal, sendo que o garoto criou uma história própria, singular, remetendo a uma angústia intensa mais restrita ao mundo particular, com menos bases na realidade compartilhada. Finalmente, os medos mais ligados a personagens e situações reais foram todos descritos por André, mas que também incluiu um personagem de filme de terror em suas produções, o It. A quantidade de objetos temidos expressa pelo garotinho indicou uma angústia intensa, sugerindo a pulverização de seus objetos de temor, cujo resultado era uma percepção de realidade bastante ameaçadora, que exigia sua atenção constante.

As angústias expressas face aos objetos de medo foram em sua maioria persecutórias e de aniquilação. Diante disso e da ausência de figuras de proteção, a percepção do meio foi sobretudo desfavorável: ele foi concebido como invasivo, perigoso, castrador e eventualmente agressivo, deixando a criança em situação de tensão e fragilidade. Além disso, em alguns casos, a presença de outros personagens além do objeto de medo na história intensificavam os temores dos meninos. Assim, foi unânime a necessidade de proteção, que não pareceu ser acolhida e suavizada por elementos do meio em nenhum dos casos.

Face a essa situação, os meninos empregaram defesas diversas, especialmente mais primitivas, que foram parcialmente ou pouco eficazes para o domínio da angústia vivida por eles. Nesse contexto, não houve possibilidade de assimilação no *Self* da angústia que era depositada nesses objetos; por isso, eles podiam permanecer apenas afastados da consciência. Nesse sentido, a elaboração da angústia expressa no desfecho da história mostrou ser apenas parcial em dois casos (Leonardo e Otávio), restrita em um deles (Felipe) e nenhuma em dois outros (André e Caio).

Em resumo, a maioria dos meninos de escola pública, no período anterior à pandemia, expressaram medos de natureza mais fantasiosa, especialmente vinculados a figuras de histórias de terror. Esses temores eram vividos no contexto de um meio percebido como pouco acolhedor e que, além de não oferecer proteção, em alguns casos intensificava os medos. As angústias expressas foram mais psicóticas (aniquilação e persecutória), sendo que as defesas desses registros não foram eficazes para promover desfechos satisfatórios para as situações.

5.4 Síntese dos meninos (Escola Particular) – Período anterior à pandemia (2019)

Tabela 5 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola particular no período anterior a pandemia.

Participantes	Daniel	Eduardo	Fábio	Gabriel	Henrique
Idade	9	8	10	9	9
Objeto do Medo	Morte	Filme de terror	It	Criatura em forma de bode	Criatura comedora de cabeças
Personagens e suas características	A própria criança morta	Monstro e palhaço que provocavam medo; criança assustada	It, assustador	Criatura assustadora; avó que assusta; ele e a prima assustados	Criatura perigosa; crianças como vítimas
Natureza do medo	Real	Fantasiada	Fantasiada	Fantasiada	Fantasiada
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	1ª	3ª	3ª	1ª	1ª
Necessidade	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção
Angústia	Aniquilação	Persecutória	Persecutória	Persecutória	Aniquilação
Defesa	Psicótica	Neurótica	Psicótica	Psicótica	Psicótica
Eficácia da defesa	Pouco eficazes	Parcialmente eficazes	Pouco eficazes	Parcialmente eficaz	Pouco eficaz
Meio	Ausente	Assustador	Ameaçador	Desfavorável	Desfavorável
Desfecho	Sem elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Pouca elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Pouca elaboração da angústia

Todos os meninos criaram unidades de produção conforme o tema pedido, mas houve mais resistência para realizar a tarefa, pois queriam conversar e brincar entre si (especialmente Daniel, Eduardo e Henrique). Grande parte dos meninos contaram medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si, enquanto dois deles criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções.

A maioria das histórias teve personagens ameaçadores e perigosos, ou então vulneráveis às ameaças, como Gabriel e sua prima, as crianças de Henrique e o próprio Daniel. Dessa forma, o meio foi visto como desfavorável, angustiante e pouco acolhedor. Os medos foram variados, como morte, filme de terror, It, criatura em formato de bode e criatura comedora de cabeças. Com isso, a natureza deles foi predominante fantasiada, destacando-se figuras criadas pelos próprios meninos (Gabriel e Henrique), refletindo uma posição mais voltada para si mesmo, para a sua realidade subjetiva. Por sua vez, como nos outros grupos, o filme de terror e o It

embora também conservem uma qualidade fantasiosa, encontravam substrato na realidade compartilhada das crianças. Daniel se destacou do grupo com um medo mais real, o da morte, sendo que o seu temor pareceu tão intenso e taxativo que bloqueou a continuidade das associações.

A percepção do meio externo, do qual o objeto temido também fazia parte, foi desfavorável e ameaçadora, sem a presença de elementos e figuras protetores diante dos perigos. Ao contrário, na única vez em que uma figura de cuidado esteve presente (a avó de Gabriel) seu papel não foi o de aliviar a angústia, mas o de despertá-la. Dessa forma, a maioria dos meninos se viam sozinhos diante dos objetos de medo e, quando acompanhados por outras figuras, elas também eram frágeis, quando não desfavoráveis. Diante disso, foi manifestada por todos a necessidade proteção, que de acordo com os conteúdos das UPs, não foi atendida.

Nesse cenário, as angústias expressas foram intensas, predominando a persecutória e a de aniquilação. Frente a elas e a um meio externo pouco acolhedor, as defesas empregadas foram mais psicóticas se mostraram pouco eficazes. Com isso a elaboração da angústia e sua assimilação no *Self* foram restritas ou inexistentes, ocasionando desfechos não decisivos para as histórias (com exceção de Daniel, mas cujo desfecho atestou o fracasso da ação defensiva). Nos casos em que houve o emprego de defesas mais evoluídas, os desfechos pareceram um pouco mais satisfatórios, permitindo algum distanciamento entre o participante e o objeto do medo, mas também não definitivo.

Em síntese, os meninos de escola particular no período anterior à pandemia revelaram medos fantasiosos, projetados em figuras ou situações assustadoras conhecidas da realidade compartilhada, mas também em criaturas inventadas, mais próximas de seu mundo de fantasia e de sua realidade subjetiva. Diante de um meio pouco acolhedor, as angústias de aniquilação e persecutórias foram combatidas por defesas que, na maioria dos casos, não foram capazes de auxiliar na sua elaboração, conforme testemunhado pelos desfechos das histórias.

5.5 Síntese das meninas (Escola Pública) – Período da pandemia (2020)

Tabela 6 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola pública no período da pandemia.

Participantes	Amanda	Carolina
Idade	8	8
Objeto do Medo	Fantasma, raio, cobra e aranha	Momo
Personagens e suas características	Fantasma, cobra e aranha; ambivalentes, porque atacam, mas ficam amigos no final	Momo assustadora; participante, frágil; mãe protetora
Natureza do medo	Real e fantasiosa	Fantasiosa, invadida pelo real
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	3ª	1ª
Necessidade	Proteção	Proteção
Angústia	Persecutória	Persecutória
Defesa	Psicótica	Neurótica
Eficácia das defesas	Pouco eficazes	Pouco eficazes
Meio	Desfavorável, ambíguo e ambivalente	Momo desfavorável; mãe protetora até certo ponto.
Desfecho	Pouca elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia

As duas participantes aceitaram a tarefa proposta e apresentaram unidades de produção correspondentes ao tema, sendo que Amanda criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções, enquanto Carolina contou de medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si. Os personagens objetos de medo mostraram não apenas qualidades negativas, mas também ambíguas e ambivalentes no caso de Amanda. Por sua vez, Carolina incluiu a mãe em sua história para ajudá-la a enfrentar o objeto temido.

Os objetos de medo foram a cobra, a aranha, o raio, o fantasma e a Momo. Os três primeiros eram elementos pertencentes à realidade objetiva, mas antropomorfizados por Amanda, revelando a projeção, sobre eles, de seus objetos internos. Não obstante, essa garotinha também incluiu outro temor, mais diretamente pertinente à sua realidade interna, sem suporte na externa: o fantasma, criatura no meio termo entre a vitalidade e a desvitalização (morto-vivo). Assim, existiu uma interferência da fantasia sobre os elementos da realidade exterior que, embora comum em crianças mais jovens, é menos frequente naquelas da idade da participante. Já a Momo referida por Carolina era de natureza fantasiosa, com uma invasão de aspectos da realidade exterior, conforme descrevemos anteriormente. No entanto, houve uma diferença fundamental entre as duas meninas: enquanto em Amanda os medos se encontravam pulverizados, havendo indistincões importantes entre objetos bons e maus, perseguidores e protetores, Carolina mostrou condições de localizá-lo com limites bem definidos, diferenciando

claramente as figuras de temor e de proteção, mostrando uma melhor condição egóica de diferenciação entre o eu e o não eu e das fronteiras entre os objetos internos.

Nesse cenário, o meio foi percebido como desfavorável, ambíguo e ambivalente para Amanda, enquanto para Carolina a sua qualidade nefasta era contrabalançada pela presença de uma mãe defensora, mesmo que o seu asseguramento se restringisse à oferta da defesa da evitação. Assim, a necessidade de proteção foi evidente nesses casos, mas em Carolina ela pode ser parcialmente atendida.

As angústias expressas pelas duas meninas foram de natureza persecutória, mas em Amanda havia a confusão entre objetos bons e maus, que se transformavam um no outro sem aviso. Dessa maneira, mesmo as defesas potentes que ela utilizava, mais psicóticas foram pouco eficazes para o domínio da angústia e, se algum alívio era possível, ele era breve e temporário. Já as defesas empregadas por Carolina, embora não proporcionassem a assimilação da angústia no *Self*, pelo menos permitiam um melhor controle da ansiedade. Consequentemente, nas duas meninas os desfechos das histórias não refletiram uma elaboração mais definitiva das angústias.

Em conclusão, no período da pandemia, essas duas meninas procedentes de escola pública diferenciaram-se bastante tanto na natureza dos medos expressos quanto nas defesas utilizadas para o controle da angústia. Embora esta última tenha sido, nos dois casos, a persecutória, as formas de manejá-la e as chances de contar com o meio foram bastante distintas, sendo que Amanda pareceu vivenciar um sofrimento mais pungente.

5.6 Síntese das meninas (Escola Particular) – Período da Pandemia (2020)

(Tabela na página a seguir)

Tabela 7 – Categorias de análise das produções do grupo de meninas de escola particular no período da pandemia.

Participantes	Júlia	Larissa	Natália	Olívia	Priscila	Sofia	Tatiana	Flávia
Idade	9	8	10	8	10	8	10	9
Objeto do Medo	Coronavírus	Acidente que provoca a perda dos pais	Escuro, animais de fazenda, oceano, filmes de terror e Coronavírus	Coronavírus e boneca	Boneca, barata e rato	Escuro	Câncer e acidente que provocam a perda dos pais	Vídeos da internet
Personagens e suas características	Coronavírus nocivo; familiares frágeis	Família: membros amorosos, mas frágeis	Animais, assustadores; filmes de terror que podem se tornar reais; Coronavírus, que faz adoecer; crianças assustadas	Coronavírus que mata; pessoas morrendo; boneca que assusta	Boneca, barata e rato, assustadores	Escuro (sem ação); Sofia, assustada e vulnerável	Pais vulneráveis	Vídeo da internet, assustador e invasivo
Natureza do medo	Real	Real	Real com elementos de fantasia que invadem a realidade	Real e fantasiosa	Real e fantasiosa	Real, transpassado por fantasias	Real	Fantasia, invadida pelo real
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	3ª	1ª	3ª	1ª	1ª	1ª	1ª	3ª
Necessidade	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção
Angústia	Perda do objeto	Perda do objeto	Persecutória	Aniquilação e Persecutória	Persecutória	Desamparo	Perda do objeto	Persecutória
Defesa	Neurótica	Psicótica	Neurótica	Psicótica	Neurótica	Neurótica	Neurótica	Neurótica

Continua

Continuação

Participantes	Júlia	Larissa	Natália	Olívia	Priscila	Sofia	Tatiana	Flávia
Eficácia das defesas	Eficaz	Pouco eficaz	Pouco eficazes	Pouco eficaz	Parcialmente eficazes	Razoavelmente eficaz	Pouco eficazes	Parcialmente eficaz
Meio	Assustador e nocivo	Bom, mas vulnerável	Assustador e pouco acolhedor	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável, mas oferece recursos para o controle da angústia	Bom, mas vulnerável	Desfavorável e invasivo
Desfecho	Elaboração da angústia	Pouca elaboração da angústia	Pouca elaboração da angústia	Sem elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia	Pouca elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia

Todas as meninas aceitaram a tarefa proposta e apresentaram unidades de produção correspondentes ao pedido, sendo que a maioria contou medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si, enquanto três delas criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções. A aplicação do DE-T ocorreu de forma online, então houve alguns pontos de interferência, como o uso materiais que não eram indicados ao procedimento – tesoura, canetinha, borracha e régua –, além da presença de outras pessoas durante no local que influenciaram na produção, como as mães ou irmãos. Uma das consequências foram os casos em que as unidades de produção ficaram sem título, pois as meninas foram interrompidas pelas mães para encerrar a chamada (como Olívia e Priscila).

Nas histórias têm três casos em que houve a inclusão de familiares ou conhecidos dentre os personagens, caracterizados pelas participantes como frágeis e/ou vulneráveis diante de situações temidas. Nesse sentido, a percepção foi de um meio que provoca um medo que pode não só as atingir, mas também aqueles que elas amam; daí surgem ou se intensificam suas preocupações quanto à perda do objeto que poderia atirá-las na solidão e no desamparo. Nas demais histórias, a criança (especificamente ou definida de modo mais geral como “as crianças”) era a principal vítima potencial do objeto temido.

A maioria dos medos relatados envolveu elementos da realidade, como o Coronavírus, a doença ou acidente que ocorre com um membro da família, animais (de insetos a animais da fazenda), escuro e vídeos da internet (não somente a Momo, mas também outros). Vale destacar que a identificação do Coronavírus como objeto de medo, embora sustentada por uma situação real, já que todos eram suscetíveis de serem contaminados, não suplantou aquela de objetos temidos pertencentes ao universo da fantasia das crianças como as bonecas, mas acrescentou-se a ela como um elemento de realidade altamente ameaçador, pelas proporções que a pandemia alcançou, sem haver ainda muitas medidas de proteção, pois na época as vacinas ainda estavam em desenvolvimento.

Nessas condições, o meio, como composto dos objetos temidos, foi descrito pelas meninas como assustador e desfavorável. Nos casos em que o meio incluiu a presença de figuras de cuidado (como família ou amigos), embora elas tenham sido definidas como globalmente boas, foram também caracterizadas como instáveis, vulneráveis e pouco acolhedoras, sem condições de corresponder às necessidades de proteção da criança e de si mesmas.

Nesse contexto, as angústias expressas se dividiram equitativamente entre a de perda do objeto, levando ao desamparo, e a persecutória, sendo que em metade desses casos ela se vinculou à pandemia do Coronavírus, embora acompanhada de outros elementos de pavor. Esse evento real, que deixou de fato todas as pessoas vulneráveis à aniquilação e à perda de objetos,

invadiu o universo subjetivo da criança, mas, felizmente não foi capaz de asfixiar a capacidade de sonhar e de fantasiar. As defesas empregadas para o controle da angústia foram em sua maioria pertencentes ao registro neurótico. Elas se mostraram parcialmente ou pouco eficazes para proporcionar a assimilação das angústias no *Self* e, com isso, os desfechos apresentados nas histórias não foram decisivos para a elaboração da angústia.

Em resumo, as meninas de escola particular, durante o período da pandemia, expressaram medos ligados principalmente a objetos da realidade compartilhada e atual, na qual a pandemia desempenhou um papel importante nas suas projeções, embora os temores vinculados ao domínio da fantasia não tenham desaparecido. Assim, a pandemia acrescentou algo a eles, mas não os substituiu, sendo que por vezes as angústias persecutória e de perda do objeto também foram vinculadas a esse fenômeno. Nesse contexto, as figuras de proteção foram descritas como, instáveis e pouco acolhedoras, visto que em vários casos elas também eram vítimas potenciais do objeto assustador, o que intensificava as preocupações das crianças. Diante disso, as defesas empregadas foram efetivamente mais maduras em sua maioria, mas mesmo assim pouco eficazes diante da ameaça. Com isso, nos desfechos, as tentativas de elaboração da angústia não foram bem sucedidas na maioria das vezes.

5.7 Síntese dos meninos (Escola Pública) – Período da Pandemia (2020)

Tabela 8 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola pública no período da pandemia.

Participantes	Leandro	Rafael
Idade	9	11
Objeto do Medo	Coronavírus e pesadelo	Queimadas que provocam crises respiratórias
Personagens e as suas características	Coronavírus, álcool em gel, Eduardo e Isaac, assustados que tentam enfrentar os medos	Queimada, faz adoecer; Jorginho, frágil; inalador e umidificador protetores
Natureza do medo	Real e fantasia invadida pelo real	Real
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	3ª	1ª
Necessidade	Proteção	Proteção
Angústia	Persecutória	Persecutória
Defesa	Neurótica	Psicótica
	Relativamente eficazes	Relativamente eficazes
Meio	Perigoso e assustador	Invasivo e insalubre, mas dispendo de recursos de proteção
Desfecho	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia

Os dois participantes aceitaram a tarefa proposta e apresentaram unidades de produção correspondentes ao pedido; ambos realizaram o procedimento de forma online e não tiveram dificuldade com o enquadre proposto, sendo que Leandro criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções, enquanto Rafael contou de medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si. Quanto às histórias, foram formadas por personagens que se viram vulneráveis diante de perigos externos – o Coronavírus e as queimadas que provocam crises respiratórias. Houve uma identificação entre os meninos com os personagens escolhidos como protagonistas das histórias, expondo suas próprias fragilidades.

Os objetos de medo foram vinculados a situações mais reais, como o Coronavírus e as queimadas que provocam crises respiratórias. Essas escolhas refletiram situações reais experienciadas, envolvendo condições do meio externo que pareciam invadir as crianças e deixá-las com poucas possibilidades de controle. Nesse sentido, o meio foi percebido principalmente como perigoso, assustador, invasivo e até mesmo insalubre. Embora ele tenha incluído também figuras de cuidado, estas não puderam oferecer uma proteção mais definitiva, de forma que a realidade objetiva acabou invadindo a subjetiva. No entanto, no caso de Leandro, o sonho reflete a tentativa de integrar essa experiência na área da onipotência do Self, a área da onipotência, em uma busca de elaboração, mas ainda não conseguida.

Com isso, a angústia persecutória permanece presente nas duas crianças, de forma que as tentativas de defesa atuais não possibilitam um desenlace mais definitivo, mas apenas parcial. Apesar do resultado semelhante há uma distinção importante entre a qualidade defensiva dos dois garotos. Ao passo que Leandro busca uma solução de integração da situação angustiante no *Self*, Rafael permanece dependente do objeto externo (a mãe), buscando soluções relativas a alterações nele (mudança de cidade). Diante disso, as possibilidades de ganhos em termos de consolidação e atualização do Self tornam-se mais restritas.

De forma geral, os dois meninos do grupo de escola pública no período da pandemia se referiram a medos ligados a objetos reais, que foram escolhas relacionadas às suas experiências atuais: o Coronavírus e queimadas, eventos passíveis de colocar a sua integridade física e emocional em risco. Com isso, pareceu haver uma imposição e invasão da realidade externa no mundo interno que eles tentavam integrar, mas até o momento esse esforço era apenas parcialmente eficaz. Com isso, as histórias apresentaram desfechos que demonstraram essas imperfeições.

5.8 Síntese dos meninos (Escola Particular) – Período da Pandemia (2020)

(Na página a seguir)

Tabela 9 – Categorias de análise das produções do grupo de meninos de escola particular no período da pandemia.

Participantes	Isaac	Júlio	Matheus	Paulo	Samuel	Vinícius	Alexandre	Carlos
Idade	11	8	8	8	8	10	10	8
Objeto do Medo	Morte da família	Coronavírus	Coronavírus	Personagem do filme “O lar das crianças peculiares”	Criatura Grandma	Tsunami e zumbi	Escuro	Assalto
Personagens e as suas características	Família, frágil; Isaac adulto e triste	Coronavírus ameaçador; dois meninos, cuidadosos	Coronavírus ameaçador; Mateus, em perigo	Personagens do filme, mas a criança, personagem principal, é boa	Avó fantasma má	Tsunami devastador; zumbis, perigosos	Escuro (sem ação); Alexandre, vulnerável	Assaltantes assustadores: amiga vulnerável; mãe e polícia protetores
Natureza do medo	Real	Real	Real	Fantasiada	Fantasiada	Real e Fantasiada	Real, transpassada por fantasias	Real
História contada em 1ª ou 3ª pessoa	1ª	3ª	1ª	1ª	1ª	1ª	1ª	1ª
Necessidade	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção	Proteção
Angústia	Perda do objeto	Persecutória (contaminar-se)	Persecutória (contaminar-se)	Persecutória	Persecutória	Persecutória	Persecutória	Aniquilação

Continua

Continuação

Participantes	Isaac	Júlio	Matheus	Paulo	Samuel	Vinícius	Alexandre	Carlos
Defesa	Psicótica	Neurótica	Neurótica	Neurótica	Psicótica	Psicótica	Neurótica	Neurótica
Eficácia das defesas	Pouco eficaz	Eficazes	Eficazes	Eficazes	Parcialmente eficaz	Pouco eficaz	Parcialmente eficazes	Parcialmente eficazes
Meio	Frágil	Assustador, mas também cuidadoso e responsável	Assustador, mas oferece recursos para a proteção	Limitador, constrangedor, mas visto como bom.	Desfavorável	Desfavorável	Desfavorável, mas oferece recursos para combater a angústia	Assustador, mas ofereceu recursos para o controle da angústia
Desfecho	Pouca elaboração da angústia	Elaboração da angústia	Elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia	Pouca elaboração da angústia	Elaboração parcial da angústia	Elaboração parcial da angústia

Todos os meninos aceitaram a tarefa proposta e apresentaram unidades de produção correspondentes ao pedido, sendo que a maioria contou medos mais particulares, aproveitando do momento da coleta para poder falar sobre si, e apenas um deles criou UP que se referiam às crianças de forma mais geral, como pedido nas instruções. Houve influências importantes durante a aplicação do Procedimento como a presença de familiares no mesmo local em que estava a criança, ou elementos do ambiente que chamavam sua atenção. Além disso os meninos incluíram o uso de materiais que não faziam parte da aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, como canetinha, borracha e régua. As histórias, em sua maioria, além dos objetos de medo, tinham os próprios meninos ou seus familiares como os personagens. Nesse contexto, eles foram caracterizados como vulneráveis ou possíveis vítimas dos objetos de temor, mas em muitos dos casos eram capazes de buscar proteção, desenvolvendo recursos da própria realidade interna ou procurando-os no meio.

Predominaram no grupo medos relacionados a situações e objetos reais, como o do Coronavírus, a perda da família, assalto, escuro e tsunamis. Essas escolhas remeteram a situações reais e atuais; destacou-se o papel que o Coronavírus teve nesse grupo, consistindo no único objeto temido representado em dois dos oito casos. Com isso, ele evidencia a influência da realidade exterior nos medos da criança, seja constituindo ansiedades, seja ofertando recipientes para a projeção delas a partir da realidade interna da criança. Essa constatação também pode ser aplicada a outras situações como o assalto e a perda da família. Nos medos de origem mais fantasiosa se destacaram personagens de histórias de terror, como os zumbis, a criatura do filme “O lar das crianças peculiares” e a Grandma, figuras presentes na realidade compartilhada e conhecidas, mas que se integram à fantasia da criança.

Equilibrando o potencial ameaçador dos objetos de medo, se destacou nesse grupo a percepção de um ambiente que era relativamente acolhedor e que oferecia recursos de enfrentamento, fossem eles pessoas ou objetos inanimados (máscara, luz, álcool em gel). Desse modo, em todos os meninos existia a necessidade de proteção, mas havia expedientes para fazer face a ela, mesmo que os resultados não fossem totalmente satisfatórios.

Era nesse contexto de um meio que oferecia algumas possibilidades de cuidado que eram vividas as angústias dos meninos, a maioria delas de natureza persecutória. Nesse cenário, as defesas principais foram menos violentas e mais evoluídas do ponto de vista pulsional, pertencentes ao registro neurótico, funcionando de forma eficaz ou moderadamente eficaz. Isso resultou em desfechos um pouco mais satisfatórios em termos da integração completa ou pelo menos parcial da angústia no *Self*.

Em suma, os resultados do grupo de meninos de escola particular no período da pandemia indicaram a designação do medo a situações e objetos presentes na realidade exterior, embora houvesse também espaço para a fantasia, que eventualmente se integrou a eles. A angústia predominante foi de natureza persecutória, combatida principalmente por defesas do registro neurótico. Apesar do potencial assustador do meio, visto que ele era composto do objeto temido, ele também incluiu figuras de cuidado (pessoas ou objetos inanimados) que acompanhavam os meninos diante das angústias, mesmo se no final a elaboração e assimilação delas no *Self* não fosse completa, conforme demonstraram os desfechos das UPs.

6 SÍNTESES COMPARATIVAS

6.1 Síntese comparativa: os medos de meninos e de meninas

Nesse momento será realizada a comparação dos resultados das crianças do sexo masculino e feminino quanto ao objeto de medo referido, sua natureza, angústia expressa, principais defesas utilizadas, características atribuídas ao meio e qualidade do desfecho das unidades de produção do DE-T. Os resultados serão apresentados em tabelas, de modo a facilitar a visualização, iniciando com os objetos de medo mencionados pelas crianças na tabela 10.

Tabela 10 – Frequências dos objetos de medo mencionados pelos grupos de meninas e meninos.

Objeto de medo	Meninas	Meninos	Total
Personagens de filme de terror (Jason, It, Anabelle, Personagem de “O lar das crianças peculiares”)	1	6	7
Coronavírus	3	3	6
Animais e insetos	6	0	6
Objetos e fenômenos sobrenaturais (Caveira, fantasma, espírito e zumbi)	4	1	5
Momo e vídeos da internet	4	1	5
Objetos e fenômenos da natureza (tsunami, penhasco, raio, oceano e queimadas)	2	3	5
Monstros e criaturas fantásticas	0	4	4
Assalto/Ladrão	2	2	4
Morte dos pais	2	1	3
Escuro	2	1	3
Boneca	2	0	2
Pesadelo	0	1	1
Separação dos pais	1	0	1
Morte (própria)	0	1	1
Pai	1	0	1
Bronca	0	1	1
Total ²¹	30	25	55

A tabela 10 revela que as meninas descreveram mais objetos de medo do que os meninos, superando-os em torno de 10% dos totais. Esses objetos referidos se diferenciaram entre os sexos, sendo que entre os meninos se destacaram os personagens de filmes de terror e monstros e criaturas fantásticas (de histórias próprias ou lendas urbanas), que se constituíram nos elementos preferidos por eles para a realização de projeções e deslocamentos de sua

²¹ Os totais dessas categorias excederam o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de um objeto de medo.

angústia. Por outro lado, as meninas mencionaram mais animais ou insetos, fenômenos sobrenaturais e a Momo e vídeos da internet, que se dividiram entre si em quantidade semelhante. Nesse contexto, os temores atribuídos aos objetos sobrenaturais como fantasmas e espíritos as aproximam dos meninos, porque muitas vezes são eles que se constituem como personagens de filmes de terror (por exemplo, a Anabelle e o It); a diferença parece residir principalmente no caráter mais específico deles nos relatos dos meninos, que o situaram em um personagem, do que no caso delas, em que eles foram mais generalizados.

Porém, houve uma diferença mais pronunciada entre os sexos com relação à atribuição de animais e insetos como objetos de medo pelas meninas e de monstros e criaturas fantásticas pelos meninos, sugerindo a predileção, por parte delas, de elementos pertencentes à realidade exterior como suportes das projeções e deslocamentos, ao passo que os meninos se caracterizaram mais pelo apego à imaginação, ao mundo da fantasia. A única exceção entre as meninas diz respeito à Momo, que foi considerada como um elemento da fantasia, mas que era invadido pela realidade exterior, por ter certo manejo das pessoas ao criar esses vídeos.

No entanto, as semelhanças entre meninos e meninas no tocante ao medo do Coronavírus e de fenômenos da natureza revelou a presença, também nos primeiros, de elementos da realidade objetiva para situar o medo, demonstrando que o apego a objetos fantásticos era uma primazia, mas não uma exclusividade. Por sua vez, as garotinhas, bem mais do que eles, expressaram temores vinculados à sua situação familiar, envolvendo a perda de entes queridos (morte ou separação dos pais), ou o temor das atitudes e comportamentos de um membro da família.

Diante disso, a tabela 10 mostrou que, em termos da atribuição de objetos de medo existe uma certa tendência das meninas a um maior apego a elementos da realidade exterior, incluindo a relacional, enquanto os meninos aderem mais ao mundo da fantasia, mas nos dois sexos existe espaço tanto para a objetividade quanto para a imaginação. Apesar disso, as meninas permanecem mais temerosas do que os meninos de uma maneira geral.

Tabela 11 – Frequências da natureza dos medos mencionados pelos grupos de meninas e meninos.

Natureza do medo	Meninas	Meninos	Total
Real	17	11	28
Real, invadida por elementos da fantasia	2	1	3

Continua

Continuação

Fantasiosa	7	12	19
Fantasiosa com invasão do real	4	1	5
Total ²²	30	25	55

A natureza real dos medos predominou entre as crianças, especialmente nas meninas. Desse modo, reiterando os resultados descritos na tabela e discussão anteriores, existe uma maior tendência dos meninos à atribuição de temores ligados a objetos da imaginação (52%), mas esta é apenas ligeiramente superior àquela vinculada à realidade exterior (48%). Já quanto às meninas, esta diferença é maior (36% e 63,3%, respectivamente), revelando o caráter mais próximo dos temores da realidade exterior, embora isso não signifique necessariamente que elas sejam mais realistas, visto tratarem-se também de elementos da realidade interna projetados na externa. Destaca-se também que, no caso delas, existem mais invasões da realidade na fantasia do que nos meninos. Em suma, no que concerne à natureza dos medos, os meninos mostraram maior predomínio, embora leve, da realidade subjetiva no seu funcionamento psíquico, enquanto as meninas temiam objetos mais reais, que eventualmente chegavam a invadir o espaço da fantasia.

Tabela 12 – Frequência das angústias expressas pelos grupos de meninas e meninos.

Angústia	Meninas	Meninos	Total
Persecutória	12	12	23
Perda do objeto	7	2	9
Aniquilação	2	6	8
Total ²³	21	20	41

A angústia predominante nos dois grupos foi a persecutória, ligada diretamente à ação deliberada e direta dos objetos de medo sobre a criança. Em seguida, a angústia de aniquilação prevaleceu nos meninos, remetendo à possibilidade de destruição do *Self*, enquanto para as meninas a segunda angústia mais importante foi a de perda do objeto, que alude a um temor de como os objetos temidos poderiam destruir os amados, internos ou externos. Portanto, quando a integridade total do ego (angústia persecutória) não se encontrava em risco, a principal

²² O total dessa categoria excedeu o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de um objeto de medo com naturezas diferentes.

²³ O total dessa categoria excedeu o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de uma angústia.

preocupação dos meninos volta-se para si mesmo, enquanto para as garotinhas ela esteve mais vinculada às consequências sobre o outro (real ou interiorizado), mais ligada à sua capacidade de preocupação com ele.

Tabela 13 – Frequências das qualidades defensivas utilizadas pelos grupos de meninas e meninos.

Defesas	Meninas	Meninos	Total
Neurótica	13	9	22
Psicótica	7	11	18
Total	20	20	40

Mesmo diante de angústias semelhantes, houve um número muito amplo de defesas empregadas, tanto do registro neurótico, quanto do psicótico, refletindo a flexibilidade defensiva das crianças para proteger o ego. Houve poucas diferenças entre os sexos quanto à distribuição de cada uma das defesas utilizadas.

Embora as defesas do tipo neurótico tenham predominado nos dois grupos, as diferenças entre elas e aquelas do registro psicótico foram mais pronunciadas nas meninas do que nos meninos. Essa diferença parece coerente com a predileção das meninas para situar os seus objetos de medo no mundo exterior, o que permite dar contornos mais específicos à angústia e, com isso, possibilita, *a priori*, o emprego de defesas mais flexíveis e menos violentas contra a angústia.

Tabela 14 – Frequências da eficácia das defesas utilizadas pelos grupos de meninas e meninos.

Eficácia da defesa	Meninas	Meninos	Total
Pouco eficaz (es)	9	9	18
Parcialmente eficaz (es)	7	6	13
Relativamente eficaz (es)	1	2	3
Eficaz (es)	3	3	6
Total	20	20	40

O nível de eficácia das defesas se mostrou semelhante nos dois grupos. Assim, mesmo com a sua variedade e com as diferenças de recorrência aos expedientes do registro psicótico e neurótico entre os meninos e meninas, as defesas foram, em sua maioria, pouco ou apenas parcialmente eficazes, traduzindo um cenário em que as angústias permanecem intensas e não integradas ao *Self*; nesse contexto, elas podem somente serem afastadas da consciência, geralmente de forma temporária. Com isso, os medos prosseguem existindo, sem um desenlace mais definitivo para a criança.

Tabela 15 – Frequências das percepções do meio pelos grupos de meninas e meninos.

Meio	Meninas	Meninos	Total
Desfavorável	9	9	18
Perigoso/ Assustador/ Agressivo	6	8	14
Bom/ Protetor/ Cuidadoso/ Oferece recursos/ Estabelece limites	6	6	12
Insalubre/Nocivo/ Invasivo	3	3	6
Frágil/Vulnerável	2	1	3
Pouco continente/ Pouco acolhedor / Indiferente às necessidades	3	0	3
Limitador/ Constrangedor/ Castrador	0	2	2
Neutro/ Ausente	1	1	2
Ambivalente	1	0	1
Total ²⁴	31	30	61

Foram várias as características referidas para descrever como o meio era percebido pelas crianças, incluindo nele a presença do objeto temido. Novamente, os resultados foram muito semelhantes para os dois grupos. Assim, para ambos destacou-se a percepção de um meio desfavorável, perigoso, assustador e agressivo. Esses resultados acrescidos daqueles em que o ambiente foi retratado como insalubre/nocivo/ invasivo, pouco continente/pouco acolhedor/indiferente às necessidades ou ainda como limitador/constrangedor/castrador compuseram a grande maioria das características atribuídas a ele, contando com 43 das 61 menções do grupo total (70,5%), distribuídas entre 21 das 31 referidas pelas meninas (67,7%) e 22 das 30 pelos meninos (73,3%). Assim, para as crianças, principalmente os meninos, o meio é concebido de forma negativa, sendo que a presença do objeto assustador é poucas vezes contrabalançada por outros objetos protetores e asseguradores (apenas 12 em 61 vezes nos casos totais, ou 19,6%). Ocasionalmente o meio, embora contando com esses elementos que amparam a criança, é visto por elas como frágil e vulnerável, tornando-se um objeto a mais de preocupação e não de alívio. Desse modo, diante do objeto temido, na grande maioria das vezes a criança sente não ter com quem contar para ajudá-la a aplacar a angústia. Diante disso, a sensação experimentada é a de uma intensa susceptibilidade à ameaça.

Tabela 16 – Frequências dos desfechos mencionados pelos grupos de meninas e meninos.

Desfecho	Meninas	Meninos	Total
Sem elaboração da angústia	2	3	5
Pouca elaboração da angústia	4	5	9
Elaboração parcial da angústia	12	10	22
Elaboração da angústia	2	2	4
Total	20	20	40

²⁴ O total dessa categoria excedeu o número de participantes pois algumas crianças se referiram a mais de uma característica em sua percepção do meio.

Com relação ao desfecho das unidades de produção, ou seja, o resultado do manejo do medo pela criança, em acordo com a sua natureza, as defesas empregadas e as características do meio, a tabela 16 revela que os números novamente são semelhantes para os meninos e as meninas. Desse modo, a maioria das crianças apresentou uma elaboração parcial da angústia (22 dos 40 casos) seguida de uma elaboração mais modesta (9 dos 40 casos).

Com isso, mesmo que os objetos de medo e sua natureza se diferenciem nos grupos de meninas e meninos, bem como os tipos de defesas utilizados, a assimilação da angústia no *Self* permanece incompleta e o medo prossegue rondando a criança.

6.2 Síntese comparativa: os medos de crianças de escola pública e de escola particular

A comparação dos resultados das crianças provenientes de escolas públicas e particulares quanto aos objetos de medo citados, suas naturezas, angústias expressas, principais defesas utilizadas, características atribuídas ao meio e qualidade dos desfechos das unidades de produção do DE-T é o assunto deste tópico. A análise desses resultados será feita incluindo, além dos cálculos numéricos das menções em cada categoria de classificação, também as porcentagens²⁵ das crianças que as referiram, pois a quantidade de participantes em cada grupo foi diferente (14 crianças de escolas públicas e 26 de escolas particulares²⁶).

Tabela 17 – Frequências dos objetos de medo mencionados pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que os referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Objeto de medo	Pública		Particular		Total
Personagens de filme de terror (Jason, It, Anabelle, Personagem de “O lar das crianças peculiares”)	3	21,4%	4	15,4%	7
Coronavírus	1	7,1%	5	19,2%	6
Animais e insetos	2	14,3%	4	15,4%	6
Objetos e fenômenos sobrenaturais (caveira, fantasma, espírito e zumbi)	2	14,3%	3	11,5%	5
Momo e vídeos da internet	4	28,6%	1	3,8%	5
Objetos e fenômenos da natureza (tsunami, penhasco, raio, oceano e queimadas)	3	21,4%	2	7,7%	5
Monstros e criaturas fantásticas	1	7,1%	3	11,5%	4

Continua

²⁵ É importante ressaltar que as porcentagens não têm valores estatísticos e foram usadas apenas com o objetivo proporcionar uma melhor visão dos grupos.

²⁶ O número de participantes foi diferente em cada grupo devido à mudança no formato da coleta de dados para online durante o período da pandemia do Coronavírus, testemunhando a maior dificuldade de acesso aos recursos de informática e internet por parte das crianças de escolas públicas.

Continuação

Objeto de medo	Pública		Particular		Total
Assalto/Ladrão	3	21,4%	1	3,8%	4
Morte dos pais	0	0	3	11,5%	3
Escuro	0	0	3	11,5%	3
Boneca	0	0	2	7,7%	2
Pesadelo	1	7,1%	0	0	1
Separação dos pais	0	0	1	3,8%	1
Morte (própria)	0	0	1	3,8%	1
Paí	0	0	1	3,8%	1
Bronca	1	7,1%	0	0	1
Total²⁷	21		34		55

A tabela 17 expõe que as crianças de escola pública e particular não apresentaram uma diferença significativa entre a quantidade de medos relatados, pois no primeiro grupo a média foi de 1,5²⁸ medos por criança e, no segundo, de aproximadamente 1,3²⁹; porém os objetos referidos mudaram entre os dois. No grupo da escola pública se destacaram a Momo e vídeos da internet, seguido de personagens de filme de terror, objetos/fenômenos da natureza e assalto/ladrão. Já entre as crianças de escolas privadas sobressaiu o medo do Coronavírus, os personagens de filme de terror e os animais e insetos.

Dessa maneira, embora ambos os grupos se aproximassem na atribuição do medo a personagens de filmes de terror, que se destacaram em número total (apareceu 7 vezes dentre as 55) e que foram referidos por 21,4% das crianças de escolas públicas e 15,4% de escolas particulares, no primeiro grupo pareceu haver uma presença ligeiramente maior do apego à fantasia em comparação ao segundo. Nesse sentido, as menções aos objetos mais ligados ao mundo de fantasia das crianças, sustentados ou não pelas produções culturais da realidade compartilhada (personagens de filmes de terror, objetos e fenômenos sobrenaturais, Momo e vídeos da internet, boneca, pesadelo, monstros e criaturas fantásticas) somaram 11 das 21 referências (52%) das crianças de escolas públicas e 13 das 34 menções (38%) daquelas de escolas particulares. Os responsáveis por essa diferença pareceram ser a figura da Momo, no grupo de escola pública e do Coronavírus no de escola particular. Sem a presença da Momo, os resultados das crianças das escolas públicas e privadas se aproximam (41,1% e 36,4%, respectivamente). Porém, também surgiram em uma frequência significativa nas crianças das escolas públicas o medo dos objetos/fenômenos da natureza e do assalto/ladrão, que consistem

²⁷ Os totais dessa categoria, bem como o das porcentagens excederam o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de um objeto de medo.

²⁸ Foram referidos 21 objetos de medo em um grupo com 14 crianças.

²⁹ Foram mencionados 34 objetos de medo em um grupo com 26 crianças.

em objetos reais sobre os quais são projetadas as suas angústias, aproximando a porcentagem destes (47,6%) com os fantasiosos nesse grupo.

Essa diferença na porcentagem é um pouco maior entre as crianças de escola particular (38% de objetos fantasiosos e 62% de reais). Porém, é importante destacar que essas crianças constituíram maioria na etapa da coleta de dados durante a pandemia do SARS-CoV-2. Dessa maneira, o Coronavírus desempenhou um papel para esse grupo, de forma que com a sua presença, os medos de objetos reais (animais e insetos, objetos e fenômenos da natureza, assalto/ladrão, morte dos pais, escuro, separação dos pais, morte própria, pai e bronca) corresponderam a 61,7% em comparação a 55,2% se retirado do cômputo. Portanto, esse evento influenciou as angústias dessas crianças, mas de maneira leve, pois nelas já predominava um caráter mais realista dos medos, comparados àqueles mais ligados às construções fantasiosas.

Tabela 18 – Frequências da natureza dos medos mencionados pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que os referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Natureza do medo	Pública		Particular		Total
Real	10	71,4%	18	69,2%	28
Real, invadida por elementos da fantasia	0	0	3	11,5%	3
Fantasiosa	7	50%	12	46%	19
Fantasiosa com invasão do real	4	28,6%	1	3,8%	5
Total ³⁰	21		34		55

As menções a objetos de medo de natureza real, predominaram entre as crianças de escola particular (18), mas tiveram presença também dentre os alunos de escola pública (10). Nesse sentido, a tabela 10 mostra que nas crianças de escolas particulares os medos que remeteram a objetos ou situações da realidade consistiram em mais da metade das referências delas, seguidos pelos de natureza fantasiosa. Em relação ao grupo de escola pública, houve um destaque importante para os medos de caráter predominantemente fantasioso, referido por 50% dos participantes (personagens de filmes de terror, objetos e fenômenos da natureza, monstros e criaturas fantásticas, boneca e pesadelo), porcentagem esta que aumenta se incluirmos nesse cômputo aqueles objetos que implicam em uma invasão do real na fantasia (Momo e vídeos da internet): juntos, esses medos foram referidos por 78,6% das crianças, contra 71,4% dos reais).

No que se refere às crianças procedentes de escolas particulares, o predomínio dos objetos da realidade objetiva (Coronavírus, animais e insetos, objetos e fenômenos da natureza,

³⁰ O total dessa categoria, bem como o das porcentagens, excedeu o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de um objeto de medo com naturezas diferentes.

assalto/ladrão, separação dos pais, morte própria ou dos pais, pai e bronca), especialmente quando acrescidos daqueles de natureza real invadida pela fantasia (escuro), revela o privilégio que elas conferem à realidade objetiva em detrimento do espaço da imaginação para a localização de seus afetos e angústias, em comparação aos alunos de escolas públicas. Em contrapartida, para estes últimos, a natureza mais fantasiosa dos temores, invadida ou não pela realidade, teve maior impacto.

Como havíamos apontado anteriormente, essa diferença nos resultados também pareceu dever-se ao advento da pandemia do SARS-CoV-2: assim, sem o Coronavírus no cômputo, as referências aos medos de objetos da realidade exterior das crianças se equivalem (45% para as escolas públicas e 44,8% para as particulares). Essa igualdade, no entanto, não é suficiente para se alcançar uma equidade quanto aos medos de natureza fantasiosa nos dois tipos de escola, por conta da presença dos medos reais invadidos pela fantasia nas crianças de estabelecimentos particulares. Dessa maneira, mesmo sem o Coronavírus, as porcentagens das referências aos medos de natureza fantasiosa, invadidos ou não pela realidade, seriam de 55% para as escolas públicas e 44,8% para as particulares, revelando assim as especificidades desses grupos.

Tabela 19 – Frequências das angústias expressas pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Angústia	Pública		Particular		Total
Persecutória	9	64,2%	16	59,2%	25
Perda do objeto	1	7,2%	6	22,2%	7
Aniquilação	4	28,6%	5	18,6%	9
Total ³¹	14		27		41

A preponderância da angústia persecutória foi evidente, especialmente para os alunos de escola pública, sendo identificada em cerca de 64,2% das UPs, ao passo que para o grupo de escola particular ela equivaliu a aproximadamente metade da amostra (59,2%). Assim, prevaleceu um temor voltado à integridade do ego nos dois grupos, com um destaque secundário para o temor quanto à aniquilação em ambos os grupos. Com isso, as inseguras sobre a própria integridade global representam uma preocupação importante entre os participantes da pesquisa de forma geral.

³¹ Os totais dessas categorias podem exceder o número e a porcentagem dos participantes pois algumas crianças apresentaram mais de uma angústia.

Tabela 20 – Frequências da qualidade defensiva utilizadas pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Defesas	Pública		Particular		Total
Neurótica	7	50%	15	57,7	22
Psicótica	7	50%	11	42,3	18
Total	14		26		40

Em termos dessa variedade defensiva, houve um predomínio de mecanismos ligados ao registro neurótico, que consistiram em 22 dos 40 expedientes empregados, contra 18 do registro psicótico. No entanto, também houve uma diferença quanto à recorrência a esses registros em ambos os grupos. Desse modo, ao passo que as crianças de escolas públicas exibiram uma distribuição um pouco mais equitativa entre as defesas do tipo neurótico e psicótico (50% em ambas), aquelas das escolas particulares mostraram uma preferência mais marcada pelos mecanismos do primeiro tipo (57,7%) em relação ao segundo (42,3%). De qualquer modo, as defesas de ambos os registros estiveram presentes nos dois grupos, revelando um leque variado de expedientes para a proteção do ego a utilizar de acordo com a qualidade da angústia enfrentada.

Tabela 21 – Frequências da eficácia das defesas utilizadas pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Eficácia da defesa	Pública		Particular		Total
Pouco eficaz (es)	6	42,8%	12	46%	18
Parcialmente eficaz (es)	5	35,7%	8	30,7%	13
Relativamente eficaz (es)	2	14,2%	1	3,8%	3
Eficaz (es)	1	7,1%	5	19,2%	6
Total	14		26		40

Os níveis de eficácia das defesas foram relativamente semelhantes nos dois grupos, com exceção de um destaque para a maior presença de mecanismos com eficácia mais “completa” entre os alunos de escola particular (19,2%) com relação aos de escola pública (7,1%). Mesmo assim, quando consideradas juntas as defesas eficazes e relativamente eficazes, os resultados das crianças de escolas públicas e particulares se aproximam (21,4% e 23%, respectivamente). Essa semelhança, aliada às porcentagens próximas entre os grupos quanto às defesas pouco e parcialmente eficazes (que, aliás, constituíram maioria para ambos) revela a presença de uma angústia que permanece rodeando a criança, sem condições até o momento de uma integração mais definitiva no *Self*.

Tabela 22 – Frequências das percepções do meio pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que as referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Meio	Pública		Particular		Total
Desfavorável	9	64,2%	9	34,6%	18
Perigoso/ Assustador/ Agressivo	3	21,4%	11	42,3%	14
Bom/ Protetor/ Cuidadoso/ Oferece recursos/ Estabelece limites	2	14,28%	10	38,4%	12
Insalubre/Nocivo/ Invasivo	4	28,5%	2	7,6%	6
Frágil/Vulnerável	0	0	3	11,5%	3
Pouco continente/ Pouco acolhedor / Indiferente às necessidades	1	7,1%	2	7,6%	3
Limitador/ Constrangedor/ Castrador	1	7,1%	1	3,8%	2
Neutro/ Ausente	1	7,1%	1	3,8%	2
Ambivalente	1	7,1%	0	0	1
Total ³²	22		39		61

A percepção do meio, incluindo nele a presença do objeto temido, apresentou diferenças significativas entre os dois grupos. Apesar de ambos demonstrarem uma visão do ambiente como desfavorável (9 indicações), esse número ganha uma proporção muito maior para as crianças de escola pública, referido por 64,2% delas, enquanto para o outro grupo ele correspondeu a 34,6%. Para os alunos de escola particular se sobressai a percepção de aspectos perigosos, assustadores e agressivos do ambiente (42,3%), mas que é contrabalançada em grau semelhante pela visão de um ambiente protetor (38,4%), que se esforça para oferecer recursos para o enfrentamento da angústia; assim, esse meio não foi percebido como de todo ruim, fornecendo certo amparo às crianças. Por outro lado, predomina a sensação de um meio insalubre, nocivo e invasivo para o grupo de escola pública (28,5%), que pouco percebe no ambiente um apoio necessário para aplacar as angústias (14,28%).

Essa diferença entre as crianças de escolas públicas e privadas torna-se ainda mais evidente quando se considera o número de menções realizadas às características do meio. Assim, as referências a um ambiente desfavorável, perigoso/ assustador/ agressivo, insalubre/nocivo/ invasivo, pouco continente/ pouco acolhedor / indiferente às necessidades e limitador/ constrangedor/ castrador, somaram 18, ou 81,8%, das menções no grupo da escola pública, contra 25, ou 64,1% no da escola particular. Nesse mesmo cenário, as referências das crianças de escola pública ao ambiente como bom/ protetor/ cuidadoso/ oferece recursos/ estabelece limites foram apenas 2 (9%), comparadas a 10 (25,6%) das crianças de escolas particulares. Diante disso, é possível afirmar que as crianças de escolas particulares consideram

³² Os totais dessas categorias excedem o número de participantes pois algumas crianças se referiram a mais de uma característica em sua percepção do meio.

poder contar mais com o auxílio do meio para o controle da angústia, sentindo-se mais protegidas, embora não imunes a ela.

Tabela 23 – Frequências dos desfechos mencionados pelos grupos de escolas públicas e particulares e porcentagens das crianças que os referiram em relação ao total de participantes de cada grupo.

Desfecho	Pública		Particular		Total
Sem elaboração da angústia	2	14,3%	3	11,5%	5
Pouca elaboração da angústia	2	14,3%	7	27%	9
Elaboração parcial da angústia	9	64,2%	13	50%	22
Elaboração da angústia	1	7,2%	3	11,5%	4
Total	14		26		40

Com relação aos desfechos das unidades de produção, a tabela 23 revela uma distribuição similar entre os grupos de crianças provenientes de escola pública e particular, com uma porcentagem muito semelhante de desfechos com pouca ou apenas parcial elaboração da angústia (78,5% e 77%, respectivamente). No entanto, as crianças das escolas públicas pareceram alcançar um nível de assimilação um pouco maior do medo, dada a diferença entre elas e as de escola privada no que tange à elaboração parcial. As demais categorias, com e sem elaboração, mostraram-se muito próximas nos dois grupos.

Em resumo, os resultados das crianças revelaram que, com relação à natureza dos medos, aqueles ligados a elementos da realidade externa prevaleceram em relação aos fantasiosos para o grupo das escolas particulares (62% e 38%, respectivamente). Já nas crianças de escola pública houve uma distribuição mais semelhante entre os temores relacionados aos objetos reais e àqueles que eram produtos das fantasias (52% e 48%). Por isso, a contraposição entre as crianças procedentes das escolas públicas e privadas mostrou existir uma tendência maior ao apego à fantasia para as primeiras. Esse lugar de destaque reservado à vida de fantasia pelas crianças das escolas públicas é passível de responder pelo predomínio de angústias mais primitivas (aniquilação e persecutória) em relação aos alunos da rede privada (78,4% e 61,4% respectivamente), pois apesar da fantasia vincular-se a uma criatividade maior, ela seria menos matizada pelos limites da realidade exterior, que fornece contornos mais definidos à angústia e, com isso, proporciona melhores condições de seu manejo. Por esse motivo também houve mais recursos às defesas do registro psicótico nesse grupo (em comparação aos de escolas particulares), visto serem elas mais potentes contra a ansiedade de aniquilação e à persecutoriedade.

Com relação ao meio, mesmo existindo nos dois grupos a preponderância de sua percepção como negativa, ele foi visto como mais acolhedor/protetor pelas crianças das escolas

particulares, como uma ajuda potencial com que podem contar, o que equilibrava até certo ponto as suas características prejudiciais. Já as crianças de escolas públicas contavam menos com esse recurso. Mesmo diante dessa desvantagem das crianças das escolas públicas, não houve diferença com relação à qualidade dos desfechos entre os dois grupos, sendo que a assimilação reduzida ou parcial da angústia no *Self* fazia com que a criança permanecesse assombrada pelos medos, situados em objetos reais ou fantasiosos.

Esses resultados, contudo, pareceram sofrer uma influência importante do advento da pandemia do SARS-CoV-2, principalmente aqueles das crianças de escolas da rede privada, que compuseram a maior parte da amostra nessa etapa da coleta de dados. Assim, esta análise já permitiu verificar que a pandemia parece ter interferido na qualidade dos medos dessas crianças, gerando uma certa “inflação” daqueles relacionados a objetos reais em comparação com os referentes a construções da fantasia e, provavelmente também na qualidade menos favorável do destino da angústia, visto que na época não existia ainda a vacina, sendo o isolamento social a principal medida de proteção em voga. De qualquer maneira, uma comparação dos resultados das crianças no período da pandemia e anterior a ele, assunto do próximo tópico, fornecerá mais elementos para essa discussão.

6.3 Síntese comparativa: os medos das crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus

Este tópico apresenta a comparação dos resultados das crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus quanto ao objeto de medo mencionado, sua natureza, angústias expressas, principais defesas, características atribuídas ao meio e qualidade do desfecho do DE-T. Como nas sínteses anteriores, os resultados serão apresentados em tabelas, iniciando com os objetos de medo citados pelas crianças

Tabela 24 – Frequências dos objetos de medo mencionados pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Objeto de medo	Anterior	Pandemia	Total
Personagens de filmes de terror (Jason, It, Anabelle, Personagem de “O lar das crianças peculiares”)	5	2	7
Coronavírus	0	6	6
Animais e insetos	1	5	6
Objetos e fenômenos sobrenaturais (Caveira, fantasma, espírito e zumbi)	3	2	5
Momo e vídeos da internet	3	2	5
Objetos e fenômenos da natureza (tsunami, penhasco, raio, oceano e queimadas)	1	4	5
Monstros e criaturas fantásticas	3	1	4
Assalto/Ladrão	3	1	4
Morte dos pais	0	3	3
Escuro	0	3	3
Boneca	0	2	2
Pesadelo	0	1	1
Separação dos pais	1	0	1
Morte (própria)	1	0	1
Pai	1	0	1
Bronca	1	0	1
Total ³³	23	32	55

A tabela 25 indica que os participantes dos grupos pré e durante a pandemia descreveram uma quantidade de objetos de medo parecida (11 e 12, respectivamente), mas a frequência deles no segundo grupo (32) foi maior do que a do primeiro (23), correspondendo a uma diferença de 16%. A média dos medos referidos no período pré-pandemia foi de 1,2 (23 medos em 20 crianças) e a do período da pandemia foi de 1,6 (32 medos em 20 crianças). Além dessa variação quantitativa, houve também distinções entre os dois grupos em termos dos objetos citados. Assim, entre as crianças que participaram do estudo previamente ao evento da pandemia destacou-se o medo de personagens de filmes de terror, seguido de monstros e criaturas fantásticas, objetos/fenômenos sobrenaturais, Momo e vídeos da internet (14 das 23 menções desse grupo) e assalto/ladrão (3 citações). Percebe-se que esses medos pertencem, em sua maioria, ao universo da fantasia, indicando uma predileção dessas crianças para situarem seus temores em objetos criados no seu mundo de imaginação, sustentados ou não pela realidade compartilhada. Por outro lado, houve um predomínio de medos dirigidos a objetos da realidade exterior nas crianças durante a pandemia, com ênfase no Coronavírus, animais e insetos, e objetos e fenômenos da natureza (15 das suas 32 referências), indicando que os elementos do

³³ Os totais dessas categorias excedem o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de um objeto de medo.

mundo objetivo prevaleceram como recipientes para situar a angústia, com maior ou menor grau de realismo. Além disso, o medo da morte dos pais merece um destaque especial, pois surgiu somente nesse segundo grupo e muitas vezes ligado ao Coronavírus.

É importante destacar que o Coronavírus pareceu desempenhar um papel importante nas diferenças entre os medos enfrentados pelas crianças nos dois períodos. Nesse sentido, as porcentagens das referências aos objetos de medo do mundo exterior no período da pandemia corresponderam a 69% (22 em 32), sendo que sem a presença do Coronavírus nesse momento elas cairiam para 61,5% (16 em 26). Com relação ao número total de menções por todas as crianças, independente do período da coleta de dados, com o Coronavírus os medos reais somam 31 em 55 (56,4%), sendo que na sua ausência eles constituiriam 25 em 49 (51%). Assim, a pandemia do Coronavírus parece ter tido um impacto importante, mas não apenas em si mesma como desencadeadora de medo: ela pareceu influenciar mais no sentido de aumentar de maneira geral os medos das crianças relacionados a objetos reais.

Em suma, os participantes do período da pandemia se mostraram mais temerosos do que aqueles do período anterior a ela; no primeiro grupo prevaleceram temores vinculados a elementos da realidade externa, que pareceram adentrar o espaço da imaginação das crianças. Por outro lado, para o grupo que participou da pesquisa no momento anterior à pandemia, houve mais recurso aos elementos da fantasia para situar a angústia, mas mesmo assim os objetos da realidade exterior também tiveram o seu lugar como recipientes dela.

Tabela 25 – Frequências da natureza dos medos mencionados pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Natureza do medo	Anterior	Pandemia	Total
Real	9	19	28
Real, invadida por elementos da fantasia	0	3	3
Fantasiosa	11	8	19
Fantasiosa com invasão do real	3	2	5
Total ³⁴	23	32	55

A análise da tabela 25 revela que a natureza dos medos se mostrou diferente nos dois grupos. Como descrito no tópico anterior, houve predomínio de objetos reais (Coronavírus, animais e insetos, objetos e fenômenos da natureza, assalto/ladrão, morte dos pais, morte própria, separação dos pais, pai e bronca) como suporte do medo entre as crianças durante a

³⁴ Os totais dessas categorias excedem o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de um objeto de medo com naturezas diferentes.

pandemia, bem como de elementos reais invadidos pela fantasia (escuro). Desse modo, pareceu que esse foi um momento em que os objetos da realidade exterior se impuseram para as crianças como receptáculos das angústias, dominando o espaço da fantasia.

Em contrapartida, o grupo antes da pandemia apresentou resultados distribuídos de forma mais equitativa, sendo os objetos de natureza fantasiosa (personagens de filmes de terror, objetos e fenômenos sobrenaturais, boneca, pesadelo, monstros e criaturas fantásticas) mais presentes, mesmo que invadidos pela realidade (Momo e vídeos da internet). Assim, houve prevalência de elementos de medo constituídos pela realidade subjetiva (mesmo que amparados pela compartilhada), mas sem exclusividade, existindo espaço para a presença daqueles ligados à realidade externa.

A comparação desses resultados com o total geral de medos referidos, a saber 55, torna essa diferença ainda mais evidente: precedentemente à pandemia as porcentagens de medos ligados a objetos reais eram de 16,4%, sendo que com o seu advento ela subiu para 40%. Em contrapartida, os medos ligados às criações da fantasia caíram de 25% para 18%. Portanto, parece ter havido um impacto importante desse acontecimento na natureza dos objetos de medo das crianças.

Tabela 26 – Frequências das angústias expressas pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Angústia	Anterior	Pandemia	Total
Persecutória	10	14	24
Perda do objeto	3	5	8
Aniquilação	7	2	9
Total ³⁵	20	21	41

A angústia persecutória foi predominante em todas as crianças, embora mais presente no grupo durante a pandemia do que no anterior a ela. Durante a pandemia, ela correspondeu a aproximadamente 67% (14 em 21) dos resultados. Em seguida apareceu a angústia de perda do objeto, contando 24% das menções, ou seja 5 em 21. Para o outro grupo de crianças, a angústia persecutória correspondeu a metade dos resultados (50% ou 10 em 20), mas em conjunto com a ansiedade de aniquilação, atinge 85%. Assim, predomina uma percepção de risco à integridade total do ego, acompanhada pela preocupação dos participantes durante a pandemia mais voltada ao outro (perda do objeto). Nesse contexto, a pandemia do Coronavírus mostrou-

³⁵ Os totais dessas categorias excedem o número de participantes pois algumas crianças apresentaram mais de uma angústia.

se passível de influenciar as angústias vividas pelas crianças, despertando mais temores quanto à própria sobrevivência e a de seus entes queridos.

Tabela 27 – Qualidade defensiva dos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Defesas	Anterior	Pandemia	Total
Neurótica	9	13	22
Psicótica	11	7	18
Total	20	20	40

Em ambos os grupos houve predomínio de defesas do tipo neurótico, que corresponderam a 45% (9 em 20) dos mecanismos no período pré-pandemia e a 65% (13 em 20) durante a pandemia; analogamente os expedientes do registro psicótico consistiram em 55% e 35% respectivamente. Dessa maneira, houve um aumento relevante dos expedientes de natureza neurótica em detrimento da psicótica no período da pandemia, ao passo que, anteriormente a ela, a distribuição das defesas nos dois registros era mais igualitária. Esse predomínio de mecanismos neuróticos parece corresponder à prevalência dos objetos de medo pertencentes à realidade exterior nas crianças no período da pandemia, embora as angústias mais básicas contra a qual eles se endereçam, descritas acima (persecutória e de aniquilação) reclamem geralmente defesas mais potentes e violentas para o seu domínio.

Tabela 28 – Frequências da eficácia das defesas utilizadas pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Eficácia da defesa	Anterior	Pandemia	Total
Pouco eficaz (es)	10	8	18
Parcialmente eficaz (es)	7	6	13
Relativamente eficaz (es)	1	2	3
Eficaz (es)	2	4	6
Total	20	20	40

O nível de eficácia das defesas foi semelhante nos dois grupos. Assim, em sua maioria elas foram pouco ou apenas parcialmente eficazes, mesmo diante de um amplo conjunto de expedientes empregados. Desse modo, a ocorrência do evento real da pandemia do Coronavírus não parece ter afetado de maneira expressiva o êxito defensivo, sendo que independente dele, permanecia nas crianças angústias não integradas no *Self*, manifestas na forma do medo.

Tabela 29 – Frequências das percepções do meio pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Meio	Anterior	Pandemia	Total
Desfavorável	9	9	18
Perigoso/ Assustador/ Agressivo	8	6	14
Bom/ Protetor/ Cuidadoso/ Oferece recursos/ Estabelece limites	2	10	12
Insalubre/Nocivo/ Invasivo	2	4	6
Frágil/Vulnerável	0	3	3
Pouco continente/ Pouco acolhedor / Indiferente às necessidades	2	1	3
Limitador/ Constrangedor/ Castrador	1	1	2
Neutro/ Ausente	2	0	2
Ambivalente	0	1	1
Total ³⁶	26	35	61

Em relação à percepção do meio, incluindo os objetos temidos, suas características foram assinaladas em maior quantidade pelas crianças no período da pandemia (57,4% ou 35 das 61 descrições) do que no anterior a ela (42,6%, ou 26 em 61). Assim, houve uma maior atenção e riqueza na apreensão do ambiente durante a pandemia, embora os atributos a ele designados fossem principalmente negativos. Nesse sentido, dentre as 35 menções realizadas pelas crianças no período da pandemia, o meio visto como desfavorável, perigoso/assustador/agressivo, insalubre/nocivo/invasivo, pouco continente/pouco acolhedor/indiferente às necessidades e limitador/ constrangedor/ castrador, correspondeu a 21 delas, ou seja, 60%. Já a percepção do ambiente como bom/ protetor/ cuidadoso/ oferece recursos/ estabelece limites representou 10 citações desse total, ou seja, 28,6%. Para o grupo anterior à pandemia esses valores consistiram em 84,6% e em 7,7%, respectivamente.

Comparados aos valores totais das menções dos dois grupos, ou seja, 61, essas características negativas do meio somaram 34,4% no período da pandemia e 36,1% anteriormente a ela. Também considerando esse total geral, as descrições do ambiente como bom/ protetor/ cuidadoso/ oferece recursos/ estabelece limites corresponderam a 16,4% daquelas das crianças durante a pandemia (e a apenas 3,2% previamente a ela). A tabela 30 também mostra que a percepção do ambiente como frágil e vulnerável surgiu apenas no período da pandemia, podendo consistir no reflexo da preocupação das crianças com relação à COVID-19 que podia aniquilar os seus objetos de amor.

³⁶ Os totais dessas categorias excedem o número de participantes pois algumas crianças se referiram a mais de uma característica em sua percepção do meio.

Esses resultados mostram diferenças importantes entre os grupos quanto à percepção do meio, que embora predominantemente negativa em ambos, foi melhor contrabalançada por características favoráveis nas crianças durante o período da pandemia. Essa maior presença de uma percepção favorável do meio em uma situação de crise, mesmo que ele seja eventualmente percebido como vulnerável, revela a confiança dessas crianças na capacidade de serem cuidadas e protegidas por ele.

Tabela 30 – Frequências dos desfechos mencionados pelos grupos de crianças no período anterior e durante a pandemia do Coronavírus.

Desfecho	Anterior	Pandemia	Total
Sem elaboração da angústia	4	1	5
Pouca elaboração da angústia	3	6	9
Elaboração parcial da angústia	12	10	22
Elaboração da angústia	1	3	4
Total	20	20	40

Os desfechos das unidades de produção mostraram que a maioria das crianças apresentou uma elaboração parcial da angústia tanto no período da pandemia quanto anteriormente a ela. Houve, contudo, uma pequena diferença entre os grupos com relação às categorias “sem elaboração” e “pouca elaboração”, que foi mais favorável nas crianças durante o momento da pandemia. Desse modo, esses dados sugerem que face à situação de angústia desencadeada por um evento real e imediato, embora vulneráveis, as crianças conseguem reagir, recrutando os seus recursos e mantendo a esperança de ultrapassar a crise. A leve diferença de frequência entre os dois grupos com relação à elaboração mais definitiva da angústia sustenta também essa interpretação.

Em síntese, os resultados das crianças no período precedente e durante a pandemia mostraram diferenças importantes em relação aos seus objetos de medo, sua natureza, as defesas empregadas, a percepção do meio e o desfecho. No período da pandemia, as crianças pareceram estar mais atentas ao mundo exterior, havendo uma tendência a situar nele os seus objetos de temor, bem como dedicando uma maior atenção às características do ambiente em que estavam inseridas. Diante disso, os medos foram mais ligados a objetos reais e a percepção do ambiente foi mais rica. Nesse momento elas pareceram estar mais atentas ao meio de forma geral, mas principalmente em termos dos seus atributos positivos. As angústias não aumentaram em número nesse período, mas aparentemente se modificaram em termos de qualidade: desse modo, embora predominassem nos dois grupos as ansiedades persecutórias, durante a pandemia também ocupou espaço a da perda do objeto. Em relação às defesas empregadas, houve um

maior recrutamento de mecanismos do tipo neurótico em detrimento dos psicóticos, comparado ao momento precedente à pandemia. Esse recrutamento não conduziu a uma eficácia defensiva maior ou menor, permanecendo uma angústia não assimilada ao *Self* que assombrava a criança. Apesar disso, a qualidade dos desfechos das unidades de produção mostrou que ao menos parte da angústia era passível dessa integração, havendo, nessa situação de crise, uma condição da criança de reagir, confiando mais nos seus recursos e naqueles do ambiente, ou seja, a crença na capacidade de superação desse momento difícil, mesmo que houvesse uma necessidade temporária de priorizar a realidade sobre a imaginação.

7 DISCUSSÃO

O objetivo do presente trabalho foi realizar uma investigação sobre os medos infantis atuais, incluindo os objetos a que ele é atribuído, a sua natureza, as angústias principais e as defesas empregadas contra elas, a percepção do meio e as condições de elaboração dessa emoção. Inicialmente, os objetivos tencionavam explorar possíveis diferenças de acordo com o sexo da criança e o nível socioeconômico (divisão em escolas públicas e privadas), mas o início da pandemia do SARS-CoV-2, que foi um acontecimento que resultou em impactos significativos (Barros, Barros Neto e Barros, 2020; Blass, 2021) exigiu uma análise suplementar sobre as suas repercussões sobre os temores das crianças. Por esse motivo, foi adicionado entre esses objetivos específicos também conhecer se houve diferenças no período anterior e durante a pandemia.

Para isso, foi necessário realizar uma adaptação no Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema e, em consequência, a coleta de dados foi feita de duas formas: a primeira (anterior à pandemia) foi realizada de forma presencial em grupos nas dependências das escolas, e a segunda de forma remota, online e individual. A maior dificuldade da modalidade remota de aplicação do DE-T foi de controlar os materiais usados, que mesmo indicados corretamente aos pais e às crianças antes da coleta, nem sempre foram respeitados, acrescentado o uso de canetinha, régua e/ou tesoura.

Ambos os formatos de aplicação resultaram em valiosas UPs, com um material informativo que foi analisado ao longo dessa dissertação e permitiu conhecer os medos infantis de crianças em uma amostra não clínica, expondo diferenças importantes entre os grupos estudados (meninas x meninos, escola pública x particular, período anterior à pandemia x durante a pandemia).

Inicialmente, os resultados das crianças, de um modo geral sustentaram os pressupostos de Dumas (2011) de que os principais medos no período de desenvolvimento acima dos 7 anos de idade, consistiam no de acidentes, mortes e catástrofes. Apesar desses temores estarem presentes nas crianças por nós estudadas, eles não foram os únicos, havendo a inclusão de outros objetos, alguns mais típicos de crianças menores (5 anos), como animais selvagens e criaturas imaginárias e até mesmo do escuro, mais presente em crianças de dois anos. Assim, os temores encontrados não parecem ter relação somente com a idade cronológica da criança e os desafios que ela enfrenta em seu desenvolvimento (Baptista, 2000) havendo a interpenetração de conteúdos de outras fontes dela conhecidas. Dessa forma, essas percepções condizem com as

afirmações de Santos (2003) de que os medos não se mostram imutáveis ou definidos, mas coloridos pelas experiências passadas e presentes, além do espaço-tempo ocupado pela criança.

Nesse cenário, houve uma variedade de objetos de medos referidos pelos participantes deste estudo e, conseqüentemente, em suas naturezas, que classificamos em quatro categorias: fantasiosa (personagens de filme de terror, objetos/fenômenos sobrenaturais, monstros e criaturas fantásticas e boneca), fantasiosa invadida pelo real (Momo e vídeos da internet), real (Coronavírus, animais e insetos, objetos/fenômenos da natureza, assalto/ladrão, morte ou separação dos pais, comportamento do pai e bronca) e real invadida pela fantasia (escuro).

A natureza fantasiosa, embora não tenha constituído maioria entre os resultados gerais das crianças, representou uma parte importante das menções delas, especialmente para os grupos de meninos, de alunos de escola pública e no período anterior à pandemia. Essa importância dada à fantasia correspondeu ao que Bettelheim (2002a) teorizou: ela se mostra como um recurso disponível à criança para conseguir acessar o mundo ao seu redor, partindo da compreensão de que o infante ainda não compartilha com os adultos a mesma capacidade de apreender as explicações mais racionais e abstratas. Nessa mesma direção, Corso e Corso (2011) adicionam que a fantasia pode valer-se de elementos de histórias fantásticas, como filmes, livros, contos e outras, quando o indivíduo não é capaz de realizar esse movimento sozinho.

Dessa forma, mesmo que os participantes se encontrassem na faixa etária correspondente ao período de latência, caracterizada por um maior apego à realidade concreta e imediata, os resultados deste estudo demonstraram que eles nem por isso deixavam de usufruir dos recursos da imaginação, acessando a seu repertório de criaturas fantasiosas criadas por eles ou de outras existentes nas histórias culturalmente compartilhadas. Assim, expressaram medos de criaturas comedoras de cabeças ou que engoliam a criança, figuras de lendas urbanas, como a criatura em forma de bode e a “Grandma”, objetos e fenômenos sobrenaturais (fantasma, caveira), bonecas e os filmes de terror e de seus personagens, como It, Anabelle e Jason, que inclusive constituíram maioria dos objetos citados desse tipo. Esses resultados revelam uma predileção das crianças, especialmente dos meninos e daquelas procedentes das escolas públicas, por histórias fantásticas mais atuais, muito difundidas culturalmente, que fazem parte da sua realidade mais imediata com uma predileção para as figuras mais específicas, ou seja, situadas em personagens determinados. Já esses medos, quando presentes nos grupos das meninas, se referiram a objetos mais generalizados, como a caveira, o fantasma, os zumbis. De qualquer maneira, nos meninos e nas meninas estudados, pelos menos nessa faixa etária, os filmes de terror pareceram ocupar, em parte, o espaço dos contos de fadas, desempenhando

funções parecidas com as deles, embora algumas particularidades possam existir, por exemplo a de uma maior fixação da fantasia compartilhada, sustentada principalmente pela oferta mais abundante de imagens pela televisão. Nesse sentido, os resultados sustentam os pressupostos de Bellheim (2006) e de Corso e Corso (2011) de que as histórias recentes têm um potencial de cumprir o mesmo papel dos contos de fada no imaginário infantil, embora não excluam a sua importância. De maneira geral, os filmes e os contos parecem compartilhar uma linguagem semelhante e simples, que é exatamente o que possibilita uma aproximação pessoal deles por parte das crianças.

Os objetos de natureza fantasiosa referidos pelas crianças, de forma geral, remeteram a personagens cruéis, agressivos e destruidores, favorecedores da projeção da angústia, constituindo-se em perseguidores externos passíveis de despertar o temor quanto à integridade do ego. Nesse sentido, embora esse tipo de angústia reclame a ação de mecanismos defensivos mais próximos do registro psicótico, nem sempre eles foram combatidos por defesas dessa natureza, mas também por expedientes do tipo neurótico. Independente do tipo de defesa, na maioria das vezes elas não foram totalmente eficazes para aplacarem os medos. Assim, apesar dos conteúdos mais fantásticos poderem testemunhar uma maior ação da capacidade criativa da criança, eles também se tornam mais difíceis de contornar, visto que usufruem menos dos limites oferecidos pela realidade exterior, que poderiam fornecer contornos mais definidos à angústia, possibilitando o seu manejo mais focalizado. O recurso aos objetos fantasiados sustentados pelos elementos da realidade cultural compartilhada (personagens de filmes de terror), parece constituir, assim, um meio termo entre uma ambiguidade completa do universo da fantasia e o objeto concreto da realidade objetiva.

Esses resultados reiteram, portanto, a importância que a fantasia ocupa para as crianças e confirmam as observações de Anzieu-Pummereur (2008) e de Mathelin-Vainer (2008) sobre a sua ubiquidade na clínica e na pesquisa. Porém, Bettelheim (2002b) enfatiza que o recurso à fantasia só é possível quando a criança dispõe de um ambiente que oferece certa segurança para acessar essas criaturas fantásticas. Quando essa confiança no meio não existe, as fantasias podem perder seu espaço, o que é passível de gerar um esvaziamento interno e um predomínio da ocupação pelo real no psiquismo infantil. Essa prevalência do real, foi observada nos nossos resultados, principalmente em alguns dos subgrupos, embora em nenhum momento ela tivesse sufocado completamente a criatividade infantil.

A personagem da Momo foi emblemática com relação à presença do papel da realidade exterior que se infiltrava na fantasia infantil. Essa figura se aproxima dos personagens de filme de terror ou de lendas urbanas, compartilhando muitas das características deles que citamos,

mas ela também se caracteriza por uma invasão da realidade que influencia na natureza da fantasia. Ela não é um elemento que implica em uma busca ativa de suporte na realidade compartilhada dos objetos da imaginação infantil, como os personagens de filmes de terror. Ela permanece no imaginário, mas se impõe a ele, abrupta e inesperadamente, quando a criança está ocupada com outras atividades na internet. Assim, a sua história inclui uma manipulação externa e imprevisível, que poderia surgir nos conteúdos virtuais consumidos pelas crianças, diferentes dos demais personagens, que permitem certo controle em sua aproximação. Além disso, ela não é uma figura que ataca diretamente a criança, mas que leva esta última a realizar ataques contra si mesma. Por isso, o temor é o da sua penetração (sem controle) no *Self* da criança, transformando-se de perseguidor externo a interno. Com isso, as possibilidades de proteção da criança diminuem. Essa figura esteve muito presente como objeto de medo no grupo de crianças de escola pública, principalmente entre as meninas. No entanto, é importante considerar que a coleta de dados de grande parte desses alunos foi realizada no período anterior à pandemia do SARS-CoV-2, quando a figura da Momo ficou muito conhecida, implicando na influência de uma história real sobre a fantasia, debatida anteriormente³⁷. Ela também sugere uma exposição das crianças a conteúdos adultos que elas podem não estar ainda preparadas para absorver, devido a um acesso irrestrito ao meio digital (Inácio et al., 2019), sem supervisão. O acesso aos filmes de terror também revela a fragilidade dessa vigilância.

Nessa direção, Bittencourt (2007) notou, na clínica psicanalítica como as referências a medos de objetos pertencentes à realidade concreta começaram a se sobrepor aos temores imaginários. Em acordo com essa observação, os resultados desta pesquisa mostraram que, embora os medos de objetos produzidos pela fantasia infantil estivessem presentes em quantidade importante, que debatemos acima, não foram eles que prevaleceram em vários dos subgrupos estudados. Desse modo, os temores reais ligados a objetos concretos da realidade objetiva predominaram nos grupos das meninas e no período da pandemia, que também foram os grupos que apresentaram mais menções a objetos de medo, e entre os estudantes de escola particular.

Dentre esses objetos reais, o Coronavírus, animais e insetos, assalto/ladrão e objetos/fenômenos da natureza tiveram mais destaque; além deles houve uma presença importante de temores vinculados à sua situação familiar, envolvendo a perda de entes queridos (morte ou separação dos pais), ou o temor das atitudes e comportamentos de um membro da família; esses se caracterizam por se relacionar a riscos atuais e potenciais (independente do

³⁷ Vale notar que, mesmo com o advento da pandemia, essa figura permaneceu importante no imaginário infantil como objeto de medo, não tendo sido suplantada pelo Coronavírus ou outro elemento.

seu grau de maior ou menor realismo). Nesse contexto, principalmente o medo ligado ao contágio do Coronavírus e à morte (própria e/ou de familiares), e secundariamente os medos das catástrofes naturais, corroboram o impacto do contexto atual em que a criança vive nos medos que ela experimenta (Santos, 2003, Bittencourt, 2007, Ermann, 2020).

No grupo das meninas, no tocante aos medos mais vinculados aos objetos reais, prevaleceram os animais e insetos, em acordo com a conclusão de Chaiyawat e Jezewski (2006) e de Pérez e Martínez (2010), de que essa predileção ocorreria especialmente pela aparência “feia” dos objetos e a falta de familiaridade com eles. Além desses, elas apresentaram medos de fenômenos/objetos da natureza e de situações que envolviam seus familiares, como acidentes, perdas e separações. Assim, elas pareceram ser mais impactadas pelos conteúdos da realidade exterior, que assume primazia sobre o espaço do imaginário como recipientes para a projeção da angústia. Dessa forma, após as ansiedades persecutórias, foi angústia de perda do objeto a que mais assombrou esse grupo, demonstrando uma preocupação das meninas não apenas consigo mesmas, mas também com o outro.

Esse predomínio dos medos vinculados a objetos da realidade exterior também foi observado no grupo procedente de escola particular. Em nossa opinião, essa preponderância parece vincular-se às exigências que vêm sendo feitas às crianças na sociedade contemporânea. Nesse sentido, Vectore et al. (2018) discorreram sobre elas serem compelidas a corresponder às exigências de uma sociedade caracterizada por um fluxo acelerado de mudanças e a buscar o aperfeiçoamento constante, para tornarem-se a melhor versão de si e estarem à altura de uma competição feroz. Consideramos que face às modificações contínuas e rápidas da sociedade, a criança necessita estar atenta o tempo todo, e cada vez mais precocemente, a um mundo exterior que se altera e exige o desenvolvimento de habilidades diferentes a cada dia. Diante disso, os objetos apresentados se tornam fluidos, a monotonia necessária para a sua assimilação criativa pelo *Self* é cada vez mais rara e, em consequência, a integração do objeto real àquele criativamente concebido torna-se mais difícil. Por isso, a celeridade e a impermanência que qualificam a sociedade contemporânea apresentam um risco, para a criança, de fomentar um funcionamento falso *Self*. No caso das crianças procedentes das escolas da rede privada, a condição socioeconômica mais favorável viabiliza um maior acesso às diversas ferramentas para o seu “aperfeiçoamento”, como os variados cursos e formações dirigidos a ela, sobrecarregando-as e impelindo-as a uma atenção constante ao mundo real. Por isso, passo a passo ele vai se inserindo no contexto das fantasias, embora nossos dados mostrem que, felizmente, ele não as tenha suplantado, nem tenha condenado o *Self* verdadeiro ao exílio.

O maior acesso a essas ferramentas de “aprimoramento pessoal” (que, no fim das contas de “pessoal” tem muito pouco) torna essas crianças ainda mais expostas a uma torrente de informações que muitas vezes é confundida com conhecimento. No entanto, se Bauman (2008) afirmou que essa maior exposição das crianças às informações está diretamente relacionada com as percepções de ameaças, elas não redundaram em uma diferença importante na quantidade de medos entre as crianças de escolas públicas e privadas. Desse modo, se o acesso à informação não interferiu de forma expressiva na quantidade de medos mencionados nesses dois grupos, nos alunos da rede particular eles parecem ter servido para torná-los mais alertas ao mundo objetivo e nele situarem os seus medos, principalmente as meninas.

Nesse contexto, a pandemia do Coronavírus teve um papel fundamental entre os medos infantis; ela pareceu inflar as referências a medos situados em objetos da realidade objetiva, mas em um grupo em que essa tendência já existia. Como Delumeau (2009) ressaltou que cada época tem um temor central, esse vírus parece ser a ameaça de agora, que as pessoas precisaram acompanhar o desenrolar da pandemia e desenvolver medidas de proteção concretas e emocionais para enfrentá-la. O Coronavírus mostrou ter grande impacto sobre as crianças e, com isso, apesar de um maior apego dos meninos a objetos de medo vinculados à fantasia, eles também pareceram ser bastante afetados pela realidade da pandemia – por isso nossa análise demonstrou uma mudança importante entre os medos infantis referidos nos dois períodos. Como apontou Barros, Barros Neto e Barros (2020), esse momento favoreceu as respostas de medo, principalmente por estar envolto em tantas incertezas. Foi e ainda está sendo necessário ter um espaço e tempo para metabolizar o que ele significa em termos de ameaça, demandando boas condições das funções egoicas e um sentido de *Self* mais solidamente constituído; por isso as crianças seriam mais vulneráveis aos seus impactos emocionais. Por isso, conforme mostraram os resultados desta pesquisa, os medos das crianças se intensificaram nesse período, bem como a percepção da fragilidade, tanto própria quanto das suas figuras de cuidado. Face a essa situação, a necessidade delas de suporte do meio também aumentou.

Nesse cenário, de uma maneira geral, a percepção que elas tiveram do meio nos dois períodos foi sobretudo desfavorável, perigosa, assustadora e agressiva. Se parte dessas características pode ser explicada porque o objeto de medo foi incluído nessas descrições, elas também parecem carregar, ao menos em parte, o sentido descrito por Bauman (2008) de que a sociedade atual, com o seu funcionamento em que tudo se torna facilmente descartável, favorece a instabilidade e a tensão. Em acordo com Bauman, Bittencourt (2007) e Ermann (2020) também afirmaram que o mundo realmente está oferecendo mais perigo, por isso os medos vinculados a objetos externos estão mais presentes na vida das crianças. Por isso, e

conforme mostraram os nossos resultados, a pandemia favoreceu um movimento que já existia anteriormente. No entanto, a questão que consideramos mais relevante a discutir, é que nem sempre essa percepção negativa do medo foi contrabalançada por outra, mais benéfica, principalmente para os alunos da rede pública e para os meninos. Nesse sentido, para as crianças da rede pública, essa percepção de um meio menos benéfico pode estar vinculada ao acesso mais precário das camadas mais pobres a recursos de proteção diante das adversidades, como havia assinalado Bauman (2008) em seu estudo referente ao furacão Katrina. Porém, a surpresa dos resultados foi o aumento das percepções positivas do meio pelas crianças durante o período da pandemia em comparação ao anterior a ela. Se parte desse acréscimo também pode ser creditada ao nível socioeconômico das crianças, visto que nesse período aquelas procedentes de escolas privadas compuseram a grande maioria do grupo, não é possível ignorar a hipótese de que, diante de uma grave situação de crise, as crianças respondam com uma confiança maior de que o meio em que vivem terá condições de afrontar e triunfar sobre as ameaças. Desse modo, parece que ao menos nessa faixa etária, a criança também contribui para constituir aquilo que Winnicott (1983/2007) denominou como ambiente suficientemente bom.

Essa confiança parece também responder pelo fato de que as defesas do registro neurótico predominaram no período da pandemia sobre as do tipo psicótico. Se por um lado esses resultados mostram-se condizentes com uma atenção maior aos elementos da realidade externa durante o período da pandemia, por outro lado eles revelam que, mesmo diante das angústias persecutórias e de aniquilação enfrentadas nesse período, as crianças não reagiram por meio de regressões. Desse modo, as angústias, apesar de sua natureza pareceram permanecer de alguma forma mais circunscritas e, portanto, mais acessíveis ao seu manejo, sem reclamar um retorno a modos primitivos de funcionamento mental. Porém, do mesmo modo que com relação à percepção do meio pelas crianças, o fator socioeconômico se sobrepõe a essa interpretação, visto que nas crianças da rede privada de ensino essa supremacia do registro defensivo neurótico também esteve presente.

O emprego de um número variado de defesas pelas crianças, independente do grupo a que elas pertenciam não resultou, no entanto em uma eficácia mais definitiva delas nem em um desfecho mais definitivo no que concerne a uma vitória no controle da angústia. Com isso, parte da ansiedade ainda permanecia rondando a criança, sem ser assimilada no *Self*. Embora à primeira vista essa observação pareça ter uma conotação negativa, não sustentamos ser esse o caso. Uma integração completa no *Self* implicaria em um domínio mais definitivo do medo, o que colocaria em risco a integridade da pessoa porque a privaria de uma emoção essencial para a sua proteção física e emocional. Não se trata, portanto, de chegar a um estado de viver sem

medo, mas de viver com o medo, mas com a confiança em si e no meio, principalmente no caso das crianças. Portanto, o medo, que nos coloca frente a frente com a condição de vulnerabilidade do ser humano é mais passível de ser digerido quando vem acompanhado de fraternidade e solidariedade. Assim, as afirmações de Bauman (2008), Bittencourt (2007) e Ermann (2020) de que o mundo se tornou mais perigoso deve-se não apenas a uma aceleração das trocas de informações em que as ameaças que ocorrem do outro lado do mundo têm um impacto sobre o sujeito, mas também à característica essencialmente individualista e competitiva da sociedade em que vivemos.

Além de se constituir como um fator de proteção para o indivíduo e a espécie, concordamos com Anzieu-Pummereur (2008) em que o medo tem uma função muito importante no desenvolvimento emocional infantil: ele é uma maneira de nomear as angústias, simbolizá-las e criar mecanismos de defesa. Por isso, ele é essencial não apenas para a sobrevivência física, mas também psicológica, pois ajuda as pessoas a evoluírem. Desse modo, também compactuamos com Mathelin-Vainer (2008) em que, em uma intervenção clínica, o objetivo de conhecer os medos de uma criança ou de um adulto não é para eliminá-los e, sim, para poder estabelecer uma comunicação com o paciente. Acrescentamos que com isso, a pessoa é inserida no universo relacional compartilhado e adquire melhores condições de se proteger.

Finalmente, é importante destacar que mesmo com a realidade buscando se impor nos objetos eleitos para a localização dos medos infantis, nossos resultados demonstraram que, felizmente, ela não usurpou o lugar da fantasia e da imaginação, revelando que, apesar dos reveses da sociedade contemporânea, as crianças ainda têm conseguido manter a esperança de viver criativamente na realidade compartilhada.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo é uma emoção fundamental do ser humano, necessária para a preservação da sua integridade física e emocional. Apesar de contar com uma base biológica, ele é também determinado em sua natureza e intensidade por fatores de ordem histórica, social, econômica, cultural, familiar e psicológica. Dessa maneira, cada época e cada sociedade é caracterizada por temores específicos e formas particulares de manejá-los.

O século XXI é marcado por uma agilidade nunca vista na troca de informações entre diferentes pontos do mundo, passíveis de redimensionar a dimensão geográfica do medo. Portanto, receios de tragédias que acontecem em todo o mundo, por sua difusão pela mídia, se aproximam do indivíduo, mesmo que ele viva a milhares de quilômetros de distância de onde elas tiveram lugar. Face a essa realidade, a percepção do medo pode se intensificar. Portanto, no mundo atual existe uma maior capacidade do ser humano de conhecer as ameaças, o que, de um lado positivo, auxilia a criar estratégias para enfrentá-las. Porém, como os recursos disponíveis para esse enfrentamento não estão disponíveis para todos, dada a desigualdade social que impera nos tempos modernos, as possibilidades de proteção variam de acordo com a condição socioeconômica da pessoa.

As crianças não estão isentas dessas influências; ao contrário, por sua condição física e emocional incompleta, elas são particularmente vulneráveis às ameaças. Assim, como os adultos, elas experimentam angústias relacionadas ao intenso fluxo de modificações da sociedade atual, principalmente o medo de não se adaptarem a elas. Com isso, elas são cada vez mais bombardeadas pela necessidade de desenvolvimento de recursos para o seu aperfeiçoamento pessoal, inundadas por cursos e formações para se tornarem a melhor versão de si mesmas. Nesse contexto, a presente investigação buscou conhecer os medos vividos atualmente pelas crianças brasileiras, particularmente aquelas que residem no estado de São Paulo, considerando as particularidades dessa emoção de acordo com o sexo da criança, o nível socioeconômico e os impactos que ela sofreu decorrentes do advento da pandemia do SARS-CoV-2. Nessa empreitada, o Procedimento de Desenhos-Estórias com tema se mostrou como um profícuo mediador de comunicação com as crianças, passível de fornecer essas informações, mesmo com a adaptação da coleta de dados presencial para o formato online que foi necessária em decorrência das medidas de isolamento social requeridas para o controle da pandemia. No entanto, algumas dificuldades foram encontradas nessa mudança de aplicação, concernentes aos materiais utilizados pelos participantes para a execução das unidades de produção, que nem sempre foram respeitados na administração online.

Apesar desse limite, ambas as modalidades de aplicação resultaram em ricas UPs, que permitiram conhecer os medos infantis em uma amostra não clínica, incluindo os objetos em que eles eram localizados, sua natureza, as angústias e defesas empregadas para combatê-las, a percepção do meio e as condições de elaboração, além de expor as diferenças entre os grupos estudados (meninas e meninos, escola pública e particular, período anterior à pandemia e durante a pandemia), que foram analisadas ao longo dessa dissertação.

As análises realizadas reafirmaram as conclusões da literatura científica de que o medo é uma maneira das crianças acessarem o seu mundo interno, mas ele também reflete como elas se relacionam e são impactadas pelos acontecimentos do mundo ao seu redor. Assim, eles não se resumem à influência biologicamente determinada da idade cronológica e aos desafios enfrentados no desenvolvimento, mas englobam as experiências pessoais e coletivas. Por esse motivo os objetos de medo referidos foram diversos, remetendo tanto a ameaças vinculadas a elementos da realidade exterior quanto da fantasia infantil.

Nossos resultados mostraram uma prevalência de medos vinculados a objetos da realidade exterior nas meninas e nos alunos da rede privada de ensino. Esses medos também foram mais presentes nas crianças durante o período da pandemia do Coronavírus. Embora esse evento tenha tido uma importância grande na natureza dos medos das crianças, ele apenas reiterou essa tendência de localização dos temores em objetos da realidade objetiva, mas não a definiu por si só. A maioria das angústias referidas pelas crianças foi de tipo persecutório, mas mesmo assim as defesas preferidas para o seu combate foram do registro neurótico, principalmente durante o período da pandemia, demonstrando que a ansiedade de alguma maneira permaneceu circunscrita, sem reclamar uma regressão do ego em mais alta escala. A percepção do meio foi sobretudo negativa, visto que ele contemplava também o objeto temido. No entanto, no período da pandemia essa propensão esteve um pouco mais contrabalançada pela atribuição de características positivas ao ambiente, revelando que, em uma situação de crise, as crianças também respondem com um aumento da confiança nas pessoas do seu entorno.

O predomínio dos medos localizados em objetos da realidade externa esteve em acordo com as conclusões da literatura (Ermann, 2020; Bittencourt, 2007). Apesar dessa supremacia, os medos ligados às criações da fantasia ainda ocuparam um espaço importante nas menções das crianças, demonstrando que a tendência a um maior apego aos objetos da realidade exterior para situar o medo não foi demasiada a ponto de suplantar a imaginação infantil. Os desfechos das produções do DE-T, em sua maioria, não mostraram a possibilidade de uma assimilação da angústia mais definitiva pelo *Self*, permanecendo a criança em alerta face ao objeto de temor. Tal resquício da angústia, porém, não é necessariamente negativo, visto que a permanência de

um certo grau de temor é necessária para a preservação da criança, desde que ele não seja paralisante para o seu desenvolvimento.

Nesse contexto, o objetivo de conhecer os medos não foi empreendido visando a busca de formas de exterminá-los, mas sim compreender o seu papel protetor na vida da criança e como ele se altera em acordo com o contexto histórico, social, econômico e cultural em que ela vive. Mesmo assim, esse conhecimento é de auxílio para a prática clínica, que poderá empregá-lo em intervenções que busquem integrar o medo como um elemento propulsor de um desenvolvimento emocional saudável e pleno de sentido para a criança.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. A.; Ambrosio, F. F. (2003). Rabiscando Desenhos-Estórias com Tema: pesquisa psicanalítica de imaginário coletivos. In: Trinca, W. Procedimento de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. (pp. 277-302). São Paulo: Vetor.
- American Psychiatric Association. (2014). Transtornos de Ansiedade. In APA. *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-V*. (pp. 189-234). Porto Alegre: Artmed.
- Anzieu-Premmereur, C. (2008). Monster business is psychoanalysis business: how toddlers and Young children in psychoanalytic psychotherapy learn to contain their fears. *Journal of infant, child, and adolescent psychotherapy*, 7(3-4), 158-164. doi: 10.1080/15289160802380149.
- Baptista, A. (2000). Perturbações do medo e da ansiedade. Uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento. Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. (pp. 90-140). Coimbra: Quarteto.
- Barbieri, V. (2010). Psicodiagnóstico Tradicional e Interventivo: Confronto de Paradigmas? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 505-513.
- Barbieri, V. (2015). *A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebina e o desenvolvimento do Self infantil* (Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).
- Barros, E. M. R., Barros Neto, A. M. da R., & Barros, E. L. R. (2020). O potencial traumático da pandemia de covid-19. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(2), 45-57.
- Bauman, Z. (2007). Introdução: Sobre a vida num mundo líquido moderno. In. Z. Bauman. *Vida Líquida*. (pp. 7-23). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bettelheim, Bruno. (2002a). A importância da exteriorização - Figuras e situações de fantasia. In: _____. *A psicanálise dos contos de fadas*. (pp. 64-69). São Paulo: Paz e Terra.
- Bettelheim, Bruno. (2002b). A necessidade infantil de mágica. In: _____. *A psicanálise dos contos de fadas*. (pp. 47-55). São Paulo: Paz e Terra.
- Birman, J. (2019). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bittencourt, M. I. G. F. (2007). Espaço real, espaço simbólico e os medos infantis. *Latin America Journal of Fundamental Psychopathology On Line*, 4(2), 229-237. Recuperado em 10 de maio de 2018 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-03582007000200009.
- Bittencourt, J. B. M. (2009). “O inferno são os outros”: uma análise sobre o medo do estranho na cidade de Fortaleza (CE). *Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza*, 9(1), 161-185.

- Burnham, J. J. (2007). Children's fears: a pre-9/11 and post-9/11 comparison using the american fear survey schedule for children. *Journal of counseling & development*, 85, 461-466.
- Burnham, J. J. & Hooper, L. M. (2008). Fears of american children following terrorismo. *Journal of Loss and Trauma*, 13(4), 319-329. doi: 10.1080/153250207017422011.
- Chaiyawat, W. & Jezewski, M. A. (2006). Thai school-age children's of fear. *Journal of Transcultural Nursing*, 17(1), 74-81. doi: 10.1177/1043659605281977.
- Corso, D. L.; Corso, M. (2006). *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed.
- Corso, D. L.; Corso, M. (2011). *A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Dalgalarrodo, P. (2008). A afetividade e suas alterações. In P. Dalgalarrodo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. (pp. 155-173). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Delumeau, J. (2009). *História do medo no ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso.
- Dumas, J. E. (2011). Os transtornos de ansiedade. In _____. *Psicopatologia da infância e da adolescência* (3ª ed.). (pp. 388-446). Porto Alegre: Artmed.
- Ermann, M. (2020) Dealing with “new fears”: Psychoanalysis facing global threats and terrorism. *International Forum of Psychoanalysis*, 29(3), 200-203.
- França, M. T. B. (2013). Do terror primário ao medo protetor: considerações sobre terror, pânico, fobia e medo em crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(1), 52-66.
- Freud, S. (2015). A análise de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”). In S. Freud. *Obras completas volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. (pp. 123-248). São Paulo: Companhia das Letras, (Trabalho originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Obras Completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. (pp. 13-123). (P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1906).
- Freud, S. (1976). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Vol. XVIII*. (pp. 253-274). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1923).
- Gomes, I. P.; Amador, D. D.; Collet, N. (2012). A presença de familiares na sala de quimioterapia pediátrica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(5), 803-808.
- Holanda et al. (2013). As bases biológicas do medo: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, 1(3). Recuperado em 30 de novembro de 2021 em <http://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/419>.

- Levin, K. (2006). As bases teóricas da psiquiatria dinâmica. In: Gabbard, G. *Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica* (pp.35-48). Porto Alegre: Artmed.
- Martão, M. I. S., Prestes, C. M. F. M., Souza, C. A. S. R. (2013). Procedimento de Desenhos-Estórias: Pesquisas Qualitativas. In W. Trinca (Org.) *Formas Compreensivas de Investigação Psicológica*. (pp. 53-96). São Paulo: Vetor Editora.
- Mathelin-Vanier, C. (2008). Fears and fobias in child analysis. *Journal of infant, child, and adolescent psychotherapy*, 7(9-4), 176-184.
- Negreiros, T. C. G. M.; Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 34-47.
- Organização Pan-Americana de Saúde (2021). Histórico da pandemia de COVID-19. Recuperado <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.
- Perez, V. R. & Martínez, L. M. R. (2010). Diferenciais en el miedo reportado por niños e niñas de 9 a 12 años de edad. *Suma Psicológica*, 17(2), 163-168.
- Pondé, D. Z. F. O conceito de medo em Winnicott (2011). *Winnicott e-prints [online]*, 6(2), 82-131. Recuperado em 23 de outubro de 2019 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000200006.
- Ribeiro, C. R., Pinto Junior, A. A. (2009). A representação social da criança hospitalizada: um estudo por meio do procedimento de desenho-estória com tema. *Revista da SBPH*, 12(1), 31-56.
- Ribeiro, K. C. S., Oliveira, J. S. C., Coutinho, M. P. L., Araújo, L. F. (2007). *Representações sociais da depressão no contexto escolar*. *Pandéia*, 17(38), 417-430.
- Safra, G. (2005). *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Editora Ideias e Letras.
- Santos, L. O. (2003). O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(2), 48-55. doi: 10.1590/S1414-98932003000200008.
- Smith, S. L. & Wilson, B. J. (2002). Children's comprehension of and fear reactions to television News. *Media Psychology*, 4(1), 1-26. doi: 10.1207/S1532785XMEP040101.
- Summers, F. (2017). Fear and its vicissitudes. *International Forum of Psychoanalysis*, 26(3), 186-192.
- Tardivo, L. S. P. C. (2013). Derivações do Procedimento de Desenhos-Estórias atendimento em grupo. In: Trinca, W. Procedimento de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. (pp. 339-364). São Paulo: Vetor.
- Tardivo, L. S. P. C. (2005). *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje: reflexões psicológicas*. *Encontros e viagens*. (Livre docência, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

- Trinca, W. (2013). Formas tradicionais de aplicação. In: Trinca, W. *Procedimento de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. (pp. 13-26). São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (1999). A pesquisa em psicanálise como uma sequência de movimentos criativos. *Revista de Psicologia Hospitalar*, 17(1), 9-13.
- Trinca, W., Tardivo, L. S. P. C. (2000). Desenvolvimento do Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E). In J. A. Cunha. *Psicodiagnóstico V*. (pp. 428-438). Porto Alegre: Artmed.
- Trinca, W. (1984). Processo diagnóstico de tipo compreensivo. In W. Trinca e cols. *Diagnóstico Psicológico: A prática clínica*. (pp. 14-24). São Paulo: EPU.
- Viera, A. C. D.; Zornig, S. M. A. J. (2015). Ambiente violento, infância perdida? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(1), 88-101.
- Vilhena, J., Bittencourt, M. I. G. F., Zamora, M. H., Novaes, J. V. & Bonato, M. C. R. (2011). Medos infantis, cidade e violência: expressões em diferentes classes sociais. *Psicologia Clínica*, 23(2), 171-186.
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Winnicott, D. W. (2007). *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1983).
- Winnicott, D. W. (2007). Provisão para a criança na saúde e na crise. In _____. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 62-69). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962).
- Winnicott, D. W. (2000a). Preocupação materna primária. In _____. *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp.491-498). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (1983a). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In _____. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 70-78). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (2000b). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In _____. *O brincar e a realidade*. (pp. 13-44). (J. O. A. Abreu, & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. (Trabalho original publicado em 1953).
- Winnicott, D. W. (2000c). Desenvolvimento emocional primitivo. In _____. *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 269-285). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (1983b). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In _____. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962).

Winnicott, D. W. (1982). Porque choram os bebês. In _____. *A criança e seu mundo* (pp. 64-75). Rio de Janeiro: LTC Editora. (Trabalho original publicado em 1945).

Winnicott, D. W. (1994). O temor do colapso. In D. W. Winnicott. *Explorações Psicanalíticas*. (70-76). (C. Winnicott, R. Shepherd, M. Davis, Orgs.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1964.

ANEXO A



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO – REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
ESCOLA ESTADUAL DR. GETÚLIO VARGAS
Rua Dr. Domingos Sgorlon, 270-Aveino A. Palma-Ribeirão Preto – Fone: (016) 3638-1068
Email: e903462a@educacao.sp.gov.br

Cara Sra. Diretora,

A presente pesquisa intitulada “Os medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema”, está sendo realizada pela psicóloga Geovana Figueira Gomes, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, sob orientação da Profª Drª Valeria Barbieri.

O medo comporta aspectos biológicos e fisiológicos e sofre grande influência do momento histórico e cultural que se insere. É uma emoção central para as experiências que definem o desenvolvimento emocional, junto com o ambiente. Diante disso, o objetivo do presente trabalho é realizar uma investigação sobre a natureza dos principais medos que atingem crianças na sociedade brasileira contemporânea e verificar se há variações nos tipos de medo relatado, formas de manejo e ajuda de acordo com o sexo da criança e o nível socioeconômico.

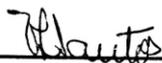
Para isso, solicitamos a sua colaboração nesta pesquisa, que deverá consistir em estabelecer um contato com os pais ou responsáveis pelos alunos entre 8 e 12 anos, para um prévia apresentação do projeto e da pesquisadora, convidando-os a participar da pesquisa. Os pais ou responsáveis que se interessaram, serão contactados para um encontro, em que será explicado os objetos da pesquisa e a aplicação do procedimento, bem como realizada a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, semelhante a esse, por aqueles que autorizarem a participação. Após essa etapa, em acordo com a instituição e de forma a não interromper as atividades habituais, a pesquisadora solicitará um encontro com os alunos das séries compatíveis com a faixa etária de 8 a 12 anos para apresentar-se e formalizar o convite da participação na pesquisa. Com os alunos que aceitarem, com a autorização dos pais, serão compostos grupos de dez crianças para a coleta de dados na própria escola, com o aceite prévio da instituição. Qualquer atividade só será iniciada após a autorização do Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

Com relação à previsão de riscos físicos ou psicológicos para o Sra. e sua escola, bem como para as crianças e os pais envolvidos na participação nessa pesquisa, está a possibilidade das crianças se mobilizarem com as tarefas propostas. Nesses casos, a pesquisadora oferecerá todo o apoio e acolhimento especializado que for necessário para as famílias participantes de forma gratuita. Em termos de benefícios oferecidos, por este estudo, este

poderá oferecer recursos para o desenvolvimento de estratégias de intervenção terapêutica sobre sintomas de medo e de ansiedade, que sejam mais compatíveis com as características das crianças e do meio em que vivem.

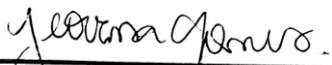
Vale ressaltar que: a recusa em permitir o trabalho da pesquisa nesta presente instituição, ou a desistência a qualquer tempo, não acarretará qualquer prejuízo ou ônus a você ou à escola sob sua direção. Seus dados de identificação, bem como os da escola estarão preservados por sigilo ético. Caso o Sr^a deseje, poderá ser estruturada uma atividade de interesse da escola com a temática da pesquisa e/ou ser realizada uma entrevista devolutiva referente a abordagem dos principais medos que atingem as crianças na sociedade contemporânea, sem considerações particulares a nenhuma criança participante da pesquisa. As informações obtidas neste estudo serão utilizadas para publicação científica e revistas especializadas de circulação restrita entre profissionais da área de Psicologia, sempre preservando o sigilo de sua identificação e de sua escola, bem como dos pais ou responsáveis, e crianças participantes.

Em caso de dúvidas ou necessidade quaisquer esclarecimentos, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis, por meio dos telefone (16) 988407162 e pelo endereço de e-mail [g_eovana.gomes02@gmail.com](mailto:geovana.gomes02@gmail.com); ou, quanto às questões legais, o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP, pelo endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 23 - Casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto.



Diretora responsável

Vera Lucia Magalini dos Santos
RG 20.103.633-2
Diretor de Escola



Geovana Figueira Gomes
Psicóloga – CRP: 006/123996
Departamento de Psicologia
FFCLRP-USP



Prof. Dr^a Valéria Barbieri
Orientadora Departamento
de Psicologia FFCLRP-USP

ANEXO B



Liceu
Contemporâneo

EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
Rua Paraíso, 369 – Vila Tibério – CEP 14050 440
RIBEIRÃO PRETO SP – Tel: (16)3633 6033
www.liceucontemporaneo.com.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

A escola Liceu Contemporâneo autoriza a realização da pesquisa intitulada “Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema”, realizada pela aluna do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da FFCLRP-USP, no nível de mestrado, Geovana Figueira Gomes, sob orientação da Prof. Dra. Valéria Barbieri.

A instituição está ciente das atividades e objetivos da pesquisa, contribuindo com o trabalho ao apresentar o projeto aos pais dos alunos das séries correspondentes a idade estabelecida no projeto (9 a 12 anos), em reunião, e mediando o contato da pesquisadora com esses pais e/ou responsáveis. Além disso, disponibilizará o espaço físico, em que se desenvolverá a coleta de dados, a ser realizada em grupos de 10 crianças, incluindo apenas aquelas cujo os pais e/ou responsáveis autorizaram a participação na pesquisa. Também ficou acordado com a pesquisadora que será em horário que não atrapalhe as atividades da escola, respeitando a grade horária e a programação da instituição.

Finalmente, a instituição está ciente que pesquisadora se propõe a realizar alguma atividade relacionada a pesquisa ou uma devolutiva a respeito do tema, sem considerações particulares de nenhuma criança participante, como forma de retribuição da abertura da instituição para a realização da pesquisa.


 Solange Resina
 - diretora -
 Solange Resina
 Diretora
 RG 12.282.740-5

Ribeirão Preto, 18 de abril de 2019.

ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS E RESPONSÁVEIS

Senhor(a/es) responsável(is),

Seu filho está sendo convidado a participar da pesquisa chamada “Os medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema”, realizada pela Geovana Figueira Gomes, psicóloga e aluna de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), com orientação da Profa Dra Valeria Barbieri.

A proposta do trabalho surgiu a partir do entendimento que o medo é uma emoção central na vida de todos, inclusive das crianças. Diante disso, o objetivo do presente trabalho é realizar uma investigação como se apresentam os principais medos que atingem as crianças na sociedade brasileira atual e verificar se há mudanças nos tipos de medo relatado de acordo com o sexo da criança e o nível socioeconômico. Dessa maneira, serão convidadas a participar desse estudo 100 crianças, 50 do sexo feminino e 50 do sexo masculino, e gostaríamos de contar com a participação do seu filho(a).

O objetivo desse documento é dar maiores explicações sobre a pesquisa, bem como solicitar a permissão da participação de seu filho. Caso concorde com a participação do seu filho, assine este termo abaixo, autorizando-o e levando uma via com você. A pesquisa será desenvolvida em apenas um encontro com duração de aproximadamente uma hora. Primeiramente, a pesquisadora vai se apresentar às crianças (que os pais assinaram a autorização), para formalizar o convite. Após a apresentação, será agendado um encontro com as crianças, em grupos de 10, na própria escola. No encontro, será realizada uma atividade chamada Desenhos-Estórias com Tema, que pedirá às crianças a realização de um desenho, seguido da criação de uma história. Qualquer angústia ou questão levantada pela criança no momento da atividade será acolhido pela própria pesquisadora.

Com relação à possibilidade de algum risco físico ou psicológico para o Sr.(a) e seu filho, pode ocorrer das crianças sentirem algum desconforto por estarem falando da temática medo. Caso a criança manifestar esse desconforto, a pesquisadora oferecerá todo o apoio acolhimento especializado que for necessário para as crianças participantes de forma gratuita. Vale ressaltar que a recusa em participar da pesquisa ou a desistência a qualquer tempo, não acarretará qualquer prejuízo você ou a seu filho. Em termos de benefícios oferecidos, por este estudo, este poderá oferecer possibilidades para o desenvolvimento de estratégias de

intervenção terapêutica sobre sintomas de medo e de ansiedade, que sejam mais compatíveis com as características das crianças, conforme a idade, o sexo e do meio em que vivem.

Seus dados de identificação, bem como os do seu filho estarão preservados por sigilo ético. A sua participação é voluntária e não acarretará nenhum gasto, mas se for o caso, você terá o direito ao ressarcimento. As informações obtidas neste estudo serão utilizadas para publicação científica e revistas especializadas de circulação restrita entre profissionais da área de Psicologia, sempre preservando o sigilo da identificação da escola, bem como dos pais ou responsáveis, e crianças participantes – ou seja, você, seu filho e a instituição receberão nomes fictícios, para impedir a identificação.

Em caso de dúvidas ou necessidade quaisquer esclarecimentos, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis, por meio dos telefone (16) 988407162 e pelo endereço de e-mail geovana.gomes02@gmail.com; ou, quanto às questões éticas do projeto, consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 – Prédio da Administração – sala 07; CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil; Fone: (16) 3315-4811 – Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30; E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.

Assinatura do responsável

Data ____ de _____ de 2019.

Geovana Figueira Gomes

Departamento de Psicologia Psicóloga -

CRP: 006/123996

FFCLRP-USP

Profª. Drª Valeria Barbieri

Orientadora

Departamento de Psicologia

FFCLRP-USP

APÊNDICE D: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DIRIGIDO ÀS CRIANÇAS

(Termo apresentado de forma oral às crianças anteriormente a coleta de dados)

Olá,

Meu nome é Geovana. Eu sou estudante e comecei a me interessar mais para conhecer sobre como são as crianças nos dias de hoje, pois acredito que as coisas mudaram bastante desde quando eu era criança, ou quando seus pais eram crianças. Meu principal interesse é saber sobre essa mudança com os medos. Por isso queria contar com a participação de vocês.

Nós vamos realizar um encontro em grupo com você e mais nove colegas de sua escola, onde vou me apresentar melhor, quero conhecer vocês e realizaremos uma atividade juntos. A duração do nosso encontro será de aproximadamente uma hora, em uma sala de sua escola. Durante o período que estivermos juntos, você terá total liberdade para deixar a atividade, se não tiver mais disposto a realizá-la e, se sentir vontade de conversar mesmo após nos despedirmos do grupo, individualmente, estarei disponível.

Agradeço a colaboração de todos e fico disponível para esclarecer qualquer dúvida.

ANEXO E: EMENDA SUBMETIDA AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ribeirão Preto, 4 de junho de 2020

Ilma. Sra. Profa. Dra. Patrícia Nicolucci

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Eu, Geovana Figueira Gomes, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, venho por meio desta solicitar a este Comitê a autorização para modificação na forma de coleta de dados do meu projeto de pesquisa “Medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema”, referente à minha dissertação de mestrado realizada sob orientação da Prof. Valeria Barbieri. Tal projeto foi aprovado por este Comitê de Ética em Pesquisa, processo nº 3.338.216. A coleta inicial de dados estava sendo realizada em escolas públicas e privadas, que aprovaram a colaboração na pesquisa e facilitaram o contato com os pais, além de oferecer o local para a coleta de dados que ocorria em grupos de até 10 crianças. Uma vez que, devido às medidas de distanciamento social por conta da pandemia do COVID-19 essa forma de coleta tornou-se inviável e precisou ser interrompida, venho solicitar autorização para continuá-la de modo online, realizando as entrevistas através de plataformas digitais, especialmente a chamada de vídeo do Whatsapp, devido sua facilidade e considerando que as chamadas são criptografadas, garantindo o sigilo necessário ao procedimento. Vale dizer que isso implicará em um acréscimo na análise dos resultados envolvendo uma comparação entre os dados colhidos nos períodos anteriores e posteriores ao distanciamento social, visando tanto avaliar os efeitos dele sobre os resultados, mas também da forma de coletas de dados. Diante disso, foram realizadas algumas alterações na redação do projeto de pesquisa, todas destacadas em vermelho, que encaminho a este Comitê, a saber:

Na página 1, no “Resumo”, há uma pequena indicação de que haverá duas formas de coletas de dados com os participantes da pesquisa.

Na página 13 do item “Participantes” houve uma modificação com o objetivo de assinalar que o contato com os participantes da pesquisa ocorrerá de duas maneiras: no contato com as escolas, no período pré-pandemia e por contato com rede de conhecidos, no período pós-pandemia.

Na página 13 e 14, no item “Instrumentos”, houve a adição de um novo termo de consentimento livre e esclarecido dirigido aos pais e um novo termo de assentimento dirigido

às crianças, adaptado ao contexto da coleta a distância. Esses arquivos também serão adicionados à Plataforma Brasil com os nomes “TCLE_novo” e “TALE_novo”. Na página 15 deste item também foi adicionado o item g, que se refere a plataforma que será utilizada para o contato com os pais e a criança.

Nas páginas 15 à 18, no item “Procedimento” foram criadas duas subdivisões entre as formas de coletas de dados anterior e posterior à medida de distanciamento social, de modo que, na primeira delas manteve-se o procedimento da coleta de dados presencial, abarcando assim os dados que foram recolhidos no segundo semestre de 2019 dessa maneira; a segunda implicou em um acréscimo referente à coleta de dados online, esclarecendo que:

- As participantes serão recrutadas a partir de indicações da rede de contatos da pesquisadora, e a partir dessas indicações será utilizada a estratégia da “bola de neve” ou snowball (um participante indicando outros);

- O Termo de Consentimento será enviado por e-mail, sendo que os responsáveis deverão ler, assinar e enviar de volta à pesquisadora antes da realização da coleta;

- Será realizado um encontro on-line pela chamada de vídeo do Whatsapp, em que será apresentada a pesquisa, a pesquisadora e preenchido um breve questionário para verificar se a criança se enquadra nos critérios de inclusão e exclusão;

- Caso seja verificado que a criança não atenda os critérios de inclusão-exclusão para prosseguir para a coleta de dados será oferecida uma devolutiva explicando os motivos, sendo que a pesquisadora se colocará à disposição para ouvir as participantes e oferecer um acolhimento se for necessário;

- Com os participantes que se encaixarem nos critérios de inclusão elencados, será dado andamento ao que constituía anteriormente o segundo momento da pesquisa. No dia agendado, será apresentado o TALE à criança e, com seu aceite, prosseguiremos para a realização do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema online com a criança. A coleta será individual, exceto nos casos de mais de uma criança na casa que se encaixam nos critérios de inclusão e exclusão, em que a coleta permanece coletiva.

- Nos casos que for necessário realizar encaminhamento para atendimento psicológico, estes ocorrerão para programas de atenção psicológica online gratuitos, como o Projeto Fênix, proposto pelo LAPIAF, que tem por objetivo acolher crianças da idade de 8 a 12 anos, que estão demonstrando algum sofrimento por decorrência do isolamento e da pandemia.

Nas páginas 18 e 19, nos itens de análise dos dados e considerações éticas também foram assinaladas as mudanças, que envolvem a comparação dos dados colhidos de forma presencial e online, bem como os cuidados tomados no novo contexto de coleta.

Com essas mudanças, o cronograma sofreu alterações que foram assinaladas também em vermelho. Com a possibilidade da coleta de dados online, a pesquisa poderá ser retomada a partir da data de aprovação por este Comitê de Ética. Dessa forma, também foi alterado a previsão da defesa, que será prorrogado e ocorrerá no início do primeiro semestre de 2021.

Foi elaborado um novo TCLE e Termo de Assentimento, que constam nas páginas 26 e 29 para as coletas que ocorrerem de forma online, abarcando, então, todas as modificações que ocorreram comparadas à coleta de dados presencial.

Destaco que a coleta de dados presencial já havia sido iniciada, por isso não houve a substituição dela pela coleta online. Dessa forma, acrescentou-se a coleta online ao projeto como uma nova possibilidade, atendendo, assim, às recomendações de distanciamento social da Organização Mundial de Saúde e possibilitando que a pesquisa tenha andamento.

Acrescento, ainda, que foi realizado um pré-teste da coleta de dados online que foi bem sucedido em relação às informações necessárias para a pesquisa. Portanto, esse novo tipo de coleta se mostrou viável para a continuidade do estudo, preservando a qualidade dos resultados.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, reading "Alzama Gomes", is positioned above a horizontal line. The signature is written in a cursive style.

ANEXO F: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PAIS E RESPONSÁVEIS

Senhor(a/es) responsável(is),

Seu filho está sendo convidado a participar da pesquisa chamada “Os medos infantis na contemporaneidade: contribuições do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema”, realizada pela Geovana Figueira Gomes, psicóloga e aluna de Pós- Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), com orientação da Prof^a Dr^a Valeria Barbieri.

A proposta do trabalho surgiu a partir do entendimento que o medo é uma emoção central na vida de todos, inclusive das crianças. Diante disso, o objetivo do presente trabalho é realizar uma investigação como se apresentam os principais medos que atingem as crianças na sociedade brasileira atual e verificar se há mudanças nos tipos de medo relatado de acordo com o sexo da criança e o nível socioeconômico. Dessa maneira, serão convidadas a participar desse estudo 100 crianças, 50 do sexo feminino e 50 do sexo masculino, e gostaríamos de contar com a participação do seu filho(a).

A proposta inicial da presente pesquisa era sua realização em escolas, mas com as mudanças decorrentes do isolamento social e da pandemia, foi necessário pensar em maneiras alternativas para manter o andamento da pesquisa. Dessa forma, a proposta é que a coleta de dados ocorra a distância, recorrendo ao contato através da vídeo chamada, que permite uma interação respeitando o distanciamento. O objetivo desse documento é dar maiores explicações sobre a pesquisa, bem como solicitar a permissão da participação de seu filho. Caso concorde com a participação do seu filho, assine este termo abaixo, autorizando-o e guardando uma via com você. A pesquisa será desenvolvida em apenas um encontro com duração de aproximadamente uma hora. Vamos agendar nosso encontro via vídeo chamada, por whatsapp, ou outro meio que acharem mais adequado.

No encontro, será realizada uma atividade chamada Desenhos-Estórias com Tema, que pedirá à criança a realização de um desenho, seguido da criação de uma história e a atribuição de um título. Após a finalização da tarefa, será sugerido à criança uma conversa a respeito da produção, com o objetivo de acolher qualquer angústia ou questão levantada pela criança no momento da atividade, pela própria pesquisadora.

Com relação à possibilidade de algum risco físico ou psicológico para o Sr.(a) e seu filho, pode ocorrer das crianças sentirem algum incomodo por estarem falando da temática

medo. Caso a criança manifestar esse incomodo, a pesquisadora oferecerá todo o apoio acolhimento especializado que for necessário para as crianças participantes de forma gratuita. Vale ressaltar que a recusa em participar da pesquisa ou a desistência a qualquer momento, não acarretará qualquer prejuízo a você ou ao seu filho. Em termos de benefícios oferecidos, por este estudo, este poderá oferecer possibilidades para o desenvolvimento de estratégias de intervenção terapêutica sobre sintomas de medo e de ansiedade, que sejam mais compatíveis com as características das crianças, conforme a idade, o sexo e o meio em que vivem.

Seus dados de identificação, bem como os do seu filho estarão preservados por sigilo ético. A sua participação é voluntária e não acarretará nenhum gasto, mas se for o caso, você terá o direito ao ressarcimento. As informações obtidas neste estudo serão utilizadas para publicação científica e revistas especializadas de circulação restrita entre profissionais da área de Psicologia, sempre preservando dos pais ou responsáveis e crianças participantes – ou seja, você e seu filho receberão nomes fictícios, para impedir a identificação.

Em caso de dúvidas ou necessidade quaisquer esclarecimentos, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis, por meio dos telefone (16) 988407162 e pelo endereço de e-mail geovana.gomes02@gmail.com; ou, quanto às questões éticas do projeto, consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 – Prédio da Administração – sala 07; CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil; Fone: (16) 3315- 4811 – Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30; E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.

Assinatura do responsável

Data: ___ de _____ de 2020

Geovana Figueira Gomes
Departamento de Psicologia
FFCLRP-USP

Prof. Dr^a Valeria Barbieri Psicóloga
CRP: 006/123996
Orientadora Departamento de Psicologia
FFCLRP-USP

ANEXO G: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DIRIGIDO ÀS CRIANÇAS

(Termo apresentado de forma oral às crianças anteriormente a coleta de dados)

Olá,

Meu nome é Geovana. Eu sou estudante e comecei a me interessar mais para conhecer sobre como são as crianças no dias de hoje, pois acredito que as coisas mudaram bastante desde quando eu era criança, ou quando seus pais eram crianças. Meu principal interesse é saber sobre essa mudança com os medos. Por isso queria contar com a participação de vocês.

Inicialmente, eu realizava minha pesquisa em escolas, com grupos de crianças da mesma idade que a sua. Mas, com as mudanças que tivemos nos últimos meses, tive que pensar em maneiras alternativas de estar com vocês. Por isso, pensei nesse encontro a distância, por vídeo chamada, que me ajuda a continuar encontrar vocês, mas continuar nos protegendo nas nossas casas.

A duração do nosso encontro será de aproximadamente uma hora. Durante o período que estivermos juntos, você terá total liberdade para deixar a atividade, se não tiver mais disposto a realizá-la e, se sentir vontade de conversar mesmo após nos despedirmos, estarei disponível.

Agradeço a colaboração e fico disponível para esclarecer qualquer dúvida.

ANEXO H: TRANSCRIÇÕES

1º Relato

Participante: Júlia

Idade: 9 anos

A mãe de Júlia demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por uma amiga. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe da criança de 9 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena; ela apenas questiona qual o material será utilizado durante a coleta para se organizar previamente. Então agendamos data e horário para a coleta.

No dia marcado, ela sugere que a chamada aconteça no Skype. Dou início a chamada e a Júlia atende na companhia de sua mãe. Começo me apresentando às duas e a mãe avisa que deixará o computador com a filha, para que ela fique mais à vontade, e retorna no final para despedirmos.

Na conversa com Júlia, digo que sou psicóloga e estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje. Acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (9 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes; ela comenta que imagina que são diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Júlia pensa por poucos segundos e exclama que já sabe o que vai fazer. Começa a desenhar e questiono o que decidiu fazer e ela me conta que é sobre a covid. Questiono por que ela pensou nisso e Júlia responde que é porque as crianças moram com seus avós e outros parentes e têm medo de passar para eles. Digo que entendo a preocupação. Ela continua desenhando concentrada e interrompo para assinalar que estou ali acompanhando, caso ela precisar de qualquer coisa. Pergunto apenas se ela gosta de desenhar e ela responde que sim entusiasmada. Ela finaliza e me mostra o desenho. Peço que ela me conte uma história sobre ele: “As crianças têm medo porque tem muitos avós juntos e familiares. Elas têm medo de pegar e pode prejudicar eles”.

Questiono qual título a produção receberia; ela pensa por algum tempo e diz que dá muito medo, por isso o título seria “pensar no outro”. Quando finaliza, pergunto o que achou

da atividade e ela responde que gostou de fazer; também questiono como se sente ao falar sobre medos e ela diz que não é difícil falar sobre isso.

Finalizo dando espaço para caso ela queira dizer ou me perguntar mais alguma coisa; mas ela pensa e responde que não. Então, agradeço sua participação e ajuda e solicito a presença da mãe, para me despedir das duas e agradecer novamente a disponibilidade e participação.

2º Relato

Participante: Larissa e Isaac

Idades: 8 e 11 anos

A mãe de Larissa demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por uma amiga. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe de duas crianças, um menino de 11 anos e uma menina de 8 anos. Quando envio um breve texto explicando a pesquisa, a mãe compreende que deve apenas responder qual os maiores medos dos filhos e me envia um áudio dos dois. Reformulo a explicação, enviando um áudio pela mesma plataforma; eles compreendem a proposta e aceitam a participação.

No dia agendado, a mãe me avisa quando eles estavam prontos para iniciar a chamada de vídeo, que será realizada pelo *WhatsApp*. Eu começo conversando apenas com a mãe e faço minha apresentação, dou espaço para algum questionamento e indico os materiais utilizados no momento da coleta. Ela chama os dois filhos, Larissa e Isaac e os posiciona em uma mesa, com os materiais disponíveis; ela fica próxima durante todo o procedimento, mas somente os dois aparecem na câmera.

Os dois se apresentam primeiro e depois eu falo. Digo que sou psicóloga e estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje. Acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade deles (8 e 11 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes; ambos comentam que devem ser diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje. Os dois pensam um pouco e começam a produção.

Eles ficam a maioria do tempo em silêncio enquanto realizam o desenho. Larissa pausa para fazer algumas perguntas para mim, como se precisa escrever seu nome e se há outras crianças fazendo; eu respondo e ambos prestam atenção à resposta, mas Isaac prossegue mais em silêncio. Questiono o que eles decidiram desenhar; Larissa responde primeiro, que imaginou

perdendo seus pais; Isaac diz que pensou a mesma coisa, mas que tem algumas coisas diferentes no seu desenho. Larissa também faz algumas perguntas à mãe, principalmente se o desenho está ficando bom, e ela responde afirmativamente.

Isaac termina primeiro o desenho; ele me mostra o desenho e começa a história: “Depois de 60 anos que eu nasci, eu perdi toda a minha família e fiquei sozinho no mundo. Estou muito triste. E a partir disso eu só vivi mais 10 anos por causa de tristeza e solidão. Fim”. Comento que deve ter sido difícil falar sobre isso e ele concorda. Pergunto qual título e ele responde que seria “Tristeza”.

A irmã acaba o desenho e quer mostrar. Primeiro ela fala sobre o que desenhou e depois conta a história: “Um dia a gente tava passeando de carro e toda minha família estava dentro e a gente sofreu um acidente. Eu consegui escapar. Minha família não conseguiu. Depois eu fui no cemitério e dei um monte de florezinhas para eles. Depois eu vivi mais 20 anos muito sozinho”. Questiono sobre o título e ela diz que seria “Acidente de carro”.

Pergunto o que os dois acharam sobre a tarefa e ambos respondem que é difícil falar sobre esse medo. Larissa começa a mostrar alguns detalhes do seu desenho, para me explicar melhor o que fez: o sol chorando, diz que a personagem é ela levando flores e o vaso de flores que tem no túmulo foi ela quem levou também. A mãe diz que eu vou ver o desenho com mais calma depois, que ela vai me mandar uma foto; ela começa a acelerar o fim da tarefa. Finalizo dando espaço para caso ela queira dizer ou me perguntar mais alguma coisa; os dois respondem que não. Então, agradeço sua participação e despeço-me das crianças, ressaltando a importância deles se abrirem para falar de um tema tão difícil. Depois falo apenas com a mãe e agradeço novamente, finalizando o contato.

3º Relato

Participante: Júlio

Idade: 8 anos

O contato com Júlio é feito de maneira diferente: a mãe da criança se interessa pela participação na pesquisa, mas escolhe me conhecer primeiro, por chamada de vídeo antes de agendarmos com o filho. Ela faz questionamentos sobre como ocorrerá a atividade e quais os materiais necessários. Ao final da chamada, ela separa um momento para me apresentar a criança.

No dia agendado, a mãe novamente atende a chamada, mas decide deixar Júlio sozinho durante a produção. No início da chamada, relembro que estou estudando os medos das crianças nos

dias de hoje. Acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dele (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Júlio inicia o desenho em silêncio e, após uma breve pausa, pergunto o que está desenhando. Ele responde que é o corona vírus. Fico aguardando e ele demora alguns minutos para finalizar. Quando acaba ele me mostra o desenho e pergunto sobre a história:

Júlio: O menino saiu de casa e viu o outro espirrando. Aí ele pensou: ‘ixi, já está com corona vírus’.

Pesquisadora: E aí, o que ele fez?

J: Ele falou isso que tá escrito. E ele era do grupo de risco ainda.

P: E o outro escutou?

J: Sim. Ele foi pra casa e ficou trancado no quarto dele e nunca mais saiu.

P: E os dois conseguiram se proteger?

J: Sim. O outro foi fazer o exame antes de ir para o quarto e ficar trancado e descobriu que não tinha corona.

Pergunto qual título ele daria para a história e ele diz que seria “Corona Vírus”. Questiono se foi difícil fazer a tarefa e ele responde que quando descobriu que ia fazer ficou receoso, por medo de fazer mal; mas aponto que sua contribuição foi muito importante e que fez uma boa produção. Sobre o tema do medo, ele diz que não gosta de admitir que tem. Escuto e comento que é um assunto difícil mesmo, mas que o medo também nos protege, dando sua história como exemplo (por medo do corona vírus, eles ficaram em casa e conseguiram se proteger). Ele acrescenta:

J: Sabia que depois ela ficou até os 90 anos dentro do quarto?

P: E ninguém falou para ela sair:

J: Sim, ele falou quando acabou que ela podia sair.

Ressalto, nesse momento, como é difícil não saber quando vai acabar essa situação e termos que aguardar em casa; ele concorda comigo.

Ao final, ele questiona porque as pessoas são egoístas; pergunto se ele está com essa dúvida pois tem pessoas não se protegendo e ele responde que sim. Comento que é um momento difícil e percebemos que vamos nos deparar com essas pessoas mesmo; mas que também tem muitas pessoas que se importam e dou o exemplo de pessoas famosas e também anônimas que fazem doações para ajudar os outros nesse momento. Acrescento que também acho triste ver as pessoas que não pensam nos outros e sempre teremos essas pessoas, mas que ainda temos

muitas pessoas que se preocupam. Ele parece satisfeito com a resposta. Depois disso, pensa um pouco e diz que não quer perguntar mais nada. Agradeço sua participação e peço para chamar sua mãe, para encerrar o contato com ela.

4º Relato

Participante: Natália

Idade: 10 anos

A mãe de Natália demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por uma prima. Eu já a conhecia anteriormente e realizamos o contato pelo *WhatsApp*. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Ela diz que a filha de 10 anos também está interessada em participar. Acrescento o material que usaremos no dia da coleta e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, a mãe combina previamente que Natália atenderá a ligação; a participante atrasa alguns minutos e a mãe justifica que estão com o relógio da sala errado. Digo que posso aguardar e, quando Natália termina a tarefa que está realizando, começamos a ligação via *WhatsApp*. Ela me atende já sozinha para realizar a tarefa. Apresento a pesquisa, e explico que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje. Acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dele (10 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes; ela destaca que deve ter mudanças, pois agora temos a covid e antigamente não existia. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Antes de iniciar, Natália pergunta se pode desenhar vários e respondo que ela pode fazer da forma como desejar. Ela inicia a produção, ficando em silêncio e concentrada a maior parte do tempo. Percebo que ela utiliza várias cores e escreve algo (que descubro ser o título do desenho); também noto que ela usa a tesoura e recorta partes da folha de forma cuidadosa. Natália finaliza e me apresenta o desenho: começa explicando que não consegue desenhar em papéis muito grandes, por isso ela recortou a folha e diz que colocou um título “medo de criança”. Ela me mostra todos os itens que desenhos e depois peço que conte uma história. Começa pelo escuro, dizendo que muitas crianças têm medos de escuro; comenta que ela fez uma tarefa na escola no quarto ano e esse medo apareceu bastante. Mas o medo que ela escolheu apresentar na escola, que é seu maior medo, são animais como porcos, galinhas e vacas.

Ressalta que não gosta desse tipo de animal e nem ficar perto. Questiono se está acostumada a ter animais assim por perto, ela responde que não e me conta uma situação quando era bem pequena que gostava bastante de Peppa (desenho infantil) e a sua avó paterna a levou para conhecer um porco; ela acreditou que seria igual a do desenho, mas achou o animal bem desagradável quando conheceu. Aponto que parece que ela não está muito acostumada a ter contato com animais assim, por isso pode ocorrer o estranhamento e até o medo. Questiono se ela não desenhou o medo dos animais por achar que não é um medo compartilhado com outras crianças, mas ela diz que teria que desenhar muitos animais, por isso escolheu não os colocar (em outro momento ela também fala que tem medo de ser desrespeitosa e pede desculpas as pessoas que gostam muito desses animais, pois não quer ofendê-las pelo seu medo).

Depois ela conta que o segundo medo que ela escolheu foi o oceano. Explica que tem uma amiga que tem medo do oceano e se impressionou quando descobriu, pois seu pai sempre incentivou e a levou no mar; mas acredita que o medo acontece por não estar acostumada ou por traumas, dando como exemplo sua mãe que também tem medo do oceano, pois quase se afogou.

O terceiro medo desenhado são os filmes de terror, pois nele ocorrem algumas coisas que as crianças têm medo que ocorra de verdade, principalmente à noite – o que associa com o medo do escuro. Logo depois, fala sobre o medo de bonecas e diz que tinha uma amiga na Suíça (morou lá por um ano) que tinha muito medo e relatava que a boneca havia mexido quando ela era pequena.

Por último, conta que desenhou o corona vírus. Acredita que tem pessoas que tem muito medo do corona e outras não tem e, por isso, as primeiras acabam não falando nada. Fico um pouco confusa com a sua afirmação, mas ressalto a importância de falar a respeito, pois ela me contou de vários medos que ela lembrou de uma atividade que fez na escola com os colegas e como às vezes é difícil falar de nossos medos para os outros, mas essa é uma maneira de ver que todos nós temos medo de alguma coisa; e o medo também nos protege de algumas coisas que são desconhecidas para nós, como os animais que ela disse ou o oceano para a amiga dela. Questiono o que achou da tarefa e Natália responde que gostou bastante e vê como um momento de aprendizagem para ela, mas especialmente para crianças menores poderem falar disso. Nesse momento, retomo um pouco da minha pesquisa e digo que fazia nas escolas e venho percebendo que é muito importante que a gente possa falar sobre nossos medos e percebemos que todo mundo tem algum. Ela concorda, agradece por participar e questiona se tem mais alguma coisa que será necessária na coleta; respondo que não e nos despedimos, encerramos o contato.

5º Relato

Participante: Olívia

Idade: 8 anos

A mãe de Olívia demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por uma amiga. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe da criança de 8 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia da coleta, iniciamos a chamada no momento combinado, via *WhatsApp*. Mãe e filha atendem juntas e me apresento para as duas; a mãe diz que deixará Olívia sozinha para a tarefa, mas estará por perto caso precisar. Explico que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Começa a desenhar e, ao ser questionada sobre o desenho, conta que escolheu fazer o corona vírus. aguardo ela acabar, o que não leva muito tempo. Peço para me mostrar o desenho e me contar uma história a respeito. Olívia conta que tem medo do corona vírus “porque tem pessoas morrendo”.

Questiono como está a situação em sua casa e ela responde com ajuda da mãe que o pai tem que sair e trabalhar em outra cidade, mas volta pra casa algumas vezes. Acrescenta que sente falta da escola e das amigas; questiono se está assistindo aulas *on line* e ela confirma, mas não gosta muito do formato e sente falta do contato com colegas. Concluo que a covid é ruim por nos dar medo e também por nos manter longe de quem gostamos, mas é a forma que temos de nos proteger.

Olívia diz que tem outro medo também, que é maior que o da covid, mas que escolheu o covid primeiro, pois acha que todo mundo tem medo dele. Dou espaço para ela desenhar também e me contar, se quiser. A criança conta que tem medo de bonecas, principalmente à noite quando elas parecem ficar encarando-a; por isso que ela vai para a cama da irmã. Questiono se sempre teve esse medo e ela diz que não; começou quando assistiu umas partes de Anabelle na casa de parentes e ficou com muito medo – mesmo sendo apenas partes do filme, não completo. Diz que depois disso ficou com muito medo de bonecas, principalmente

as mais antigas. Respondo que a Anabelle é uma boneca muito feia mesmo, que não é legal de se ver.

Nesse momento ela manifesta o desejo de me mostrar outros desenhos seus e vai buscá-los. Traz o desenho que fez para a mãe no dia das mães e outro, com um técnica chamada *paper squishy*. Fala que gosta de apertar e fica fofinho, fazendo isso enquanto conversa comigo sobre as bonecas. Acrescenta que tem uma amiga que tem muitas bonecas em casa e ela estranha; também diz que tem algumas e até gosta de brincar, mas menos que essa amiga. Diz que as mais assustadoras são as antigas que falam e se movimentam e conta uma história de quando era menor e esqueceu a boneca ligada e essa começou a falar sozinha. Concordo que essas situações em que as bonecas não se comportam como esperamos nos assustam mesmo.

Volta a falar do desenho e explica que fez uma boneca que não se mexe, com os olhos fixos. Mas a boneca vai se mexer e por isso vai assustar. Coloca um tapa-olho na boneca, para que não possa ver seus olhos se moverem. Continua contando sobre as suas bonecas e fala do *baby reborn*, da qual não tem medo. Pega a boneca para me mostrar e conta que essa tem o mesmo peso e altura de quando ela nasceu. Aponto que parece que não são todas as bonecas que são assustadoras então e ela concorda; diz que gosta das *pollys* também e tem várias.

Começa a brincar com uma etiqueta de roupa, que eu não sei de onde surgiu no meio de seu material. Resolve cortá-la para ver o que há dentro e, nesse momento, a mãe surge questionando se há mais alguma coisa, com o desejo de encerrar a ligação. Peço que ela me envie os desenhos e nos despedimos, encerrando o contato.

6º Relato

Participante: Priscila

Idade: 10 anos

A mãe de Priscila demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por outra participante. Nossos contatos foram realizados via ligação e, posteriormente, *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe da criança de 10 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No horário marcado, eu combino de ligar no telefone da própria criança. Priscila atende e me apresento; pergunto se a colega que participou contou um pouco da pesquisa e ela responde que mais ou menos, e que a mãe lembrava que já havia participado de uma atividade semelhante

– apesar de não se recordar. Explico que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (10 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Priscila conversa bastante durante toda a produção, fazendo muitas perguntas e contando muitas coisas sobre si mesma. Primeiro conta sobre a colega que também participou da pesquisa: diz que elas estão na mesma sala e moravam no mesmo condomínio, mas agora se mudou e mora em outro local. Comento que conheço pouco de São Paulo, apenas os lugares mais famosos como a Avenida Paulista e o Ibirapuera, pois sempre fui em passeios como turista. Ela compara com a Disney para as pessoas que moram nos EUA, que para quem é de fora é bem difícil de visitar, mas para quem mora lá é mais fácil. Pergunto se ela conhece o parque e a criança conta que já foi na infância.

A criança acaba o desenho, sem demorar muito. Mostra que escolheu desenhar um rato, uma barata, um saruê e uma boneca. Diz que não gosta da Anabelle, que já viu no trailer no cinema. Conta que não gosta de animais igual a barata, o rato e o saruê também, que eu não sei o que é e ela me explica que parece um rato maior.

A mãe aparece nesse momento que está falando sobre o desenho para se apresentar. Brinca que a filha fala bastante e diz que acordaram tarde, por isso ainda não almoçaram e ela está finalizando a preparação. Volta à atividade e me deixa com a menina.

Pergunto que história que ela contaria com esse desenho. Rafaela conta que desenhou a boneca, que tem medo de que algo apareça à noite para ela; além disso, diz que tem medo de que o rato e a barata toquem nela sem que perceba. Comento que é assustador mesmo pensar que esses animais podem estar por perto e a gente não perceber e também que eles não são bonitos.

Ela começa a falar de outros animais também que não gosta muito, como o morcego e a cobra. Conta quando foi ao sítio da família já viu alguns desses animais, mas tem pouco contato na sua cidade. Completa que no seu prédio não entram insetos assim, só pernilongos e abelhas e começa a contar uma história bem longa de como foi picada por abelhas duas vezes e eu escuto com atenção.

Depois pergunto sobre a boneca, se ela tem medo por conta da Anabelle e Priscila responde que sim. Comento que tem muitas criaturas feias de se ver mesmo e ela também lembra do It. Conto que já assisti e ela se interessa para saber se a criança que fala com o palhaço no bueiro morre; respondo que sim, mas conto a resolução do filme, que as crianças crescem e

conseguem enfrentar o palhaço; na verdade, ele é um monstro que se transforma nos medos das pessoas e, para acabar com ele, deixam a criatura muito pequena. Ela comenta que não gosta nem de ver os personagens, que ela viu um vídeo assustador no *Tik Tok* e já ficou assustada. Estamos nos aproximando de uma hora na ligação; então a mãe reaparece trazendo algo para ela comer e decido encerrar, para ela poder dar continuidade as suas atividades em casa. Ela agradece e parece muito feliz em ter participado.

7º Relato

Participante: Sofia

Idade: 8 anos

A mãe de Sofia demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada pelo primo da criança que já participou da pesquisa. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe de duas crianças de 5 e 8 anos; o menor ficou muito animado quando soube da pesquisa e pede para participar junto. Ele parece ter sido o motivo da família aceitar a participação, pois quando conversei com a mãe, ela coloca restrições de horário e duração, para não sobrecarregar a filha. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, a mãe é muito colaborativa; a família atrasa alguns minutos e iniciamos a chamada. Sofia parece bem tímida ao se apresentar e, durante toda a coleta, seu irmão e a mãe fazem companhia, cada um de um lado da menina. Explico que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje. Sofia faz o desenho com calma; enquanto isso o irmão me mostra o que desenhou, com vários elementos como zumbis e vampiros. A menina finaliza sua produção e mostra que desenhou uma cama, com estrelas ao redor que brilham no escuro, como em seu próprio quarto. Questiono qual seria a história do seu desenho e ela responde:

Sofia: Eu tenho medo do escuro porque não consigo ver nada.

Pesquisadora: Por isso que tem as estrelinhas?

S: Sim.

P: Tem mais alguma coisa que te ajuda a dormir?

S: Sim, tem o abajur que eu deixo ligado.

Ela dá o título de “a menina que tinha medo do escuro” e pergunta se pode escrever no desenho também. Respondo que sim e quero saber o que ela achou da atividade; Sofia responde que ficou com vergonha de falar, mas não é difícil falar sobre seus medos. Falo que é importante conhecermos os medos das crianças de hoje, para sabermos melhor como cuidar das nossas crianças e saber como elas são.

Questiono se ela quer adicionar algo, mas quem acrescenta é a mãe. A mãe diz que Sofia tem muito problema para dormir, acorda no meio da noite e não consegue voltar ao sono com facilidade e, com frequência, precisa que os pais fiquem com ela nesse momento. No ano anterior, levaram a criança ao médico e fizeram exame, mas não constataram nenhum problema neurológico, apenas que o sono era interrompido muitas vezes. Relaciono ao medo a noite, que pode assustá-la quando acorda e por isso a dificuldade de voltar a dormir e o sono assustado. Ambas concordam e dizem que notaram que na última semana houve uma grande melhora e ela não estava acordando tanto. Converso com Sofia e digo que vamos enfrentando o medo aos poucos mesmo, que não é simples mas podem ser os primeiros passos que ela está dando; que ao ver que no escuro junto com o pai e com a mãe dela, não havia nada para temer, ela foi aprendendo aos pouquinhos que não precisava ter medo também.

Finalizamos o contato e me despeço da família, peço que me enviem o desenho por foto e agradeço a disponibilidade e a participação de todos.

8º Relato

Participante: Tatiana

Idade: 10 anos

A mãe de Tatiana demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por outro participante. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe da criança de 10 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendando, ao iniciar a ligação estão presentes mãe e filha; me apresento às duas e a mãe diz que vai deixar Tatiana sozinha durante a produção. Explico para a menina que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se

quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (10 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes; ela comenta que depende, pois pode ter medos iguais enquanto alguns são diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Tatiana conta que está desenhando o medo de perder a família. Ela fica em silêncio e tranquila durante toda a produção, sem parecer se importar que eu estou acompanhando. Quando finaliza, me mostra os desenhos e pergunto que história contaria. Na sua história sua mãe poderia ficar doente de câncer e morrer e seu pai sair de casa e ser atropelado, e ela perderia os dois. Acrescenta que não desenhou a família toda, pois seriam muitas pessoas, mas não gostaria de perdê-los também; assim, escolheu apenas os pais e fez a faixa nos olhos para representar que eles não estavam mais vivos.

Diz que o título da produção é “meu maior medo”. Faço uma associação com o começo da nossa conversa, quando ela disse que alguns medos mudam e outros não e comento que esse deve ser um medo que sempre temos, pois é difícil pensar em perder nossos pais mesmo, não importa a nossa idade, já que são as pessoas que mais contamos sempre.

Questiono o que ela achou da atividade e Tatiana responde que é um assunto que é difícil de falar, que é estranho pensar sobre ele. Concordo e comento que não é sempre que falamos sobre medos; por isso minha pesquisa é importante, pois eu vou conhecendo as pessoas e descobrindo que esse sentimento é natural, pois pelo menos um medo todos nós temos. Agradeço sua participação e, como ela não tem mais nada a acrescentar, encerro nosso contato.

9º Relato

Participantes: Leandro e Amanda

Idades: 9 e 8 anos

A mãe de Leandro e Amanda demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por uma conhecida. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe das crianças de 9 e 8 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, eles atrasam uma hora e fico aguardando. Quando iniciamos a chamada, Leandro está em frente a câmera com a mãe e Amanda um pouco afastada. A mãe

explica que ela está chorando, porque apanhou, pois estava fazendo muita bagunça com a sobrinha, antes de iniciarmos a conversa.

Ao me apresentar, digo que sou psicóloga e estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade deles (8 e 9 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Nós conversamos bastante durante a produção. Primeiro pergunto sobre a escola, pois a mãe me contou que eles estavam fazendo lição de casa antes. Os irmãos contam onde estudam e identifico que é a mesma escola que eu estudei quando era criança. Falamos sobre as coisas que mudaram com os anos no terreno da escola. Eles acrescentam que estão sentindo falta da escola e Amanda comenta sobre a covid, que tem que ficar em casa porque é perigoso sair.

Leandro me pergunta se eu conheço a vespa asiática; no momento não entendo muito, mas Amanda explica que é uma vespa que mata pessoas. Lembro que li a respeito na internet, por ter ouvido um comentário anteriormente e comento que, como eu vi, ela é mais perigosa para as abelhas, que ela não gosta muito de picar humanos, mas que também não é legal destruir as casas das abelhas e por isso as pessoas estão preocupadas.

Amanda termina seu desenho primeiro e pergunto se ela quer me mostra. Ela apresenta o desenho e conta a história: A cobra foi morde o fantasma, mas ele não morria. (E os outros?) Todo mundo queria matar o fantasma, o raio, a aranha e o morcego. (Alguém conseguiu?) A aranha pequenininha conseguiu. Falaram que a aranha sempre perde. (E o que aconteceu?) Prenderam a aranha. E o fantasma salvou ela. A cobra foi presa e o fantasma ajudou. (Então no final eles se ajudaram?) Sim. Ela ficou amiga. (Qual o título?) O fantasma e a cobrinha. Finaliza e vai buscar seu livrinho sobre abelhas para me mostrar, que fez na escola.

Enquanto isso Leandro me conta que joga futebol e está se saindo melhor; quando voltar os treinos, vai subir de turma. Amanda volta com o livrinho e temos um momento que os dois falam ao mesmo tempo, enquanto ele tenta contar sobre o futebol, a menina interrompe para mostrar seu desenho; por isso tento distribuir a atenção entre os dois.

Quando o menino termina, peço para ver. Ele me mostra o desenho e diz que é o álcool gel e o corona vírus e que o álcool ganha do segundo. Ele diz que são dois, o Eduardo e o Isaac, que tem o sonho do bem e do mal. Quando dormia, uma pessoa sonhava bem e outra não. A que sonhava ruim acordava e dormia de volta. O álcool e o corona são os temas do sonho. E ai depois o que sonhou algo bom, sonha algo ruim e quem sonhou algo ruim sonha algo bom. (E o que eles fazem quando tem o sonho ruim) Isaac pensa em um jogo e o Eduardo no celular. (E

isso ajuda eles?) Sim, igual eu. (Qual o título?) Sonho do mau e sonho do bem. Contou que acordou pois estava com frio, mas conseguiu voltar a dormir.

Após a conversa a respeito do desenho de Leandro, pergunto aos dois o que acharam da produção e se tem alguma questão após a produção. Os irmãos dizem que gostaram de participar e não há mais questionamento. Então, agradeço a participação e me despeço de toda família.

10º Relato

Participante: Bruna

Idade: 9 anos

A mãe de Bruna demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe da criança de 9 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

Quando iniciamos, a mãe atende e se apresenta junto com a criança, mas deixa Bruna sozinha para realizar a tarefa. Explico que sou psicóloga e estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (9 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Bruna fica em silêncio durante a produção, olhando às vezes para a tela para acompanhar o que eu estou fazendo, enquanto fico apenas observando. Demora um tempo para concluir o desenho e, quando finaliza, peço que me apresente. Ela apresenta os elementos que desenhou, dizendo que riscou o do meio, que ia dizer que tinha medo de perder os pais, mas decidiu por colocar o medo de morrer. Indago que história ela contaria: responde que tem medo de aranha, tem medo de morrer, de escorpião e rato. Questiono se ela sempre teve esses medos e ela diz que sim; também pergunto se ela já viu um desses animais e ela pede ajuda ao pai, que está por perto e conta que já viu um rato. O título dado é A história do medo.

Sigo a conversa e abro espaço para ela comentar me perguntar alguma coisa. Então, Bruna começa a questionar sobre a minha profissão, com perguntas como se eu atendo. Respondo que também gosto de atender, mas que estou estudando porque também quero dar aulas. Começamos a falar de sua mãe quando questiono se esse também é o trabalho dela. Bruna responde que sim e me conta que conhece a profissão da mãe, mas quer fazer medicina, pois

quer ajudar as pessoas. Também fala o que a irmã quer fazer (que não me recordo) e conversamos um pouco sobre as profissões e digo que também decidi desde pequena que seria psicóloga. Quando encerramos o assunto, pergunto se ela quer acrescentar algo, mas ela parece satisfeita; agradeço a participação e me despeço da família.

11º Relato

Participante: Mateus

Idade: 8 anos

A mãe de Mateus demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa. Nossos contatos foram realizados via *WhatsApp*, em que ela se apresentou como mãe da criança de 8 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, mãe e filho atendem a ligação juntos. Converso um pouco com os dois de como estão nesse período; Mateus parece bem animado com o contato e responde que está bem. Conta como está a rotina das lições da escola e que sente falta dos amigos. A mãe pergunta se precisa acompanhar e avisa que vai fazer outras atividades enquanto realizamos a coleta.

Digo que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dele (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ele desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje. Ele pensa alguns segundos e diz que já sabe o que vai desenhar.

Pesquisadora: O que você pensou?

Mateus: Eu tenho medo de ser contaminado pelo corona. – Ele fica concentrado desenhando, apenas questiona se pode colorir. Quando termina, peço para ver o desenho.

M: Eu desenhei eu fugindo dele.

P: E como foge dele?

M: Eu vou correr.

P: Mas ele vem atrás de você? Como vai fugir?

M: Eu vou procurar uma máscara.

P: Ah, é verdade, pra se proteger. E você vai achar?

M: Não sei.

P: E como acaba essa história? Você encontra uma máscara, um álcool...

M: Encontro. Vou desenhar aqui. – Ele desenha uma mesa com o álcool em gel, a máscara e o sabonete para lavar a mão.

M: Pronto. Desenhei aqui – ele me mostra novamente.

P: E agora?

M: E aí se ele chegar perto, ele não vai me pegar.

P: Entendi! Agora você vai ficar protegido.

Eu peço que ele tire uma foto depois do desenho para guardá-lo. Questiono se quer falar mais alguma coisa, mas ele diz que não. Então agradeço sua atenção e digo que foi muito importante para conhecer as crianças melhor; e que sua produção me ajuda a perceber que o medo também ajuda a gente se proteger.

12º Relato

Participante: Carolina

Idade: 8 anos

A mãe de Carolina demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada pela tia da menina. Nossos contatos foram realizados via WhatsApp, em que ela se apresentou como mãe da criança de 8 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, mãe e filha atendem a ligação. Depois de me apresentar, a mãe pede para se ausentar, pois está ajudando o outro filho na lição. Converso um pouco com Carolina sobre as aulas, antes de iniciarmos a coleta; ela também fala que gosta de desenhar e de dançar e conta das aulas de jazz que está fazendo on line.

Explico que sou psicóloga e que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dela (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ele desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje. Ele pensa alguns segundos e diz que já sabe o que vai desenhar.

Carolina: Pode ser um medo que eu tinha, não tenho mais?

Pesquisadora: Pode.

C: Eu tinha medo de tomar banho sozinha.

P: Pode ser então.

Ela inicia a produção e peço que ela me conte como é o seu medo.

C: Começou com os vídeos da internet. Primeiro tinha um palhaço. Depois veio a Momo. Agora tem um outro também, que é um palhaço.

P: Eu já ouvi falar. Mas você já viu alguma coisa?

C: Não. Só em foto.

P: E como seria essa história?

C: Eu comecei a ver um vídeo, mas eu não sabia ainda. Não deu medo, um pouquinho de medo só. Ai eu falei pra mamãe e ela falou pra eu não assistir mais. Ela não sabia o que era, mas ela foi procurar na internet e descobriu o que era. Ai a mamãe falou pra eu não assistir mais.

P: E de quem era esse canal que você viu? – Ela soletra o nome de uma youtuber pra mim. Diz que agora não assiste mais seu canal, apenas o da irmã.

P: Mas você disse que tinha medo de tomar banho sozinha...

C: É porque eu tinha medo dela invadir minha casa.

P: E agora?

C: Agora eu não tenho medo mais.

Ela explica que também não vê mais essas coisas e por isso não fica com medo também. Dá o título "como eu tinha medo da momo (e como eu perdi também)".

Depois ela diz que quer conversar um pouco. Conta um pouco da sua família e diz que gostou muito de mim porque eu gosto da mesma série que ela e gosto de dançar. Depois de nos falarmos por um tempo, finalizo agradecendo a sua contribuição e também afirmando que gostei da nossa conversa.

13º Relato

Participante: Paulo

Idade: 8 anos

A mãe de Paulo demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa em um anúncio nas redes sociais. Nossos contatos foram realizados via WhatsApp, em que ela se apresentou como mãe da criança de 8 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância

no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, Paulo e a mãe estão me aguardando; ela se apresenta e avisa que vai deixar a criança conversando comigo, enquanto realiza suas tarefas. O irmão fica por perto. Explico que sou psicóloga e que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dele (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ele desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Quando começa a desenhar, pergunto a Paulo o que ele pensou e ele responde que pensou primeiro em palhaços, que antes tinha medo de palhaços, mas lembrou de algo mais recente que são uns monstros.

Pesquisadora: Qual monstros são esses?

Paulo: Eu não sei o nome. É de um filme que eu assisti esses dias. Eu não lembro o nome.

Enquanto ele está desenhando, o irmão está próximo e ele aproveita para perguntar qual o nome do filme, que é Lar das crianças peculiares. Eu conto que já assisti e lembro qual é monstro que ele está falando. Ele me explica que não tem medo dos monstros quando são desenhos, mas de filmes ele tem medo.

Pe: Então você desenhou ele?

Pa: Eu tô desenhando ele do bem.

Pe: Ah, então esse não é mau?

Pa: Esse não.

Pe: Quando você terminar me mostra então.

Ele finaliza o desenho e me apresenta. Quando eu pergunto da história, ele fala que não sabe e decide contar a história do filme.

Pa: Eles também tinham poderes, mas ai colocou o negocio na cabeça dele e ficou assim.

Pe: Então essa é a história dele?

Pa: Mas ele é do bem.

Pergunto qual seria o título e ele escolhe O monstro que virou do bem.

Então ele decide desenhar algumas coisas para o seu personagem. Uma casa, uma piscina e um buraco subterrâneo, que tem uma televisão e um PS5. Conversamos um pouco sobre jogos e coisas que ele gosta.

Finalizamos após ele terminar esses detalhes e agradeço sua participação, ressaltando que sua participação foi muito importante. Ele vai chamar a mãe para nos despedirmos e fala que gostou muito, pois nunca conseguiu falar dos medos assim. Lembra de Gravity falls, que era um desenho assustador que ele não tinha medo, para me dar de exemplo, antes de finalizarmos a chamada.

14º Relato

Participante: Flávia

Idade: 9 anos

A mãe de Flávia demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa em um anúncio nas redes sociais. Nossos contatos foram realizados via WhatsApp, em que ela se apresentou como mãe da criança de 9 anos. Expliquei melhor os objetivos da pesquisa (conhecer os medos infantis na atualidade) e a necessidade da realização a distância no momento de quarentena. Informo os materiais utilizados e agendamos data e horário para a coleta.

No dia agendado, Flávia e a mãe estão me aguardando juntas; ela acompanha a criança durante toda a coleta. Depois de me apresentar, explico que sou psicóloga e que estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje e acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade dele (8 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ele desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje.

Pergunto o que ela decidiu fazer e Flávia me conta que vai fazer um antes e depois dos filmes de terror. Pergunto o que mudou e a criança responde que antes só tinham esses personagens em filmes de terror, mas agora também tem nas plataformas digitais. Ela parece bem tímida para conversar e a mãe fica mudando a câmera para eu ver melhor o que ela está fazendo.

Flávia finaliza e me mostra o desenho. Pergunto se ela fosse contar uma história, o que contaria. Flávia diz que o seu desenho representa de um lado o antes e de outro o depois. Questiono o que são essas coisas de cada lado e ela diz que antigamente não tinham esses vídeos que assustavam na internet. A mãe incentiva que ela conte uma situação que aconteceu e ela comenta que viu algo que a assustou em um vídeo e a mãe ressalta que foi no youtube infantil e demonstro o espanto. Elas dizem que era um desenho normal que a menina costuma ver, mas que foi modificado e parecia mais macabro. Comento que é bom poder contar para a mãe dela

o que aconteceu, que ajuda a ficar menos assustada com essas situações. Ela dá o título de A diferença do medo de antes e depois. Pergunto se elas querem acrescentar mais alguma coisa e elas dizem que não, então encerramos a chamada.

15º Relato

Participante: Samuel

Idade: 8 anos

Após a autorização da mãe, agendamos a data para a realização da coleta. No dia agendado, a mãe e a criança atendem a ligação juntos e a mãe decide deixar a Samuel sozinho durante a atividade.

Depois de dar as instruções, ele começa a desenhar em silêncio. Também fico em silêncio aguardando. Ele não leva muito tempo e me avisa que acabou. Peço que me apresente o desenho. Já reparo que ele escreveu assombração e aponto isso.

P: Ah, o que pensou?

S: Em assombração.

P: Verdade, você escreveu né? E até desenhou ele com algumas perninhas aqui...

S: Ele tem quatro pernas.

P: E que assombração é essa?

S: A vovó morreu e virou um fantasma que assombrava.

P: É? E ela é boa ou ruim:

S: Ela é ruim.

P: E onde ela fica?

S: Ela fica em uma casa mal-assombrada. Os turistas vão na casa e não conseguem sair.

P: Ninguém?

S: Alguns conseguem.

P: Entendi. E que título daria?

S: Grandma.

Depois disso começo conversar com ele se é difícil falar sobre os medos ou não e ele fala que não; nesse momento a mãe volta ao quarto e indica que ele conte o medo que tem atualmente.

Ele começa a contar que está com medo de dormir sozinho, de andar sozinho. Quando questiono, ele fala que é porque é escuro. Converso sobre o escuro com ele, que não conseguimos ver o que tem naquele lugar no momento. Ele acrescenta que tem medo de ladrão

entrar em casa. Converso que ele tem a mãe com ele em casa, que ele pode trancar a casa e tentar se proteger, apesar dessa situação assustadora.

Depois de falarmos sobre isso, ele não quer conversar sobre mais nada. Nos despedimos e encerramos o encontro.

16° Relato

Participante: Vinícius

Idade: 10 anos

A mãe de Vinícius se interessa pela participação da pesquisa, mas pede para conversar comigo antes de agendarmos o dia da coleta. Ela pede mais detalhes sobre a atividade, para poder explicar ao filho como será. Agendamos o encontro para o dia seguinte.

No dia da coleta, ela me passa o telefone de Vinícius para que eu fale diretamente com ele. No horário agendado, iniciamos a vídeo chamada. Depois que me apresento e dou as instruções, ele diz que não sabe o que fazer e fica pensando um tempo. Sugiro que ele lembre o que primeiro vem na sua cabeça quando digo ‘o que uma criança tem medo hoje’ e ele responde que pensa em bichos e que o mundo acabe. Digo que pode ser o que pensar e, então, ele começa a desenhar em silêncio, apagando algumas vezes. A chamada cai no meio e ele vai buscar o celular a mãe, pois a sua bateria acabou.

Quando finaliza, peço que ele me apresente e começa a contar o que desenhou: que o mundo acaba, tsunami, ataque zumbi, corona, que ele morra, que sua família morra, que sua casa exploda e medo do fogo no pantanal. Ressalto que são medos difíceis e pergunto que história contaria. Ele fala que irá juntar dois medos.

V: Um dia aconteceu um tsunami e eu fui para outro lugar. Ai teve um ataque zumbi.

P: Nossa, então você fugiu e mesmo assim encontrou os zumbis. E o que você fez?

V: Eu fugi dos zumbis.

Pergunto o título e ele diz que é “meus medos”. Ele começa a falar que é difícil um tsunami acontecer, mas a gente não pode duvidar. Então começamos a conversar sobre como é difícil de algumas dessas coisas acontecerem e depois nos despedimos.

17° Relato

Participantes: Alexandre e Carlos

Idades: 10 e 8 anos

A mãe de Alexandre e Carlos demonstrou interesse em participar após conhecer a proposta da pesquisa, apresentada por uma amiga. Nossos contatos foram realizados via WhatsApp, em que ela se apresentou como mãe de duas crianças, de 8 e 10 anos.

No dia agendado, a mãe me avisa quando eles estavam prontos para iniciar a chamada de vídeo, que será realizada pelo WhatsApp. Mãe e filhos atendem a chamada juntos e converso brevemente com a mãe. Ela diz que deixará os filhos em foco na chamada, mas se precisar de alguma coisa estará por perto.

Os dois se apresentam primeiro e depois eu falo. Digo que sou psicóloga e estou estudando os medos das crianças nos dias de hoje. Acrescento que comecei a me questionar se quando as pessoas da minha idade tinham a mesma idade deles (8 e 10 anos), apresentavam os mesmos medos que as crianças de hoje ou se eram diferentes; ambos comentam que devem ser diferentes. Depois dessa introdução, dou as instruções para a produção e peço para que ela desenhe algo pensando no que as crianças têm medo hoje. Os dois pensam um pouco e começam a produção.

Ambos trabalham mais em silêncio e concentrados. Eu apenas recordo que eles podem me chamar quando finalizarem. Alexandre termina primeiro e peço para me mostrar sua produção. Ele diz que é o escuro e conta a seguinte história:

A: Quando tá escuro não dá pra ver nada.

P: E o que você faz?

A: Deixo a luz do banheiro acesa.

P: E aí não tem medo mais?

A: Não.

Ele dá o título de “O escuro” para a sua produção. Depois disso, ele se afasta da câmera e deixa apenas o irmão, que leva mais tempo para terminar. A mãe incentiva o menino e participa mais. Quando ele termina o desenho, conta que se lembrou da casa de uma amiga que foi assaltada e por isso desenhou o assalto; quando pergunto se a amiga estava na casa, ele questiona a mãe sobre o que aconteceu, que complementa a história.

C: Uma vez a casa de uma amiga foi assaltada e eu fiquei com medo.

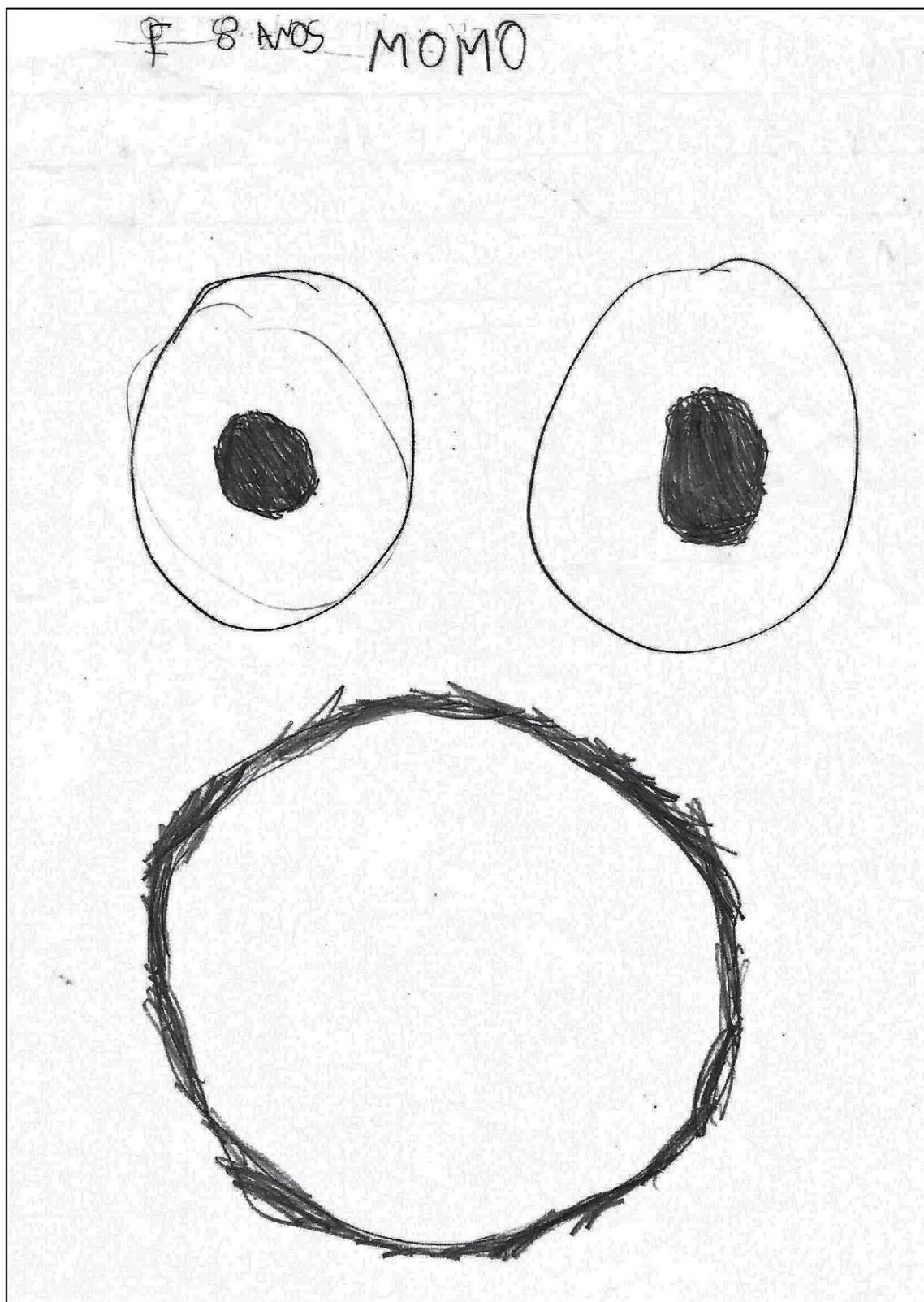
P: Como foi?

C: Só estava a irmã e ela. Ligou para a mãe e chamou a polícia. Ficou tudo bem. – e o título dado foi “A casa assaltada”.

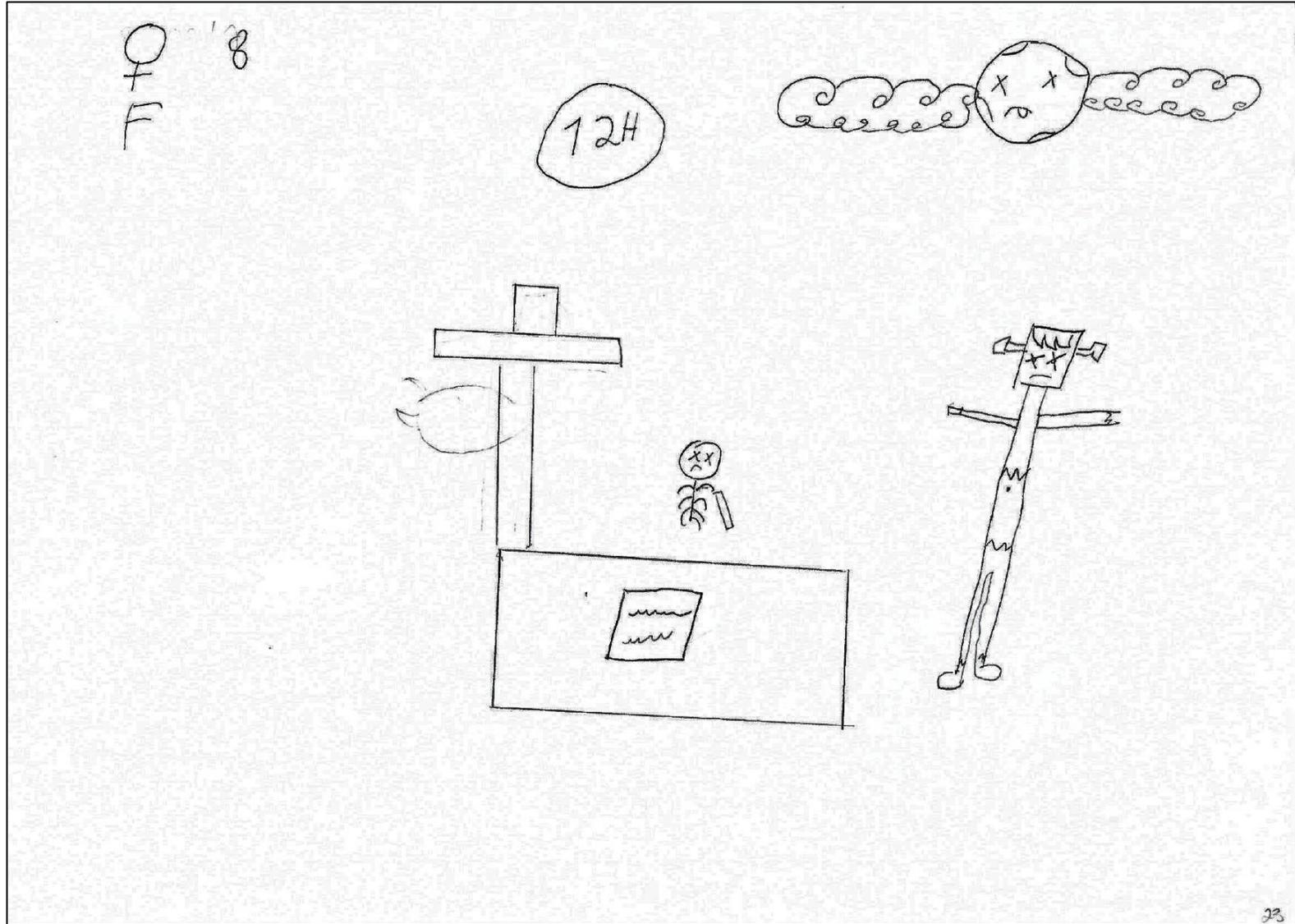
Ao final, agradeço os dois e enfatizo a importância do medo e de podermos falar sobre ele, usando as unidades de produção deles como exemplo.

ANEXO I: DESENHOS

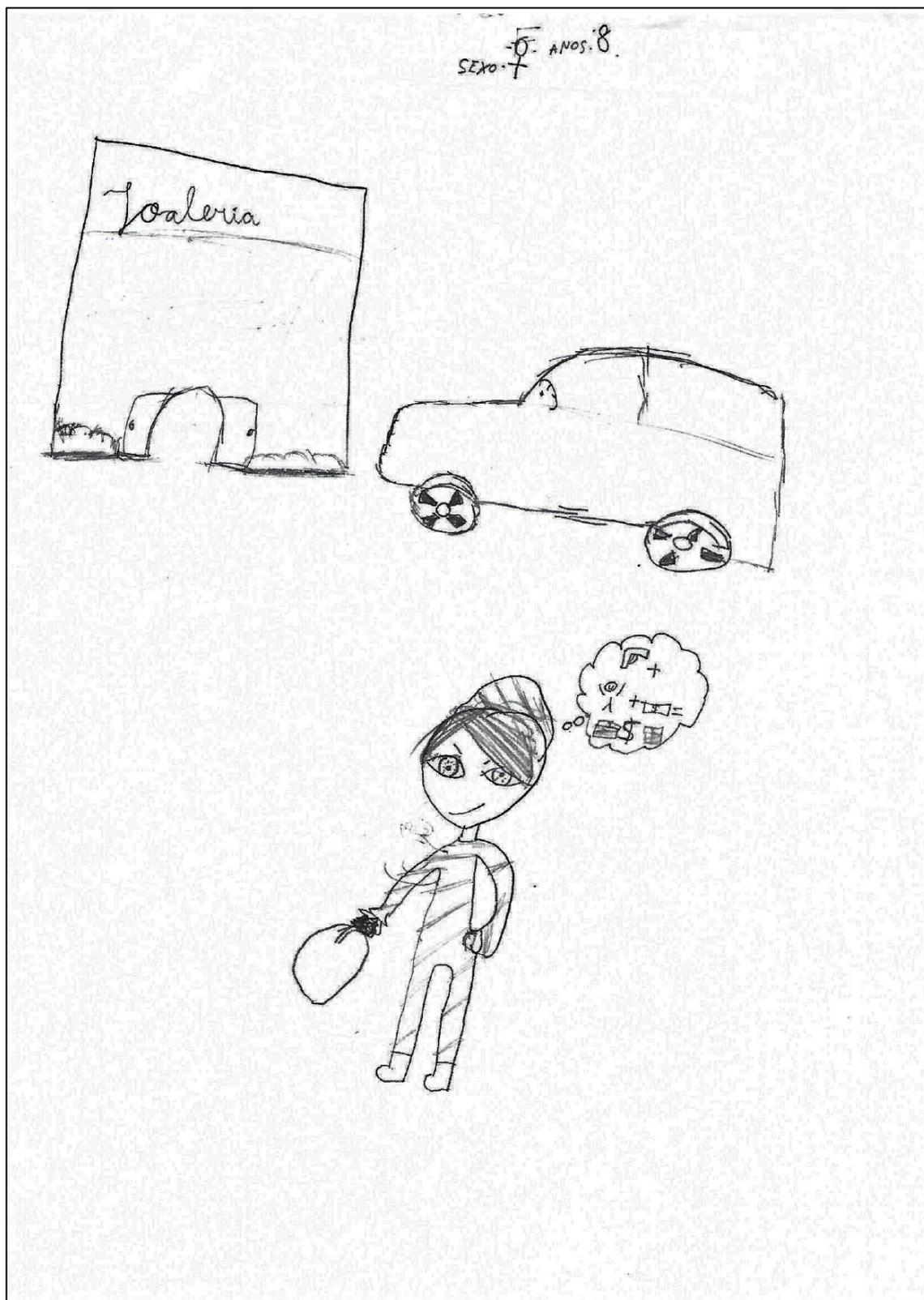
Bianca



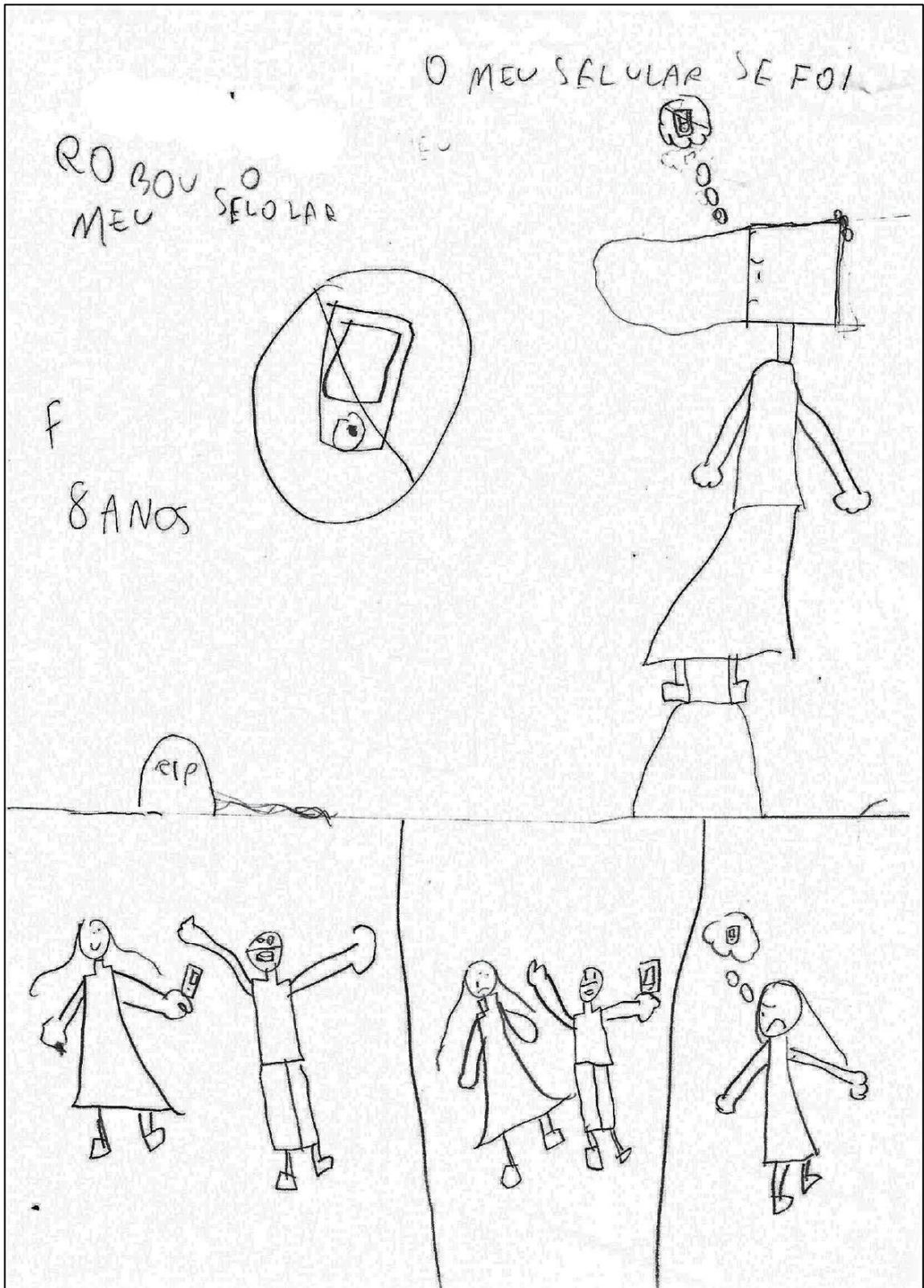
Helena



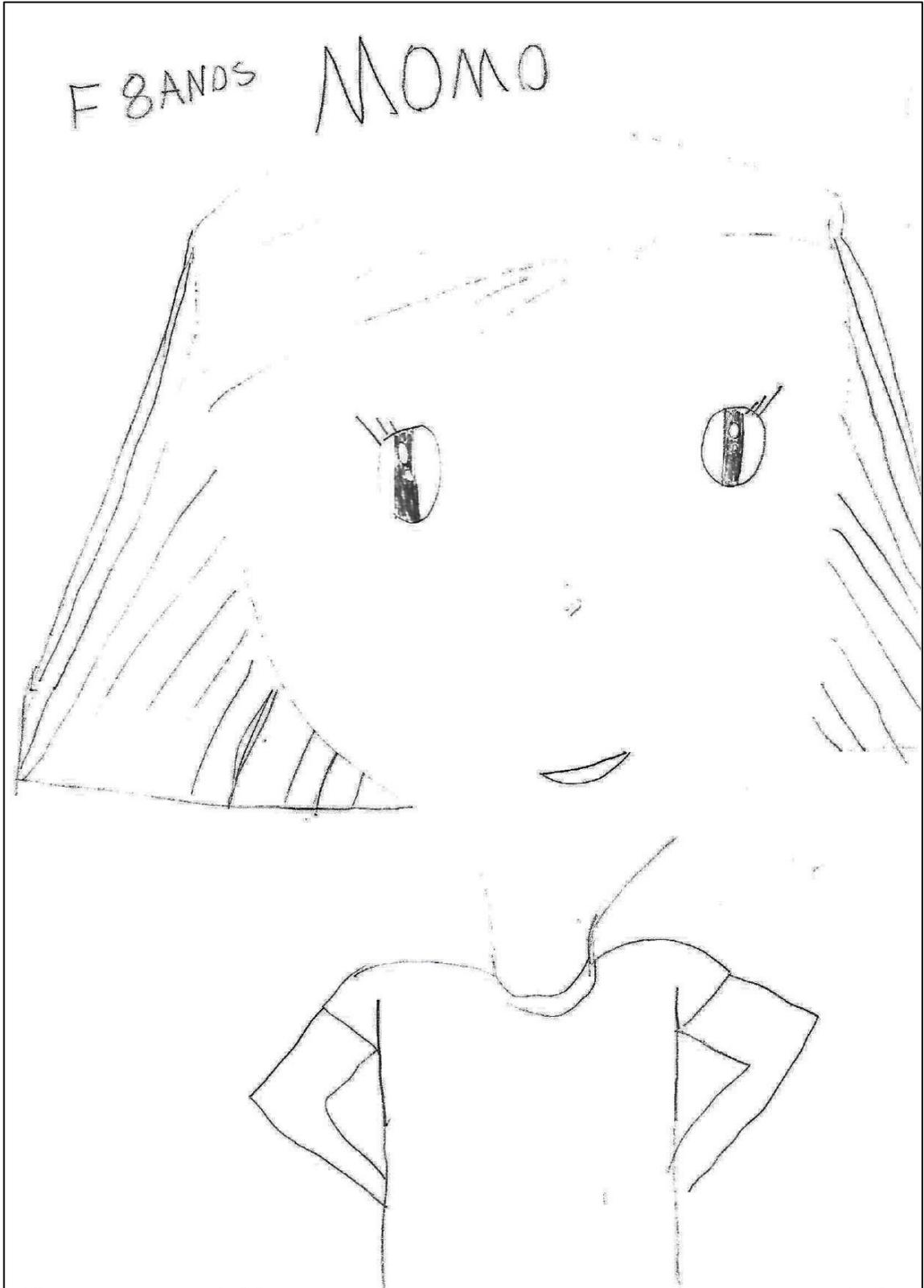
Marina



Raquel



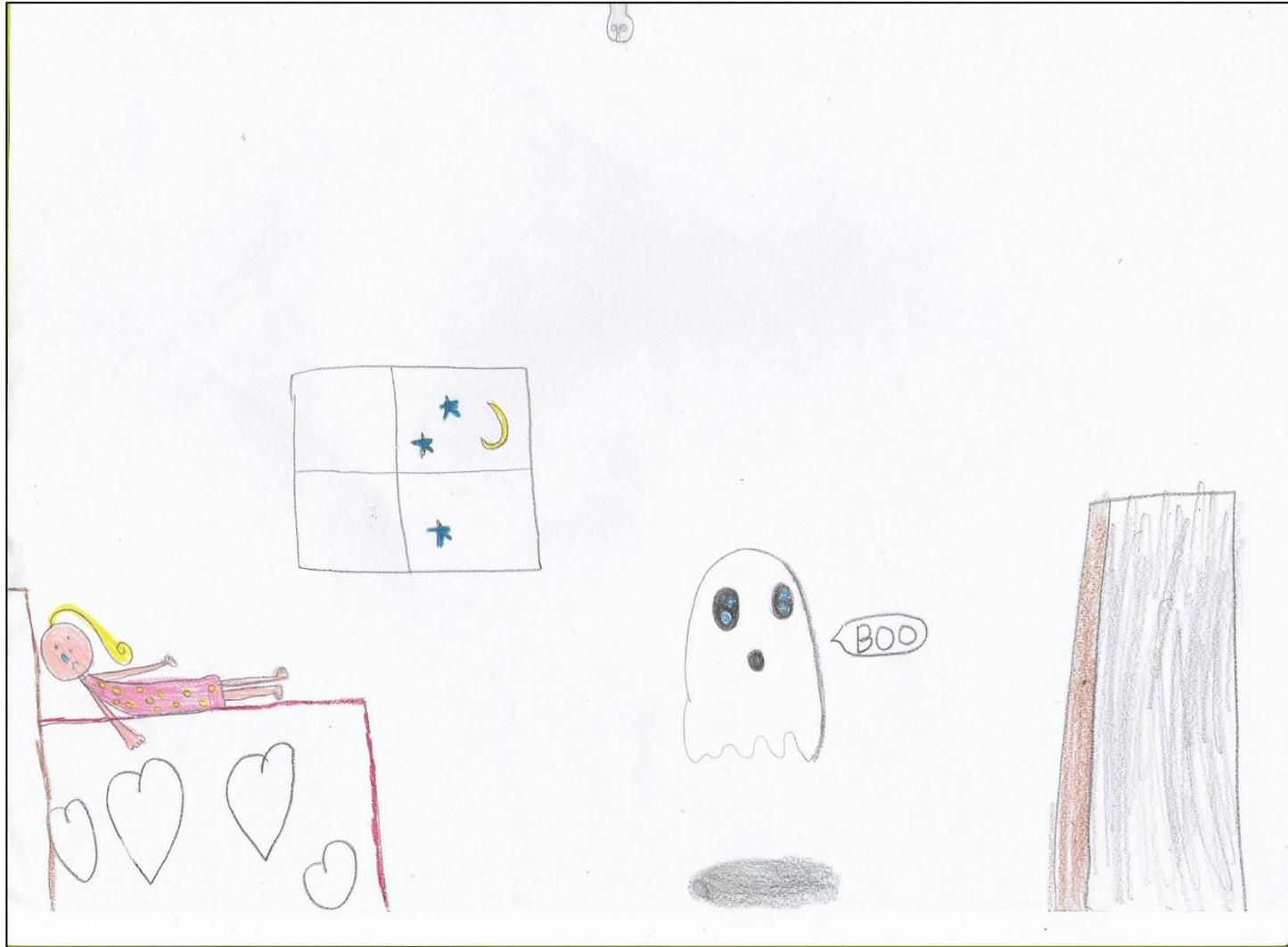
Vanessa



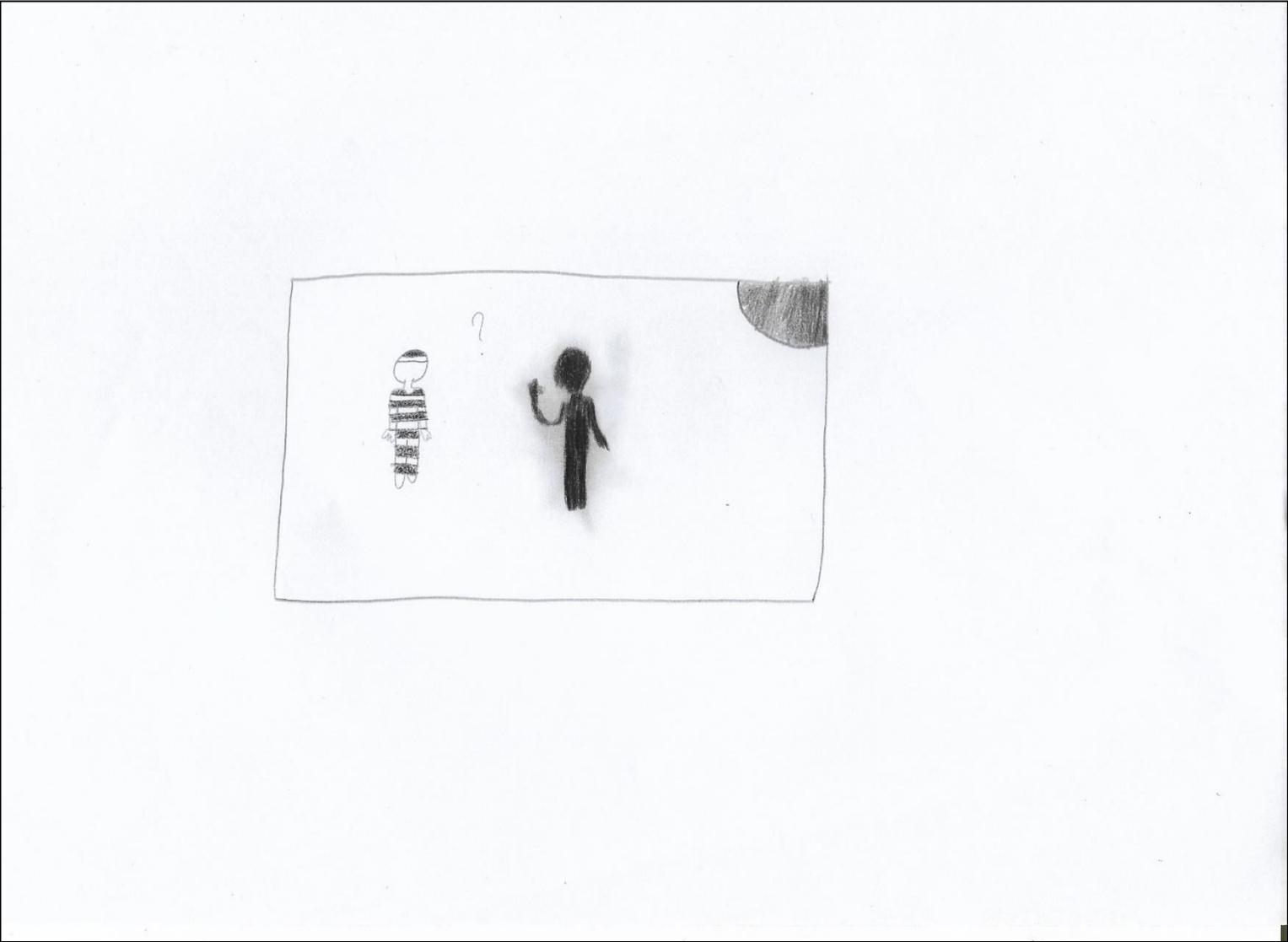
Alice



Camila



Euarda



Fernanda



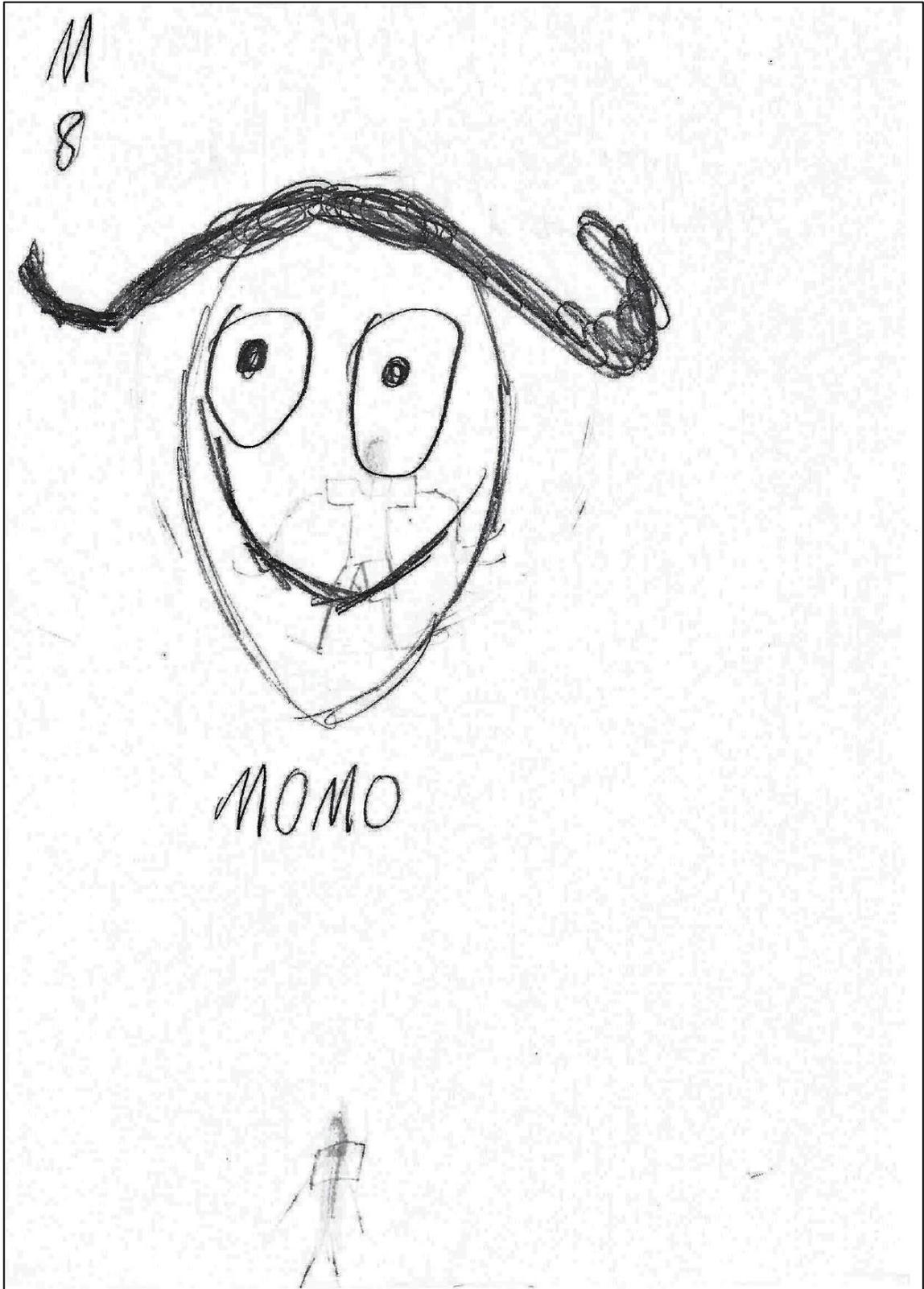
Isabela



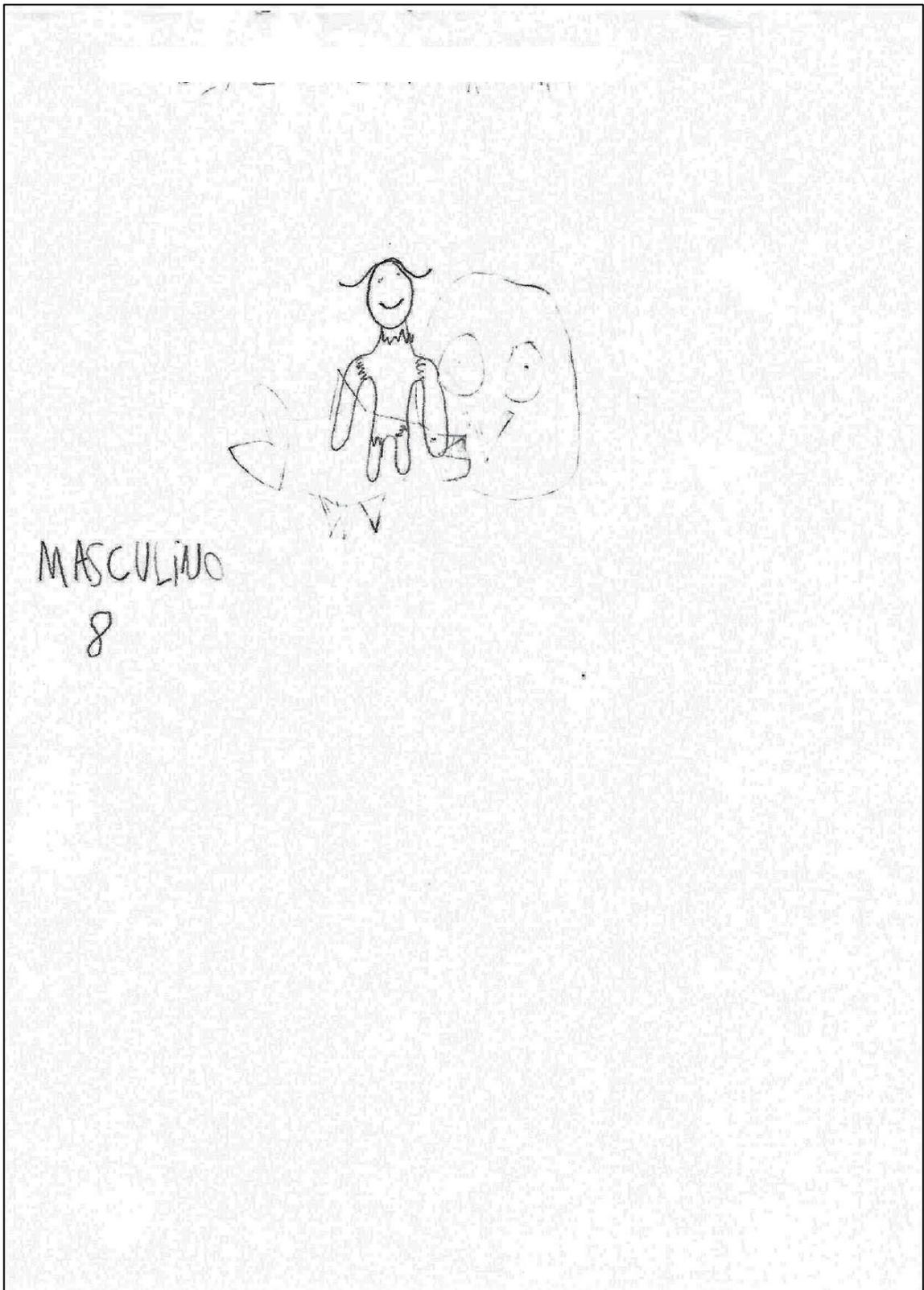
André



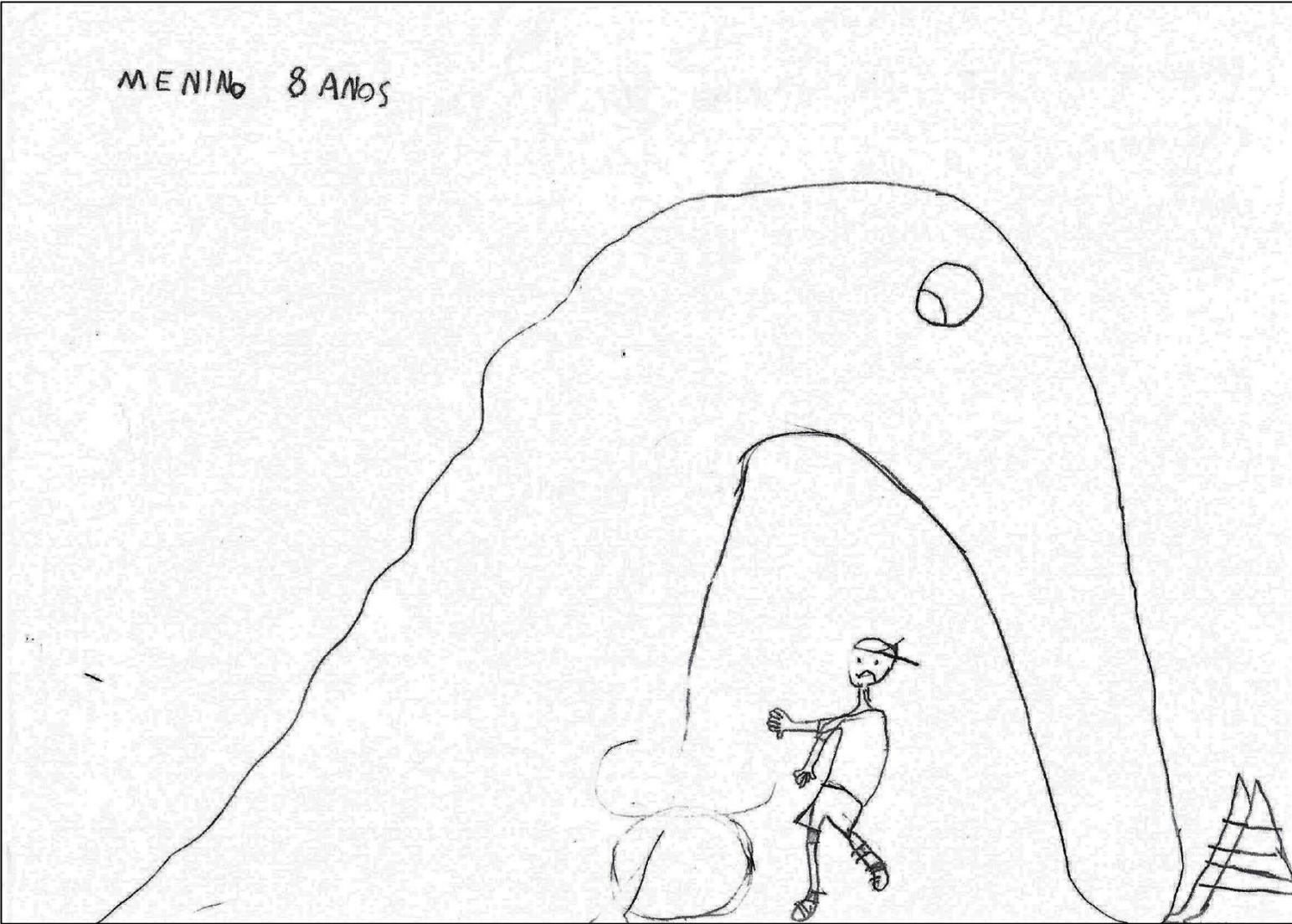
Caio



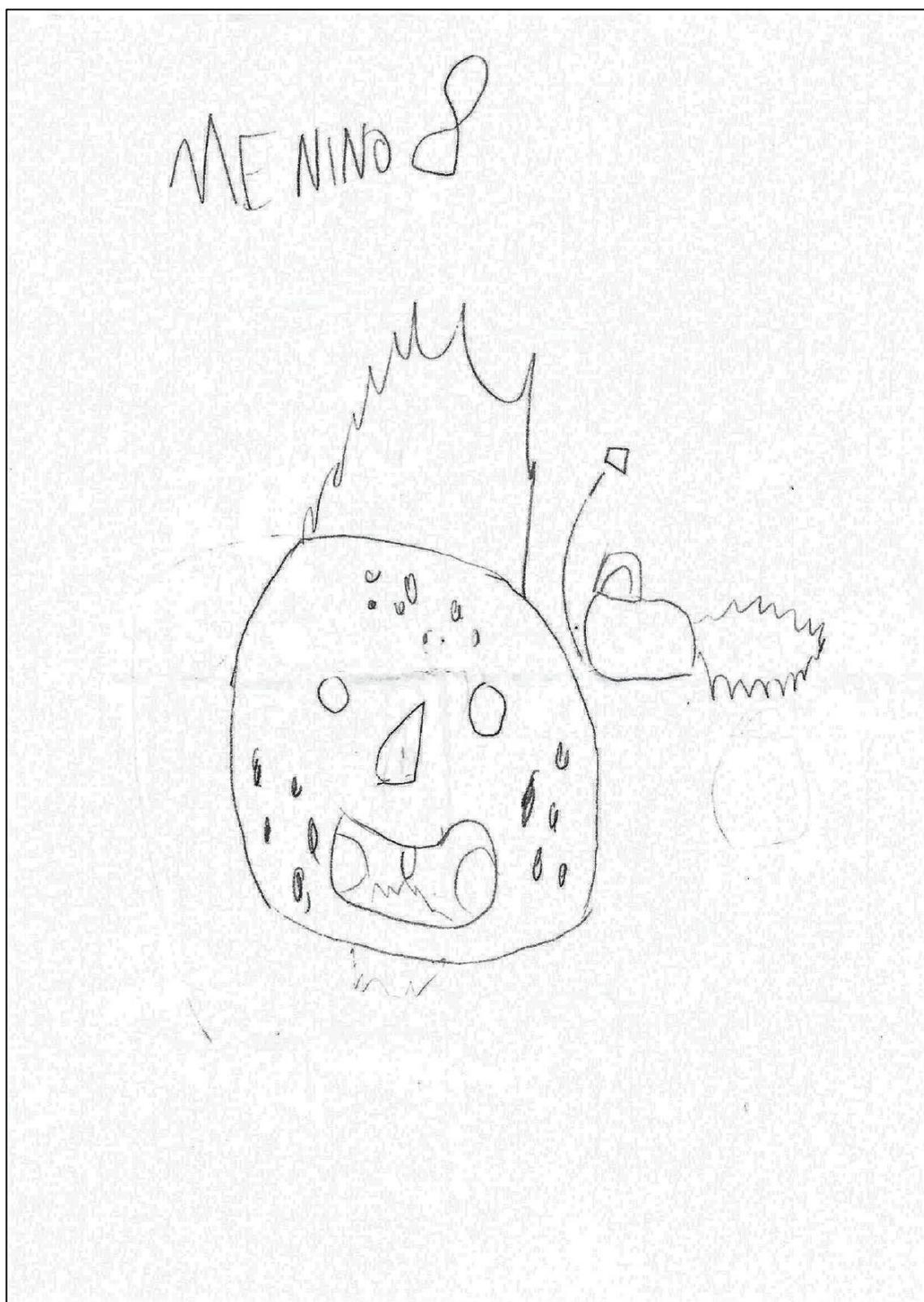
Felipe



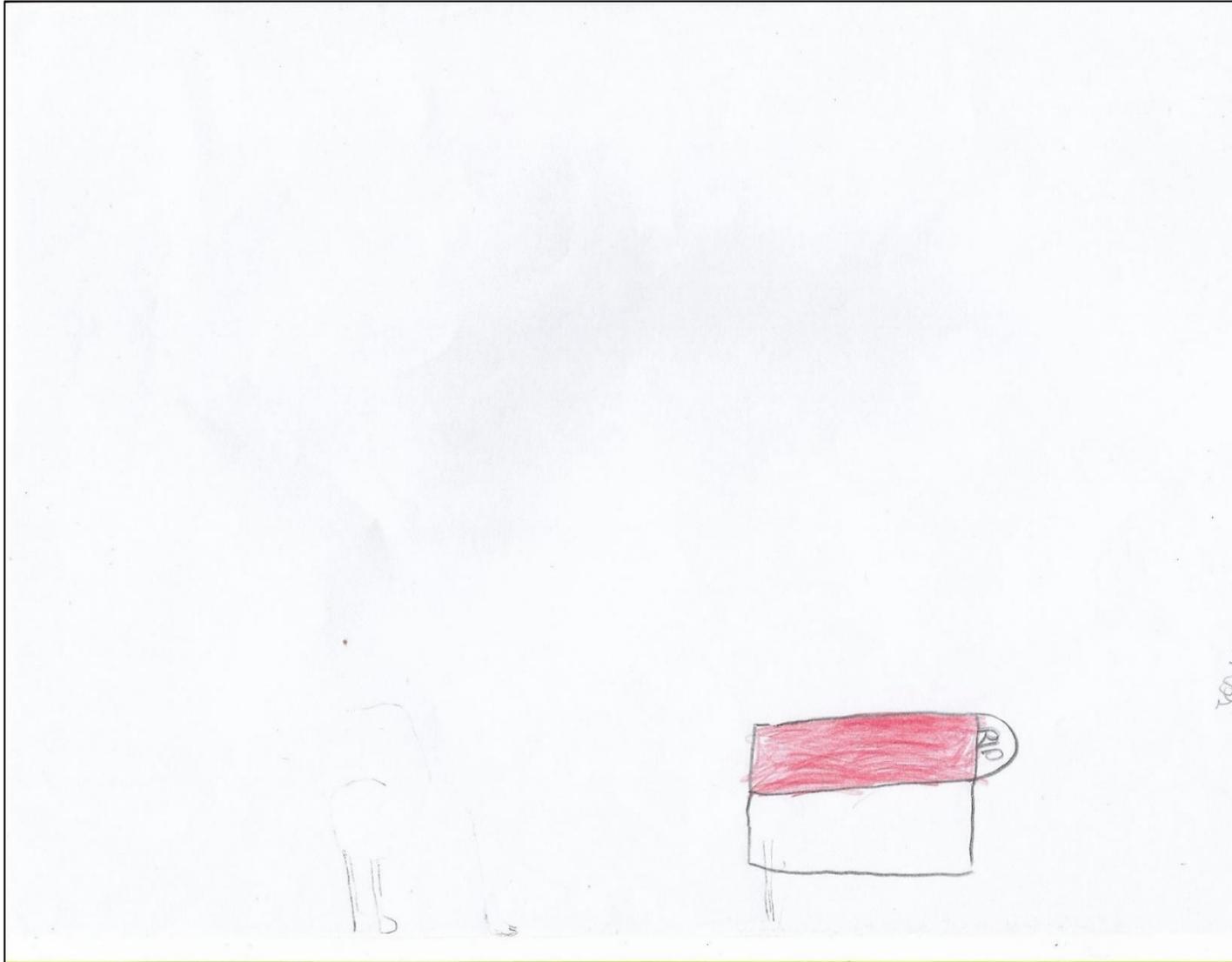
Leonardo



Otávio



Daniel



Eduardo



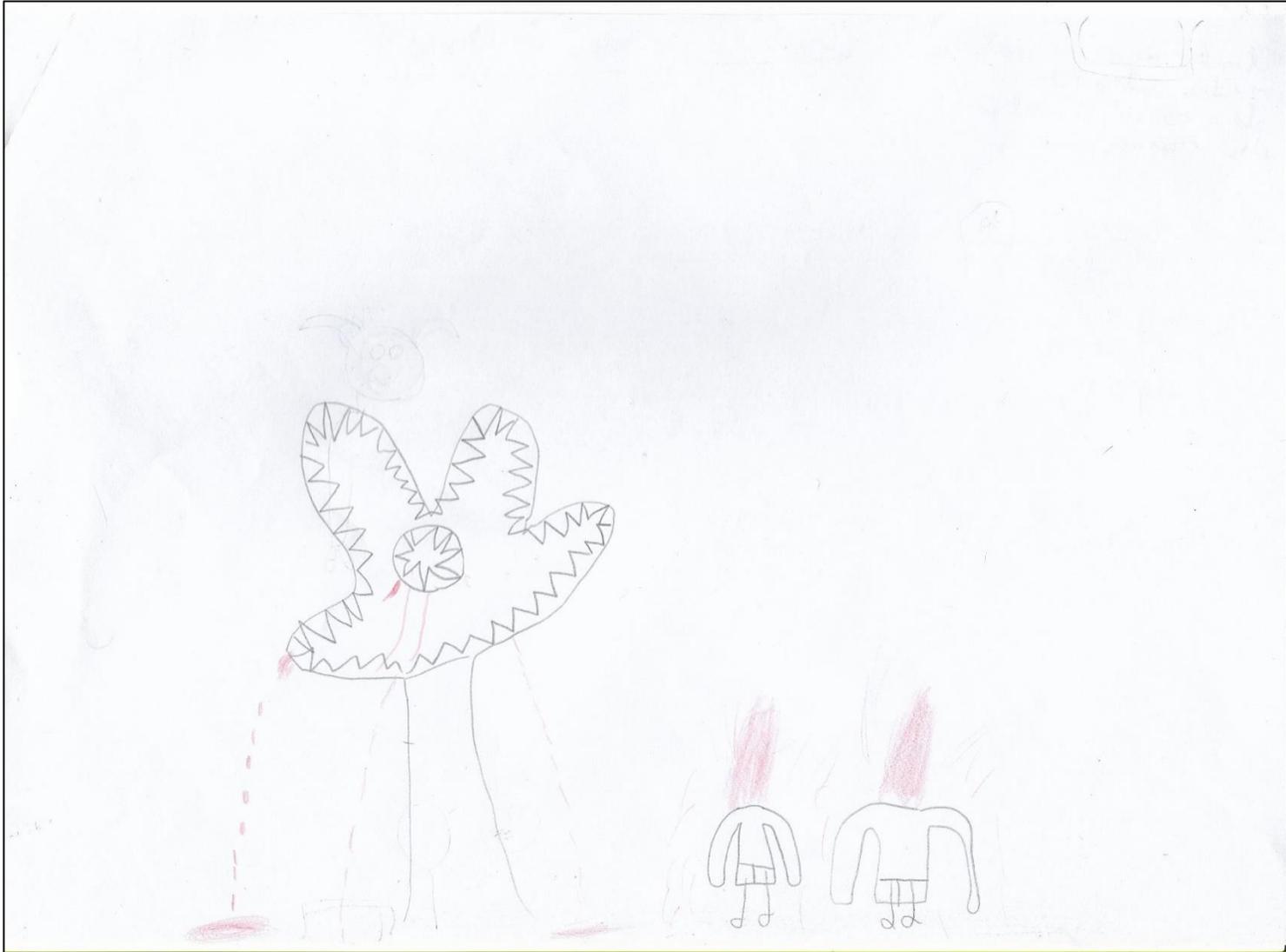
Fábio



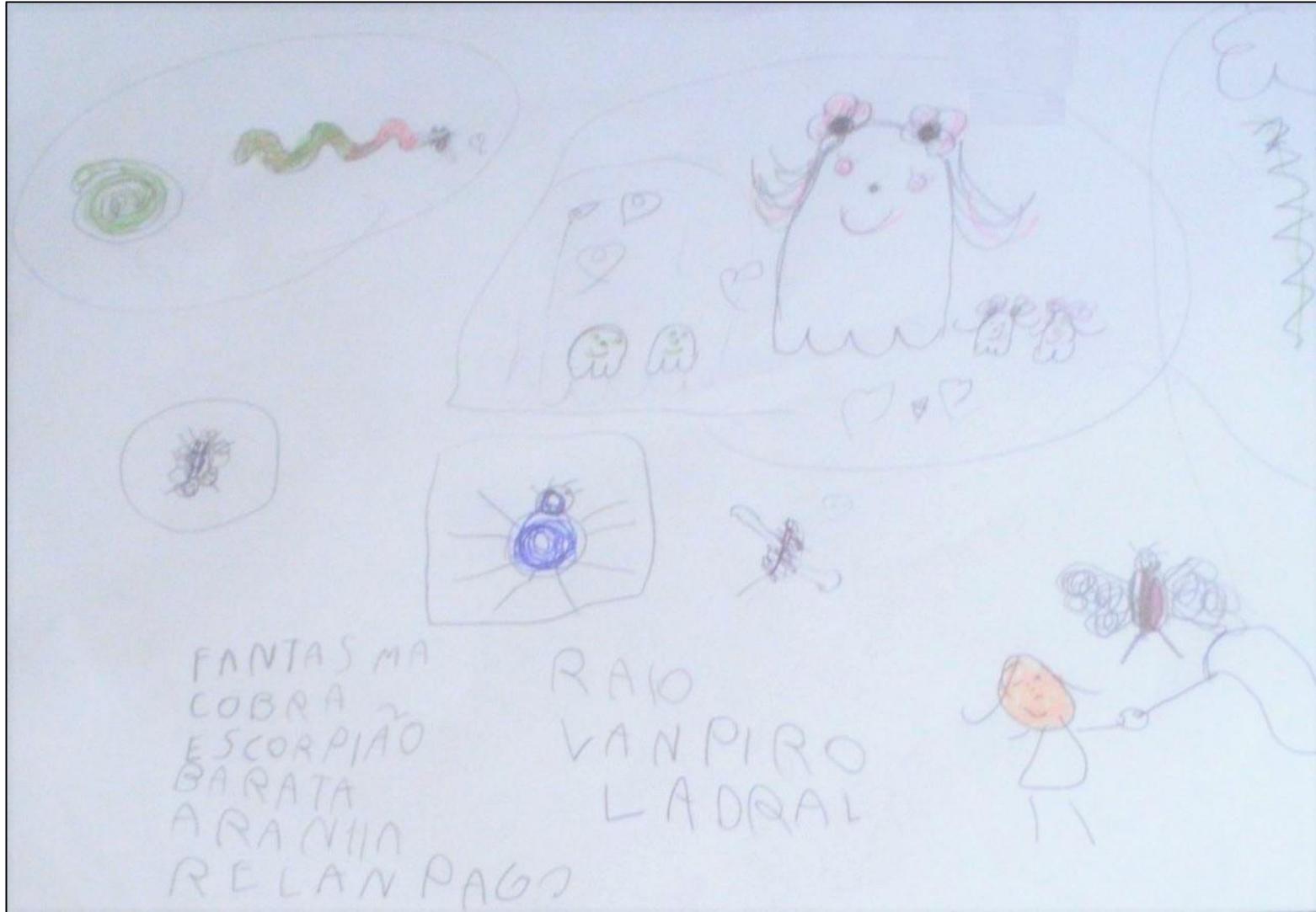
Gabriel



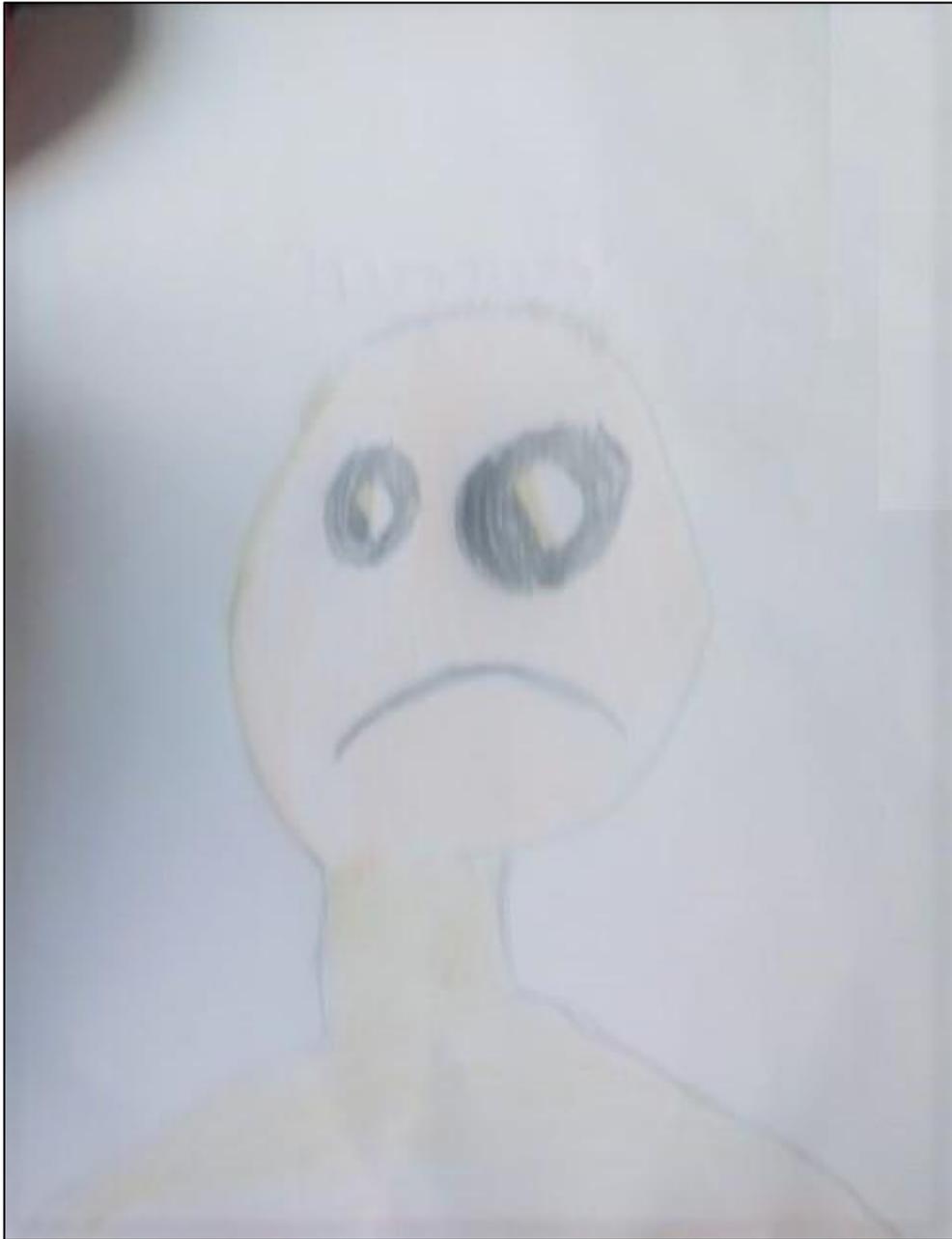
Henrique



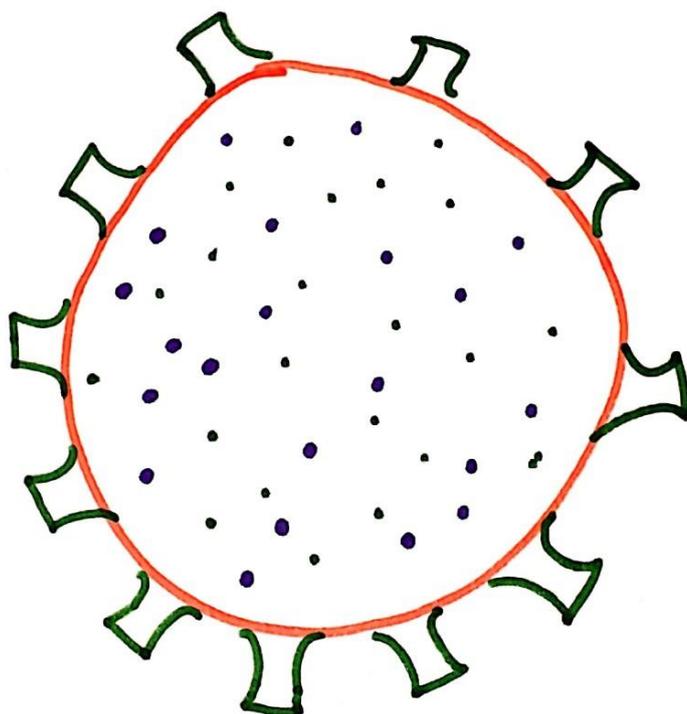
Amanda



Carolina



Júlia

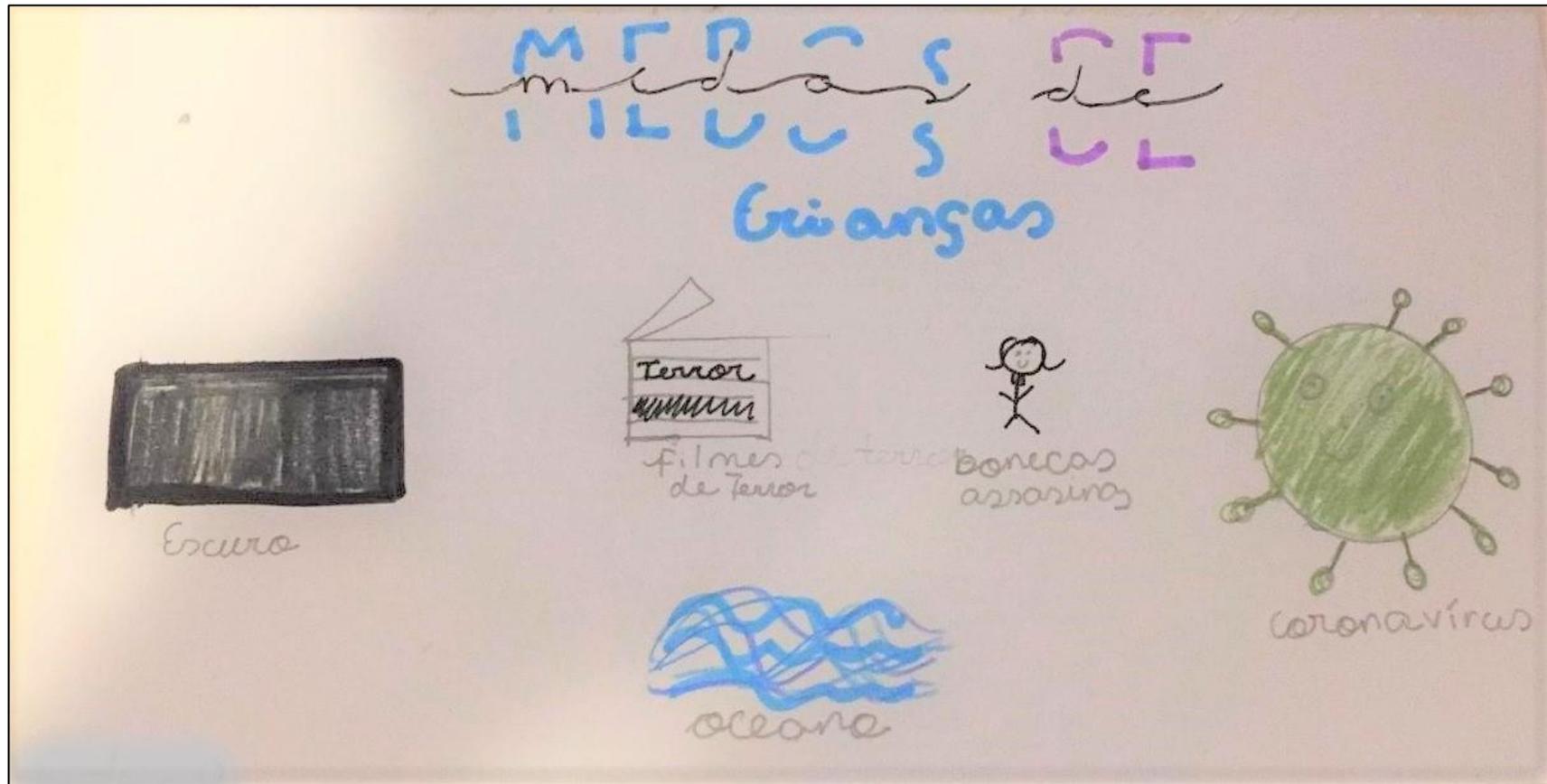


CORONAVIROS

Larissa



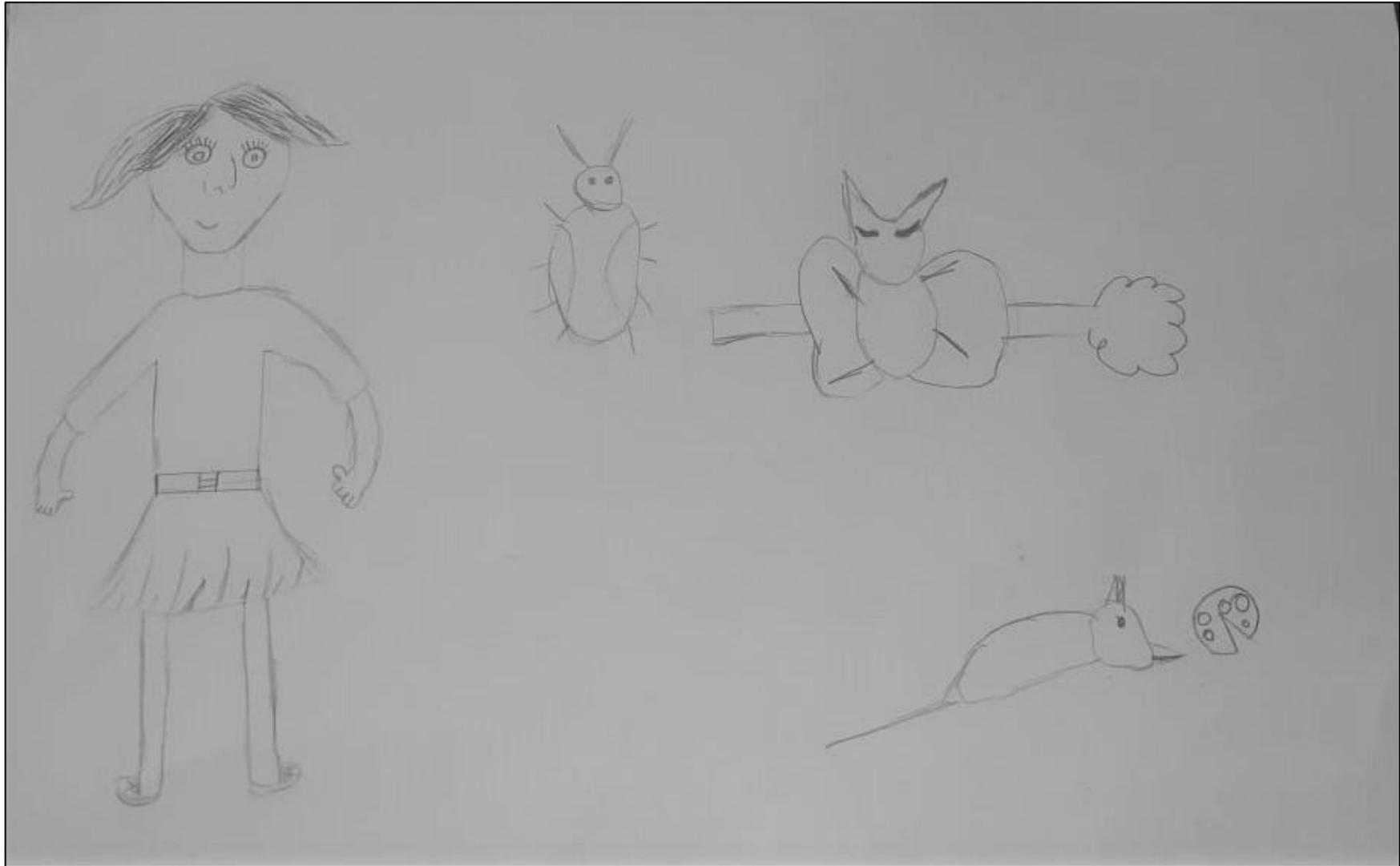
Natália



Olívia



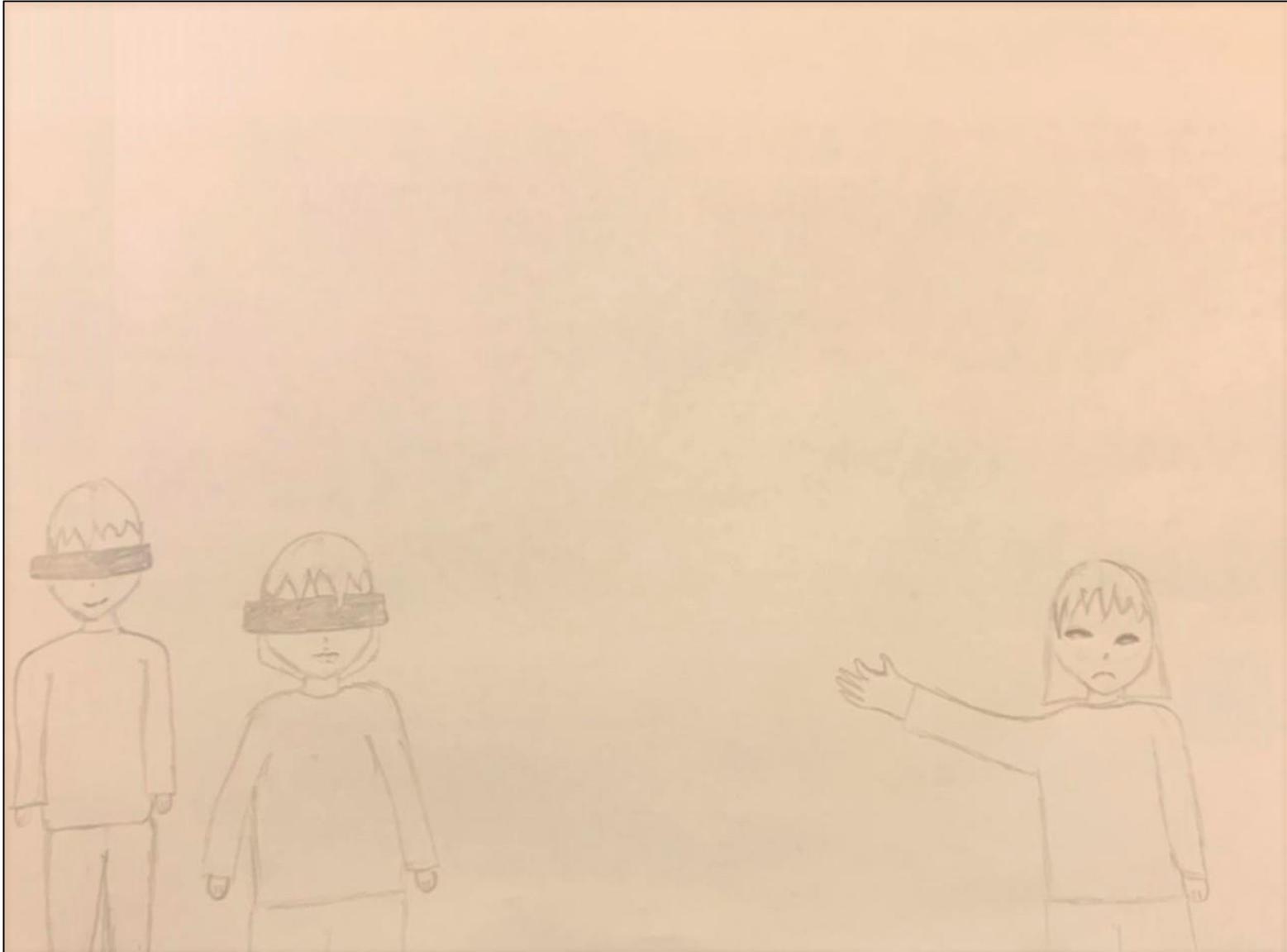
Priscila



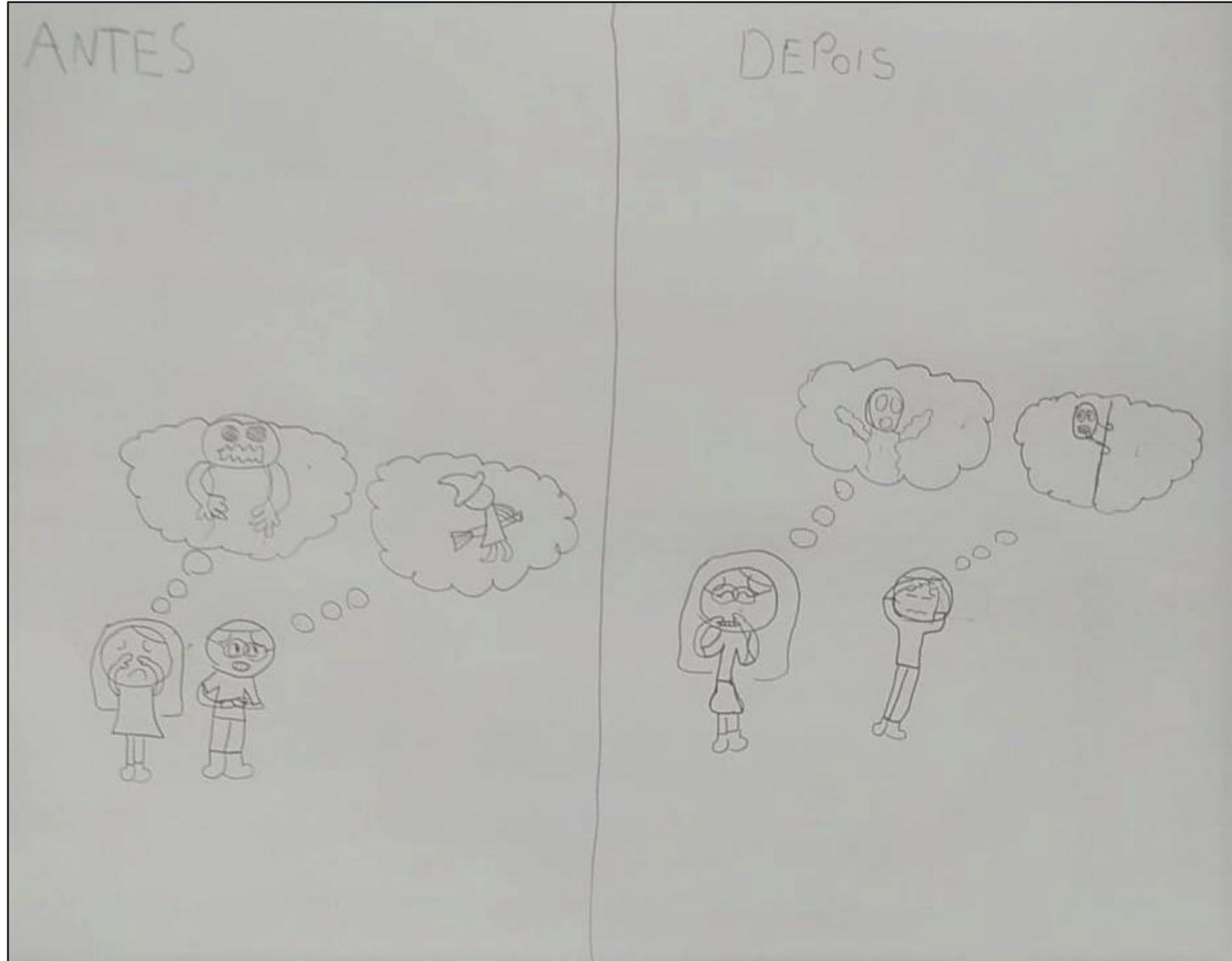
Sofia



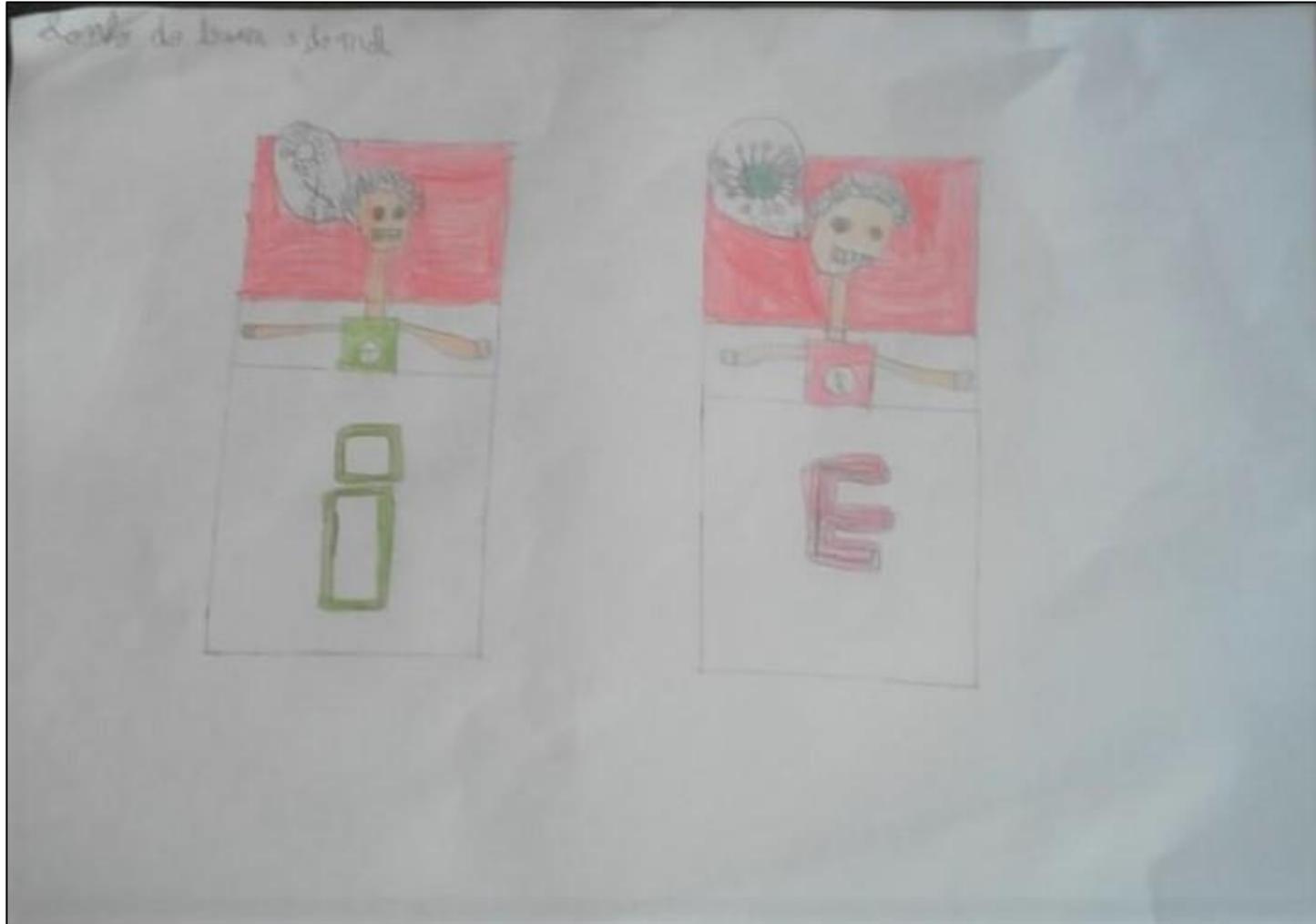
Tatiana



Flávia



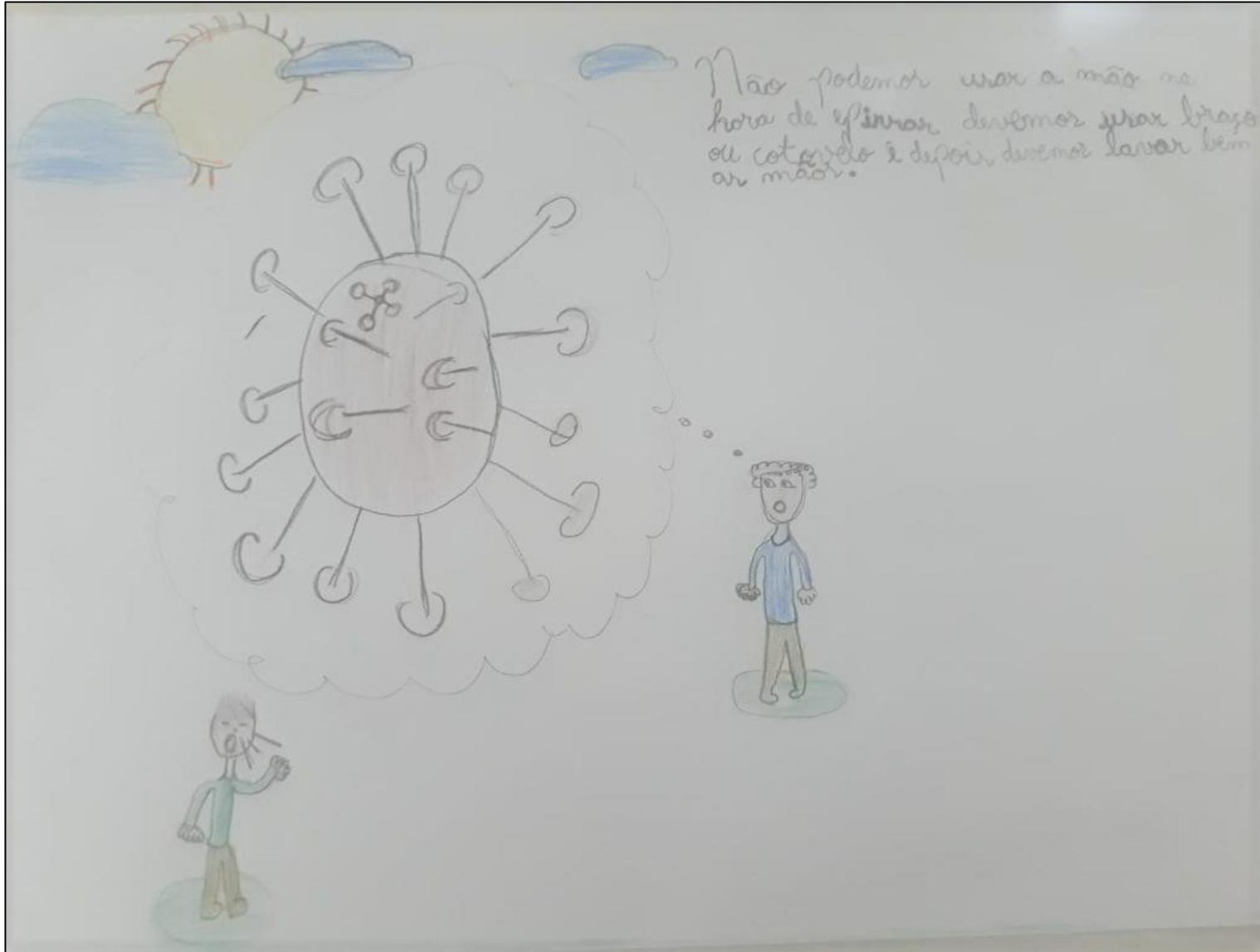
Leandro



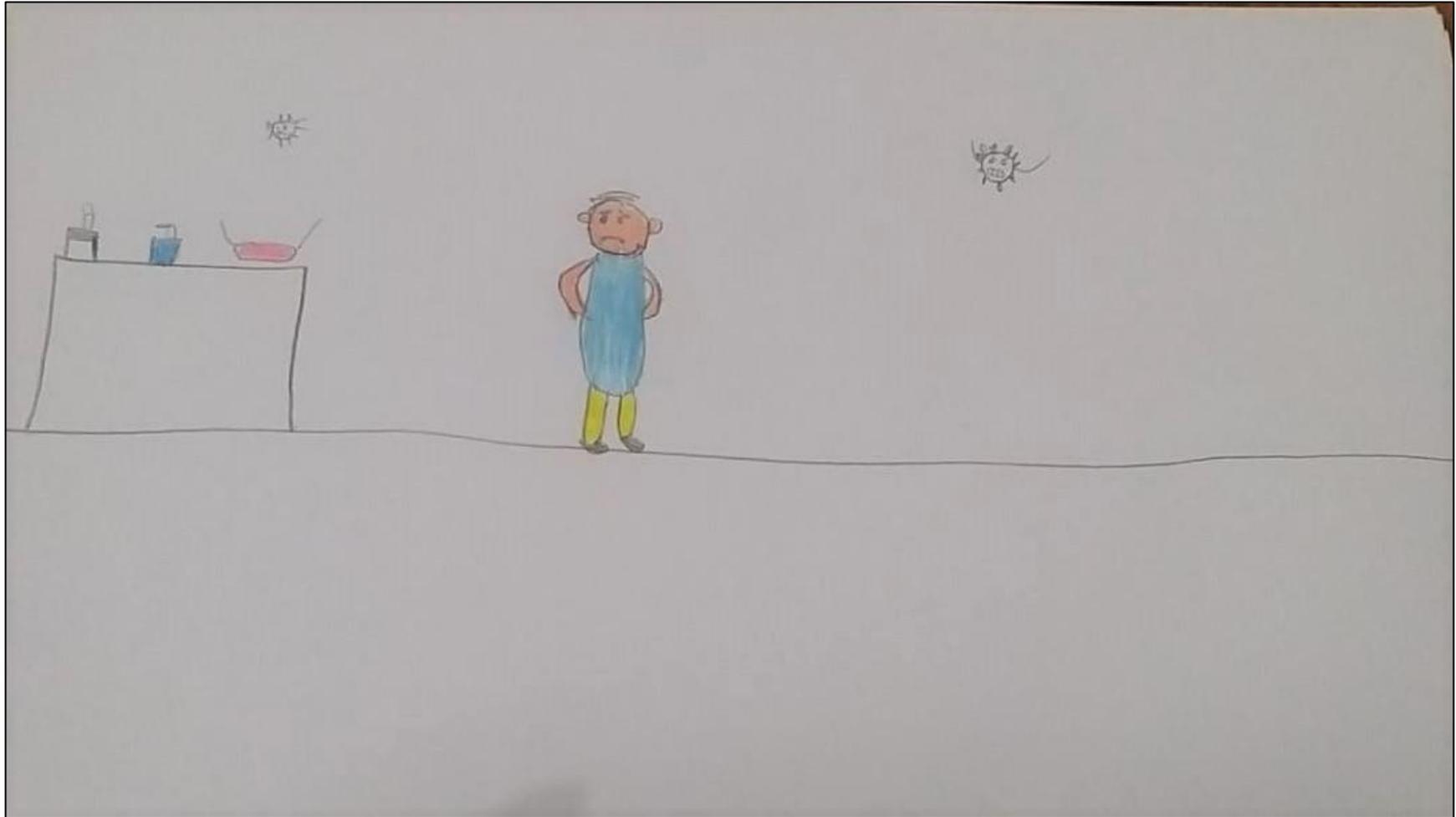
Isaac



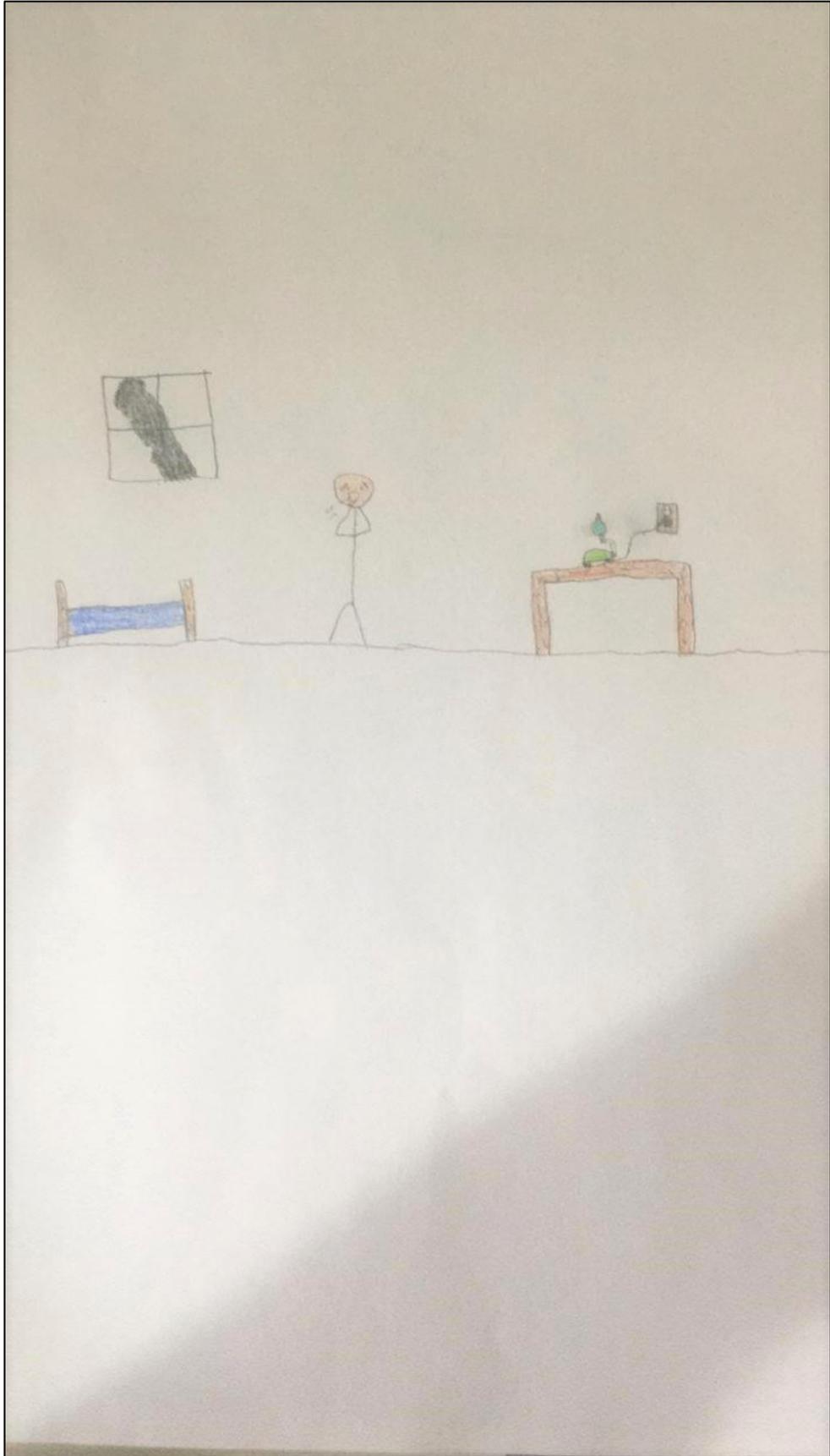
Júlio



Matheus



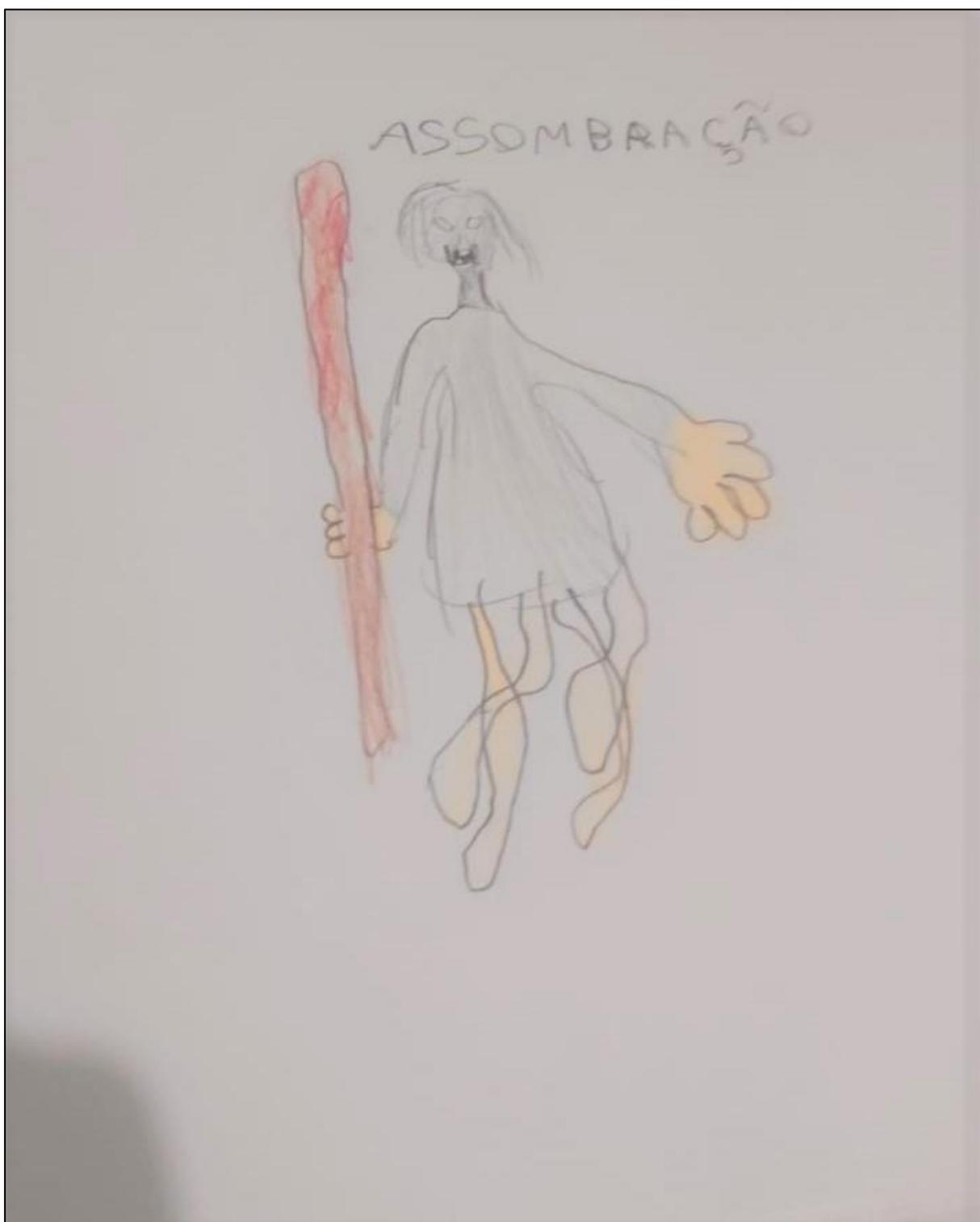
Rafael



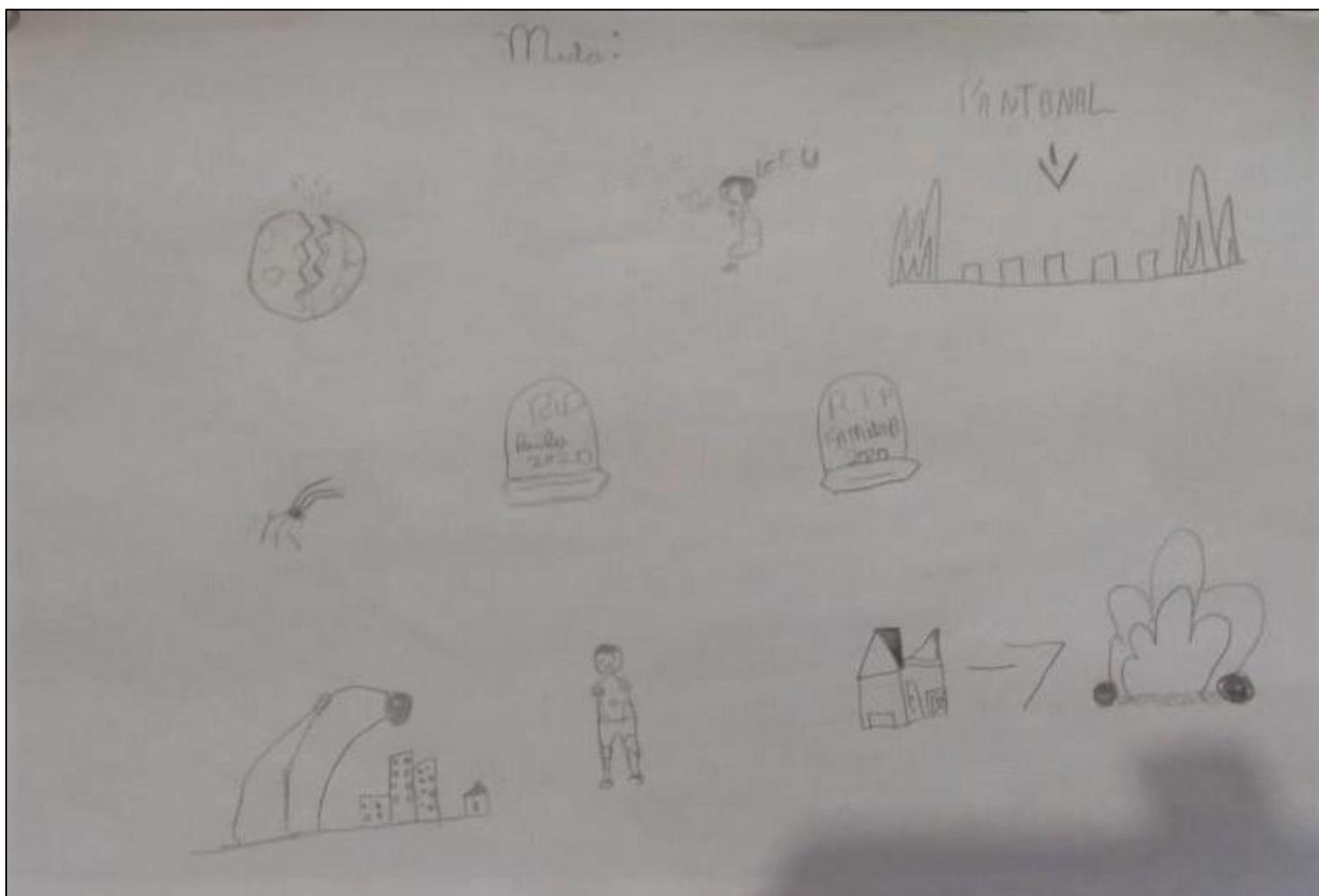
Paulo



Samuel



Vinícius



Alexandre



Carlos

